

CARYL FÉREY

ZULU



VESTÍGIO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CARYL FÉREY

ZULU

TRADUÇÃO DE FERNANDO SCHEIBE

VESTÍGIO

*“Sê a folha de uma graminha,
E serás maior do que o eixo do universo...”*

ATTILA JÓZSEF

*A meu amigo Fred Couderc,
cujas asas de gigante me ensinaram a voar,
e a sua mulher, Laurence,
planador nervoso.*

*“Zona Livre”,
Pelo som – no vermelho.*

PRIMEIRA PARTE
A MÃO QUENTE

– *Está com medo, homenzinho?... Diga: está com medo?*

Ali não respondia – víboras demais na boca.

– *Está vendo o que está acontecendo, zuluzinho? Está vendo?!*

Não, não via nada. Tinham-no agarrado pela raiz dos cabelos e puxado até a frente da árvore do jardim para forçá-lo a olhar. Ali, teimoso, enfiava a cara entre os ombros. As palavras do gigante encarapuçado mordiam sua nuca. Não queria levantar os olhos. Nem gritar. O barulho das tochas crepitava em seus ouvidos. O homem apertou o escalpo de Ali em sua mão calejada:

– *Está vendo, zuluzinho?*

O corpo balançava, trapo mole, no galho do jacarandá. O torso luzia debilmente sob a lua, mas Ali não reconhecia o rosto: aquele homem pendurado pelos pés, aquele sorriso ensanguentado acima dele, não era o de seu pai. Não, não era ele.

Realmente não.

Verdadeiramente, não mais.

O sjambock¹ estalou de novo.

Estavam todos ali, reunidos para a lição, os “Feijões verdes” formados para manter a ordem nas townships², esses negros pagos pelos prefeitos comprados pelo poder, os senhores da guerra, os outros também, que tinham infringido os boicotes e a quem tinham cortado as orelhas: Ali quis implorar, dizer para eles que aquilo não servia para nada, que eles estavam errados, mas sua garganta aspirava o vazio. O gigante não o havia soltado.

– *Olhe, pequeno: olhe!*

Seu hálito fedia a cerveja e à miséria do bantustão³: ele bateu ainda, duas vezes, golpes violentos que rasgavam a carne de seu pai, mas o homem pendurado na árvore não reagia mais. Sangue demais perdido. A

pele descolada em todos os cantos. Irreconhecível. O real fissurado. Ali, suspenso, visava o outro extremo do céu: não era seu pai, aquilo... Não.

Torceram-lhe a cabeça como um parafuso, antes de jogá-lo de cara no chão. Ali caiu na grama seca. Não reconhecia os homens a sua volta, os gigantes vestiam meias, capuzes, via apenas a raiva que transpirava dos olhares, suas veias saltadas como rios de sangue. Escondeu a cabeça nas mãos para se refugiar, se encolher, se amarrotar, voltar a ser líquido amniótico... A dois passos dali, Andy fraquejava a olhos vistos. Vestia ainda seu short vermelho de dormir, todo encharcado de urina, e seus joelhos batiam. Tinham amarrado suas mãos nas costas e colocado um pneu em seu pescoço. Os ogros o empurravam, cuspiam em seu rosto, se insultavam entre si; buscavam a fórmula certa, a melhor justificativa para o massacre. Andy olhava para eles, com os olhos fora da órbita.

Ali nunca tinha visto seu irmão fraquejar: Andy tinha quinze anos, era o mais velho. É claro que os dois brigavam frequentemente, para o desespero de sua mãe, mas Ali era decididamente pequeno demais para se defender. Preferiam ir pescar, brincar com os carrinhos de arame que construía. Peugeot, Mercedes, Ford... Andy era um perito. Tinha até montado um Jaguar que eles viram numa revista, um carro inglês que os fazia sonhar. Agora seus joelhos tortos tremiam à luz das tochas, o jardim para onde o tinham arrastado fedia a gasolina e os gigantes brigavam em volta dos galões. Mais adiante, pessoas gritavam na rua, os Amagoduka que vinham do campo e não compreendiam o que estava acontecendo com seus vizinhos – o suplício do colar.

Andy chorava, lágrimas negras sobre sua pele de ébano, com seu short vermelho encharcado de medo... Ali viu seu irmão cambalear quando jogaram o fósforo no pneu embebido de gasolina.

– Está vendo o que está acontecendo, homenzinho? Está vendo?

Um grito, os respingos de petróleo em seu rosto, a silhueta desmantelada de seu irmão que corre, que derrete como um soldado de borracha, e aquele horrível cheiro de queimado...

Os pássaros traçavam diagonais impossíveis entre os ângulos da falésia; lançavam-se ao oceano, inventavam suicídios, voltavam, a toda velocidade...

Empoleirado no terrapleno que dominava o lugar, Ali Neuman contemplava os cargueiros passando no horizonte. A aurora despontava no

cabo da Boa Esperança, laranja e azul no espectro índico. As baleias eram apenas um pretexto de passeio para suas insônias – baleias-corcundas, que, a partir de setembro, vinham brincar na ponta da África... Ali viu uma vez um casal copulando no ar antes de mergulhar junto para uma longa apneia amorosa, depois sair cheio de espuma... A presença das baleias lhe proporcionava um pouco de paz, como se a força delas chegasse até ele. Mas a estação dos amores havia passado – para sempre. A luz do dia varava a bruma sobre o mar e elas não viriam, nem esta manhã nem amanhã.

As baleias se escondiam dele.

As baleias tinham desaparecido nas águas geladas: elas também tinham medo do zulu...

Abandonando o abismo que lhe estendia os braços, Neuman desceu o caminho. O cabo da Boa Esperança estava deserto àquela hora – nem ônibus nem turistas chineses posando comportadamente diante do letreiro mítico. Não havia mais do que a brisa atlântica sobre a mata baixa, os fantasmas familiares que o obsedavam ao amanhecer e a vontade de romper com o mundo. Uma cólera negra. Até os babuíños do parque se mantinham a distância.

Neuman caminhou através da mata até a entrada do Table Mountain National Park. O carro esperava do outro lado da barreira, poeirento. O vento do alto-mar o acalmara um pouco. Isso não duraria. Nada durava. Deu a partida sem pensar mais.

O importante era aguentar.

2

– Bass! Bass⁴!

Os negros de alpargatas rotas que tinham invadido as muretas de segurança espreitavam uma desaceleração para vender suas mercadorias.

A N2 ligava Cape Town a Khayelitsha, sua maior township. Para além de Mitchell's Plain, construída outrora por mestiços expulsos das zonas brancas, estendia-se uma zona de dunas: foi sobre essa planície de areia que o governo do apartheid decidiu edificar Khayelitsha, “nova casa”, modelo do urbanismo de controle à maneira sul-africana: bem longe do centro da cidade.

Apesar da superpopulação crônica, Josephina se recusava a se instalar em outro lugar, nem mesmo nas áreas viabilizadas do Mandela Park, no sul da township, construídas para a classe média negra emergente – por trás de seus sorrisos de cega e de sua bondade crônica, a mãe de Ali era uma terrível cabeça-dura. Foi ali que os dois tinham se refugiado, vinte anos antes, nos velhos bairros que formavam Khayelitsha propriamente dita.

Josephina morava numa das *core-houses*⁵ de Lindela, o eixo que atravessava a township, e não se queixava disso: muitas vezes, eles eram cinco ou seis a se amontoar naquele espaço: um quarto, uma cozinha e um banheiro que ela tinha, com o passar dos anos, consentido em ampliar. Josephina era feliz à sua maneira. Tinha água corrente, luz e, graças a seu filho, “todo o conforto com que uma cega de setenta anos podia sonhar”. Josephina jamais sairia de Khayelitsha, e sua obesidade colossal não tinha nada a ver com isso.

Ali acabara desistindo. As pessoas do lugar precisavam da experiência dela (Josephina era diplomada em enfermagem), de seus conselhos, de sua fé. A equipe do centro de saúde onde ela trabalhava como voluntária fazia o que podia para cuidar dos doentes e, apesar do que dizia, Josephina não estava completamente cega: embora não visse mais os rostos com precisão, ainda distinguia as silhuetas, que chamava de suas “sombras”... Uma maneira de dizer que estava lentamente deixando a superfície deste mundo? Ali não podia se conformar com isso. Eles eram os únicos sobreviventes da família e não haveria outros. Sua estaca – seu pai – explodiu em pleno voo. Ele só podia contar com sua base – a mãe.

Ali trabalhava demais da conta, mas vinha ver Josephina todos os domingos. Ele a ajudava a preencher seus documentos e lhe dava broncas acariciando sua mão: desse jeito iam encontrá-la morta por aí, se ela continuasse a atravessar a township da manhã até a noite. A opulenta mulher ria. Dizia entre duas gargalhadas que estava ficando velha, um verdadeiro estorvo, que logo seria preciso um guindaste para carregá-la, então ele acabava rindo também. Para agradá-la.

Um vento quente entrava pelo vidro aberto do carro; Neuman passou o terminal de ônibus de Sanlam Center e entrou na Lansdowne Street. Telhas de amianto, tábuas, portas estragadas, tijolos, ferro-velho, construía-se com aquilo que aparecia no chão, que se encontrava, roubava, trocava; os casebres pareciam montar uns sobre os outros e as antenas emaranhadas

sobre os telhados se entredevorar sob um sol de chumbo. Neuman seguiu a estrada de asfalto que levava ao velho bairro de Khayelitsha.

Pensava nas mulheres que nunca tinha levado à casa de sua mãe, em Maia, que encontraria depois do almoço dominical, quando um movimento fora do seu ângulo de visão o arrancou de seus devaneios. Freou na frente de um vendedor de cigarros, que não teve tempo de abordá-lo: Neuman recuou uns vinte metros, até o terreno baldio.

Atrás das fitas bicolores que delimitavam o canteiro de obras do futuro ginásio, dois rapazes batiam num garoto, um pequeno miserável descarnado que mal conseguia ficar de pé... Neuman suspirou – estava adiantado para a saída da igreja – e abriu a porta do carro.

O moleque tinha sido jogado no chão, os outros o enchiam de chutes e tentavam puxá-lo em direção às fundações. Neuman avançou, na esperança de fazê-los fugir, mas os rapazes continuavam a espancá-lo violentamente – dois tatuados de bandana na cabeça, com toda cara de *tsotsis*⁶. O menino estava estatelado no chão, corria sangue de sua boca, e não eram seus braços famélicos que iam protegê-lo.

O mais velho ergueu a cabeça, vendo Neuman desembarcar no terreno baldio.

– O que você quer aqui?!

– Deem o fora.

O zulu era maior do que os dois *tsotsis* juntos, mas o mais velho tinha um revólver embaixo de sua camiseta amarelo Brasil.

– É você que vai dar o fora – gritou – e rapidinho!

O jovem negro apontou a arma para o rosto de Ali, uma Beretta M92 semiautomática, semelhante às da polícia.

– Onde arranjou essa pistola?

A mão do *tsotsi* tremia. Os olhos translúcidos. Drogado, decerto.

– Onde arranjou essa arma? – repetiu Neuman.

– Fora daqui, já disse, ou vou te furar o couro!

– Isso mesmo – reforçou seu acólito –, não te mete, sacou?!

No chão, o menino segurava a boca, recontando os dentes.

– Sou oficial de polícia: entreguem essa arma antes que eu resolva prendê-los.

Os dois rapazes trocaram um olhar sulfuroso e algumas palavras em *dashiki*, o dialeto nigeriano.

– Vou explodir tua cabeça, isso sim! – ameaçou o mais velho.

– E passar o resto da vida na cadeia bancando a mulherzinha para os chefões – prosseguiu Neuman. – Com essa carinha bonitinha vai engolir muito caralho...

Irritados, os dois mostraram os dentes, duas fileiras sujas que mais pareciam trincheiras.

– Babaca! – gritou o líder, antes de sair correndo.

Seu acólito desapareceu na sequência, mancando acentuadamente... dois drogados visivelmente. Neuman se virou para a vítima deles, mas já não havia mais do que uma papa no chão. O garoto tinha aproveitado para rastejar até as fundações da obra: recuava agora o mais rápido que podia, o nariz ranhento de sangue.

– Não tenha medo! Espere!

A essas palavras, o menino lançou um olhar aterrorizado para Neuman, tropeçou no cascalho com suas sandálias de pneu e se enfiou num tubo de concreto, onde desapareceu. Neuman se aproximou e avaliou a circunferência do tubo de esgoto – a abertura era estreita demais para que um adulto de sua corpulência pudesse entrar ali... Será que levava a algum lugar? Seu chamado no escuro não teve resposta.

Levantou-se, tentando afastar o cheiro de mijo velho. Afora um cão sarnento farejando a água parada das fundações, a obra estava deserta. Não restava mais do que o sol e aquelas gotas de sangue na poeira.

A township de Khayelitsha havia mudado desde a ascensão de Mandela ao poder: além de água, luz e ruas asfaltadas, casinhas de tijolo tinham crescido com os prédios administrativos, e as redes de transporte permitiam hoje ir até o centro da cidade. Muitos criticavam a política do “pequeno passo” inaugurada pelo ícone nacional, centenas de milhares de moradias continuavam na miséria, mas era o preço a pagar pelo “milagre sul-africano” – o advento pacífico da democracia num país à beira do caos...

Neuman estacionou o carro na frente do pedaço de terra rachada que constituía o jardim de sua mãe. As mulheres do bairro voltavam da missa, faceiras dentro dos vestidos com as cores de suas congregações: procurou Josephina entre os frufus, só encontrou crianças debaixo das sombrinhas. Bateu empurrando a porta da casa e logo viu a blusa rasgada sobre a cadeira.

– Entre! – disse ela adivinhando seu passo na entrada. – Entre, campeão.

Ali encontrou sua mãe na cama desfeita do quarto, uma enfermeira debruçada sobre ela. Grandes pérolas de suor escorriam sobre sua testa, mas Josephina sorriu ao ver sua silhueta na porta.

– Você está aqui...

Ele pegou a mão que ela lhe estendia e sentou na beira da cama.

– O que houve? – perguntou ele, preocupado.

Os olhos de sua mãe cresceram como se ele estivesse em toda parte.

– Não faça essa cara – disse ela com doçura. – Fica menos bonito quando está bravo.

– Pensava que estivesse cega... Então?

– Sua mãe teve um desmaio – anunciou a enfermeira do outro lado da cama. – A pressão está boa, mas não a excite: ainda está sob o efeito do choque.

Myriam era uma jovem beleza de vinte anos, uma xhosa de olhos de cedro. Mas Neuman mal reparou em sua presença:

– Vai me dizer o que aconteceu, sim ou não?

Josephina tinha trocado seu vestido chique por uma velha túnica de usar dentro de casa, perfeitamente indigna de um domingo na igreja.

– Foi agredida?

– Pfff.

A matrona fez um gesto de enfado, como se sua mão enxotasse moscas.

– Sua mãe foi atacada esta manhã – retomou Myriam –, quando estava indo para a igreja: o agressor a derrubou ao puxar sua bolsa. Encontraram-na desmaiada no meio da rua...

– Fiquei acima de tudo surpresa – confirmou a interessada, batendo de leve na mão de seu filho. – Mas não esquente a cabeça: mais medo que dor! Myriam cuidou de tudo...

Ali suspirou. Entre suas múltiplas atividades, Josephina fazia parte de um comitê de rua encarregado de resolver problemas familiares, de arbitrar as brigas, substituindo em parte as autoridades locais. Todos sabiam que seu filho era o chefe da polícia criminal de Cape Town: atacá-la era estender a garganta para aquele tigre do seu filho.

Enquanto isso, Josephina repousava sobre os lençóis brancos da cama com dossel – velha extravagância de princesa zulu. O rosto de um preto desbotado e o pobre sorriso no meio da cara suada não o convenceram muito.

– Esse imbecil podia ter quebrado seus ossos – disse ele.

– Sou gorda, mas sólida.
– Uma força da natureza, especializada em desmaios – comentou ele. –
Onde está doendo?

– Nenhum lugar... Sério!

Ela agitava seus galhos como uma velha árvore ao vento.

– Seu filho tem razão – disse Myriam, guardando seus utensílios. –
Agora faria melhor em descansar.

– Pfff...

– Foi só um ou foram vários agressores? – perguntou ele.

– Oh! Ah! Só um: e já foi mais do que suficiente!

– O que ele roubou?

– Só minha bolsa... Também arrancou minha blusa, mas não importa:
era uma velha!

– Muita sorte a sua!

Pela janela, a meninada do bairro olhava com admiração o carro do policial e ria. Myriam fechou as cortinas, mergulhando o quartinho na penumbra.

– A que horas foi isso? – continuou Neuman.

– Pelas oito – respondeu Josephina.

– É um pouco cedo para ir à igreja.

– É que... ia primeiro na casa dos Sussilu, para nossa reunião mensal...

Eu é que estava com a tontina... Sessenta e cinco rands⁷.

Sua mãe colaborava ainda com diversas associações, círculos de poupança, ajudas ao financiamento de enterros, a associação das mães da paróquia... – tantas que ele se perdia. Neuman franziu as sobrancelhas – já passava das dez da manhã:

– E como é que ninguém me avisou?

– Sua mãe não deixou – respondeu a enfermeira.

– Não queria alarmá-lo por nada – justificou-se Josephina.

– Nunca ouvi algo mais estúpido... Falou ao menos com os policiais da township?

– Não... não, tudo aconteceu muito rápido, sabe. O agressor chegou por trás, puxou minha bolsa e eu caí desmaiada... Foi um vizinho que me encontrou. Mas já fazia tempo que o outro tinha ido embora.

– Isso não explica por que nenhum policial veio interrogá-la.

– Eu não prestei queixa.

– Ora essa!

– Ela não escuta nada do que lhe dizem – confirmou Myriam. – Conhece-a um pouco, não?

Na verdade, era Ali que não escutava:

– Posso saber por que não prestou queixa?

– Olhe para mim: estou bem!

A risada de Josephina sacudiu a cama, fazendo tremer seus enormes seios. A agressão, a queda, o desmaio, tudo lhe parecia já um outro continente.

– Talvez haja testemunhas – prosseguiu Neuman. – E seu depoimento a ser tomado.

– O que uma velha cega pode dar como indício à polícia?! Além disso, sessenta e cinco rands, não vale a pena todo esse trabalho.

– Isso não é mais caridade cristã, é inconseqüência.

– Querido – enterneceu-se a matrona. – Meu pequeno...

Ali a cortou:

– Não é porque é cega que não vejo suas manhas – insinuou ele.

Sua mãe tinha radares nas pontas dos dedos, captadores sensoriais nas orelhas e olhos atrás da cabeça. Morava no bairro havia mais de vinte anos, conhecia as pessoas, as ruas, os becos: certamente tinha uma ideia da identidade de seu agressor e sua propensão a minimizar a agressão de que havia sido vítima lhe dizia que ela tinha uma boa razão para isso...

– Então?

– Eu não queria ser chata, senhor Neuman – disse a enfermeira –, mas sua mãe acaba de tomar um sedativo e ele vai começar a fazer efeito.

– Falo com você lá fora – disse ele para ejetá-la.

Myriam ergueu suas sobancelhas, impecáveis arabescos, e empunhou sua sacola.

– Voltarei à noite – disse para Josephina. – Até lá, trate de descansar: entendeu?

– Obrigada, minha filha – agradeceu a velha de sua cama com dossel.

Era a primeira vez que Myriam encontrava seu filho adorado. Um corpo esbelto, forte, traços finos e regulares sob um crânio quase raspado, um olhar elegante, sombrio e penetrante, lábios maravilhosos: exatamente o retrato que sua mãe fazia dele... Ali esperou que a jovem xhosa saísse para acariciar a mão de sua cabeça-dura preferida.

– O cara que agrediu você – disse ele, seguindo a linha das veias dela –, você o conhece, né?

Josephina fechou os olhos sem deixar de sorrir. Quis mentir, mas a mão dele estava tão quente na sua...

– Conhece, né? – insistiu ele.

Ela suspirou no fundo de sua cama, como se o passado fosse presente – Ali tinha as mesmas mãos que seu pai...

– Eu conhecia a mãe dele – confessou afinal. – Nora Mceli... Uma amiga da Mary.

Mary era a prima que os acolheu em Khayelitsha quando fugiram do bantustão do KwaZulu. Quanto a sua amiga Nora Mceli, ela era uma *sangoma*, uma curandeira, que o tratara de uma terrível angina: Ali se lembrava de uma africana com olhar de bode furioso que, depois de muitas concocções, arrancou a bola de fogo que consumia sua garganta.

– Perdemos de vista quando Mary morreu, mas Nora tinha um filho – prosseguiu Josephina. – Estava com ela no enterro: Simon... Não lembra?

– Não... Foi ele, Simon, quem a agrediu?

Josephina anuiu, quase envergonhada.

– Sua mãe ainda pratica?

– Não sei – respondeu ela. – Nora e Simon deixaram a township há alguns meses, pelo que me disseram. A última vez que os vi foi no enterro de Mary. Simon devia ter nove anos naquela época: um menino gentil, de saúde frágil. Cuidei dele uma vez na enfermaria. O coitado tinha um sopro no coração, crises de asma... Nem Nora conseguia curá-lo. Talvez tenha sido por isso que deixaram a township... Ali – retomou ela, apertando mais forte sua grande mão de homem –, Nora Mceli nos ajudou quando precisávamos. Não posso prestar queixa contra seu filho: entende? Além disso, para atacar uma velha como eu, deve-se estar realmente sem recursos, não?

– Ou ser o último dos covardes – disse ele entre os dentes.

Josephina sempre tinha boas desculpas para todo mundo. Sermões demais a faziam perder a razão.

– Tenho certeza de que Simon não se lembra mais de mim.

– Isso me surpreenderia.

Com seus vestidos brancos de frufus, sua corpulência e sua bengala, Josephina passava tão despercebida quanto uma aurora boreal. Olhou para os bibelôs de três tostões na mesa de cabeceira, as fotos dele que só ela tinha, o ossário fumegante que encerrava o mundo deles.

– Simon estava sozinho quando a agrediu?

– Sim.
– Ele faz parte de um bando?
– Foi o que me disseram.
– O que, exatamente, lhe disseram?
– Só que ele andava com outros meninos de rua...
– Onde isso?
– Não sei. Mas se ele está vagando nas ruas como disseram, é porque deve ter acontecido alguma coisa ruim com sua mãe.

Ele concordou suavemente. Josephina bocejou involuntariamente, mostrando seus raros dentes ainda válidos. Os sedativos começavam a fazer efeito...

– Bom, vou ver o que se pode fazer... (Ali beijou-a na testa). Agora durma. Passo no fim da tarde para ver como você está.

A velha riu, ao mesmo tempo desolada e feliz por receber tanta atenção. Neuman ajeitou as cortinas para deixar o quarto escuro.

– A propósito – sussurrou ela –, o que acha da pequena Myriam?

A jovem enfermeira esperava na frente da casa, silhueta graciosa no azul pintado.

– Um verdadeiro canhão – disse ele.

3

Oscar e Josephina tiveram seu segundo filho logo depois do combate histórico de Kinshasa, em novembro de 1973. Naquela noite, num caos indescritível, Mohamed Ali, o boxeador convertido ao islã, enfrentou George Foreman, julgado invencível por todos. O que estava em jogo no combate não era tanto o cinturão de campeão mundial dos pesos-pesados quanto a afirmação da identidade negra e a prova, pelos punhos, de que a luta pela defesa de seus direitos não era vã. Mohamed Ali, que tinha boxeado muito pouco desde sua saída da prisão, venceu naquela noite a força bruta de Foreman, o campeão da América branca, demonstrando assim que o poder podia ser derrubado desde que se lutasse com inteligência e combatividade.

A mensagem, num dos piores momentos do apartheid, encorajou Oscar. O menino teria o nome do campeão. “Ali”: Josephina achava aquilo bonitinho, Oscar, premonitório.

Letrado, o zulu não acreditava muito naquelas balelas, mas os *amaDlozi*, os ancestrais venerados, tinham se debruçado sobre o berço de seu filho. Como o boxeador defensor da causa negra, ele seria um campeão – em todas as categorias...

De fato, Ali Neuman não se beneficiou da lei de discriminação positiva para dirigir o departamento criminal da polícia de Cape Town: ele sobrepujou todo mundo. Mais dotado. Mais rápido. Mesmo os velhos tiras brancos, aqueles que tinham obedecido às ordens, os viciosos e os que não mexiam um dedo da manhã até a noite, o achavam bastante esperto – para um cafre. Os outros, que já o conheciam de reputação, o tomavam por um cara durão, descendente de algum chefe zulu, que era melhor não provocar muito sobre questões étnicas. Os negros, sobretudo, tinham recebido uma educação sucateada⁸ e permaneciam minoritários entre a elite intelectual: Neuman lhes mostrou que não descendia do macaco, e sim da árvore, como eles, o que não fazia dele um ser inofensivo...

Walter Sanogo, o capitão responsável pela delegacia de Harare, sabia quem era Ali Neuman: o queridinho dos brancos. Bastava ver o corte de seu terno – ninguém ali podia pagar aquele tipo de roupas. Sanogo não sentia nenhuma inveja particular, viviam simplesmente em mundos diferentes.

Concebida para abrigar duzentas e cinquenta mil pessoas, Khayelitsha contava hoje com um milhão, talvez dois – ou três: depois dos *squatters*, os sem-teto das outras townships superpovoadas ou os trabalhadores migrantes, Khayelitsha não parava de absorver os refugiados de toda a África.

– Se sua mãe não prestar queixa contra o agressor – disse Walter –, não vejo como poderei abrir qualquer investigação. Entendo que esteja furioso com o que aconteceu a ela, mas bandos de meninos de rua é o que não falta hoje em dia.

O ventilador ronronava no escritório do capitão. Sanogo era um cinquentão, com uma feia cicatriz no nariz e ombros curvados dentro do uniforme. Metade dos avisos de busca afixados na parede acima dele datava de um ou dois anos.

– A mãe de Simon Mceli era uma sangoma – disse Neuman. – Parece que ela deixou a township, mas não seu filho. Se Simon pertence hoje a um bando de meninos de rua, deve ser possível localizá-lo.

O capitão suspirou tristemente. Não tanto de má-fé quanto de impotência. Chegavam ali todos os dias, por assim dizer, em grupos ou

isoladas, pessoas em fuga que tinham visto suas terras queimadas, suas casas saqueadas, seus amigos mortos, suas mulheres estupradas debaixo dos olhos da família, ou então expulsas pelo petróleo, as epidemias, as secas, as renovações nacionais feitas a golpe de machado, de etnocídios ou de AK-47, pessoas perseguidas pelo infortúnio, espantadas, espantosas, que, por instinto de sobrevivência, convergiam até a pacífica província do Cap: Khayelitsha servia hoje de limiar entre Cape Town, “a cidade mais bonita do mundo”, e o resto da África subsaariana. Cem? Mil? Dois mil? Walter Sanogo não sabia quantos chegavam a cada dia, mas Khayelitsha logo iria explodir com tantos refugiados.

– Tenho apenas duzentos homens aqui – disse ele –, para centenas de milhares de pessoas. Acredite em mim, se sua mãe não tiver complicações de saúde, deixe pra lá. Direi a meus homens para puxarem duas ou três orelhas na rua: os moleques espalharão o recado.

– Se um bando de moleques está atacando as velhas senhoras, não é isso que vai assustá-los – observou Neuman. – E se andam pelos arredores, as pessoas devem tê-los visto.

– Não conte muito com isso – retorquiu Sanogo. – As pessoas pedem mais segurança, organizam manifestações contra o crime e a droga, mas, da última vez que fizemos uma intervenção na township, fomos recebidos a pedradas. As mães protegem seus filhos, o que você quer... As pessoas dizem para si mesmas que a pobreza e o desemprego são a causa de todos os seus males, e o tráfico, um modo de sobreviver como os outros. Os Casspir⁹ deixaram marcas indeléveis no espírito das pessoas – disse com fatalismo –, e a maioria tem medo das represálias. Mesmo quando se trata de um assassinato cometido em pleno dia, ninguém nunca viu nada.

– Pode ao menos dar uma olhada em seu computador? – disse Neuman, apontando o monitor de tubo plantado na escrivaninha.

O policial da township não se mexeu um centímetro.

– Está me pedindo para abrir uma investigação sobre uma agressão que, juridicamente, não existe?

– Não, estou lhe pedindo para me dizer se Simon Mceli faz parte de um bando conhecido, ou de uma gangue – respondeu Neuman.

– Aos dez anos de idade?

– Os lobinhos ficam correndo em volta enquanto os lobos maiores estraçalham a caça: não me diga que não sabe disso.

O tom até então polido da conversa de repente esquentou. Sanogo sacudiu a cabeça como se aquecesse a medula óssea.

– Isso não o levará a lugar nenhum.

O zulu o fixou com olhos de serpente:

– Faça isso por mim.

Sanogo fez uma careta de aflição antes de se virar para seu computador com a inércia de um cargueiro.

– Você vai fazer uma investigação? – disse, consultando os arquivos. Khayelitsha não é de sua jurisdição.

– Só quero tranquilizar minha velha mãe.

O outro anuiu, com as pálpebras pesadas. Listas de nomes surgiram sobre a tela: nenhuma trazia o de Simon Mceli.

– Seu garoto não está em nossos arquivos – disse Sanogo, afundando novamente na poltrona. – Mas com uma taxa de resolução dos casos na casa dos vinte por cento, se ele faz parte de uma gangue, talvez tenha uma chance de encontrá-lo na vala comum.

– Interesse-me pelos vivos: há novas gangues na township?

– Ora... Muitas vezes é o irmão mais novo que toma o lugar do mais velho. Maçãs podres é o que não falta.

– De fato – replicou Neuman. – Troquei duas palavrinhas com dois caras nas obras do ginásio. Tsotsis de nem vinte anos que falavam o dashiki.

– A máfia nigeriana, talvez – aventou o capitão. – Eles controlam as principais redes de drogas.

– Um deles tinha uma Beretta parecida com as da polícia.

– Armas também não faltam.

Sanogo clicou no ícone de seu computador para desligá-lo.

– Escute – concluiu, levantando-se. – Não posso abrir uma investigação sobre um furto enquanto tenho doze estupros registrados noite passada, um homicídio e dezenas de queixas por violência. Mas diga para sua mãe não se preocupar: geralmente, aqueles que atacam as velhas senhoras não têm mais muito tempo de vida...

*

O anexo do Red Cross Hospital tinha sido criado no quadro de uma vasta política sanitária de contenção da propagação endêmica da AIDS.

Myriam trabalhava na enfermaria havia um ano: era seu primeiro emprego, mas tinha a impressão de ter passado a vida aliviando a desgraça dos outros.

Sua mãe contraíra o vírus da maneira mais corriqueira: seu amante da época batia nela tratando-a de infiel quando ela lhe pedia para usar preservativo. Suas irmãs tendo partido, assustadas com a doença, Myriam tinha cuidado de sua mãe até o último suspiro. Ela não queria morrer no hospital, dizia que ali batiam nas mulheres infectadas pela AIDS, que acusavam-nas de abrir as pernas fácil demais, diziam que tinham merecido aquilo... Sua mãe morreu como uma vítima da peste, em seus braços, trinta e cinco quilos repletos de lágrimas. Desde então, Myriam podia cuidar do mundo inteiro: o mundo inteiro estava doente. A África, sobretudo.

Crianças jogavam uma partida de *morabaraba* com pedrinhas no saguão lotado da enfermaria. Neuman avistou a jovem enfermeira em meio à multidão dos pacientes, seus cabelos cuidadosamente trançados e a blusa branca que a moldava belamente. Myriam deixou que viesse até ela. Um sonho apagado de repente reaceso.

– Você desapareceu naquela hora – disse ele para se desculpar.

– Estava cansada de esperar... Tenho trabalho a fazer – acrescentou, apontando as seringas que rolavam na bandeja.

Estava emburrada. Ou fingia que estava.

– Queria lhe agradecer por ter cuidado de minha mãe.

– É o meu trabalho.

Seus olhos cor de cobre enviavam faíscas. Um fogo de artifício.

– Eu sequer a paguei por seu deslocamento – disse ele, estendendo uma nota de cinquenta rands.

Myriam embolsou o dinheiro sem pestanejar: era três vezes o preço do táxi, mas aquilo o ensinaria a não ser desagradável sendo tão bonito.

– Sabe que eu teria feito de graça – disse ela mesmo assim. – Sua mãe me ajudou muito quando cheguei à enfermaria.

– Ela ajudaria as pedras a se levantarem...

– Está me comparando a uma pedra? – surpreendeu-se ela com um jeito encantador.

– Uma pedra preciosa: ao menos para ela – apressou-se em acrescentar.

– Obrigado mais uma vez.

Ela o encarou. Os zulus tinham fórmulas de polidez às vezes intermináveis, mas aquele estranho espécime tinha uma ideia fixa na cabeça e seus belos olhos não mudariam nada nisso.

– Estou procurando um menino, Simon Mceli: foi tratado aqui há algum tempo. Um garoto que deve ter uns dez anos. Sua mãe era uma sangoma da township.

– Não sei – respondeu ela, os olhos perdidos no vazio. – Mas deve estar anotado em algum lugar.

Myriam parecia muito mais intrigada com a cicatriz na testa dele, que havia acabado de notar.

– Pode me mostrar os registros? – insistiu ele.

A enfermeira concordou, suspirando fundo (isso que ele tinha vindo agradecer!), e foi consultar as fichas médicas no escritório ao lado. Myriam puxou uma gaveta metálica e inspecionou as fichas dos pacientes. Um calor úmido reinava ali, ela podia sentir a respiração dele em seu ombro e um sentimento mais difuso, como um mal-estar por se encontrarem ambos, ali...

– Sim – disse ela dali a pouco, extraíndo uma ficha da gaveta: Simon Mceli. – Ele esteve aqui em janeiro de 2006.

– Qual era o problema dele? Asma?

– Não tenho o direito de lhe dizer – respondeu a enfermeira com um ar matreiro. – Não sei nem se tenho o direito de fazer o que estou fazendo.

Ele a achava divertida.

– Posso ao menos saber onde ele estava morando?

– Bico Street, 124, bloco C.

Ficava a cinco minutos de carro dali.

– Obrigado.

Myriam sentia calor debaixo de sua blusa branca. Falta de ventilação. Procurou alguma frase espirituosa para retê-lo, mas era como se as paredes não os quisessem mais ali. Ele desapareceu numa corrente de ar.

O bloco C era um bairro pobre onde se sucediam casas com telhados de amianto, frequentemente prolongadas por *backyard shacks*, barracos construídos nos fundos como peças suplementares. Assistia-se televisão, quando o vizinho tinha uma, ou via-se o tempo que passava sem você na beira da estrada. O último ônibus de turistas enviado em resistência pós-apartheid havia sido roubado por uma gangue, não se via mais um branco, a não ser os membros de ONGs implantadas na township. As operadoras de turismo tinham passado a trabalhar com vans, menos chamativas, para visitas pontuais: escolas, exposições de artesanato local, associações de caridade...

Bico Street: Neuman estacionou perto do relógio de luz, cujos fios aracnídeos se dispersavam em direção aos casebres. O número 124 estava pintado num vidro de conserva fixado na frente da porta. Nada de nome ou de caixa de correio – ninguém recebia cartas na township. Bateu na porta de compensado, que, ao abrir, quase caiu sobre seus pés.

Uma mulher apareceu no limiar do barraco, usando um vestidinho acetinado que brilhava sobretudo por sua exiguidade. Suas olheiras exprimiam infortúnios recorrentes e noites sem dormir. Visivelmente, tinha acabado de levantar.

– O que foi? – lançou uma voz de homem às suas costas.

– Deixa pra lá, meu King Kong, é maior que você...

A moça deu um sorriso que combinava com seu baby-doll.

– Estou procurando uma mulher – disse Neuman. – Nora Mceli.

– Não sou eu... Pena, né?

– Depende do que aconteceu com ela. Nora ainda morava aqui em 2006, com seu filho, Simon. Parece que ela deixou a township há alguns meses...

– É possível.

– Nora Mceli – repetiu ele. – Uma sangoma do bairro.

A moça rebolou sobre o chão batido.

– Quem está aí, porra?! – reiterou a voz a suas costas.

– Não dê bola pra ele, senhor – disse ela em tom de confiança. – Fica de mau humor quando bebeu na véspera.

– Vai me responder em vez de ficar sacudindo o traseiro! – gritou o outro. – Aqui é minha casa!

Neuman atravessou o olhar de brasa fria que barrava a passagem e se impôs sem força no interior. Um negro dos seus trinta anos, vestido com um calção informe, bebia uma cerveja numa caminha rústica que ocupava metade do cômodo. Guimbas no chão, cuecas, latinhas espalhadas, um pedaço de motor na pia da cozinha, a moça devia estar ali apenas de passagem.

– Estou procurando Nora Mceli, a sangoma que morava aqui.

– Ela não mora mais aqui – respondeu o sujeito. – O que está fazendo na minha casa? Isso aqui é uma propriedade privada!

Neuman pôs o distintivo na frente de sua cara amassada.

– Diga logo o que sabe, antes que eu resolva dar uma olhada na sua tralha.

O negro se apequenou em seu calção de futebol – aquilo cheirava a *dagga*¹⁰ a dez quilômetros.

– Não conheço ela, tô dizendo. Peguei a casa do meu primo ali, Sam. Vê lá com ele. Eu não sei de nada: mal, mal minha data de nascimento.

A moça gargalhou. Ele também.

– Pode crê que é verdade! – garantiu ela com firmeza.

A garota continuava saracoteando encostada na porta. Pimenta do reino e mel: o perfume de sua pele. Aquilo o lembrou de que ainda não tinha avisado Maia...

Felizmente, o primo Sam foi mais loquaz: Nora e Simon tinham partido havia cerca de um ano. A sangoma não era muito bem-vista no bairro. Acusavam-na de preparar *mutis*, poções mágicas, de jogar pragas, diziam mesmo que foi por causa disso que seu filho ficou doente, que seus poderes tinham se voltado contra ela. Quanto a seu filho, Simon, lembrava-se de um menino sempre doente e taciturno, de que todos desconfiavam por atavismo, superstição...

– Nunca mais foram vistos no bairro – garantiu o velho.

– Nora não tinha família?

Sam levantou os ombros:

– Ela falava de uma prima, às vezes, que morava do outro lado da estrada de ferro...

Os acampamentos dos *squatters*.

O sol expulsava as sombras, era meio-dia. Neuman caminhava para o seu carro quando recebeu a ligação de Fletcher.

– Ali... Ali, venha para cá...

As nuvens corriam, nitrogênio líquido, do alto da Table Mountain e desciam até o Jardim Botânico de Kirstenbosch, aos pés da montanha. Neuman percorreu a alameda sem um olhar para as flores amarelas e brancas que alegravam os canteiros. Fletcher esperava debaixo das árvores, com as mãos no bolso, único sinal de serenidade no jovem. Trocaram sinais amigáveis.

A brisa estava mais fresca à sombra do Fragrance Garden: “Wilde iris (*Dietes grandiflora*)”, dizia a plaquinha. Neuman se ajoelhou. Cheirava a pinho, mato molhado, outras plantas de nomes eruditos... A garota repousava no meio das flores: uma mulher branca, que mal se adivinhava atrás do pequeno bosque de acácias. Uma mulher muito jovem, a julgar pela morfologia e pela granulação da pele.

– Foi um dos funcionários que a encontrou – anunciou Fletcher por cima dele. – Por volta das dez e meia. As portas abrem às nove, mas essa parte do parque é bastante isolada. Evacuaram os visitantes...

Seu vestido de verão estava erguido até a cintura, revelando pernas manchadas de sangue. Uma nuvenzinha de insetos zanzava em volta de seu rosto. A coitada recebera tantos golpes que não dava pra distinguir mais a ponta do nariz, nem as arcadas superciliares. As maçãs do rosto e os olhos também tinham desaparecido sob uma papa de carne, osso e cartilagens: a boca estava pulverizada, os dentes afundados na garganta, a testa estourada em diversos pontos. Tinham-na massacrado como que para apagar seus traços, suprimir sua identidade.

Dan Fletcher desviava os olhos do cadáver. Mal tinha trinta anos, mas gozava já de uma sólida experiência junto a Neuman: quatro anos sob suas ordens, o que, segundo ele, valia o dobro. Fletcher vira afogados, queimados vivos, mortos a chumbo grosso. Aquela menina não melhoraria suas noites.

– Já sabemos quem é? – perguntou Neuman.

– Encontramos uma carteirinha de videolocadora em nome de Judith Botha no bolso de seu colete – respondeu ele –, com um endereço em Observatory.

O bairro estudantil da cidade.

– Nenhuma bolsa?

– Continuamos procurando nos arredores.

Surdo à agitação dos grilos, Neuman parecia hipnotizado pela pétala vermelho-vivo emaranhada nos cabelos da vítima. O espetáculo daqueles dedos retraídos como aranhas recém-esmagadas o fazia respirar com dificuldade. Pensou nos últimos momentos da vida da garota, no terror que sentiu, na sina que a tinha levado até ali, a morrer no meio das íris de Wilde... Uma menina de menos de vinte anos.

Dan Fletcher permanecia silencioso à sombra das acácias. Queria arrumar um pouco a casa antes da volta de Claire: já era. Quatro dias sem ela lhe pareciam séculos, agora o trabalho ia ferver e todos aqueles eflúvios o deixavam tonto – só gostava do perfume de sua mulher.

Neuman finalmente se levantou.

– O que acha? – perguntou Fletcher.

– Onde está Brian?

– Liguei várias vezes para o celular dele: ninguém atende.

Os perfumes subiam, capitosos. Neuman fez uma careta diante do corpo desarticulado da moça:

– Ligue de novo.

4

O mundo afundou inteiro no oceano noturno. Brian Epkeen caiu no fundo de um abismo e despertou sobressaltado: o deslizamento da porta de correr dera como que um clique em sua cabeça... O barulho vinha de baixo, um barulho leve mas perfeitamente audível, que logo cessou.

Brian rolou na cama, evitou por pouco a cabeça que repousava no travesseiro vizinho, recuou para tirar aquilo a limpo. Os pássaros piavam pela janela do quarto, cabelos ruivos cacheados ultrapassavam os lençóis e alguém acabava de entrar na casa.

Epkeen procurou seu revólver, não estava no criado-mudo. Viu a cabeça descabelada que lhe dava as costas mas nenhuma roupa no chão... Tirou os lençóis sem fazer barulho, pegou o 38 que estava embaixo da cama e andou nu pelo tapete do quarto: suavemente, empurrou a porta.

Continuava sem ver nada direito, ainda não sabia onde tinha metido suas roupas, mas que havia uma presença lá embaixo, isso havia: passos furtivos acabavam de deixar a sala. Dava para ouvir alguém vasculhando o vestíbulo... Desceu a escada pé ante pé, esfregou os olhos que estavam demorando para funcionar, chegou ao corredor do térreo e se encostou na parede. O intruso não precisou escalar o portão para entrar em sua casa: a porta tinha ficado aberta.

Epkeen apertou a coronha de sua arma, agora, completamente acordado. Não sabia por que tinha deixado tudo aberto, ou antes, desconfiava: os cachos ruivos na cama. De qualquer modo, a casa era grande demais para ele, não era mais uma questão de sistema de segurança... Avançou até o vestíbulo, atormentado por sentimentos contraditórios. O silêncio parecia amalgamado às paredes da casa, o canto dos pássaros em suspenso. Epkeen, que acabava de contornar a divisória, teve um breve momento de estupor: o ladrão estava ali, de costas, vasculhando os bolsos de seu paletó, miraculosamente pendurado no cabide.

O intruso tinha acabado de encontrar duas notas de cem rands na carteira quando sentiu sua presença às costas.

– Deixe esse dinheiro aí – disse Epkeen com voz rouca.

Embora surpreendido em flagrante, o outro não vacilou: um jovem branco de cerca de vinte anos vestido na última moda, sapatos lunares, *jeans doggy bag*, camiseta XXL com a efígie de um grupo de hardcore, e longos cabelos castanho-claros que lembravam sua mãe.

– O que está fazendo aí? – retorquiu David.

Ele não soltou as notas e encarava seu pai.

– Acho que sou eu quem devia perguntar: afinal, é minha casa, não?

David não respondeu. Recolocou a carteira no paletó, não as notas. Nenhum vestígio de remorso ou de vergonha em seu rosto de Brad Pitt criado a trigo integral. O filho pródigo parecia estar apressado.

– É tudo que tem? – perguntou, apontando as notas.

– Mandei o resto pras Bahamas.

Brian não se mexia na esperança de que o revólver escondesse sua nudez, mas David olhava enojado para seu grande pau solto no ar.

David estudava jornalismo, fumava maconha, vivia sem grana, um verdadeiro punheteiro. O queridinho da mamãe, o único filho deles, sua vedete, insolente como uma gaivota e esperto o bastante para viver na casa dos pais de sua namorada, um branco da nova geração, autoproclamado esquerdista liberal, que, quando não estava falando da SAP¹¹ em termos injuriosos, tratava-o de fascista, de reacionário, a ponto de lhe dar enxaqueca nos joelhos e fazê-lo esmurrar as paredes. Brian gostava dele – era igualzinho quando tinha sua idade.

Não era a primeira vez que seu filho vinha roubá-lo ao pé da cama: da última vez, David não apenas tinha roubado seus bolsos, mas também os da mulher que estava dormindo no quarto.

– Preciso de dinheiro!

– Se vira, você já tem vinte anos.

Epkeen quis pegar as notas, mas David colocou-as no bolso gigante de seu jeans e olhou em volta o que mais poderia pegar.

– Foi sua mãe que o enviou? – perguntou Brian.

– Você não pagou a pensão este mês.

– Porra, hoje é dia 2.

– Dia 10 é a mesma coisa. Como acha que ela vive?

O jovem provocador tinha várias pedras em seu saco. Brian fez uma careta de amargura. Tinha feito um empréstimo para manter a casa, esperando que David viesse morar ali, com sua namorada, se quisesse, ou

mesmo seu namorado, quanto a isso também não havia problema; não apenas seu filho nunca veio, mas Ruby continuava lhe contando lorotas.

– Se sua mãe passeia por aí de coupé BMW com seu dentista, ela deve poder sobreviver até o fim da semana, não?

– E eu?

– A faculdade de jornalismo, os dois mil rands que lhe dou por mês, isso não basta?

David fazia cara feia atrás de suas mechas *grunge rebel*.

– Tivemos que sair da casa dos pais da Marjorie.

Marjorie era sua namorada, uma “gótica” com *piercings* até os ossos que Brian tinha cruzado uma ou duas vezes na saída da faculdade de jornalismo.

– Pensei que os pais dela o adoravam...

– Não é mais o caso.

– É só vocês se instalarem aqui.

– Muito engraçado.

– Por que não vão para a casa da sua mãe?

– Ela tem uma nova vida agora, não quero atrapalhar... Precisamos de um apartamento na cidade, perto da faculdade. Achamos um apê pra alugar no bairro malásio, mas temos que pagar os dois primeiros meses adiantados, sem falar da comida e outros gastos...

– Esqueceu o táxi: para ir à faculdade, é melhor não?

– Bom – impacientou-se David –, e então?

Brian suspirou de novo, comovido com tanta ternura. David percebeu então o casaco de mulher jogado na cadeira do vestíbulo.

– É verdade que você tem muita gente para sustentar, insinuou o jovem. Ao menos sabe o nome desta?

– Não tive tempo de perguntar. Agora dê o fora.

– E você, vá lavar a porra desse caralho.

David passou na frente dele como uma rajada de vento, atravessou a sala sem uma palavra e bateu a porta, deixando atrás de si um silêncio ensurdecedor.

Brian perguntou-se como o menininho que corria atrás dos pinguins na praia e que tinha um cheirinho tão bom tinha se tornado aquele estranho, um magricela com ares de madre superiora, cínico que só. Não era tanto encontrá-lo roubando seu dinheiro enquanto dormia que o deixava triste. Pior era aquela maneira que ele tinha de ir embora sem uma palavra, apenas

com aquele olhar detestável, sempre o mesmo, desprezo e amargura superpostos, como se o visse pela última vez. Brian largou o revólver que pendia de seu braço – na verdade, não estava carregado –, percebeu suas roupas amontoadas na mesa da cozinha, a blusinha violeta no chão, o sutiã que combinava, e subiu a escada, casmurro.

Fazia calor no quarto; a mulher dos cachos ruivos estava deitada na cama, os lençóis agora concentrados sobre a bunda, de um branco diáfano, com curvas acentuadas, finas e suaves como cera. Tracy, a garçonete do Vera Cruz. Uma ruiva dos seus trinta e cinco anos com quem estava saindo havia pouco tempo, pequena mas quente... Sentindo sua presença, Tracy abriu os olhos verde maçã e sorriu ao vê-lo.

– Bom dia...

Seu rosto amassado tinha ainda as marcas do travesseiro. Ele teve vontade de beijá-la, para apagar o que tinha acabado de viver.

– Que horas são? – perguntou ela sem se cobrir.

– Não sei. Por volta das onze.

– Não pode ser! – ela exclamou, como se tivessem acabado de pegar no sono.

Brian sentou ao lado dela, entre dois mundos. O confronto com seu filho o deixou extenuado, sentia-se como um bichinho encalhado, presa das gaivotas, dos corvos...

– O que houve? – disse ela acariciando sua coxa. – Parece preocupado.

– Nada, tudo bem.

– Nesse caso, deite aqui de novo. Temos tempo antes de ir para a casa do seu amigo Jim.

– Quem?

Tracy franziu as sobrancelhas num ruivo arabesco:

– Bom, seu amigo... Jim... Você disse que a gente ia passar o domingo no mar, que ele tinha deixado com você a chave da casa de praia.

Epkeen fez cara de quem estava se lembrando dois anos depois – caramba, tinha que parar com aquela história de Jim: a última vez que tinha delirado a respeito desse suposto amigo fora para convidar uma jovem advogada para jogar golfe no seu clube privado de Betty's Bay. O que lhe dava na cabeça para falar daquele cara? Tinha realmente a imaginação de um doente...

Tracy levantou o lençol, descobrindo dois seios untuosos, muito sensíveis em sua lembrança.

– Venha, sorriu a garçonete.

Brian se deixou capturar pelo jogo de seus dedos. Eles aguçaram reciprocamente seus sentidos, depois se ativaram num frenesi compulsivo, gozaram a distância, trocaram algumas carícias esgotadas, beijaram-se para terminar.

Ele foi então para o banheiro, tomou um banho perguntando-se o que ia contar para Tracy, cruzou seu rosto no espelho, deixou para lá.

Brian Epkeen fora bonito, mas aquilo era passado. Tinha visto sabotagens demais, estragado encontros demais. Não amou direito, demais, mal, ou de través. Há quarenta e três anos andando que nem siri, de derivas longínquas em diagonais quânticas, uma fuga a céu aberto.

Pegou uma camisa amarrotada que nem sua cara, enfiou uma calça cargo preta e perambulou pelo quarto. Tracy, deitada na cama, pedia esclarecimentos sobre como seria o domingo à beira-mar quando Brian ligou seu celular.

Tinha doze mensagens.

*

Cape Town se estendia ao pé da Table Mountain, o maciço suntuoso que, do alto de seus mil metros, dominava o Atlântico Sul. A “Mother City”, como a chamavam. Epkeen morava em Somerset, o bairro gay onde bares e boates da moda se sucediam, algumas abertas a todos e sem restrições. Colonos europeus, tribos xhosas, coolies indianos ou malásios, Cape Town era mestiça havia séculos: a cidade farol do país, pequena Nova York praiana, onde ficava a sede do Parlamento e que, por isso, foi a primeira a aplicar as medidas do apartheid. Epkeen conhecia a cidade de cor. Havia tirado dela tantas náuseas quantas emoções vivas.

Seu tataravô chegou ali iletrado, vestindo trapos, um daqueles fazendeiros que falavam a espécie de holandês degenerado que se tornaria o africânder, aplicava a lei do olho por olho e manjava tão bem o fuzil quanto o Antigo Testamento. Ele e os pioneiros boers que o acompanhavam só tinham encontrado terras áridas e boxímanes de costumes pré-históricos em seu caminho, nômades incapazes de perceber a diferença entre uma caça e um animal doméstico, sujeitos que arrancavam as patas das vacas e as comiam cruas enquanto elas mugiam até morrer, boxímanes que eles tinham caçado como lobos. O velho não agraciava nenhum, pois, caso contrário,

tinha todas as chances de encontrar sua família massacrada. Recusava-se a pagar os impostos ao governo da colônia inglesa que os deixava em contato com as populações hostis, desmatando a região e lutando para sobreviver. Os africânderes nunca tinham contado com nada nem ninguém. Era aquele sangue que corria nas veias de Brian, sangue de pó e de morte: sangue de savana.

Atavismo antropológico ou síndrome de um fim de raça anunciado, os boers eram os eternos perdedores da História – em seguimento à guerra epônima, depois de o vencedor britânico queimar suas casas e suas terras, vinte mil deles, entre os quais mulheres e crianças, tinham morrido de fome e de doença nos campos de concentração ingleses onde os jogaram – e a instauração do apartheid fora sua mais vã derrota.¹²

Brian considerava que seus ancestrais, instaurando aquele sistema, tinham dado um tiro no pé: o medo do negro tinha invadido as consciências e os corpos com uma carga animal que lembrava os velhos medos reptilianos – medo do lobo, do leão, do comedor de homem branco. Não dava para construir nada em cima daquilo: a fobia do outro devorou a razão, suas mecânicas, e, se o fim do regime maldito havia restituído aos africânderes um pouco de sua dignidade, quinze anos não bastavam para apagar aquilo de sua história.

Epkeen percorreu as construções envelhecidas do centro, depois as fachadas coloridas das casas cheias de colunas de Long Street. As avenidas estavam vazias, a maioria das pessoas tinha ido para a praia. Seguiu em direção a Lions Head e pegou um pouco de frescor colocando a mão para fora do carro – o ar-condicionado de seu Mercedes tinha entregado a alma havia séculos. Um modelo de coleção, como ele – fórmula utilizada por Tracy, que ele tomou como um elogio. Continuou andando sem pensar mais nela, nem naquela história de fim de semana na casa do “Jim”.

A intrusão de David lhe deixou um gosto amargo. Seis anos que não se falavam mais, ou tão mal que seria melhor se calar. Brian esperava que as coisas se arranjassem, mas David e sua mãe continuavam com raiva dele. Ele a traíra, é verdade – com negras, sobretudo. Brian só era fiel a suas convicções, mas, no fundo, era tudo culpa dele. Ruby sempre fora uma fúria trágica ferida até os ossos, e ele, um retardado de primeira: saltava aos olhos que aquela mulher era um aviso de tempestade força dez. Tinham se encontrado num show do Nine Inch Nails durante um festival de apoio à libertação de Mandela, e sua maneira de se autotorpedear em meio ao

estardalhaço elétrico o havia tornado captador de tempestades femininas: uma garota que pulava ao som dos *riffs* de Nine Inch Nails só podia ser dinamite pura... Brian se apaixonou, um encontro como uma colisão de linhas de fuga e um feixe incandescente de amor que varava seus olhos de louca.

Bairro de Constantia: Brian evitou por pouco o mestiço que ziguezagueava no meio da rua, com uma bandagem na cabeça, e parou no sinal vermelho. Com a camisa furada e salpicada de manchas de sangue, o farrapo caiu no chão um pouco mais adiante, os braços em cruz debaixo do sol. Outros dejetos humanos ocupavam as calçadas, embrutecidos demais pelo álcool para estender a mão aos raros passantes.

O Mercedes virou na esquina da avenida e tomou a M3 em direção a Kirstenbosch.

Duas viaturas policiais vigiavam o acesso do Jardim Botânico. Epkeen viu a van da equipe médico-legal no estacionamento, o carro de Neuman perto das lojinhas de suvenires, grupos de turistas desorientados pelo nervosismo com que eram afastados. As nuvens caíam dos topos da montanha, ovelhas apressadas. Brian mostrou seu distintivo de oficial ao constable¹³ que estava no portão, passou debaixo da abóbada da grande bananeira na entrada e, com uma horda de insetos em seu encalço, seguiu o canto dos pássaros em direção à alameda principal.

Kirstenbosch, museu vivo, plantas alambicadas, árvores e flores coloridas estendidas numa maré vegetal ao pé da montanha; Brian cruzou um faisão no gramado à inglesa, que se afastou como que rindo dele, e andou até o pequeno bosque de acácias.

Sua Majestade estava um pouco mais adiante, seu metro e noventa encurvado sob os galhos, conversando em voz baixa com Tembo, o legista. Um velho negro de macacão verde montava guarda atrás deles, reduzido à metade debaixo do sol e de seu capacete grande demais. Uma equipe da polícia científica colhia as impressões no chão, outra acabava de tirar as fotos. Epkeen cumprimentou Tembo, que estava indo embora com seu chapéu de feltro *jazzy*, e depois o velho negro em seu macacão municipal. Neuman o esperava antes de autorizar a retirada do corpo.

– Está com uma cara péssima – disse este ao vê-lo.

– Vai ver daqui a dez anos, meu rei...

Epkeen percebeu então o corpo em meio às flores: sua cara, já bastante detonada desde o despertar, acabou de afundar.

– Foi este senhor que a encontrou hoje de manhã – disse Neuman virando-se para o jardineiro.

O velho negro não dizia nada. Era evidente que não queria estar ali. Epkeen se inclinou para as íris que enchiam o tanque de betabloqueadores. O corpo da garota jazia de costas, joelhos dobrados, mas foi a visão da cabeça que o fez recuar: não se viam seus olhos, nem seus traços. Tinham-na varrido do mapa, e suas mãos crispadas para um agressor ao mesmo tempo invisível e onipresente a deixavam como que petrificada no medo...

– O crime ocorreu por volta das duas da manhã – disse Neuman em voz mecânica. – O terreno está seco, mas temos flores pisadas, manchadas de sangue. Provavelmente o da vítima. Nenhuma bala. Todos os golpes se concentram no rosto e no topo do crânio. Tembo acha que pode ter sido um martelo ou um objeto similar.

Epkeen observava suas coxas brancas salpicadas de sangue, pernas de menina, uma garota que devia ter a idade de David. Expulsou suas visões de horror, viu que ela estava sem calcinha...

– Estupro?

– Difícil dizer – respondeu Neuman. – Encontraram a calcinha perto dela, com os elásticos intactos. Em todo caso, houve relação sexual. Consentida ou não, falta determinar.

Epkeen passou o dedo no ombro nu da garota e o levou a seus lábios: a pele tinha um leve gosto de sal... Vestiu as luvas de látex que Neuman lhe estendeu, examinou as mãos da vítima, seus dedos bizarramente retraídos (havia um pouco de terra embaixo das unhas), depois as marcas em seus braços: pequenos arranhões, quase retilíneos. O vestido estava rasgado em alguns pontos, como se tivesse sido puxado.

– Dois dedos quebrados?

– Sim: na mão direita. Deve ter tentado se proteger.

Dois enfermeiros esperavam na alameda, com a maca no chão. A estadia prolongada debaixo do sol começava a enervá-los. Epkeen se levantou, as pernas bambas como mercúrio.

– Queria que visse isso antes de a levarem – disse Neuman.

– Obrigado, senhor. Já sabem quem é?

– Encontraram uma carteirinha de videolocadora em nome de Judith Botha no bolso de seu colete. Uma estudante. Dan foi verificar.

Dan Fletcher, o protegido deles.

Os insetos zumbiam debaixo das acácias do Jardim Botânico. Epkeen oscilou por um instante ao acaso de suas trajetórias, mas dois sóis negros se cruzavam nos olhos de Neuman: o pressentimento que o perseguia desde o amanhecer não o havia deixado.

*

Uma ambulância de sirene ligada criou um ajuntamento na frente do 7-Eleven de Woodstock: um corpo na calçada, pessoas desesperadas segurando a cabeça, os homens da Explosive Unit desembarcando com coletes à prova de balas... Dan Fletcher percorreu a avenida suja do bairro popular antes de entrar na M3. Se até então Cape Town escapava dos *brinks*, os atos de terror cotidianos de que Johannesburgo era o epicentro, esse tipo de cena se tornava cada vez mais frequente, mesmo na cidade. Uma evolução preocupante, muito bem explorada pelos jornais.

Fletcher revistou o apartamento de Judith Botha sem encontrar indícios definitivos quanto a seu desaparecimento: os vizinhos não tinham visto a garota durante o fim de semana e o apartamento parecia marinar em seu caldo estudantil – livros de direito, papelada da faculdade, cartões postais bestas, DVDs, restos de pizza e a foto de uma loira sorrindo para a câmera que correspondia às características da vítima... Dan conseguiu o número dos pais dela, Nils e Flora Botha: o empregado que finalmente atendeu o telefone não tinha a menor ideia de onde podia estar a senhora Botha, mas seu marido, Nils, devia estar “no rugby”.

Fletcher não conhecia Nils Botha, e não sabia nada de rugby, mas Janet Helms, que pilotava a investigação da central, o colocou a par. Antigo técnico dos Springboks, a equipe nacional, ele próprio jogador durante o período do embargo e do boicote esportivo, Nils Botha era, havia vinte anos, o treinador emblemático dos Blue Bulls do Western Cape. Ele e sua mulher Flora tinham um filho mais velho, Pretorius, que residia em Port Elizabeth, e Judith, que tinha acabado de entrar na faculdade de Observatory.

Fletcher revia o rosto desfigurado no meio das flores, as mechas pegajosas de seus cabelos loiros, os grumos de cérebro que escapavam do crânio... Tentara esconder sua náusea de Neuman, mas aquilo não enganava ninguém, ainda mais os velhos tiras da central, que já tinham visto muita coisa. “Boquetinho” era o apelido que lhe deu Van Vlit, o sargento instrutor

de tiro em alvos móveis, o terror dos jovens recrutas. “Boquetinho” se espalhou, Dan chegou a encontrar revistas gays nas gavetas de sua escrivaninha, com as páginas coladas, ha, ha, ha, depois a coisa se acalmou. Fletcher pensava que o período de calouro havia terminado: estava enganado. Neuman o escolheu por seus talentos de sociólogo, não para engolir manifestações de homofobia dos babacas da delegacia central. O zulu deu um soco atrás da nuca do sargento instrutor e baixou suas calças na frente dos outros: pegou o famoso Colt cromado, de que Van Vlit tanto se orgulhava, enfiou-o até o carregador e o deixou lá, com seu cuzão cheio de espinhas, cingido de uma raiva fria que valia por todas as advertências. Fim dos apelidinhos. Início de sua colaboração.

Dan Fletcher saiu da M3 que dominava a cidade e, descendo do outro lado da montanha, chegou ao complexo esportivo.

Os Blue Bulls se preparavam para o Super 14, o campeonato internacional dos times do hemisfério sul. Ainda estavam no trabalho de base, mas os sul-africanos estavam dando duro para tirar seu atraso em relação aos neo-zelandeses; Fletcher encontrou Botha na lateral do campo, insultando os grandes bebês suados que treinavam seus *mauls* penetrantes com oposição. Cada bola caída o deixava fora de si: foi necessário o distintivo policial para que o técnico se dignasse a prestar atenção ao magricela de olhos femininos que acabava de desembarcar. Deixou seu adjunto continuar o treinamento dos atacantes – dando ordens para que os forçasse até o esgotamento.

Com os músculos salientes apesar de sessentão, atarracado, Botha arvorava um capacete com as cores do clube e a pilosidade dos grandes macacos em seus antebraços.

– O que houve? – disse ele, alertado pela expressão do policial.

– Estamos procurando sua filha, Judith... Sabe onde ela está?

O olhar do treinador tornou-se cor de sangue:

– Ora... em casa! Por quê?

– Passei no apartamento em Observatory, não tem ninguém – respondeu calmamente o tira. – Seu celular também não responde.

Alguma coisa grave tinha acontecido, Botha sentiu imediatamente.

– Como assim, seu celular não responde?

Ele tateou os bolsos de seu calção bege em busca de seu telefone, como se aquilo fosse a solução do problema.

– Pode me descrever Judith? – perguntou Fletcher. – Digo, fisicamente.

– Bom, loira, olhos azuis, um metro e sessenta e oito... Por que estão procurando minha filha? Ela fez alguma coisa grave?

Botha olhava para ele incrédulo. O pulso de Fletcher se acelerou.

– Encontramos o cadáver de uma garota esta manhã – anunciou ele –, no Jardim Botânico de Kirstenbosch. O corpo ainda não foi identificado, mas havia uma carteirinha de videolocadora em nome de Judith no seu colete. As características da vítima correspondem a sua filha, mas não temos certeza de nada. O senhor sabe o que Judith ia fazer ontem à noite?

O rosto rosado do treinador se decompôs lentamente. Botha era conhecido por seus gritos no intervalo e seu amor pelo rugby violento. Mas aquele tirazinho efeminado o nocauteou.

– Judith... Judith ia estudar para as provas, com sua amiga Nicole. No apartamento... Era o que estava combinado.

– Nicole do quê?

– Wiese... Nicole Wiese. Fazem faculdade juntas.

Os atacantes caíam como moscas debaixo do sol.

– Tem o número do celular dela? – perguntou Fletcher.

– De Nicole? Não... Mas tenho o do pai dela. As duas se conhecem desde pequenas.

– Alguma ideia de para onde elas foram?

– Não...

– Judith tem um namorado?

– Deblink... Peter Deblink. Ele mora em Camps Bay – acrescentou Botha, como se aquilo fosse uma garantia de moralidade. – Seus pais têm um restaurante aonde vamos com frequência, eu e minha mulher.

– Eles estavam juntos ontem à noite?

– Já lhe disse que Judith estava estudando para as provas com sua colega da faculdade.

– Sua filha mentiu para o senhor – revidou Fletcher.

Os jogadores de rugby arquejavam sob a sujeição imposta pela autoridade, mas Botha não os via mais: se o cadáver fosse o de sua filha... Sentiu suas coxas endurecerem, seus pelos se eriçarem. O celular de Fletcher vibrou então no bolso de seu paletó. Desculpou-se junto ao técnico, pálido, e atendeu. Era Janet Helms, sua colega de equipe.

– Acabo de falar com Judith Botha no telefone: ela está em Strand com seu namorado e só ligou o celular agora há pouco.

O nó que apertava as entranhas do policial se desfez.

– Você a colocou a par?

– Não – respondeu Janet. – Achei que você ia preferir interrogá-la pessoalmente.

– Fez bem... Diga-lhe que a espero na casa de seus pais.

Botha levantou as orelhas na lateral do campo. Fixado nos lábios de Fletcher, procurava um vestígio, qualquer que fosse, de que ela estivesse viva.

– Sua filha está na praia.

Os ombros do esportista abaixaram. Um alívio de curta duração: Dan digitou o número de Neuman, que atendeu ao primeiro toque.

– Ali, sou eu... Acho que tenho o nome da vítima: Nicole Wiese.

5

– É ela...

Os dedos de Stewart Wiese se enlaçavam como serpentes diante do mármore cinza. O lugar cheirava a antisséptico e não eram os esforços do legista para deixar sua filha apresentável que temperariam sua cólera: a tristeza, veria isso depois, com sua mulher.

Stewart Wiese era um antigo jogador do Springbok: campeão do mundo em 1995, cerca de cinquenta participações na equipe nacional, coxas de búfalo, um crânio capaz de quebrar pedras. Os jogos de rugby tinham-no acostumado às pancadas, o africânder tinha dado e recebido muitas, mas estava bem situado para saber que os choques-surpresa eram os mais violentos. Agora, a menina de seus olhos não tinha mais nada que pudesse lembrar os traços de sua filha mais velha...

– Quer sentar?

– Não.

Wiese devia ter ganhado uns quinze quilos desde que parou de jogar, mas sua vontade de quebrar tudo era a mesma. Recusou o copo d'água que a assistente do legista lhe ofereceu, então lançou um olhar encouraçado para Neuman. Pensou em sua mulher, louca de dor antes mesmo da confirmação do assassinato, no abismo que crescia debaixo de seus pés.

– Têm alguma ideia de quem foi o filho da puta que fez isso?

Era menos uma pergunta do que uma ameaça.

Neuman observou a foto da garota, uma loira que tinha acabado de completar dezoito anos, residente no 114 Victoria, a avenida chique de Camps Bay. Nicole Wiese: uma boneca enfeitada a quem se tinha vontade de oferecer um sorvete de baunilha, não de massacrar o rosto a golpes de martelo.

– Imagino que sua filha não tinha inimigos...

– Nenhum desse tipo.

– Carteira de motorista?

– Não.

– No entanto, Nicole não veio a pé até Kirstenbosch: alguma ideia da pessoa que a acompanhava?

Wiese amassava suas grandes mãos para não tremer.

– Nicole nunca teria andado por aí de noite com desconhecidos.

Olhava para o rosto destruído de sua filha como se fosse de outra pessoa. Não queria acreditar que o mundo era apenas uma ilusão banal. Um castelo de cartas.

– Acredita na pessoa errada no lugar errado? – perguntou Neuman.

A raiva que estava contendo explodiu de uma vez:

– Não, acredito num selvagem: um selvagem que massacróu minha filha! – sua voz trovejou no ar gelado. – Quem mais pode ter feito uma coisa dessas?! Quem mais?! Pode me dizer?!

– Lamento muito.

– Não tanto quanto eu – retorquiu Wiese, sem desapertar suas mandíbulas. – Mas isso não vai ficar assim. Não vai mesmo...

A tez avermelhada do africânder empalideceu, uma fúria surda latejava em suas têmporas. Pensava que sua filha estivesse na casa de Judith Botha, comendo pizza e estudando para as provas, e tinham-na encontrado morta a muitos quilômetros dali, assassinada no Jardim Botânico de Kirstenbosch, em plena madrugada.

– Nicole... Nicole foi estuprada?

– Ainda não sabemos. A autópsia dirá.

O ex-jogador de rugby reergueu o busto, olhando para Neuman com o pavio curto.

– Deviam saber – arrotou ele. – Que porra esse legista está fazendo?

– O trabalho dele – respondeu Neuman. – Sua filha teve uma relação sexual ontem à noite, mas nada garante que tenha sido estuprada.

Wiese ficou púrpura, atingido pelo estupor.

– Quero ver o chefe da polícia – disse quase sem voz. – Quero que ele cuide disso pessoalmente.

– Eu dirijo o departamento criminal – esclareceu Neuman –, e é exatamente o que vou fazer.

O africânder hesitou, desorientado. A assistente do legista colocou o lençol novamente sobre o cadáver que ele continuava a fixar, com os olhos vagos.

– Pode me dizer quando viu Nicole pela última vez?

– Por volta das quatro da tarde... Sábado... Nicole ia ao shopping com aquela putinha da Judith Botha, antes de estudar para as provas.

– Ela tinha um namorado?

– Nicole acabou antes do verão com o último: Ben Durandt. Nenhum desde então.

– Aos dezoito anos, nem sempre se conta tudo a seu pai – arriscou Neuman.

– Minha mulher teria me dito. O que está querendo insinuar? Que não sei cuidar de minha filha?

A fúria cobria como um véu seus olhos metálicos: ele encontraria o cara que massacrou sua filha, ele o esmagaria, faria dele um monte de ossos, de lama.

– Minha filha foi estuprada e assassinada por uma besta selvagem – disse ele, peremptório –, um monstro da pior espécie que passeia hoje pelo mundo em toda impunidade: não posso aceitar isso. Impossível. Se não sabem quem eu sou, vão aprender a me conhecer... Não sou do tipo que desiste, capitão. Revirarei o céu e a terra até que tenham pego esse lixo. Quero que todos os serviços de sua maldita polícia sejam acionados, que os inspetores de merda de vocês mexam a bunda e, sobretudo, obtenham resultados: rápido. Está claro?

– A justiça é a mesma para todos – garantiu o tira negro com uma firmeza que Wiese tomou por arrogância. – Eu encontrarei o assassino de sua filha.

– É melhor que o faça – disse o africânder entre os dentes.

Sua nuca raspada pingava suor. Stewart Wiese lançou um último olhar para o lençol que cobria sua filha.

Neuman começava a compreender o que o estava irritando naquela conversa.

– Um oficial passará em sua casa amanhã de manhã – disse antes de deixá-lo ir embora.

Um branco.

*

As colinas e a vegetação frondosa que cobriam as baías paradisíacas de Clifton tinham dado lugar a residências de luxo, mansões com garagens sobre o teto, vigilância e acesso direto à praia. A teia imobiliária não parava de crescer, construía-se nos flancos das colinas, cada vez mais alto – era tarde demais para a paisagem.

West Point, número 25. Dourados, laquês, espelhos em toda parte, a não ser para quem adorasse o brilho dos anos 1980, o apartamento da família Botha parecia maquiado como uma *drag queen* de Sydney. Flora, com uma expressão aguçada pelo sol e pelo fundo de pintura, esperava a volta de Judith no sofá do salão panorâmico. Seu marido, que se agitava em torno da mesinha, falava por dois. Mentindo para todo mundo, a jovem tola criou um pesado antagonismo entre as duas famílias: Stewart Wiese ligou um pouco antes, uma discussão tumultuosa que não resolveu nada. O Springbok terminou sua carreira nos Blue Bulls de Nils Botha, e os dois homens tinham permanecido amigos: suas filhas frequentavam a mesma escola, o mesmo círculo de conhecidos, saíam juntas, nunca lhes faltou nada e nunca tinham causado preocupações. Supunha-se que estivessem estudando, e não andando à noite pelas ruas ou indo passar o fim de semana na praia. Traição. Incompreensão. Botha estava soltando raios. Fletcher deixou-o marinar enquanto sua mulher passava os dedos no sofá florido.

Dan pensava em Claire, sua mulher, que iria buscar dali a pouco no hospital, quando o interfone soou. Flora teve um sobressalto em sua almofada, levantou como uma mola e fez seus saltos altos ressoarem no mármore. Mas Nils chegou primeiro ao interfone. O vigia anunciou a chegada de sua filha.

Judith logo apareceu ao pé do elevador privativo, seguida por seu namorado Peter, um boyzinho do bairro com uma mecha loira sobre seu Ray-Ban.

– O que houve?! – foi dizendo Judith ao ver a expressão desfeita de sua mãe. – Aconteceu alguma coisa?

Botha empurrou sua mulher, desabou sobre sua filha e lhe meteu um tapa no meio da cara. Flora gritou de estupefação. Judith guinchou caindo no chão.

– Nils! – tentou Flora. – Você...

– Cale a boca! E você, escute bem – rugiu para sua filha. – Sim, aconteceu alguma coisa: Nicole foi assassinada! Entende?! Mataram ela!

A empregada, até então parada no fundo do corredor, correu para a cozinha. Judith explodiu em soluços. O jovem estiloso que a acompanhava recuou para o elevador. Botha o fuzilou com o olhar antes de se debruçar sobre sua menina em pranto e puxá-la pelo braço como se arranca uma erva daninha.

– Não creio que o tratamento seja muito apropriado à situação – interpôs-se Fletcher.

– Trato minha filha como bem entender!

– Está vendo que ela mal se aguenta de pé...

Botha não estava nem aí. Já havia derrubado muitos homens no chão. Aquilo era válido para o rugby como para a vida. Via apenas a mentira, a enganação, a perda definitiva do laço com Stewart Wiese, as redes, os negócios, a cascata de incômodos que estava por vir. Por causa daquela jovem imbecil que era sua filha.

Judith soluçava sobre o mármore, as mãos na frente do rosto. Flora veio para o seu lado, insegura, sem saber como agir.

– Gostaria de conversar sozinho com Judith – disse Fletcher.

– Tenho o direito de saber por que minha filha mentiu para nós!

– Eu lhe peço, senhor Botha: deixe-me fazer meu trabalho.

O pai fez uma careta de ódio. O policialzinho falava à meia voz e olhava para Judith com uma compaixão que o exasperava. Ela se mantinha encostada na porta do elevador, num estado lamentável, a desajeitada de sua mãe tentando consolá-la, inaudível.

Fletcher se ajoelhou por sua vez, percebeu sardas sob seus cabelos desfeitos, pegou a mão de Judith e ajudou-a a levantar. O rímel tinha escorrido para seus dedos. Encostado no elevador, Peter Deblink recontava as placas de mármore.

– Você também vem comigo – anunciou Fletcher.

Evitando a barreira paterna, o jovem casal seguiu o policial até o terraço do salão panorâmico.

Um vento fresco soprava com os pássaros, ondas turquesa quebravam na praia imaculada lá embaixo, um canto de paraíso que se enganou de andar; Judith, ainda chocada, desabou numa cadeira dobrável, onde pôde chorar mais livremente.

Houve um momento de silêncio, pontuado pelo estrondo das ondas. Fletcher tinha a silhueta frágil de Monty Clift e o olhar que brilhava por aquele de sua mulher: debruçou-se sobre a jovem estudante, achou-a bonita, sem mais.

– Precisa me ajudar – disse. – Pode ser?

Judith não respondeu. Estava recolhendo suas lágrimas.

– O que aconteceu? – choramingou ela.

– Ainda não sabemos – respondeu Fletcher. – O corpo de Nicole foi encontrado no Jardim de Kirstenbosch hoje de manhã...

Judith ergueu a cabeça, incrédula. Os dedos de seu pai tinham deixado uma obra paleolítica em seu rosto.

– Você era a melhor amiga de Nicole, pelo que me disseram.

– Nos conhecemos desde pequenas – confirmou Judith, com um nó na garganta. – Nicole mora em Camps Bay, do outro lado do morro.

Mas o movimento de sua cabeça mal chegava até as plantas verdes.

– Costumava servir de cobertura para ela?

– Não... não...

Fletcher olhou fundo em seus olhos molhados, não viu neles mais do que vergonha e tristeza.

– Diga a verdade para mim.

– Eu tenho... tenho um apartamento em Obs', perto da faculdade... Nicole dizia para os seus pais que ia dormir lá para estudar para as provas.

– Era mentira?

– Era apenas um pretexto para sair... Não gosto de mentir, mas fazia aquilo por ela, por amizade... Tentei dizer para ela que nossos pais acabariam descobrindo, mas Nicole suplicava e... Enfim, não tive coragem de recusar... Estou com raiva de mim. Isso é horrível.

Cobriu novamente o rosto com as mãos.

– Vocês não estavam com ela ontem à noite? – perguntou Fletcher virando-se para Deblink.

– Não – respondeu o loirinho. – Estávamos em Strand para mergulhar em jaulas com os tubarões brancos. A saída da excursão estava marcada para as sete da manhã. Dormimos no albergue que organizou a expedição.

Seria fácil verificar.

– E Nicole?

– Ela tinha uma cópia das chaves – respondeu Judith. – Assim ficávamos livres.

– Ela lhe disse aonde ia, com quem?

– Não...

– Pensei que fossem amigas...

A expressão de seu rosto mudou.

– Para dizer a verdade, nos víamos pouco nos últimos tempos.

– Estão na mesma faculdade.

– Nicole quase não ia mais – explicou Judith.

– Ah, é?

– Não estava muito empolgada com o Direito.

– Preferia os rapazes – prosseguiu Fletcher.

– Não me faça dizer o que não disse.

– Mas ela transava com rapazes...

– Nicole era tudo menos uma piranha! – protestou a amiga.

– Não vejo mal algum em gostar de rapazes – amenizou Fletcher. – Nicole tinha encontrado alguém?

Judith levantou os ombros, desarmada.

– Acho que sim.

– Acha?

– Ela não me contou nada, mas... não sei... Nicole tinha mudado, se tornado fugidia.

– Ou seja?

– Não sei – soprou ela. – É só uma intuição. Nos conhecemos há muito tempo, mas alguma coisa tinha mudado nela. Não saberia dizer por que, mas Nicole não era mais a mesma, sobretudo nesses últimos tempos. É por isso que acho que ela tinha encontrado alguém.

– Estranho que ela não tenha lhe falado nada: você era sua melhor amiga.

– Eu era, sim...

Um vento de tristeza varreu o terraço.

– Nicole mudava frequentemente de namorado?

– Não... não: ela não era uma colecionadora, já disse. Ela gostava de rapazes, mas como todo mundo, oras: moderadamente.

Deblink não esboçou a mínima reação.

– Você conhece Ben Durandt – relançou Fletcher.
– Um amigo de Camps Bay – disse ela, morosa. – Ficaram seis meses juntos.

– E como ele era para Nicole?

– Ótimo para dirigir um conversível – estimou Judith.

– Do tipo ciumento?

– Não... – Ela balançou a cabeça. – Durandt é fascinado demais por sua própria pessoa para se interessar pelos outros. De qualquer jeito, foi só um flerte. Nicole se entediava horivelmente com ele.

A jovem começava a se soltar um pouco.

– Sabe se eles transavam?

– Não. Por que está me perguntando isso?!

– Estou tentando saber se Nicole transava com rapazes, se a relação sexual que teve na noite do assassinato foi consentida ou não.

Judith baixou os olhos.

– E você – perguntou para Deblink –, o que acha?

– Mal nos conhecíamos – respondeu ele com uma expressão ingrata.

– Pensei que vocês fossem frequentadores assíduos de Camps Bay.

– Sim – confirmou o playboy –, foi lá que conheci Judith. Mas só vi Nicole uma vez, e rapidamente.

– Quer dizer que Nicole não andava mais em Camps Bay?

– Isso mesmo.

– Ela tinha mudado, é o que eu disse – reforçou Judith.

Uma gaivota parada no ar arrulhou sobre o terraço. Fletcher se virou para a estudante:

– O que vocês tinham combinado para ontem à noite?

– Nicole me avisou por telefone que pretendia sair. Eu já tinha combinado de ver os tubarões com Peter, o que deixava o apartamento livre para ela...

– Por que mentir para seus pais?

– Meu pai, eu repito – respondeu Judith mordiscando os lábios –, ele me deixou alugar um apartamento perto da faculdade. Mas o pai de Nicole é muito... digamos, conservador. Não gostava que ela saísse. Tinha que ser só com rapazes que ele já conhecia. Tinha medo das agressões, dos estupros...

Um a cada cinco minutos, segundo as estatísticas nacionais.

– É por isso que você cobria as saídas dela?

– Sim.

– Nicole saía nos bares do bairro?

– Era o que ela me dizia.

– Ela tinha novos amigos?

– Provavelmente...

Fletcher anuiu na brisa do entardecer.

– Encontraram uma carteirinha de videolocadora em seu nome no colete dela.

– Sim: eu emprestava para ela quando queria ver filmes.

– Era o caso ontem à noite?

– Não sei. Nicole tinha as chaves e ia lá quando queria. Eu não lhe fazia perguntas. Mal nos cruzávamos de manhã, isso quando ela não dormia em outro lugar...

– Isso aconteceu?

– Sim, uma vez, esta semana... Quarta-feira. Isso: quarta – repetiu ela. Acordei de manhã e não havia ninguém no sofá.

– Nicole não lhe contou onde tinha dormido?

– Não... eu apenas disse para ela que aquilo não podia continuar daquele jeito. Que acabaríamos rodando com nossos pais... Mesmo assim, cedi para o sábado. Como uma idiota...

Recordações de infância subiam-lhe à garganta; bonecas estilizadas por elas, gargalhadas, confidências... Judith tentou reprimir seus soluços mas foi submersa. Mais uma vez cobriu o rosto com as mãos.

A tarde caía suavemente sobre o oceano. Fletcher olhou seu relógio: Claire ia sair dali a menos de uma hora.

A dois passos dali, com a cabeleira maltratada pelo vento, o playboy de madeira ainda não tivera um gesto de reconforto para sua namorada. Dan apertou o ombro da garota em pranto antes de sair rumo ao hospital.

*

A partir de amanhã (daqui a pouco), é a corrida rumo a ti. Uma corrida lenta, como gostamos delas de charrete... Qual é o gosto do teu sexo? Sabia que ele muda com as estações, a inclinação do sol, o humor da lua? Tua boca continua sendo a virtuose do “orgasmo agônico”? Ainda serei o peixe-piloto que corre na frente? Penso nisso, logo já estou – imaginando, de longe, a delícia da imersão... Intensamente contigo, meu amor!

Claire releu pela décima segunda vez o bilhete que Dan colocou junto com as flores. Guardou-o e deu as rosas para a enfermeira xhosa que, havia três noites, a mimava.

Aos trinta anos, desconfiamos de nossas escolhas, em sua maioria definitivas, do casamento, dos acidentes de carro, não do câncer – um câncer na mama, que se declarou três meses antes, com metástases aos quilos. O chão desmoronava. Dan só via ali um abismo, mas Claire parecia suportar a quimioterapia e a perda de seus cabelos. A última série de exames fora globalmente positiva: agora era acompanhar a evolução... As crianças, é claro, não sabiam de nada: Tom, quatro anos e meio, acreditava piamente que sua mãe tinha “capturado o outono”, seus cabelos logo voltariam a crescer, Eve simplesmente não tinha notado nada...

Dan pegou sua mulher no saguão do Sommerset Hospital. Claire vestia uma boina preta sobre seu crânio raspado e uma saia curta que deixava à mostra seus joelhos emagrecidos: sorriu ao vê-lo atravessar a multidão, tomou-o pelos ombros e lhe deu um amasso na frente da recepção... Beijar, transar a infelicidade, eram suas palavras de anjo caído: a doença não teria sua pele – era caça exclusiva dele.

As pessoas passavam diante deles, que não acabavam nunca de se reencontrar.

– Faz tempo que está esperando? – sussurrou no ouvido dela.

– Vinte e seis anos daqui a dois meses – respondeu Claire.

Dan se soltou de seu enlace amoroso:

– Então vamos dar o fora...

Pegou sua mão frágil, sua bolsa de viagem, e levou-a para a saída. O ar do estacionamento era novo de repente, o céu quase tão luminoso quanto seus olhos azuis de andorinha.

– As crianças te esperam para uma festinha – anunciou Dan. – A casa tá uma bagunça, não tive tempo de arrumar, mas a babá está cuidando dos doces.

– Ótimo!

– Disse pra elas que não chegaríamos antes das oito – acrescentou ele como quem não quer nada.

Não eram nem seis e quinze...

– Está me levando para onde, Casanova?

– Para Llandudno.

Claire sorriu. Eles conheciam uma prainha na costa da península, um lugar tranquilo onde se podia ficar nu sem correr o risco de maus encontros. Ela se apoiou contra ele, viu seu carro de serviço no estacionamento.

– Você está de serviço?

– Sim... péssima hora, sei... Uma garota encontrada esta manhã, em Kirstenbosch.

– A filha do jogador de rugby?

– Está sabendo?

– Estavam falando no rádio, agora há pouco... Os rapazes vêm jantar?

Referia-se a Ali e Brian, seus preciosos amigos, e ao pequeno ritual que consistia em convidá-los para ir na casa deles, para se desculpar dos horários flexíveis, do stress e do trabalho de cão que os aguardava.

– Pensamos em amanhã à noite. Se estiver se sentindo bem, é claro – apressou-se a acrescentar.

– Já falamos disso – disse Claire como se se tratasse de uma questão resolvida. – Não vamos mudar nada, ok?

Ela queria ser tratada como uma convalescente, não como uma doente. Ali e Brian pensavam da mesma forma. Dan a beijou de novo.

– Encontrou o que lhe pedi? – perguntou ela entrando no carro.

– Sim, está no banco de trás.

Claire se esticou para alcançar o banco e colocou a caixa de chapéu sobre os joelhos.

– Feche os olhos – disse ela.

– Já estão.

Claire olhou-o com o canto dos olhos, tirou rapidamente sua boina, pegou a peruca dentro da caixa e ajustou-a olhando-se no retrovisor: um quadrado curto, loiro platina, com duas mechas *sixties* que caíam abaixo de suas orelhas... Hum, até que não estava tão mal... Deu um tapinha no braço de seu marido:

– O que acha de mim em acrílico?

Dan fremiu involuntariamente; um sorriso ávido e cruel flutuava sobre os lábios dela, um sorriso de boneca maltratada, e aqueles olhos azuis onde brilhava sua própria morte...

– Soberba – disse ele dando a partida.

Tinham duas horas só para eles: ou seja, a vida inteira.

Os jornais da noite abriam suas edições com o assassinato de Nicole Wiese. Seu pai tinha sido campeão do mundo logo depois das primeiras eleições democráticas, Mandela vestiu a camisa dos Springboks e escutou o novo hino sul-africano apertando a mão do capitão do time, Pienaar, um africânder. Naquele dia, o segunda-linha Stewart Wiese se tornou um dos embaixadores da nova África do Sul – e pouco importava se os invencíveis All Blacks tinham pego uma gastroenterite na véspera da final.

No coração da tormenta, Stewart Wiese anunciou que daria uma entrevista coletiva, o que, num país entregue à violência e ao crime, não augurava nada de bom; as cifras seriam evocadas, mais de cinquenta assassinatos por dia, as insuficiências da polícia, incapaz de proteger seus concidadãos, antes de glosar sobre a pertinência do restabelecimento da pena de morte...

A noite caía na township. Ali desligou o rádio e serviu a janta na cozinha. Preparou um prato de lentilha ao coentro e um coquetel de suco de frutas. Dopada com os remédios, sua mãe tinha dormido uma parte da tarde, mas parecia agora recuperada: a agressão daquela manhã? Que agressão? Josephina afirmava estar se sentindo ótima, por pouco não diria nunca ter se sentido tão bem em toda sua vida. Ele, em contrapartida, embora continuasse sempre tão bonito, forte, etc. tinha uma expressão de cansaço... A mesma história de sempre.

Neuman não falou nada de seu dia, daquilo que viu: colocou os chocolates preferidos dela na mesa da cozinha, era seu único prazer, e um beijo em sua testa antes de sair, jurando-lhe que sim, sim, um dia lhe apresentaria sua “namorada”...

Simulacros.

Sem iluminação pública, fragmentadas numa miríade de microterritórios, as townships eram particularmente perigosas à noite. Marenberg não escapava da regra; os Rastafari¹⁴ tinham organizado marchas contra o crime e a droga, mas os bandos organizados continuavam a fazer a lei: até as escolas de Bonteheuwel foram fechadas por decreto das gangues, e as autoridades tinham reconhecido sua impotência para garantir a segurança dos alunos. Em Marenberg, três quartos deles consumiam drogas e gravitavam ao redor dos tsotsis...

Neuman estacionou o carro na frente da casa de Maia, uma das raras construções em alvenaria do bairro. Aviões piscavam no céu malva. Lançou

um olhar para as ruas de terra que desapareciam na escuridão e fechou a porta do carro. Um raio de luz saía por uma espécie de claraboia de seu quarto; bateu suavemente na porta, para não assustá-la – quatro vezes, era um dos códigos. Passos leves se aproximaram.

Maia sorriu ao vê-lo, seu semideus talhado na noite.

– Esperei-o o dia inteiro – disse ela sem rancor.

A mestiça vestia apenas um baby-doll de reflexos prateados e as pantufas que ele havia comprado para ela. Beijou a mão do zulu e o puxou para dentro. A decoração da salinha tinha mudado desde a semana anterior: Maia tinha arrancado os pedaços de papel de parede de diversas cores e exposto quadros em seu lugar, os dela, que pintava em tábuas e madeiras que encontrava. Estava feliz em vê-lo, mas calou-se – código número quatro. Ali estabeleceu uma lista para eles. Bastava lembrar.

Levou-o até o quarto sem pronunciar uma palavra, acendeu a vela perto do colchão e deitou de bruços. Suas coxas douradas emitiam reflexos no claro-escuro do quarto, aquelas pernas de que ele conhecia cada músculo, cada detalhe por tê-las percorrido mil vezes. Maia fechou os olhos e se deixou contemplar, os braços afastados do corpo, como se fosse sair voando. Um cachorro latiu lá fora.

Outro avião passou. A parafina escorreu sobre o pedaço de tapete. Esculpida na espera, Maia mantinha-se imóvel, olhos fechados, como morta. Finalmente, ele passou a mão em seus cabelos cuidadosamente trançados e, suavemente, acariciou a curva de sua nuca. Ela sorriu sem precisar abrir os olhos:

– Reconheceria sua mão a três metros...

Ela era quente e suave como seus lábios. Ele acariciou seus ombros, suas costas, ligeiramente rugosas... Uma, duas, três... contou cinco cicatrizes. Maia se retorcia gemendo. Talvez simulasse... Pouco importava. Ele levantou o baby-doll, descobriu seus quadris, o arredondado de suas nádegas que ela estendeu para ele, em oferenda. Ali não pensava: a ponta de seus dedos fazia rastros de pólvora sobre seu corpo sacudido, um fio invisível que lhe arrancava mil pequenos miados de gozo...

Levantou a cabeça e, à luz da vela, viu as fotos penduradas nas paredes; fotos de revistas que Maia tinha colocado ali para alegrar o quarto, ou agradá-lo, mulheres em terninhos chiques ou de biquíni, mulheres de anúncios publicitários em paisagens paradisíacas de praias e de atóis isolados, pobres fotos meio amassadas. Algumas, recolhidas na rua, tinham

pego umidade, eram como dejetos... Em matéria de piedade, uma forte vontade de vomitar.

Neuman foi embora sem sequer olhar para seus quadros, deixando um punhado de notas em cima da geladeira.

*

O Jardim Botânico estava vazio àquela hora, a aurora era ainda uma lembrança. Neuman caminhou sobre o gramado cortado à inglesa, sapatos na mão. A grama era tenra e fresca debaixo de seus pés. As folhagens das acácias fremiavam na escuridão. Neuman arregaçou as mangas de seu casaco e se ajoelhou perto das flores.

“Wilde Iris (*Dietes grandiflora*)”, dizia a plaquinha. As fitas de isolamento da polícia ainda estavam ali, batendo sob a brisa...

A bolsa de Nicole não foi encontrada. O assassino a levou. Por quê? Dinheiro? O que uma estudante podia ter em sua bolsa? Ergueu os olhos para as nuvens apressadas que corriam sob a luz. O pressentimento continuava ali, onipresente, comprimindo seu peito.

Ali não dormiria. Nem aquela noite nem na seguinte. Os comprimidos não faziam efeito, além daquele gosto de massa mole na boca; insônias crônicas, desespero, fenômenos compensatórios, desespero, seu cérebro rodava em círculos. Não apenas desde aquela manhã. Os passeios ao longo do cabo da Boa Esperança também não adiantavam. Havia aquele monstro frio no fundo dele, aquela besta impossível de extirpar; podia lutar, negar, fazer com que cada manhã fosse a primeira em vez da última, travava uma guerra perdida de antemão. Maia: pífia fachada... Lágrimas subiram a seus olhos. Podia inventar lugares de vida, códigos eróticos, listas de atrações passionais como tantos amores fantasmas, o cimento não colava. Suas máscaras caíam numa chuva de gesso, logo, divisórias de império que arrastariam tudo em sua queda, cenários velhos demais jogados no lixo. A realidade explodiria um dia: ela o agarraria pelo pescoço e o faria morder o pó, como no jardim de sua infância. Sua pele de zulu estava por um fio: podia camuflar a realidade o quanto quisesse, traçar planos, dar nomes às linhas femininas, recaía sempre, motor fundido, na mesma terra de ninguém. Uma terra sem homem – sem homem digno desse nome.

Neuman não era mais um homem. Nunca tinha sido.

Maia podia se retorcer sobre o colchão, fissurar os átomos do desejo que os separava, o sexo de Ali estava morto: e Ali morto com ele.

6

Ruby tinha uma confiança limitada no ser humano: nenhuma no homem. Seu pai tinha partido de uma hora para outra, sem deixar endereço, abandonando mulher e filhos.

Ruby, a caçula, tinha treze anos na época. Nenhuma explicação. Seu pai deixou apenas vazio. Simplesmente refez sua vida alhures, com outras pessoas.

Os anos tinham passado, mas Ruby não tentou encontrar seu rastro. Sua irmã ficou anoréxica, seu irmão, um divorciado convicto após dois casamentos tão patéticos quanto precipitados, e sua mãe permaneceu como viúva: aquele desgraçado estragou a existência deles, podia morrer incógnito.

A falta afetiva que os roía transformou-se em raiva. Ruby adorava seu pai. Acreditou em tudo. No que ele disse, a deixou esperar, quando a colocava sobre os joelhos e fazia truques com cartas ou tirava o tarô para ela – “No futuro, você será uma grande repórter!” Ele parecia tão orgulhoso dela, tão seguro de si, do tempo que jogava a favor deles... Ruby não desconfiou de nada: seu pai, todos os homens do mundo eram traidores. Principalmente Brian. Brian Epkeen, o amor com que jamais ousou sonhar, seu príncipe amassado que ela recolhia nas sarjetas, com o rosto tumeficado, Brian, que ela limpou, tratou, recolocou de pé, o desgraçado tinha estragado tudo. Ruby tinha lhe dado tudo, seu amor, seu sexo, seu tempo: ele não pegou nada.

Fazia seis anos que tinham se separado. Desde então, ela colecionou fogos de palha, mas nunca se resignou a envelhecer sem amor. Impossível. O amor era sua droga, sua dependência desejada, o luto de seu pai que ela nunca faria. Felizmente, hoje havia Rick.

Cinquenta e três anos, um físico ainda agradável, Rick Van der Verskuizen tinha o consultório odontológico mais chique da cidade, uma propriedade no meio das vinhas onde ela acabava de se instalar, e filhos suficientemente crescidos para os deixarem em paz. Um homem atencioso que oferecia perspectivas, uma rede de conhecidos, um futuro, alguém que

não voltava a qualquer hora para casa em estados de choque assustadores, doido de adrenalina ou de *speed*, e que, debaixo de seus discursos igualitários se fazia pagar em serviços sexuais...

To bring you my love
To bring you my love
To bring you my love

Ruby perambulava pelo quarto, o som a todo volume. Ainda não tinha se maquiado, mal se vestira, ia da cama para o banheiro cantando a plenos pulmões.

Seu selo de discos não resistiu à era do download; doze anos de paixão, de trabalho obstinado, de riscos assumidos e loucuras noturnas virados em fumaça. Fechou o selo, com a morte na alma. Poderia ter trocado de profissão, como a maioria dos artistas que produziu, mas Ruby não sabia nada das outras profissões, e, sobretudo, não queria saber.

Essa maneira de pensar não a tinha ajudado a encontrar um emprego. Nenhuma grande gravadora queria trabalhar com aquela excitada, os outros tinham-na visto demasiadas vezes dura de bêbada, pendurada no pescoço de qualquer um, tomando qualquer coisa. Três anos de roubadas, parecia que nunca ia sair daquela, mas uma nova vida se anunciava desde que havia descolado aquele trabalho de assistente de produção; acabaram-se os *castings* para *reality shows* ou as fotos para revistas da moda que pagavam em roupas, a valsa degradante dos sorrisos para o banqueiro por conta dos cheques sem fundo, os contratos temporários e o desemprego. Ela teria novamente uma atividade social reconhecida, um pouco de dinheiro, de autonomia... Claro, não era o emprego de seus sonhos. Rick mexeu seus pauzinhos. Ela que nunca contou com ninguém, teve que sorrir para certas pessoas. Calar sua boca de adepta do vinil. Engolir seus quarenta e dois anos e fazer como se vivesse pela primeira vez. Pouco importava: aquele emprego a tirou da merda e Ruby não tinha muita escolha. Quarenta e dois anos: logo ela deixaria o cabo da fecundidade. Mais alguns anos, pensava ela, e acabaria o traseiro deslumbrante rebolado na hipnose, as promessas de longínquos alhures, as fodas implacáveis no altar dos blá-blá-blás. O que seria dela se Rick também a largasse?

Seu celular tocou em cima da cômoda. Ruby baixou o volume do CD e encostou o telefone no ouvido enquanto fechava o zíper do vestido.

– Oi.

– Porra – grunhiu ela.

– Sim, sou eu.

Brian. Breve silêncio no caos das ondas.

– Está me atrapalhando, o que quer?

– Foi você que mandou o David vasculhar meus bolsos?

– Não tenho nada a lhe dizer – replicou ela.

– Confesse.

– Já disse para ir se foder.

– Pelo jeito, David também – insinuou ele. – O que aconteceu com os pais da Marjorie? Parece que ele teve que sair de lá, que está procurando um apartamento...

– Não estou sabendo de nada.

– Pelo que conheço dele, deve ter fumado baseado na sala dos velhos...

– Você não conhece seu filho, Brian. Só se interessa pelo seu pau. Não é de espantar que ele não o engula.

– Está exagerando.

– Garanto que não.

Ele riu para disfarçar seu constrangimento, mas a voz de Ruby era dura como ébano.

– David disse que você estava morando com seu novo namorado...

– Você não tem nada com isso.

– Talvez pudéssemos pagar juntos a caução do apartamento – continuou Brian. – Meio a meio: pode ser?

– Não.

– Teu dentista é cheio da grana, você podia fazer um esforço.

– Não cabe a ele pagar pelo teu filho.

– Ele é um pouco teu filho também.

– Rick não tem nada a ver com nossas histórias. Deixe-nos em paz.

– Desde quando se interessa por dentes?

– Desde que não vejo mais os seus.

– Ha ha!

Forçou-se a rir, aquilo estava ficando difícil.

– Você nunca me fez rir, Brian – disse ela, glacial. – Nunca. Agora me deixe em paz, ok?!

Ruby jogou seu celular na cama, girou o botão do volume e foi se maquiar no banheiro, com a música no máximo. Rímel leve, pintura nas

pálpebras... Sua mão tremia levemente diante do espelho. Brian. Ela se maldisse no espelho... Brian a enganou, como seu pai. Ruby o detestava por isso: mortalmente. Achava que aquilo ia passar, mas não passava.

As guitarras que urravam no quarto cessaram de repente.

– Que música de selvagem é essa?

P. J. Harvey: um metro e cinquenta e cinco de explosivo, uma voz de sílex e riffs de explodir a Terra. Rick apareceu na porta entreaberta, com os cabelos ainda molhados de seu banho de piscina. Vestia uma saída de banho em tecido atoalhado e usava um relógio em forma de televisão. Ruby estava terminando de se maquiar. Ele passou a mão em sua bunda abundante.

– Está de saída?

– Sim – respondeu ela –, já estou atrasada.

– Pena...

Ruby sentiu a ereção dele em suas costas, mais dura à medida que se agarrava nela. Rick sorria com seus trinta e dois dentes impecáveis no espelho do banheiro; deslizou a mão por baixo de seu vestido, contornou a calcinha e mergulhou em seu púbis.

– Teremos que ser rápidos – soprou em seu ouvido.

– Não tenho tempo – disse ela.

– Dois minutos – insistiu ele, respirando mais forte.

– Vou me atrasar...

– Sim... vai ser bom...

– Rick...

Ela se retorcia para escapar numa boa, mas ele a segurava firme. Rick estava esmagando seu clitóris; ergueu seu vestido e enfiou seu sexo entre suas nádegas.

– Rick... Não, Rick...

Mas ele baixou sua calcinha.

Era um belo dia de verão, os insetos viravolteavam no jardim sombreado, perseguidos por pássaros de corrida. Ruby saiu pelo terraço, com a bolsa embaixo do braço – ia acabar chegando atrasada... Rick ajeitou seu roupão e empunhou o jornal jogado na espreguiçadeira.

– Até mais tarde, querida!

– Ligo pra você depois do *briefing*!

– Ok!

Ela sorriu para mascarar seu constrangimento. Ele a tinha machucado...

O cão bulmastife que guardava a propriedade veio esmolar uma carícia, mas logo recuou. Ruby subiu a bordo do coupé BMW estacionado no pátio, evitou seu olhar perturbado no retrovisor, por pouco não atropelou o cachorro que latia sob as rodas e atravessou o caminho das vinhas, Polly Jean no último volume para esmagar suas lágrimas.

*

Tão chique quanto sua irmã Clifton, Camps Bay tinha vista para o Atlântico e os contrafortes da Table Mountain, que a protegia dos ventos polares. Algumas nuvens vaporosas nos topos, cargueiros apontando no horizonte azul celeste, as palmeiras indolentes ao longo de Victoria Road, o bairro afastado exalava um perfume de eldorado em cruzeiro.

– Está com uma cara... – observou o barman.

Epkeen estava tomando um café e olhando para o mar. Tinha acabado de falar com Ruby e hesitava entre rir ou chorar...

– Traga mais um expresso em vez de bancar o babaca.

O terraço do Café Caprice estava quase vazio àquela hora. Tatuados de corpos esculpidos, carrões conversíveis, loiraças e cocotas às pencas, óculos solares de lente plana, os jovens na moda de Camps Bay não desfiliavam antes das onze horas.

– Um doce? – propôs o barman, limpando a mesa vizinha.

– Não.

– Se quiser, tenho excelentes salsi...

– Não, já disse!

Brian detestava os *boerewors*, aqueles salsichões com gosto de pé sujo que o faziam comer, de manhã, sob o pretexto de que ele era um africânder. Fechou o *Cape Times* e suspirou no azul; Stewart Wiese tinha lançado um comunicado à imprensa particularmente virulento contra a política de segurança do país, especialmente sua polícia, julgada incapaz de controlar os assassinatos e estupros de que sua filha acabava de ser a enésima vítima, a gota d'água – declaração logo retomada pela mídia nacional... Brian fez o tour dos barmen que trabalhavam ao longo da Victoria Road com a foto da estudante, mas nenhum deles se lembrava de tê-la visto recentemente, o que corroborava o testemunho de Judith Botha. Dando seguimento ao trabalho de Fletcher, ele interrogou Ben Durandt. “Ótimo para dirigir um conversível”: o único namorado (conhecido) de Nicole se encaixava

perfeitamente no quadro descrito por sua amiga Judith... Pagou a conta e, com o espírito vagamente apaziguado pelo barulho do mar, subiu a pequena orla que levava à casa dos Wiese.

Apesar dos problemas de segurança e da disputa imobiliária, Camps Bay permanecia o bairro mais chique de Cape Town, uma estação balneária residencial preservada por Chapman's Speak, uma das mais belas estradas do mundo, cujo acesso agora era pago. Aqui, os negros eram manobristas ou auxiliares de cozinha. Era preciso descer até Hout Bay para ver as primeiras townships, quando muito ilhotas de barracos que vinham se enxertar ao redor dos vilarejos da costa.

O medo do criminoso tinha substituído o medo do negro para a maior parte dos brancos bem de vida, fechados em seus *laager*¹⁵: resposta armada, acesso vigiado por vídeo, muralhas cobertas com arame farpado e cercas eletrificadas, a casa onde Nicole cresceu contava com o equipamento mínimo para uma residência daquele nível.

O terraço em deque dominava a mansão de um cineasta ausente metade do ano; Epkeen fumou um cigarro na rampa, apreciando a vista da baía. A empregada da casa, uma xhosa de outras eras que falava o *pidgin*¹⁶, pediu para ele esperar perto da piscina: Stewart Wiese conversava na sala vizinha com o responsável pelas pompas fúnebres.

O ex-Springbok entrou no ramo do vinho e participava de várias das melhores sociedades locais. Epkeen se inclinou para a porta de vidro que dava pro escritório do térreo: viu troféus nas estantes, bandeiras de times, a bandeira do Partido Nacional, havia pouco ainda majoritário na província do Western Cape¹⁷.

Um passo pesado fez então com que as tábuas do terraço se curvassem.

Brian tinha esquecido seu rosto, mas o reconheceu imediatamente: Stewart Wiese era um bloco de dois metros de altura com a cabeça amassada, as orelhas esmagadas por milhares de pancadas e os olhos cinza aço ainda vermelhos de lágrimas.

– É você o encarregado da investigação? – perguntou ao tira de calça cargo preta que acabava de chegar.

– Tenente Epkeen – disse ele, perdendo sua mão na do colosso.

Maltratado pela noite de sábado, tinha deixado seu terno na lavanderia. Wiese fez uma careta de dúvida diante de sua camiseta. Suas duas filhas pequenas, de quatro e seis anos, tinham ido para a casa dos avós até os

funerais da irmã, sua mulher dormia no quarto, sob sedativos, incapaz de suportar a mínima conversa. Ele expediu o resto como uma formalidade: Nicole estava no primeiro ano do curso de direito na faculdade de Observatory, para se formar em direito era preciso trabalhar, não passar o tempo saindo, as ruas não eram seguras, os clientes do restaurante mais chique da cidade tinham sido roubados por um bando armado na semana anterior, em pleno sábado à noite, os jovens brancos eram uma população ameaçada, razão pela qual ele vigiava as saídas de Nicole e suas relações. Nunca desconfiou de Judith Botha, de sua lealdade. Ele e sua mulher não compreendiam o que podia ter acontecido: estava acima de suas forças.

Epkeen compreendia o humor belicoso do pai de família – a morte de um punheteiro como David o aniquilaria – mas alguma coisa o incomodava no agenciamento de seus argumentos...

– Há algum tempo sua filha não era mais vista nos bares de Camps Bay – começou ele. – Nicole lhe falou de um novo lugar onde gostava de sair?

– Minha filha não costuma andar em bares – disse Wiese fixando-o.

– Justamente: podem tê-la arrastado, feito com que bebesse...

– Somos adventistas – garantiu Wiese.

– O senhor é também um ex-esportista de alto nível: entre as turnês e os treinamentos, imagino que não tenha podido acompanhar muito o crescimento de sua filha.

– Eu a tive jovem, é verdade – concedeu ele –, e estava muito envolvido no esporte, mas desde que me aposentei como jogador tivemos tempo de nos conhecer.

– Sua filha tinha, portanto, uma relação mais intensa com a mãe – prosseguiu Epkeen.

– Falava mais com ela do que comigo.

Aquilo não parecia muito difícil.

– Nicole saiu várias vezes semana passada...

– Repito: pensávamos que estivesse estudando com Judith.

– Se Nicole precisava de um álibi para sair, é porque conhecia de antemão sua reação, não?

– Que reação?

– Imagine, por exemplo, que ela tivesse encontrado jovens de outro meio social, *coloured*¹⁸, ou mesmo negros...

Stewart Wiese retomou seu ar de zagueiro de rugby antes de entrar num quebra-quebra:

– Veio aqui para me chamar de racista ou para encontrar o filho da puta que matou minha filha?

– Nicole teve uma relação sexual na noite do assassinato – disse Epkeen. – Estou tentando descobrir com quem.

– Minha filha foi estuprada e assassinada.

– Não sabemos nada por enquanto... – Epkeen acendeu outro cigarro. – Lamento entrar nos detalhes, senhor Wiese, mas acontece de a vagina de uma mulher se lubrificar para se proteger de violências sexuais sofridas. Isso não significa que tenha consentido.

– Impossível.

– Pode-se saber por quê?

– Minha filha era virgem.

– Ouvei falar de um certo Durandt...

– Era apenas um flerte. Falei disso com minha mulher esta noite. Nicole não gostava dele. Ao menos, não o suficiente para tomar a pílula.

Havia outros meios contraceptivos, sobretudo com a AIDS que devastava o país, mas aquela ladeira parecia escorregadia e Durandt confirmou que nunca tinham transado.

– Nicole nunca contou nada para sua esposa?

– Não sobre esse assunto.

– Sobre algum outro em particular?

– Somos uma família unida, tenente. Aonde está querendo chegar?

Seus olhos soltavam faíscas ao sol.

– Encontramos uma carteirinha de videolocadora no colete de Nicole – disse Epkeen. – Segundo os registros, vários filmes pornográficos foram alugados nas últimas semanas.

– Pelo que sei, essa carteirinha estava no nome de Judith Botha! – irritou-se o africânder.

– Nicole a utilizava.

– É o que Judith lhe disse?!

– Não foi ela que a colocou no colete de Nicole.

O colosso estava visivelmente incomodado: não estava gostando do tom daquela conversa nem do tira que viera interrogá-lo.

– Isso não quer dizer que era minha filha quem alugava esse tipo de filmes – afirmou. – O que está insinuando é simplesmente odioso!

– Conversei com Judith no telefone agora há pouco: ela afirma nunca ter alugado filmes pornô.

– Está mentindo! – latiu Wiese. – Como sempre mentiu, para Nils Botha e para mim!

Epkeen balançou a cabeça como se concordasse – verificaria aquilo com os funcionários da videolocadora...

– Sua filha tinha um diário ou alguma coisa do tipo?

– Não que eu saiba.

– Posso ver seu quarto?

Wiese tinha cruzado os braços, dois troncos, como se estivesse montando guarda.

– Por aqui – disse empurrando a porta de vidro.

Os cômodos da casa eram amplos, bem iluminados. Subiram até o primeiro andar. Wiese passou sem barulho diante do quarto onde sua mulher chocava seu infortúnio e apontou para a porta no final do corredor. O quarto de Nicole era o de uma pós-adolescente estudiosa: algumas fotos de estrelas do cinema sobre a escrivaninha, computador, material de música, uma série de fotos com sua amiga Judith na época da escola, rindo e fazendo macaquices, uma cama com edredom cuidadosamente arrumada, estantes cheias de livros, *A Long Way to Freedom*, a autobiografia de Mandela, alguns policiais sul-africanos e americanos, caixas, porta-velas, bibelôs... Epkeen abriu a gaveta da mesa de cabeceira, encontrou um monte

de cartas, percorreu-as. Cartas de adolescente, que falavam de sonhos e de amor no amanhã. Nenhum nome citado além do de um certo Ben (Durandt), descrito como superficial e mais interessado nos grandes prêmios de Fórmula 1 do que nos movimentos de uma alma gêmea. A garota encontrou outra pessoa. Alguém que escondeu de todo mundo...

O pai de Nicole mantinha-se no vão da porta, vigia silencioso. Fora a blusa no encosto de uma cadeira, tudo estava cuidadosamente arrumado. O banheiro também estava em ordem, com as maquiagens e os produtos de beleza empilhados na frente do espelho. Epkeen revistou a farmacinha: algodão, antisséptico, remédios diversos. Abriu as caixinhas de artesanato africano na prateleira, as gavetas da cômoda, o armário de sapatos... só descobriu roupas de luxo de bolsos vazios ou acessórios de mulher de utilidade enigmática. Nada também debaixo do colchão, do travesseiro, das almofadas. Nicole não tinha nenhum diário escrito. Ligou o computador da escrivaninha, abriu os ícones...

– Está procurando o quê? – perguntou o pai às suas costas.

– Uma pista, imagine só.

Epkeen explorou a caixa de mensagens, os e-mails enviados, recebidos, anotou os nomes, os endereços, não encontrou nada de preciso. A vida de Nicole se resumia a um nevoeiro. Esvaziou os pulmões, fechou os olhos para varrer o que viu, e os reabriu, como novos. Refletiu um pouco antes de se inclinar sobre a torre do computador: havia vestígios de dedos, marcados numa espessa camada de poeira.

Ajoelhou-se, pegou seu canivete suíço, desaparafusou o lado esquerdo da torre e tirou a lateral... Havia um saquinho plástico perto dos pentes de memória, e curiosos objetos enrolados dentro: bolinhas de gueixa, minivibrador USB com orelhas de coelho, preservativos, creme corporal comestível, anel vibrador com estimulador de clitóris, cápsulas afrodisíacas, spray anal lubrificante e anestésico, toda uma gama de *sex-toys* de última geração, cuidadosamente empacotados...

Debruçado sobre ele como uma árvore morta, o ex-rugbyman não reagiu logo de cara. Desviou o rosto e se virou para a piscina que emitia reflexos pela janela. Pudor inútil: os ombros do gigante começaram a tremelicar cada vez mais rápido...

Cape Town era a vitrine da África do Sul. Escaldado pelo assassinato de um conhecido historiador no ano anterior, escandalizado pela morte do cantor de reggae Lucky Duke, lenda viva engajada na luta contra o apartheid, abatido pelos criminosos na frente de seus filhos quando os levava à casa do tio deles, o First National Bank estava lançando uma vasta campanha midiática contra o crime, reunindo o setor privado e os principais partidos da oposição.

A passividade do governo face à insegurança crônica estava sendo claramente posta em questão: o argumento “crime = pobreza + desemprego” não resistia mais. Ao contrário do que anunciava o presidente, o crime não estava “sob controle”. Bastava ligar a televisão ou abrir o jornal para constatar a amplitude do flagelo. O número de homicídios talvez tivesse diminuído trinta por cento desde a chegada ao poder do ANC¹⁹, mas as estatísticas contabilizavam os crimes interétnicos que tinham precedido a tomada do poder, ou seja, milhares de vítimas que pertenciam a uma época passada. A questão agora era outra: como a primeira democracia da África podia ser o país mais perigoso do mundo?

Economicamente, o déficit era enorme – diziam que cento e vinte e cinco mil empregos seriam criados se houvesse uma redução de cinquenta por cento dos homicídios – e o país, que no momento da mundialização conhecia o maior crescimento de sua história, precisava de investidores estrangeiros. Ainda mais que a África do Sul estava se preparando para organizar o evento mais midiático do planeta, a Copa do Mundo de futebol, que ocorreria em 2010: quatro bilhões de telespectadores para os jogos das finais, um milhão de torcedores cuja segurança seria preciso garantir, reportagens, encontros, entrevistas... O mundo inteiro estaria com os olhos vidrados no país, e a África do Sul *não podia* oferecer uma imagem tão pavorosa. Quem tinha vontade de investir num país tido como o mais perigoso do mundo? Era preciso tranquilizar os financistas custasse o que custasse. O FNB tinha assim aplicado vinte e cinco milhões de rands sob forma de petição a fim de protestar contra a inação do governo e mobilizar a opinião diante do que acontecia com os próprios símbolos do país.

Não eram os pobres que atacavam os seguranças com bazucas, nem os desempregados que tinham assassinado o diretor do “Business Against Crime” no ano anterior: estava-se diante de uma onda de crimes organizados, de gangues, pequenas ou grandes, ligadas às máfias, bandos

com métodos sofisticados comparáveis aos dos bandos norte-americanos dos anos 30: corrupção da polícia, e mesmo colaboração, ineficácia da justiça, passividade do governo... Através da campanha anticrime, o setor privado não atacava a democracia, mas os homens que geriam o paiol: o ANC sobretudo.

Karl Krugë transpirava em seu banco de couro. Quilos demais ganhos naqueles últimos anos. Krugë dirigia a SAP de Cape Town desde as eleições de 1994: permanecer como o homem da transição democrática era sua ambição e seu dever. O superintendente se aposentaria em dois anos e mexia os pauzinhos para que Neuman o sucedesse: um jovem oficial zulu, chefe da polícia numa província xhosa onde os negros eram minoritários atestaria uma pequena revolução de palácio e seria um sinal forte num país que penava para manter suas promessas. Krugë conhecia Neuman, sua história, sua repulsa quase aristocrática pela corrupção que reinava em todos os níveis das administrações: seu sucessor no comando da SAP seria um negro ultracompetente, não um zulu incapaz... A midiaticização do assassinato não o ajudava muito.

– Leu os jornais?

– Alguns – respondeu Neuman.

– Todos dizem a mesma coisa.

– Todos estão nas mãos dos mesmos grupos de interesses.

– Não estamos aqui para discutir a concentração das mídias – replicou Krugë. – Toda essa gente bonita vai cair em cima de nós...

O escritório dava para a artéria de Long Street e o mercado africano. Neuman levantou os ombros:

– Não temo a tempestade.

– Eu sim: acabo de falar com o procurador geral no telefone. Precisam de um osso para roer, rápido. Stewart Wiese tem os braços longos e está fazendo mundos e fundos para ganhar a opinião para sua causa. Suas redes funcionam a toda, o público está sob o choque e você conhece o poder dos símbolos...

Neuman aquiesceu em seu terno preto. A FNB era também um dos principais patrocinadores dos Springboks, o que explicava a rapidez e a virulência da campanha midiática. Não era o menor dos paradoxos ver os bancos em guerra contra o crime quando esses mesmos bancos alimentavam os paraísos fiscais e a lavagem de dinheiro, mas Neuman sabia que este argumento não tinha peso na era da mundialização.

– Tenho um encontro daqui a pouco com o legista para os primeiros resultados da autópsia. Ao contrário do que Wiese afirmou em sua entrevista coletiva, não estamos certos de que sua filha tenha sido estuprada. Parece antes que ela tenha tentado se emancipar e fugir da educação, digamos, meticulosa, de seu meio social. Nicole saía escondida de seus pais e dormia fora eventualmente. Procuramos o suspeito: um rapaz com quem ela estava saindo havia pouco... Coloquei Epkeen e Fletcher no caso.

– Fletcher é brilhante – concedeu seu superior –, mas Epkeen...

– É o meu melhor detetive.

– Raramente é visto antes das onze horas – observou Krugë.

– Raramente depois também – ironizou Neuman.

– Não gosto desse tipo de elétrons livres.

– Ele tem algo meio centrífugo, mas confio totalmente nele.

– Eu não.

Epkeen estava “do outro lado” durante o apartheid, tivera problemas com a polícia e não entrou no serviço criminal para obedecer aos procedimentos: veio porque Neuman o procurou. Um dia, aquilo podia explodir.

Krugë suspirou massageando a tora que lhe servia de nuca.

– Você assumirá suas escolhas, capitão – concluiu. – Mas não quero terminar minha carreira com um fracasso. Encontre esse suspeito: e, sobretudo, o culpado.

Neuman foi embora.

Tembo o esperava no necrotério de Durham Road.

*

Epkeen nunca pensou em entrar na polícia, mesmo depois da eleição de Mandela. O encontro com Neuman mudou as coisas.

Como o líder do ANC, Ali se tornou advogado – para defender os direitos daqueles que então não os tinham – antes de entrar na SAP de Cape Town. A nova África do Sul tinha sede de justiça e Neuman conhecia Epkeen de reputação – poucos brancos se encarregavam de encontrar os rastros de militantes desaparecidos. Um tinha mudado de nome para escapar das milícias dos bantustões, o outro de um postulado histórico que tinha suas raízes no colonialismo. Neuman tinha fé em seu destino, soube se

mostrar convincente. Eram feitos da mesma madeira. Queriam o mesmo país. Pois, de resto, Epkeen era quase o contrário de Neuman: ambição zero, fanfarrão-mor, divorciado mil vezes – consigo mesmo e com o mundo que o viu crescer. Ali gostava de sua vitalidade, aquela maneira tão ingênua de desesperar, e sobretudo do impulso que o lançava para as mulheres, como se só existisse para ser amado... Debaixo de sua aparência indiferente, Brian era a corda sobre seu vazio, a última bala, o único homem com quem poderia falar.

Ali nunca o havia feito.

Desembarcaram na casa de Dan com flores para Claire.

O jovem casal morava em Kloof Nek, uma casinha na parte alta da cidade. Dan Fletcher partilhava seu ponto de vista sobre a sociedade sul-africana, os meios a serem utilizados para melhorá-la, e a natureza do laço que os unia. O infortúnio que atingiu sua mulher acabou de selar o pacto.

Claire recebeu-os no portão com um abraço e um sorriso corajoso.

– Tudo bem? – sorriu Ali.

– Melhor do que vocês, rapazes: estão com uma cara de enterro!

Sua silhueta se afinou, sua tez de pêssego empalideceu sob os raios, mas Claire continuava bonita. Sua peruca loira lhe caía bem. Eles se agarraram em seus braços, pediram notícias de sua saúde sem parar de fazer brincadeiras – gostavam-se em vida – e a acompanharam pela aleia. Dan esperava sob as malvas-rosa do caramanchão, submetendo-se ao ritual do churrasco no jardim; as crianças, muito excitadas, lhes deram as boas-vindas.

Jantaram todos juntos no terraço da casa, esquecendo que uma recaída pulverizaria suas existências.

A taça de pinot que Claire se permitiu deixou-a alegre. Brian abriu uma segunda garrafa.

– Estou saindo com uma garçonete agora – disse à guisa de explicação.

– Que interessante... Como ela é?

– Não faço ideia.

– Ora, vamos! – riu Claire. – Sabe ao menos o nome dela?!

– Puxa – arrebatou-se ele –, tenho dificuldade para lembrar até o meu!

Ela riu pra valer. Era essa a ideia.

– Enquanto isso – retomou a moça –, entre você e Ali, que nos esconde sua Dulcineia, continuo sendo a única garota na mesa.

– Sim – anuiu Brian –, Ruby reclamava da mesma coisa quando íamos a um restaurante.

Ali sorriu com ele, para fazer boa figura, mas as rachaduras de sua casamata viravam crateras. Nunca tinha apresentado Maia a seus amigos. Brancos nunca iam às townships: Ali a escolheu por isso. O que lhes diria, de qualquer modo? Que tinha recolhido aquela pobre garota na rua, como um saco de lixo rasgado pelos cachorros, que ela não sabia ler nem escrever, mal e mal pintar pedaços de madeira, que ele mantinha uma mulher para poder acariciá-la à vontade, para saciar suas pulsões de homem ou aquilo que restava delas, que Maia lhe servia de fachada, de cobertura social, de cartão postal? Nunca a apresentaria para eles: nunca.

Uma sombra passou no crepúsculo. Neuman se levantou para se desanuviar e ficou por um momento sob as árvores, até que aquilo passasse.

Brian o observava de longe, dizendo gracinhas para não estragar o clima, mas não se deixava enganar – Ali andava estranho nos últimos tempos...

No jardim, era a hora do gato – dois vira-latas tigrados que fingiam se entredevorar. As crianças tinham posto seus pijamas e os observavam relinchando de alegria; terminaram de tirar a mesa, marcando a hora de ir pra cama, mas os pequenos queriam mais.

– Tio Brian! Vamos fazer uma guerra?! Vamos, tio Brian!

– Não luto com gárgulas.

– Eu sou o Darth “Vador”! – macaqueou Tom, girando sua espadinha de plástico.

Eve, extática, também manjava de gesticulações.

– Deviam parar com o tricloroetileno – aconselhou-os Brian.

Os pequenos não entendiam metade do que ele falava, bastava o tom. Logo passaram de braço em braço antes de seguirem sua mãe até o primeiro andar. Súbito, o jardim estava calmo sob a noite. Dan acendeu mais luzes enquanto Neuman abria o dossiê Nicole. Logo esqueceram a suavidade da noite.

Nicole Wiese saíra pela tangente e dava para entender – aos dezoito anos, ela queria ver a vida, não sua embalagem, por mais dourada que fosse. Judith Botha lhe servia de cobertura e, eventualmente, lhe emprestava seu apartamento. A equipe científica passou um pente fino no apê, mas não encontrou outras impressões além daquelas das garotas e do jovem Deblink. A investigação na vizinhança não deu em nada, assim como a na

universidade de Observatory: Nicole só ia lá preencher os formulários, o que confirmava as informações de sua amiga Judith.

Epkeen fora atrás da pista dos *sex-toys*: não encontrando rastros da venda via internet em seu computador (Nicole não teria corrido o risco de receber aquilo em casa), correu os *sex-shops* da cidade e descobriu a loja onde ela os comprou – várias compras nas três últimas semanas. A vendedora interrogada usava um látex colante e tinha boa memória fisionômica: nenhum rapaz a acompanhou. Epkeen passou na videolocadora: *No teu cu, Orgias e sacanagens, Fist-Fucking in the Rain*, Nicole não alugou nenhum filme sábado, mas vários nas últimas semanas. O funcionário interrogado se lembrava da jovem estudante (pedira para ver sua carteira de identidade), mas ela estava sozinha...

Fletcher felizmente obteve mais resultados.

– Esquadrinhei o telefone e as contas de Nicole – disse, consultando sua caderneta de investigação. – Temos uma lista de números que, por enquanto, não deram em nada. Na questão dinheiro, Nicole tinha despesas regulares que cobriam bem seu estilo de vida, bastante modesto levando-se em conta a grana de sua família. As compras com cartão concernem a roupas nas lojas do centro, alguns materiais escolares, bebidas em diversos bares de Observatory. A última utilização do cartão data de quarta-feira à noite, no Sundance: sessenta rands.

– Um bar de estudantes – esclareceu Epkeen.

– Quarta – prosseguiu Fletcher. – A noite em que Nicole dormiu fora... Procurei nos hotéis da cidade, mas seu nome não figura em nenhum registro. De modo que não sabemos onde dormiu naquela noite, nem com quem, mas temos o rastro de um saque no dia do assassinato, às oito horas da noite: mil rands, no caixa automático de Muizenberg, na costa sul da península. Mil rands – continuou –, bastante dinheiro para uma garota de sua idade, ainda mais que ela costumava sacar sempre pequenas somas.

– Há tráfico no Sundance? – perguntou Neuman.

– Nem sequer cocaína – respondeu Dan.

– Estranho...

– Por quê?

– Nicole estava completamente drogada quando a mataram.

Tembo tinha acabado de lhe entregar o primeiro relatório de autópsia. Nicole Wiese morrera por volta da uma da manhã no Jardim Botânico, fora assassinada com golpes de martelo ou algum objeto similar – marreta, barra

de ferro: trinta e dois pontos de impacto, concentrados essencialmente no rosto e no crânio. Lesões, hematomas e fraturas múltiplas, entre as quais a do úmero direito e três dedos. Afundamento da caixa craniana. Nenhum fragmento de pele debaixo das unhas, nem de esperma na vagina. Contrariamente às declarações apressadas de seu pai, o estupro não foi confirmado – tampouco houve relação anal. Única certeza: a garota não era virgem no momento do crime. Encontraram também sal marinho em sua pele, grãos de areia em seus cabelos e estranhos arranhões em seu braço e em seu tórax, provocados por arame enferrujado. As marcas eram recentes.

– Pode ter se arranhado passando por cima de uma cerca – aventou Epkeen.

– O acesso ao Jardim Botânico é livre – respondeu Neuman.

Porém o mais surpreendente provinha das análises toxicológicas: o laboratório identificou a presença de uma mistura de plantas cuja absorção datava de alguns dias antes (análises em andamento), e sobretudo de um coquetel constituído de maconha, de uma base de metanfetamina e de outra substância química ainda não identificada...

– Metanfetamina – repetiu Epkeen.

– A base do tik – confirmou Neuman.

A nova droga que devastava a juventude de Cape Town.

– Segundo Tembo, o produto foi inalado pouco tempo antes do assassinato – prosseguiu Neuman. Nicole provavelmente estava doidona quando a agrediram. O assassino pode ter se servido da droga para abusar dela, ou levá-la ao Jardim Botânico sem que ela opusesse resistência...

A notícia os deixou perplexos por um momento. Fabricada a partir de efedrina, a metanfetamina podia ser fumada, inalada ou injetada na veia. Sob forma de cristais (*crystal meth*), o tik custava um sexto do preço da cocaína e tinha um efeito dez vezes mais forte. Fumar ou injetar metanfetamina produzia um flash rápido: estimulação física, ilusão de invencibilidade, sentimento de potência, controle de si, energia, volubilidade excessiva, euforia sexual... A médio prazo, os efeitos se invertiam: cansaço intenso, descoordenação dos movimentos, nervosismo incontrollável, paranoia, perturbações alucinatórias visuais e auditivas, feridas e irritação da epiderme, delírio (formigamento de insetos na pele), sono incoercível, náusea, vômitos, diarreia, visão embaçada, pasmaceira, dores no peito... Altamente viciante, o tik levava à depressão ou a psicoses próximas da esquizofrenia, com danos irreversíveis nas células do cérebro.

A paranoia podia ainda acarretar pensamentos assassinos ou suicidas e os sintomas psicóticos persistiam por meses após a cessação do uso...

Ou a garota era totalmente inconsciente, ou tinham-na enganado sobre a mercadoria.

– O namorado de Nicole ainda não se manifestou – disse Neuman. – Há, portanto, chances de que esteja ligado à droga. O tik se espalhou principalmente nas townships, muito menos na costa ou nos meios brancos... Tem alguma coisa estranha nessa história.

– Acha que ela pretendia comprar droga com o dinheiro sacado em Muizenberg?

– Não sei.

– O que dizem nossos informantes?

– Nada até agora. Se há um tráfico na costa ou uma nova droga no mercado, ninguém parece estar a par.

– Estranho.

– Talvez tenha relação com a substância não identificada – aventou Epkeen.

– É possível.

A metanfetamina era a base do tik, mas encontrava-se de tudo nele: efedrina, amoníaco, solvente industrial, ácido de bateria, ácido clorídrico...

Claire apareceu então no gramado. A noite estava fresca, as crianças já tinham dormido, e ela apertava seus braços nus como se fossem cair.

Os três homens se calaram, suspensos nos lábios dela.

– Posso?

Claire flutuava um pouco dentro de sua calça jeans, mas não tinha perdido nada de sua graça. Um pássaro do paraíso, atingido em pleno voo.

*

O bairro de Observatory abrigava uma parte da população estudantil, mas podia se resumir a um pedaço de rua, Lower Main Street, que concentrava bares e restaurantes alternativos. Neuman estacionou na frente de um *tex-mex* com uma grande placa luminosa e ziguezagueou entre os grupos de jovens que perambulavam nas calçadas.

Uma clientela mestiçada se espremia na frente do Sundance. Um xhosa gordo como uma morsa filtrava a entrada com ar preguiçoso. Neuman notou

a câmera de segurança acima do portão, e enfiou seu distintivo e a foto da garota no nariz do gorducho:

– Já viu essa garota?

– Hum... – Recuou para examinar. – Acho que sim.

– Você é fisionomista ou astrólogo?

– Bom...

– Nicole Wiese, a garota de que se fala nos jornais. Ela veio esta semana.

– Sim... sim.

A morsa procurou entre suas lembranças, mas parecia estar uma zona dentro daquela cabeça.

– Quarta-feira?

– Talvez, sim...

– Sábado também?

– HUUUUUM...

Estava ruminando.

– Sozinha ou acompanhada? – impacientou-se Neuman.

– Isso eu não sei dizer – disse a morsa, confessando sua impotência. – Tá tendo o festival, a partir da meia-noite a entrada é livre. Difícil saber quem está com quem...

Teria dito o mesmo dos conflitos no Oriente Médio. Neuman se virou para as palhoças sobre o muro.

– Que barman trabalhou aqui sábado à noite?

– Cissy – respondeu o porteiro. – Uma mestiça, com seios grandes.

Para aquilo ele era fisionomista... Neuman atravessou o jardim de areia onde jovens tomavam suas cervejas gritando como se estivessem na praia. O cabeludo que fazia saltar as tampinhas atrás do balcão do bar externo parecia tão bêbado quanto seus clientes.

– Onde está a Cissy?

– Lá dentro!

Seguindo o olhar injetado do espinhento, Neuman empurrou a porta de madeira que dava para a boate. O último Red Hot no talo, a sala lotada, a luz baixa sob os spots: cheiro de maconha, apesar dos diversos cartazes de proibido nas paredes, mas também um curioso cheiro de fogo... Neuman abriu caminho até o balcão. Uma clientela raramente excedendo os trinta anos fazia caretas metendo pra dentro copinhos de coquetel de cor suspeita, que terminariam geralmente nas privadas ou nas sarjetas, se conseguissem

chegar. Cissy, a garçonete, tinha a pele morena e o peito comprimido sob um *body* particularmente elástico secado por um bando de imberbes de pileque. Neuman se inclinou por cima dos guarda-chuvas dos coquetéis esverdeados que ela estava preparando:

– Já viu essa garota?

Pela careta de chiclete que lançou à foto, Cissy parecia mais preocupada com o decote de seu *body* do que com o derretimento dos gelos.

– Não sei.

– Olhe melhor.

A garçonete fez uma expressão de amuo que combinava com o cardume de peixes colado ao balcão.

– Talvez sim... Sim, esse rosto me diz alguma coisa.

– Nicole Wiese, uma estudante – precisou Neuman. – Não viu seu rosto nos jornais?

– Não.

Cissy não escutava o que ela própria dizia, pensava em seus coquetéis e nas piranhas que os esperavam.

– Eles não vão esfriar – disse Neuman, afastando os copos sobre o balcão. – Uma bela loira como essa não se esquece tão rápido: tente lembrar. – Ele pegou seu punho delicadamente, mas não o soltaria. – Nicole esteve aqui na noite de quarta – disse –, talvez sábado também...

A luz diminuiu.

– Sábado eu não sei – respondeu finalmente a garçonete –, mas vi ela na quarta. Sim: quarta. Ela conversou por um momento com a mulher que faz a performance...

As luzes se apagaram de uma vez, mergulhando a sala na escuridão. Neuman soltou o pulso da garçonete. Os olhares tinham convergido para o palco. Ele deixou o balcão e se aproximou. Fazia calor e o cheiro se tornava mais preciso: carvão. Brasas fumegavam no meio do palco, um tapete rubro que ele adivinhava entre as cabeças anônimas... Tambores fizeram o chão tremer. *Dum dum dum...* Uma fumacinha escapava da frente do palco, cada batida era pontuada por um flash deslumbrante dirigido ao público, mas Neuman estava em órbita: aqueles tambores, aqueles toques, aquele ritmo hipnótico saído do fundo das eras, era o *indlamu*, a dança de guerra zulu. Ali, por um instante, reviu seu pai dançando, sem armas, na poeira do KwaZulu... O ritmo se fez cada vez mais firme; os quatro negros que batiam nas peles começaram a cantar, e o palco se ergueu para não mais baixar. A

violência dos tambores, aquelas vozes graves e tristes que saíam da terra quando o combate se aproximava, a mão de seu pai sobre sua cabeça de criança quando ele partia para uma manifestação com seus estudantes, sua voz repetindo que ele era jovem demais para acompanhá-los, mas que um dia, sim, um dia, eles iriam juntos: sua mão quente e tranquilizadora, seu sorriso de pai já tão orgulhoso de seu filho, tudo voltava como um bumerangue lançado até os confins do universo.

Uma mulher apareceu, vestida com um *Kaross*²⁰ que descia até metade de suas coxas. Nave fumegante, perfumada de óleos e da pimenta das flores, ela começou a dançar ao som das batidas surdas. Sua pele luzia como olhos de gato à noite, *dum dum dum*, ela dançava no coração mesmo da besta, era a savana, a poeira zulu e a mata alta onde rondavam os *tokoloshe*, os espíritos dos ancestrais: Ali podia vê-los surgir das trevas a que a História os relegou, os membros da tribo, aqueles que ele amava e com quem perdeu o laço, aqueles que não pôde conhecer e que tinham sido mortos em seu lugar, todos os recauchutados de um povo morto no fundo dele. O barulho dos tambores fissurou sua casca, o ar estava saturado e ele permanecia plantado na frente do palco, como uma árvore à espera do raio.

As primeiras filas ficaram sem respirar quando a dançarina se lançou sobre as brasas. Seus pés descalços martelaram o tapete de brasa que queimava ali, saltavam, voltavam ao fogo no ritmo dos tambores e dos coros, dilacerando o espaço-tempo. Ela dançava com os olhos semicerrados, levava o joelho acima da cabeça, pisoteava o chão enquanto as brasas ejetadas faziam recuar as primeiras filas. Estética da cólera. No extremo do transe, havia apenas ela, um metro e oitenta de músculos sobre o grill, uma multidão magnetizada diante do palco e sua beleza fumegante sobre o caos.

Neuman teve um arrepio enquanto os outros aplaudiam – Deus do céu, de onde tinha saído aquele animal?

*

Zina usava um vestidinho carmim e, visivelmente, mais nada. O que ela mostrava bastava por si mesmo. Ali fora falar com ela em seu camarim, entre um saquinho de algodão e seus trajes de palco jogados sobre o sofá de algodão acetinado.

Um cheiro de fogo pairava no quarto. Finas tranças caíam sobre sua nuca, e duas mechas tingidas, cuidadosamente onduladas, sobre as maçãs de

seu rosto. As rugas em volta de seus olhos traíam seus quarenta anos, mas seu corpo esbelto era o de uma atleta. Seus traços também pareciam talhados na argila, um rosto duro e bonito onde latejava uma cólera difusa e uma nobreza quase arrogante: Zina mal olhou a foto que o policial lhe estendia, ocupada em passar *Intizi* na sola de seus pés, uma pomada tradicional à base de gordura animal que acalmaria as queimaduras...

– Sabe o que aconteceu com essa garota, não?

– É difícil evitar o bombardeio da mídia.

Máscaras, tubos de pintura, pigmentos, instrumentos de música, o camarim da dançarina era uma alegre zona. Viu suas peles de leopardo, os cacetes zulus encostados na parede e os escudos tradicionais com que o Inkatha²¹ desfilava...

– Conhecia Nicole Wiese?

– Se está aqui, imagino que tenha uma vaga ideia sobre a questão.

– Viram-nas juntas quarta à noite.

– Ah, é?

Sentada no banquinho da penteadeira, Zina continuava a massagear seus pés – andar sobre a brasa não é muito difícil, dançar é um pouco mais.

– É tudo o que pode me dizer? – prosseguiu Neuman.

– Estamos nos apresentando aqui durante o festival. Nicole veio falar comigo no bar, depois do show. Bebemos um copo. Foi isso.

– Nicole estava sozinha quando abordou você?

– Acho que sim. Não prestei atenção.

– O que ela lhe disse?

– Que eu era formidável.

– Isso lhe acontece com frequência?

Ela ergueu a cabeça e sorriu maldosamente:

– Você é um tira: não imagina a aura que temos no palco.

Ironia ou veneno, ela entendia daquilo. Ele a encarava, perplexo.

– Por que está me olhando desse jeito? – disse ela.

– Nicole não dormiu em casa aquela noite.

– Não sou a mãe dela.

– Ninguém sabe onde Nicole dormiu aquela noite. Sobre o que falou com ela?

– Do espetáculo, é claro.

– E depois?

– Tomamos um copo e fui dormir.

– Nicole não lhe disse para onde ia? Quem ia encontrar?

– Não.

– Parece que a conversa não lhe deixou uma recordação imperecível...

– Não tínhamos muito a nos dizer, senhor Neuman. Nicole era uma garota gentil, mas olhava para mim como se eu fosse de ouro... Estou acostumada com esse tipo de fã. Faz parte do ofício, acrescentou em tom neutro.

– Mesmo assim dignou-se a tomar um copo com ela.

– Não ia dizer isso na cara dela... Vocês tiras são sempre assim?

– Há cadáveres difíceis de esquecer, senhorita. O de Nicole, por exemplo. Viram-se no sábado à noite?

– Cruzamo-nos rapidamente, depois do show...

– Ou seja?

– Por volta das onze e meia.

Era o que tinha lhe dito o contrarregista que vigiava a entrada dos bastidores.

– Nicole estava sozinha?

– Quando a vi, sim... Mas o clube estava lotado.

Zina cruzou as pernas para tirar os restos de carvão incrustados.

– Ela parecia em seu estado normal?

– Se quer dizer com os olhos cheios de estrelas, sim.

Estavam longe da conclusão.

– Descobriram uma droga à base de tik em seu corpo – disse Neuman. – Uma droga pesada mais encontrada nas townships.

– Já passei da idade das idiotices, se é isso que o atormenta – respondeu ela na lata.

– Nicole mentiu para todo mundo: ela não frequentava mais os jovens de seu meio, não ia mais à faculdade, saía escondida, seus pais acreditavam-na virgem enquanto ela colecionava sex-toys e tinha relações sexuais com um ou vários desconhecidos.

Zina não era do tipo que baixa os olhos:

– Ela era maior de idade, não?

Bateram na porta do camarim: um dos músicos entrou – Joey, um zulu grandalhão com uma camiseta do Che Guevara e um baseado na boca.

– Não lhe disse para entrar – lançou Zina.

– Estou ficando completamente surdo com tuas histórias! Vem com a gente? Vamos comer no restaurante ao lado.

– Já vou...

O músico lançou um olhar circunspecto para o negro alto encostado na parede, e desapareceu numa nuvem de fumaça.

– Tem outras perguntas a fazer? – abreviou a dançarina. – Estou com uma fome de loba.

Ele balançou a cabeça.

– Não... não por enquanto.

– Por quê? Pretende voltar ao ataque?

– *Sinjalo thina maZulu*²².

Ela sorriu:

– Bem que eu estava achando que você não tinha cara de tira...

Dizendo essas palavras, Zina empunhou a bolsa de linho que estava perto da penteadeira e se levantou. Seu corpo era flexível, seus músculos, mil animaizinhos fervilhando sob o tecido... Neuman se debruçou sobre seus pés descalços:

– Vai sair assim?

– O que acha? Que danço sobre o fogo graças a meus poderes sobrenaturais?

Uma chuva tropical se abatia sobre a calçada da Lower Main Street. Os notívagos tinham fugido dos terraços como uma revoada de pardais e se amontoavam agora nos bares. Zina avaliou a distância que a separava do restaurante onde a esperavam os músicos, cruzou uma última vez o olhar de Neuman, indiferente à chuva.

– Vão se apresentar até quando? – perguntou ele.

– Hoje foi o último show no Sundance. Retomamos este fim de semana no Armchair, um pouco mais adiante na rua...

Com a chuva, seu vestido estava repleto de novos motivos. Estavam saindo.

– Desculpe se fui meio grosso – disse ele.

– Não é você, é aquilo que o traz.

– Estou procurando o assassino dessa garota, só isso...

– Devo lhe desejar boa sorte?

A chuva colava em seus quadris. Ou vice-versa. Neuman baixou os olhos para seus tornozelos, pingando no asfalto. Ambos estavam encharcados.

– Bom, vou indo – disse ela –, ou meus pés vão acabar se afogando...

Zina saiu da calçada onde escorria a tempestade e foi encontrar o resto da trupe. Neuman ficou olhando a dançarina se afastar na rua deserta, mais escura do que nunca – um vestido de chuva tinha caído sobre sua vida...

8

Para mediar os conflitos entre a polícia e os serviços de informação, o ANC teve que criar a Presidential Intelligence Unit, uma unidade especial encarregada de controlar suas divergências além de coletar informações no exterior e no interior do país. Janet Helms trabalhava para a referida unidade quando Fletcher conseguiu trazê-la para a polícia – aquela jovem mestiça era um geniozinho da informática, uma hacker inigualável que, com sua carinha de foca gentil, escondia bem seu jogo. Fletcher insistindo, Neuman conseguiu sua redistribuição graças à intervenção do superintendente.

A equipe Fletcher/Helms logo ultrapassou o cabo da eficácia: seu olhar atormentado, sua elegância frágil, suas maneiras quase femininas... Janet instantaneamente se apaixonou pelo jovem sargento. Um amor-beco-semsaída, mais um, e sem futuro: Dan Fletcher tinha filhos, e uma esposa que ele parecia amar loucamente. Janet tinha visto a foto dela na escrivania dele, uma moça bonita, não se podia negar, que lhe barrava um horizonte já atulhado por seus quilos a mais.

Janet Helms sempre se viu gorda. Nada a fazer em seu caso. Havia tentado os complementos nutricionais, os psiquiatras, as revistas femininas, os programas de televisão, os conselhos dos gurus, não adiantava, seu invólucro continuava desesperadoramente grande demais para ela. Janet veio ao mundo com o traje errado. Um problema de tamanho. Seria para sempre uma mestiça com um rosto sem nada de especial e grandes ancas, herdadas de sua mãe, que revelavam uma bunda proporcional a elas e que nenhum estratagema remodelaria: tinha que se virar com aquele modelo, tamanho XXL.

O rumor a respeito do câncer da mulher de Fletcher a atingiu no coração: comiseração, esperança, vergonha, Janet detestava seus próprios pensamentos – que ela morra! – mas sua imaginação a projetava longe. Vinte e cinco anos sem um homem, podia esperar mais um pouco. Só ela, um dia, saberia consolá-lo. Janet ficaria com tudo: a parte de luto, as

crianças, as mãos dele sobre seu corpo, o resto. Sentia um amor que estava além da vergonha. Dan cheirava tão bem, debruçado ali, sobre ela...

– Parece que pegamos um peixe – disse ele, os olhos fixos na tela.

– Sim...

Estavam assistindo às fitas trazidas do Sundance. Via-se Nicole em companhia de um homem, algumas horas antes do assassinato, um jovem negro que não atendera ao chamado por testemunhas.

– Vou pesquisar nos arquivos da central – anunciou Janet, fazendo sua poltrona deslizar até o computador vizinho.

Tinha elaborado o retrato-falado do suspeito e lançado a pesquisa quando Neuman desembarcou em seu escritório. Janet Helms cumprimentou o capitão, que ela mal conhecia, e se concentrou em sua tarefa. Neuman a impressionava. Ele logo se inclinou para a tela. A imagem estava cortada por listras cinza, mas reconheceu Nicole Wiese na entrada do Sundance, em companhia de um jovem negro, grande, forte, usando anéis, pulseiras, colares e roupas estilo gângster. Neuman não pôde evitar pensar: é o papaizinho dela que vai ficar contente...

– A imagem é de sábado à noite – disse Fletcher –, às nove e cinquenta, quando chegaram. Encontramos o casal duas horas depois, ou seja, pouco antes da meia-noite, na saída do clube... Não sabemos ainda quem é esse cara, mas é o mesmo que estava com Nicole na terça à noite.

– Terça?

– Sim, eu sei, foi na quarta que Nicole dormiu fora. De qualquer forma, os dois estavam juntos uma hora antes do assassinato.

Neuman observou a imagem fixada na tela, a alta silhueta do jovem negro.

– Se estiver em nossos arquivos, Janet não demorará a encontrar – disse Fletcher, virando-se para a mestiça que teclava num canto do escritório.

A agente de informações continuou absorta no jogo de seus dedos sobre o teclado. Neuman deixou a fita rodar. Nicole não parecia sujeita a nenhuma perturbação do comportamento, pareciam apenas dois jovens saindo de um bar...

– Assistiu às fitas de quarta à noite?

– Sim – respondeu Dan. – Nicole chegou às nove e trinta e foi embora perto da meia-noite. Mas estava sozinha aquela noite. Nem amigo nem amiga...

Enquanto esperavam, os dois homens elaboraram um primeiro roteiro com as informações de que dispunham: Nicole deixa o domicílio familiar sábado à tarde – “para fazer compras com sua amiga Judith” – e vai para uma praia da península, provavelmente Muizenberg, encontrar seu namorado negro. Saca mil rands no caixa automático às oito horas, eles comem na estrada e voltam para Cape Town sem sequer se enxaguar no apê de Judith. Passam a noite no Sundance, assistem à performance do grupo zulu que Nicole vira três dias antes, e saem do clube pouco antes da meia-noite. Nicole morre uma hora depois, em Kirstenbosch...

O parque ficava a meia hora de carro de Observatory: sobravam quase quarenta minutos. O que tinham feito nesse tempo? Amor sob as estrelas, depois de ter iniciado Nicole nas alegrias da metanfetamina? Ou ela teria sido drogada a fundo para melhor ser abusada? Para quê, se a garota na certa também estava a fim? O tik levava os consumidores a esquecerem as regras básicas de segurança sexual, mas o GHB era fácil de obter e um meio mais seguro de estuprar mulheres sem que elas soubessem... Uma terceira pessoa poderia tê-los seguido ou surpreendido no Jardim Botânico. Mas, nesse caso, o que aconteceu com o jovem negro?

A agente Helms, que maltratava seu teclado a dois passos dali, parou de repente.

– Tá aqui – disse ela. – Stanley Ramphel: um pequeno revendedor de maconha atualmente na condicional. Temos o endereço de um trailer, em Noordhoek.

Um vilarejo na costa da península.

Epkeen chegou quando estavam saindo. Neuman o embarcou junto: ele também estava precisando tomar um ar.

*

– Seu carro continua um lixo – observou Fletcher, abrindo o porta-luvas do Mercedes.

Formigas dividiam velhos pedaços de bolacha.

– Foi o último lanche do meu filho – mentiu Epkeen.

Tinha de tudo no porta-luvas: fitas-cassete com a caixinha rachada, lápis, envelopes pré-selados, lanterna, escova de dente, camisinhas, um livro de páginas arruinadas pela areia e um *Knout* – uma tira de couro de hipopótamo prolongada por um anel de cobre, com a qual seus antepassados

fustigavam o gado... Dan tirou o Colt 45 daquela zona, limpou as migalhas de bolacha coladas no cano, notou que o tambor estava vazio. Brian nunca a carregava. Seria capaz de matar alguém. Aquilo já lhe tinha acontecido. Não se arrependia de nada: a lembrança já era pesada o bastante.

No banco de trás, alheio ao panorama grandioso de Chapman's Peak, Neuman recapitulava as informações da central; Stanley Ramphele, vinte e um anos, era o irmão mais novo de Sonny, um traficante multirreincidente que cumpria atualmente uma pena de dois anos na prisão de Poulsmoor, Western Cape. Stanley também revendia droga, emprego que lhe valeu uma condicional. Não tinha diplomas nem atividades recenseadas pelos serviços sociais, mas o caçula parecia ter se mantido tranquilo desde sua detenção seis meses antes. Uma subvenção do governo pagava o aluguel do trailer que ele dividia com seu irmão, em Noordhoek, um vilarejo isolado na baía mais selvagem da península. De acordo com os tiras locais, os irmãos Ramphele se contentavam em traficar a erva local.

– Talvez tenham passado para os cristais – comentou Fletcher.

– Os surfistas da costa se ligam mais em ecstasy ou coca.

– A menos que lhes vendam tik sob um outro nome...

O Mercedes se arrastava atrás de um carro de turistas; deixaram para trás a estátua de bronze do último leopardo da região, abatido um século antes, e chegaram à orla. Falésias de arenito mergulhavam no mar bravio, que se fazia ouvir lá em cima. Uma estrada poeirenta ladeava o oceano lá embaixo, cortando as dunas de uma brancura imaculada.

Fletcher se debruçou sobre o mapa.

– Deve ser por ali: depois do haras...

A baía de Noordhoek era perigosa e pouco frequentada: as enormes ondas e os tubarões que apareciam por ali impediam os banhos de mar e vários crimes haviam sido cometidos na praia, uma placa advertia os passeantes a não se afastarem muito do estacionamento... O Mercedes atravessou o vilarejo e pegou a estradinha desgastada à beira-mar. Algumas casas se aninhavam no oco das dunas, barracos geralmente em ruínas; Epkeen parou finalmente diante de uma velha picape, estacionada a alguns metros de um trailer de aspecto antigo, roído pelo sal. O trailer de Ramphele, de acordo com as informações que tinham. As cortinas, amarelas de nicotina, estavam abertas. Saíram do carro. Neuman fez um sinal a Epkeen, que contornou o alojamento improvisado.

Uma moto estava estacionada ao abrigo do vento, debaixo de uma lona. Neuman e Fletcher avançaram até a porta desmantelada. Em algumas passadas, Epkeen alcançou a parte de trás do trailer: espiou pela janela e distinguiu uma forma através do véu seboso das cortinas. Apoiou as mãos no vidro: havia alguém do outro lado, a alguns centímetros... Um negro, a cabeça inclinada contra o banquinho, que não estava dormindo – moscas galopavam sobre seu crânio...

Neuman não precisou forçar a fechadura, a porta estava aberta. Um enxame de insetos zumbia dentro do trailer. O jovem negro estava diante da mesa plastificada do quarto-sala, os olhos semicerrados fixando um ponto definitivo no teto. Stanley Ramphele, pela foto antropométrica. Uma seringa usada jogada na almofada, e um pouco de pó esbranquiçado num saquinho plástico... Fletcher tomou seu pulso, trancando o nariz – o cheiro de merda estava forte – e fez sinal de que estava morto.

– Vou chamar o serviço – soprou, precipitando-se para a porta.

Neuman esqueceu o cheiro de merda e as moscas. Os olhos do jovem xhosa estavam vazios, como se tivessem sido desenhados a lápis, o corpo frio como pedra. Morto havia vários dias – os esfíncteres tinham se relaxado e os excrementos em sua calça tinham secado sobre o banquinho. Inspeccionou o cadáver. Nenhum vestígio de luta, de equimoses, nem de ferimentos aparentes. Uma picada, no braço esquerdo. O torniquete repousava a seu lado, no banquinho. Neuman vestiu luvas de plástico e avaliou o pó sobre a mesa. Metanfetamina provavelmente... revistou o trailer.

Um notebook, roupas de marca sobre a cama desfeita, óculos de sol italiano, algumas bijuterias – de baixa qualidade –, um capacete de moto. Neuman encontrou um pouco de maconha debaixo do colchão, mas nenhum pó. Verificou embaixo da cama e logo pescou um objeto do meio da poeira amontoada ali: uma bolsa. Havia um celular dentro, lenços de papel, três preservativos na embalagem, vários frasquinhos e documentos em nome de Nicole Wiese.

Abriu a carteira, contou cerca de cem rands, tirou a rolha de um dos frascos. Era um líquido esverdeado, com cheiro difícil de identificar. Não havia nada escrito, mas um deles havia sido esvaziado...

O mar rugia pela porta aberta do trailer. Neuman se levantou, percebeu Epkeen, que inspecionava o chão poeirento, dirigiu-se ao banheiro e teve um brusco movimento de recuo ao penetrá-lo: uma caranguejeira de pelos

escuros o observava do cano da descarga. A aranha era do tamanho de sua mão, o opérculo aberto como para bater em retirada, pronta para lançar seus pelos. Dois olhinhos castanhos que o fixavam, agitando as patas... A tampa da privada estava fechada, a claraboia fechada com um cadeado... Como ela tinha entrado ali? Neuman puxou a porta do banheiro, suor gelado corria ao longo de sua espinha.

Epkeen estava parado na entrada do trailer, silhueta superexposta ao sol do meio-dia.

– A moto lá fora tem quatrocentos quilômetros rodados – disse ele. – Uma Yamaha do ano que deve valer algo na casa dos trinta mil rands... Nada mal para um rebelde sem profissão, não acha?

Neuman estava com uma cara estranha...

– O que houve?

– Encontrei a bolsa de Nicole debaixo da cama e um pouco de droga. Tem também uma caranguejeira no banheiro.

– Uma caranguejeira? – careteou Epkeen.

– Peluda.

Fletcher apareceu por sua vez, com o celular na mão.

– A equipe científica estará aqui em vinte minutos.

Do lado de fora, um vento morno fazia a areia voar. Neuman revistou a picape estacionada em frente ao trailer. Os documentos no porta-luvas ainda estavam no nome de Sonny Ramphole. Embalagens de chocolates nos bancos, palitos de picolé, latas de refrigerante. A areia nos tapetes era mais escura do que a de Noordhoek. Stanley não estava de capacete sábado à noite ao chegar ao clube, deviam ter usado aquele carro para ir até o leste da península, onde a costa era mais hospitaleira...

Seu celular vibrou no bolso. Era Myriam, a enfermeira. Ele atendeu.

*

Micro-ônibus lotados tentavam costurar buzinando, mas a N2 estava congestionada ao meio-dia. Neuman enervava-se com o freio atrás de um caminhão-tanque novinho em folha – sua mãe tinha aprontado de novo e ele deixou Epkeen no trailer para encaminhar as investigações – quando recebeu a ligação de Tembo. O legista tinha terminado as análises complementares da autópsia de Nicole Wiese.

– Encontrei o nome da planta ingerida alguns dias antes do assassinato: *iboga*, uma planta da África ocidental utilizada em cerimônias xamânicas. Por outro lado, não sabemos o nome da substância inalada com o tik.

– Como assim não sabem?

– Há uma molécula química – disse o biólogo –, mas sua composição não figura em lugar algum.

– Uma porcaria qualquer que puseram para fazer render a droga? – aventou Neuman.

– Pode ser – respondeu Tembo. – Ou se trata de uma nova combinação de produtos, de uma nova droga.

Neuman ficou caraminholando, preso no congestionamento. A extrema direita da AWB²³ ou os grupelhos sectários que, sob o apartheid, traficavam pílulas para entorpecer a juventude branca progressista, não deviam ter nada a ver com a história. Nicole Wiese era da elite africânder, e seu pai, um importante patrocinador do Partido Nacional: os lobos não tinham nenhum interesse em se entredevorar.

– O ideal seria ter uma amostra do produto – retomou o legista no celular. – Poderíamos fazer testes, aprofundar as pesquisas...

Uma flecha anunciou a saída para Khayelitsha. Neuman pensou no saquinho de pó encontrado ao lado de Ramphele.

– Não seja por isso – disse, pegando a saída. – Acho que encontrei algo com que poderá se ocupar...

O anexo do Red Cross Hospital ficava na esquina do Community Center, separado em quatro “aldeias”. Meninos de calção brincavam na frente da construção de madeira pintada, outros saíam pendurados nos braços atulhados de suas mães. Myriam estava fumando um cigarro, sentada na escada, fazendo círculos na poeira com o pé – parecia estar desenhando sonhos aborígenes, ao menos para Ali Neuman... Este estacionou no pátio da enfermaria. O tempo de ela apagar seus desenhos e Ali estava ali, acima dela, com sua auréola negra e seu olhar cheio de espinhos.

– Obrigado por ter me chamado – disse ele à guisa de preâmbulo.

– Foi o que me pediu, não?

– Nem todos agem como você.

A mão na frente do rosto para se proteger do sol, Myriam deixou o zulu marinar em suas tradicionais fórmulas de polidez – ao menos estava olhando para ela.

– Como ela está?

– Tivemos que reidratá-la – respondeu a enfermeira. – Sua mãe está completamente maluca, se me permite dizer.

– Sim.

Josephina deixou Khayelitsha por volta das nove horas da manhã, e foi encontrada três horas depois, perdida num acampamento de squatters perto de Mitchells Plain, uma zona intermediária entre a township e a N2. Pegar o ônibus, descer na estrada, andar pelos terrenos acidentados que levam ao acampamento de squatters, seu comportamento beirava a inconsciência.

– O que ela estava fazendo lá? – grunhiu Ali.

– Isso, você lhe perguntará – disse ela, sem esconder sua exasperação. – Pessoas bem intencionadas ligaram para a enfermaria, mas, da próxima vez, as coisas podem acabar mal... Está na hora de puxar suas orelhas, senhor capitão: sua mãe não é mais nenhuma garotinha e ela se cansou muito andando por horas debaixo do sol. Não sei do que vocês são feitos, mas, depois da síncope do fim de semana, o que ela fez foi suicida.

Seus olhos castanhos brilhavam com uma saudável revolta. Neuman estendeu a mão para ajudá-la a levantar:

– Onde ela está?

– Na salinha – respondeu Myriam apertando sua palma – à direita...

Mas só conseguia pensar naquelas patas de urso que a içavam com tanta facilidade para o céu... Também estava ficando completamente maluca: conduziu-o para dentro.

Uma multidão colorida tratava de não se mexer demais debaixo das pás do ventilador. Não havia ar-condicionado, mas garrafas de água que eram distribuídas para os doentes resignados. Josephina repousava sobre uma maca que, dada sua corpulência, parecia mais uma padiola. Ela virou seus olhos turvos e sorriu ao ouvir o som de seus passos.

– Oh! Está aqui, meu campeão! Disse cem vezes a Myriam que você tinha coisas mais importantes a fazer, mas a pequena é teimosa!

– Muito bonito: denegrir as amigas – disse ele beijando-a.

– Hi hi hi!

Sua posição de mamífero encajado na praia não a incomodava mais, tinha Deus ali ao seu lado, num filme preto e branco.

– Diz aí, mãe, não acha que já passou da idade de fugir de casa?

Ela pegou sua mão e não parecia disposta a entregá-la a quem quer que fosse.

– Não pensei que fosse me perder, mas como não costumo ir lá...

– O que foi fazer naquela zona?

– Oh...

– Responda.

Josephina suspirou, quase caindo da maca.

– Me disseram que Nora Mceli tinha morrido – disse ela. – Sabe, a mãe de Simon... Não sei se é verdade, mas alguém me deu o nome de uma prima, que teria cuidado do pequeno durante a doença. Winnie Got, uma prima de Nora. Me disseram que ela morava num acampamento de squatters entre Mandalay e Mitchells Plain... Queria saber se ela tinha notícias de Simon.

– Cabeça dura.

– Esse garoto está perdido, Ali... Se ninguém fizer nada por ele, vai morrer: eu sei.

Acidente, doença, bala perdida, a esperança de vida dos meninos de rua era limitada.

– Gostaria de ajudar – disse ele –, mas não podemos salvar todos.

Josephina assumiu um aspecto sério.

– Tive sonhos ruins – disse ela, com seus olhos vazios. – Os ancestrais não ficarão contentes se abandonarmos Simon à sua sina. Não, não ficarão nada orgulhosos de nós...

Laços imemoriais os uniam uns aos outros – defender o ideal do *ubuntu*, acolher diversas gerações sob o mesmo teto, o senso da família ampliada, essencial para a cultura sul-africana e reivindicado como tal apesar das décadas de política separatista... Sem essa solidariedade, eles também estariam perdidos. Simon fazia parte da turma.

– Por que não falou comigo? – censurou-a. – Teríamos ido juntos.

– Vi seu nome no jornal – respondeu sua mãe –, a respeito dessa pobre garota assassinada. Não queria...

– Me incomodar. Bom... – Ele mudou de tom. – Consegue se levantar ou prefere que a carreguem até o carro? Estacionei bem aqui na frente...

– Oh! Se me ajudar, posso tentar levantar! Faz duas horas que não ousou me mexer nessa maca: tenho a impressão de ser um oceano numa casca de noz, hi hi hi!

Ela parecia não estar nem aí para aquilo.

*

O eixo principal que atravessava a township de Khayelitsha saía de Mandalay Station e corria pelos Cape Flats, planície arenosa varrida por ventos violentos onde coabitavam prédios degradados, “caixas de fósforo²⁴” e cabanas bricoladas, quase invisíveis da estrada. Era nessa zona cinzenta que os squatters tinham se estabelecido, um acampamento que não parava de crescer e onde a polícia raramente punha os pés: pedaços de madeira, arame, estacas, telhas de amianto, placas publicitárias, jornais velhos, construía-se as cabanas com o que havia por ali, palhoças que saíam voando aos primeiros sinais de tempestade. Os mais afortunados moravam em contêineres. Todos tomavam banho na rua, por falta de espaço ou de água corrente. Raro sinal de “concretização” do campo, algumas placas de cimento vinham substituir as cercas que delimitavam os terrenos, e mesmo algumas cercas vivas, verdadeira façanha nas areias dos Cape Flats.

De acordo com as informações obtidas por Josephina, Winnie Got morava num *spaza shop*, uma pequena mercearia sem alvará onde se vendiam produtos de primeira necessidade – fósforos, velas, álcool, farinha, pilhas, leite e refrigerante... Neuman rodou por algum tempo diante das expressões hostis ou curiosas dos passantes. Uma linha de eletricidade atravessava a zona, com emendas selvagens como cipós letais ligadas a pedaços de nada. O campo se transformava tão rápido e de maneira tão anárquica que era difícil se localizar: finalmente, após um fastidioso para cá e para lá, encontrou a tutora de Simon em seu armazém.

Winnie usava um *kikoi*, um vestido de tecido da África oriental, e calçados de pelúcia de um rosa choque capaz de descolar a retina. Neuman se apresentou como o filho de Josephina. Fazia um calor sufocante ali dentro. Uma prateleira de copos Duralex estava orgulhosamente exposta ao lado de uma geladeira toda arrombada. Neuman comprou duas águas tônicas. Instalaram-se no banco para conversar, um colchão de flores que tinham ficado expostas demais ao sol.

Winnie Got falava uma mistura de inglês e de patoá das townships: tinha trinta e oito anos e três filhos de pais diferentes, que nunca tinham conhecido sua avó – senão, segundo a tradição, esta teria cuidado deles. Sua prima Nora desembarcou em sua casa um ano antes, com seu filho e sua doença. Winnie não sabia que doença era aquela, os rumores falavam de mau-olhado, de feitiços lançados que teriam voltado para ela como bumerangues; o fato é que a coitada já estava bastante fraca quando chegou a sua casa. Nora morreu dois meses depois. Winnie ficou com Simon, que,

não tendo pai, estava entregue a si mesmo. O garoto permaneceu algum tempo na casa dela, mas, um belo dia, desapareceu sem deixar rastros...

– Nunca mais o vi – concluiu Winnie.

Nenhuma ternura no rosto da xhosa: sua prima morreu deixando atrás de si rumores e um órfão com o qual não sabia o que fazer.

– O que houve com Simon? – perguntou Neuman. – Por que ele fugiu?

– Não sei – disse ela dando de ombros. – Tentei conversar com ele, mas estava envolvido demais com seu bando de pés descalços.

– Que bando?

– Meninos de rua – respondeu Winnie. – É o que não falta nesta zona. Simon ia jogar futebol com eles na praia: um dia, não voltou mais...

– Quando foi isso?

Winnie se abanou com uma revista feminina do ano anterior:

– Uns três meses.

– Nunca mais o viu desde então?

– Na verdade, ainda vi ele nos arredores da zona, mas não pude me aproximar.

– Por quê?

– Tinha se tornado selvagem... ficado como os outros.

Winnie fez uma expressão amarga.

– Pode descrever esses garotos?

– Uma meia dúzia de garotos... Simon, outros pequenos, e um maior, sempre de calção verde.

Devia haver milhares de garotos de calção verde na township.

– Alguma ideia de onde poderia encontrá-lo?

– Por que está me perguntando tudo isso?

– Simon foi visto em Khayelitsha semana passada – disse Neuman.

– Em algum lugar é preciso estar...

– Ele agrediu uma velha cega: minha mãe. É uma chata, mas gosto dela. Então? Onde posso encontrar esse bando?

– Não sei – respondeu Winnie. – Faz um tempão que não vejo eles...

Neuman terminou sua água tônica. Segundo Josephina, Simon estava sozinho quando a agrediu: no entanto, a força deles residia no grupo. Sozinhos, não eram nada...

– Simon deixou coisas aqui? – perguntou.

– Não muitas.

– Posso vê-las?

Tudo o que ela possuía estava estocado em malas; Winnie logo voltou do quarto vizinho, com uma caixa de ferro branco de tampa estragada.

– Foi tudo que guardei...

Havia dentro uma certidão de nascimento (Simon tinha completado onze anos no mês anterior), uma ficha de vacinas feitas na enfermaria de Khayelitsha, um livro escolar e uma foto, presa com um clipe. O menino parecia ter dificuldade para sorrir apesar de suas bochechas redondas.

– Está vendo, quase nada.

Neuman olhava para a foto: aquele rosto...

– Quer uma cerveja? – perguntou Winnie. Sou eu que ofereço.

– Não – disse ele, a milhas dali. – Não, obrigado...

A foto não tinha nem um ano, mas Ali levou um bom tempo até reconhecê-lo: o outro dia, nas obras do ginásio, o menino mirrado de rosto necrosado que ele salvou dos tsotsis e que fugiu pela tubulação... Simon.

9

Ruby não sabia daquilo. Para Ali, Brian tinha contado, um dia em que baixaram a guarda... Tinha dezessete anos na época, Maria, vinte.

Maria não tinha lido *Ada ou o ardor*, ou, se leu, não entendeu; na casa dela, não se faziam jogos eróticos nos bosques que rodeavam o castelo com seu primo ou sua prima, as paredes de sua casa não tinham sido construídas pelos primeiros fazendeiros brancos da África austral, seu pai não era alto funcionário nem colecionador de cavalos de corrida, sua mãe não preparava *boerewors* pela manhã perguntando-se que tempo faria hoje, a janela de sua cozinha não dava para um pasto, nem a do seu quarto para um bosquezinho que fazia esquecer as cercas elétricas ao redor da propriedade; Maria não tinha estábulos, cavalos, aparelho de som, discos de vinil, Clash, Led Zeppelin, Plimsouls, não conhecia nada das bandas de rock que alimentavam a revolta de Brian, dos corações quebrados que se encontravam nos livros, dos desejos sutis, da transgressão, nunca ouviu falar de Nabokov, do ardor de amar: Maria não sabia ler.

Queria ser assistente social, mas não tinham permitido. Maria era negra. Tinha dois vestidos, um vermelho e um azul celeste, o mais bonito: Brian lhe disse, um dia em que ela voltava do estábulo, com seus baldes cheios de merda, suas botas de borracha e seu avental sujo. Maria primeiro teve medo

– aquele jovem branco que estava sorrindo era o filho do *bass* – mas seus olhos verde-água brilhavam tão forte que ela esqueceu os alertas de sua mãe. Nenhum branco até então tinha lhe dito que era bonita... Dois meses bastaram para que se cativassem. Maria substituía a Ada de seus sonhos: Brian fez amor pela primeira vez no bosquezinho atrás da propriedade familiar, escondido, sob o zumbido dos fios elétricos que cingiam a fazenda. Brian estava nas nuvens – se o idiota do seu pai soubesse...

– Vou te ensinar a ler – decretou ele, deitado com ela no capim.

– Ha ha!

Ele não sabia que se podia rir tão bem. Tão maravilhosamente. Como se, em seus braços, o apartheid não existisse. Fim da infância, início do romanesco. Brian fazia qualquer coisa para comer seu fruto proibido, inventava os estratagemas mais escabrosos, matava aula, deixava os amigos, o esporte, tudo para levá-la ao bosque. Maria ria: ele tomou aquilo por amor.

Dois anos se passaram sem incidentes e sem que diminuísse seu apetite carnal. Maria decifrava as palavras dos livros que ele trazia. Brian, o modo de usar do corpo feminino que ela lhe oferecia em troca. Maria cheirava a almíscar, temperos, frutos do mato.

– Nunca vai me deixar?

– Você é maluco!

Ela ria.

É claro que ele tomava aquilo por amor.

Brian tinha voltado para casa um dia em que Maria estava trabalhando, era meio-dia, para lhe fazer uma surpresa. A casa estava vazia, sua mãe tinha saído para fazer compras na cidade com outras bonecas leitosas que eram suas amigas. Ele contornou a garagem, verificou que nenhum empregado estava cortando a cerca viva do jardim e correu para o estábulo. O puro-sangue pastava no cercado vizinho, quando ouviu um barulho vindo do celeiro. Maria... Ele se aproximou devagar, imaginando seus quadris inclinados sobre o escovão, aquele cheiro tão dela, e recebeu o choque com tudo: Maria estava debruçada sobre a balaustrada de uma baia, o vestido levantado, enquanto um gordo a comia. O pai de Brian. Ele arquejava respirando como um boi, com os pés no esterco. Brian via apenas sua enorme bunda que se contraía com as estocadas, sua calça caída sobre as botas, e Maria que se agarrava para não cair.

– Vou matá-lo... Vou matá-lo – repetia, os olhos embaçados de lágrimas.

Mas era tarde demais. Não ousou pegar o forçado na entrada do estábulo, não teve colhões de pregar seu pai como uma borboleta na porta do celeiro, de enfiar o forçado em suas costas até que saísse pela garganta.

Tinha medo dele.

– Vou matar ele...

Maria não respondia nada. Chorava no bosque onde eles se amavam. Tinha vergonha. Cobria o rosto com suas mãos miseráveis, em perda total. Brian não perguntou desde quando aquilo acontecia, se ele forçou a primeira vez, se ela teve escolha. Seu riso não se esconderia mais com eles sob as samambaias, seus ombros, suas pernas, seu sexo não sentiriam mais que o odor infame de seu pai...

Maria continuou trabalhando nos meses seguintes, mas Brian a evitou cuidadosamente. Sentia-se traído, humilhado, confusamente apaixonado. Então, um dia, Maria não reapareceu. Ele ficou de butuca todo o fim de semana, depois o fim de semana seguinte, em vão... Sondou então sua mãe, uma manhã, na cozinha, da maneira mais anódina.

– Maria? Seu pai a despediu semana passada – explicou ela, com as mãos na massa de torta.

– Ah, é?

– Os estábulos estavam num estado abominável! – certificou sua mãe, que nunca punha os pés lá.

Brian caraminolou alguns dias antes de vasculhar o escritório de seu pai. Encontrou o endereço da empregada num arquivo, com suas fichas de pagamento e os documentos administrativos que lhe permitiam trabalhar na cidade. Maria morava na township. Dez quilômetros – o fim do mundo.

Nenhum branco se aventurava nas townships. Brian pediu ao motorista de táxi negro que o esperasse na frente da casa, uma cabana de compensado borrada de amarelo, um luxo no bairro. A mãe de Maria fez um gesto de medo ao ver o adolescente à sua porta. Três crianças pequenas se agarravam a seu avental, curiosas, temerosas. A xhosa primeiro não quis falar, mas Brian insistiu tanto que ela acabou cedendo: Maria foi trabalhar um dia e nunca mais voltou. Rumores diziam que uma viatura policial a pegou na saída da township, mas sua mãe não acreditava naquilo. Maria estava grávida de quatro meses: devia ter fugido com o pai do bebê, decerto um daqueles imprestáveis que prometiam a lua, mas só faziam merda.

Brian voltou para casa e comparou a data do desaparecimento com a escala dos empregados: Maria devia trabalhar nos estábulos aquele dia.

Contou um monte de lorotas aos tiras da delegacia local, prestou queixa por roubo dando o nome da moça e suas características, insistiu para ter uma resposta, evocou seu pai, procurador, e obteve o que queria. Um inspetor conduziu as investigações, mas sem resultado: Maria não figurava em nenhum arquivo da polícia. Nenhum delito, nenhuma detenção. O tira estava disposto a registrar sua queixa, mas tinha poucas chances de dar em alguma coisa...

A mãe de Maria, que Brian mantinha a par de suas buscas, acabou encaminhando-o para um militante do ANC. A clandestinidade, a tortura, os desaparecimentos, os procedimentos arbitrários dos serviços especiais, os assassinatos de opositores: Brian descobriu uma realidade que não conhecia. Mas logo associou as coisas: seu pai era procurador, um elo inflexível do poder...

Um mês se passou desde o desaparecimento da jovem negra. Brian esperou que seu pai estivesse sozinho na cozinha para lhe falar.

– A propósito, sabia que Maria está grávida?

Seu pai o fuzilou com o olhar por um segundo, antes de corrigir o próprio erro.

– Grávida?

Mas seus olhos o traíam. Ele sabia, estava na cara...

– Foi você que a fez desaparecer, não foi? – lançou Brian desafiadoramente. – Foi você que enviou os tiras que a pegaram na saída da township?

O africânder ergueu seu corpo maciço sobre seu filho:

– O que você está dizendo?

A cólera inchava suas veias, mas Brian não tinha mais medo dele. Odiava-o.

– O filho que ela esperava não era seu, era meu... seu idiota.

Apartheid: “desenvolvimento separado”...

Brian mudou de teto, de vida, de nome, de amigos. Tornou-se aguerrido longe de sua família detestada antes de abrir um escritório de investigação. Procurar os negros que seu pai fazia desaparecer tornou-se sua especialidade, uma trabalhadeira necessária e salutar que o colocou em contato com o ANC clandestino e os policiais lançados em seu encalço. Ruby o recolheu mais de uma vez nas sarjetas da estrada, comido de pancada. Poupavam-no em vista do cargo de seu pai, mas o ódio era o mesmo. Brian desenterrou cadáveres, alguns sepultados direto na terra

havia meses, esqueletos de dentes quebrados, vértebras deslocadas no caso daqueles que tinham sido jogados do teto da delegacia, opositores ou simples simpatizantes, mas nunca encontrou o corpo de Maria.

Sua necessidade de amor era inconsolável. Guardava a recordação da jovem negra com toda intensidade, como um segredo vergonhoso. Não sabia por que, mas nunca falava daquilo. Por que enfiava a cabeça onde outros sequer colocavam os pés. Pelo quê se castigava? Se os braços das mulheres em que se refugiava procediam de um mesmo desejo de sabotagem... Ruby, no final, tinha razão. Seu coração era de gelo: derretia facinho...

Tracy, por exemplo, passe de mágica número cinquenta e quatro, penhoar branco, túnica ruiva no meio da cozinha, um lápis cuidadosamente empoleirado na cabeça, preparando ovos mexidos para o café da manhã com a destreza de um recém-nascido:

– Caramba – riu a garçonete –, sua casa é uma zona!

Tinham acabado de acordar. Os Young Gods urravam do som da sala – suíços, de acordo com o livreto do CD – enquanto ela se atarefava no fogão.

– Não gosta de música? – lançou ele com acidez.

– Fico com os ouvidos empanturrados cada noite! – defendeu-se Tracy.

– Basta fechá-los, *darling*.

– Você tem uma gentileza matinal...

– Estou desorientado – explicou ele. – Tenho a impressão de que é de noite.

Ela massacrou a frigideira com seu garfo.

– Até parece! Já estava roncando quando eu voltei...

– Lamento, *darling*.

Tracy fora para a casa dele depois do trabalho, mas Brian tinha desmoronado ao fumar o terceiro baseado de Durban Poison. Era a primeira vez que se viam depois da louca noite de sábado e do domingo abortado na casa do amigo “Jim”. Tracy tinha trinta e cinco anos: sabia que, atrás do balcão, podia conseguir quantos caras quisesse, o problema era sempre a segunda vez. Outras bebidas os levavam a outras garotas, e a ruiva engraçadinha com suas mechas, que servia atrás do bar, era coisa do passado. “Basta arranjar um emprego normal, minha velha, dizia para si mesma nas noites de depressão, e não um onde ficam olhando para sua bunda.” Mas Tracy não acreditava muito, nos outros empregos – nem nos homens em geral.

Ela mexeu a gororoba na frigideira, circunspecta.

– Espero que eu seja melhor na cama – disse ela.

– Um caviar de berinjala.

– Isso é bom?

– Tem que gostar de alho.

Tracy jogou os restos de ovos nos pratos e a frigideira na pia: de arrebentar os tímpanos.

Brian fez uma careta – aquela garota não era exatamente uma fada.

– Posso lhe perguntar algo pessoal? – disse ela, sentando-se em face dele.

– Calço quarenta e três, se quer saber tudo.

– Estou falando sério...

– Sou todo ouvidos, *darling*.

Tracy baixou os olhos. Uma mecha se soltou de seu lápis, caindo em rodilhas ruivas sobre sua nuca.

– Tem que me avisar se eu estiver sendo chata... Estou tão desacostumada que tenho sempre a impressão de ser espaçosa demais... É besta o que estou lhe dizendo, né?

Apesar de seu estoicismo de fachada, o passe de mágica não parava de perder seu perfume, a tal ponto que dava para vê-lo sair pelo jardim, escamoteado... Brian olhou para o relógio. Não era ele que estava atrasado, era o mundo que fugia.

*

O ANC recusando-se a dar sua caução ao sistema dos bantustões, o governo do apartheid havia encerrado Mandela e seus companheiros em Robben Island, uma ilhazinha verdejante ao largo de Cape Town que tinha a vantagem de isolar completamente a oposição política – Mandela teve que esperar vinte e um anos para *voltar a tocar* a mão de sua mulher.

Sonny Ramphale não teve que sofrer essa cruel pena dupla: o irmão de Stanley cumpria sua pena de dois anos na prisão de Poulsmoor, uma construção de concreto, insalubre e superlotada, onde até as moscas morriam no inferno.

– Encontrou o que buscava? – lançou o chefe dos guardas.

Debruçado sobre o registro, Dan Fletcher tentava ter uma ideia das visitas e da frequência destas. Kriek, o vermelhão que todo mundo chamava

de Chefe, brincava com seu molho de chaves, esperando. Fletcher não respondeu. Epkeen fumava, olhando de revesgueio para o guarda. Ele também não gostava de prisões, era triste que a humanidade não tivesse encontrado algo melhor em oito mil anos, e gostava ainda menos daquele tipo de chefinho, beneficiário da cláusula do “pôr do sol²⁵” e que foi recontratado porque a população carcerária, no fundo, não tinha mudado – *coloured* e cafres a granel.

Sonny Ramphele estava na condicional quando foi detido num carro roubado com três quilos de maconha embaixo do banco. Não entregou ninguém, de modo que pegou dois anos sem arrego. Sonny tinha um percurso clássico: pais meeiros mortos precocemente, o êxodo para a cidade com o irmão mais novo, superpopulação, desemprego, miséria, delinquência, prisão. Acabava de festejar ali seus vinte e seis anos e, se não se metesse em encrenca, sairia em alguns meses.

A polícia científica vasculhou o trailer, mas, se o caçula que ficou na direção dos negócios tinha um esconderijo para um eventual estoque de drogas, parecia ter desaparecido com ele. Tinham encontrado poucas impressões digitais, todas pertenciam ao próprio Stanley, e a enquete na vizinhança não deu em nada. A cabana mais próxima estava desabitada e os marginais que viviam na costa não se metiam nos negócios dos outros – prova disso, o cadáver do jovem xhosa apodrecia havia quatro dias. Alguns tinham conhecido Sonny, “um grandalhão que não era tão ruim assim e cuidava de seu irmão”, e Stan, vidrado na moda e em motos. Ninguém jamais o viu com Nicole Wiese – uma loirinha daquelas, eles lembrariam. Único indício que confirmava a pista: havia várias impressões da jovem africânder na picape, utilizada no dia do assassinato...

Fletcher ergueu a cabeça do registro.

– Stanley Ramphele veio visitar o irmão regularmente desde que esse foi preso, mas faz um mês que não vinha mais.

Kriek tratava as unhas com os dentes.

– Nem sabia que ele tinha um maninho – disse ele.

Outro guarda gargalhou às suas costas. Epkeen esqueceu por um instante a porquice do chefe dos guardas e aquele odor rançoso de homem enclausurado que empestava a atmosfera:

– Podemos ter uma sala tranquila para interrogar Sonny?

– Por quê? Estão querendo examinar seu cu?

– O senhor é muito engraçadinho, Chefe.

– O Ramphele é um durão do traseiro – continuou baixando o nível Kriek. – Não sou eu quem diz, são os outros detentos.

Manifestações de aprovação às suas costas.

– O que isso quer dizer – irritou-se Fletcher –, que Ramphele é protegido?

– É o que parece.

– Não foi mencionado no dossiê.

– As feras se devoram entre si, melhor não se meter.

– O que os informantes dizem?

– Que ele tem o cu duro.

– Parece muito interessado na questão.

– Eu não: eles sim!

Kriek foi o primeiro a rir, logo imitado por seus acólitos. Epkeen fez sinal para Dan desencanar. Kriek era exatamente o tipo de cara que o enchia de porrada antigamente e o deixava como morto nas sarjetas...

Duzentos por cento de superpopulação, noventa de reincidência, tuberculose, AIDS, falta de cuidados médicos, privadas entupidas, gente dormindo no chão, estupros, agressões, humilhações: Poulsmoor sintetizava o estado das prisões na África do Sul. Com a população carcerária não parando de aumentar, tinham encarregado o setor privado de construir novos centros de detenção, cuja maioria datava do apartheid. Os assistentes sociais eram raros, a reintegração uma utopia, a corrupção, endêmica. As taxas de evasão batiam todos os recordes, com a cumplicidade de um pessoal mal formado, mal pago, muitas vezes criminoso. Alguns detentos tinham que pagar pedágio para assistir a cursos ou participar de atividades, enquanto outros, condenados à prisão perpétua, passavam os fins de semana fora. Os novos detentos eram muitas vezes vendidos pelos guardas àqueles que os pediam, seu primeiro reflexo consistia em se colocar sob a proteção de um dos mandachugas que monopolizavam as *wifye*, as “mulheres”, e distribuía as cartas brancas.

Putas, droga, álcool, oito sindicatos do crime dividiam o território das prisões. Nessa selva, Sonny Ramphele até que tinha se saído bem. Passou um cortado para isso, como os outros. Pegou sarna, piolhos (Sonny nunca foi muito bom em cuidados de beleza, ao contrário de seu irmão vaidoso), mas conseguiu preservar sua integridade: esperava o fim de sua pena,

escutando seus colegas de cela brigar para saber quem seria o próximo na privada, quando um guarda o arrancou de sua longa apatia.

Sonny resmungou – que história era aquela de visita médica... – antes de obedecer debaixo dos sarcasmos da galera.

Os corredores da prisão cheiravam a repolho e suor. Arrastando uma invisível bola de ferro, Ramphale atravessou dois portões de fechamento magnético antes de ser introduzido numa peça isolada, sem janelas. Nada a ver com uma enfermaria: havia uma mesa, duas cadeiras de plástico, um moreno baixinho de olhos penetrantes, sentado diante de algumas fotos, e um cara mais alto encostado na parede, que, tempos antes, devia ter estado em forma.

– Sente-se – disse Fletcher, apontando a cadeira vazia à sua frente.

Como seu irmão, Sonny era um sólido xhosa de quase um metro e oitenta, de olhar oblíquo e fugidio: avançou com o metabolismo do preguiçoso e sentou na cadeira como se houvesse pregos nela.

– Sabe por que estamos aqui?

Sonny mal balançou a cabeça, com as pálpebras pesadas de um durão que está virando um maconheiro de marca maior.

– Não vê seu irmão há algum tempo – continuou Fletcher. – Um mês, de acordo com o registro... Tem notícias dele?

Rápida expressão de desdém, então tudo caía sobre sua cabeça? Centenas de policiais estavam sendo processados por violência, assassinato, estupro; Sonny não tinha vontade de falar com eles, e ainda menos de Stan.

– Foi ele que assumiu seu negócio, não é? – disse Dan. – Ocupado demais, provavelmente, para visitar seu irmão mais velho...

Sonny mantinha um olho sobre o outro tira, que rondava às suas costas.

– Stan revendia o quê? Dagga? O que mais?

O detento não reagia. Epkeen se inclinou sobre sua nuca:

– Foi um erro dar as chaves do caminhão a seu irmão mais novo, Sonny... Esqueceu-se de lhe dizer que ele não ia a lugar algum?

O xhosa não reagiu imediatamente. Fletcher desvirou as fotos espalhadas na mesa.

– Stan foi encontrado morto no trailer de vocês – disse ele mostrando as fotos. – Ontem, em Noordhoek... A morte data já de vários dias.

Sua expressão de gângster blasé foi mudando à medida que via as fotos: Stan lívido sobre o banquinho do trailer, um close de seu rosto, olhos abertos, fixando um objetivo para sempre indefinido...

– Seu irmão morreu de overdose – continuou Fletcher –, uma mistura à base de tik... Sabia que seu irmão estava se detonando?

Sonny ia ficando menor na cadeira, com a cabeça caída, olhando para seus tênis sem cadarço. Stan e seu sorriso de moleque, os tapas que dava atrás da cabeça dele, suas brigas na poeira, a vida deles desfilava, fundida à escuridão...

– Stan não tinha outras marcas de picadas nos braços – disse Fletcher. – O que acha disso?

– Nada.

Sonny estava ficando conversador!

– Seu irmão estava implicado num negócio grande: suspeita-se que estivesse traficando uma nova droga para os branquinhos da cidade... Sabia disso?

O irmão mais velho balançou a cabeça, visivelmente chocado.

– Seu irmão estava saindo com uma garota, Nicole Wiese, a garota de que os jornais estão falando. Stan lhe falou dela?

– Não é da minha conta.

Não conseguia tirar seus olhos das fotos.

– Nicole Wiese foi massacrada e tudo inculpa Stan: encontramos droga na casa de vocês, a bolsa da garota, e a prova de que estavam juntos no momento do assassinato. Que droga é essa?

– Não sei.

Sonny entrelaçava os dedos.

– Não acredito, Sonny. Faça um esforço.

– Stan não me falou nada.

– Fora o Chefe, ninguém sabe de nossa visita – garantiu Fletcher. – Ninguém saberá que falou conosco, seu nome não aparecerá em nenhum lugar. O juiz penal é clemente com os que colaboram: ajude-nos e nós o ajudaremos.

Ramphale ruminou sobre sua cadeira, e aquilo parecia muito ruim.

– Stan assumiu sua clientela das praias – retomou Epkeen. – Procuramos seu fornecedor: você obviamente o conhece.

– Não conheço ninguém que venda tik. Stan também não.

– Seu fornecedor pode ter mudado de mercadoria.

– Não... Perigoso demais.

Epkeen sentou na ponta da mesa.

– Na sua opinião, por que seu irmão não veio vê-lo ultimamente? Por que se fez de morto por um mês? Ele começou a traficar cristais, a ganhar dinheiro e levar a vida boa com as branquinhas da beira da praia: chegou mesmo a comprar altas roupas e uma motona... Stan não veio mais visitá-lo porque sabia que você não apreciaria a maneira como ele estava cuidando do seu território: só que ele caiu numa cilada... Eles usaram seu irmão, Sonny. Não espere nenhum respeito dessas pessoas: eles tratam vocês como animais de abatedouro.

O detento deu de ombros: na prisão era a mesma coisa.

– Estamos lhe oferecendo um meio de sair dessa – disse Fletcher. – Conte-nos quem fornecia seu irmão e revisaremos sua pena.

Sonny não se mexia mais, com o queixo caído sobre sua camiseta esfarrapada, como se a morte do caçula tivesse quebrado sua nuca. Era só ele agora, ou seja, nada.

– Dagga, *man* – disse ele finalmente. – Só dagga...

Um silêncio pesado envolveu a sala de interrogatório. Fletcher dirigiu um sinal a Epkeen, que estava apagando seu cigarro: ou o maninho não sabia nada, ou tinha uma boa razão para mentir... Ia mandar o detento de volta para sua cela quando Brian lançou à queima-roupa:

– Stan tinha medo de aranhas, hein...

A expressão morna de Sonny se alterou completamente: ergueu olhos interrogadores para o tira de calça cargo preta.

A falha estava ali, aberta.

– Pânico – insistiu Epkeen. – Uma fobia, como se diz...

O xhosa estava pasmo: Stan caíra num poço quando era pequeno, um buraco seco que não servia para nada havia muito tempo. Tinham procurado por horas até encontrá-lo, tremendo de medo, no fundo do buraco: não havia mais água, mas sim aranhas, centenas delas. Quinze anos depois, Stan não suportava nem ver uma foto daquelas malditas aranhas, quanto mais chegar perto...

– Eles puseram seu irmão para cima até escoarem a droga – continuou Epkeen –, e quando Stan ficou visado demais, enfiaram a agulha nele para simular uma overdose. Ou antes, deixaram-lhe a escolha entre injetar a dose letal ou passar um tempinho com um desses encantadores bichinhos... Encontramos uma caranguejeira no banheiro do trailer, uma grande.

Ramphale esfregou o rosto com as mãos. As fotos sobre a mesa faziam caleidoscópios sinistros em sua mente; os últimos pedaços de seu mundo

partiam à deriva e ele não tinha onde se segurar, a não ser nos olhos molhados do policialzinho à sua frente.

– Muizenberg – soltou ele finalmente. – Traficávamos na praia de Muizenberg...

*

Utilizada havia cinco mil anos pelos pigmeus por suas virtudes medicinais, as raízes da iboga continham uma dúzia de alcaloides, entre os quais a ibogaína, uma substância parecida com aquelas presentes em diferentes espécies de cogumelos alucinógenos. Agindo sobre a serotonina, a ibogaína reforçava a autoconfiança e o bem-estar geral. Embora a planta e vários derivados seus apresentassem propriedades psicoestimulantes, eles podiam, em doses mais elevadas, causar alucinações auditivas e visuais, às vezes muito angustiantes, podendo levar ao suicídio. Etimologicamente derivada de um verbo que significava “cuidar”, a iboga era uma planta iniciática cujas propriedades terapêuticas e poder alucinógeno permitiam entrar em comunicação com o sagrado e com o conhecimento. A iboga era utilizada durante sessões chamadas *bwiti*, cerimônias introspectivas conduzidas por um guia espiritual, um xamã chamado *inyanga*, que fazia figura de herborista. Fora desses rituais secretos, a raiz de iboga era usada como afrodisíaco ou poção do amor.

Os mais adeptos garantiam que a ibogaína provocava ereções que podiam durar seis horas, de delícias indescritíveis. Na medicina ocidental, a ibogaína tinha passado a ser usada em psicoterapias e no tratamento de dependentes de heroína, mas os conhecimentos relativos a suas virtudes afrodisíacas permaneciam escassos, por falta de testes científicos.

Uma poção do amor africana...

Neuman ruminava como um velho leão debruçado sobre seu reflexo. Nicole Wiese tomou iboga alguns dias antes do assassinato, uma forte dose segundo as análises do legista, provavelmente sob forma de essência. Os frascos encontrados na bolsa de Nicole? Seu namoradinho Stan traficava iboga também?

Neuman correu para o instituto médico-legal.

Tembo era o primeiro negro a dirigir o necrotério de Durham Road. Sua curta barba grisalha lembrava um antigo secretário das Nações Unidas, seus

óculos de fundo de garrafa mostravam que ele era míope como uma toupeira. Solteiro convicto, Tembo só gostava de velharias, música barroca, chapéus fora de moda, além de ser apaixonado por hieróglifos egípcios. Os cadáveres eram para ele pergaminhos a decifrar, marionetes de que ele seria o ventríloquo juramentado. Só os deixava após esvaziá-los de todo seu sentido. Um obsessivo, como Neuman.

Os dois se instalaram no laboratório do legista.

A autópsia de Stan Ramphele confirmou uma overdose causada por uma injeção à base de metanfetamina. A hora da morte era incerta, mas remontava a quatro dias, ou seja, pouco depois do assassinato de Nicole. A areia no tapete da picape correspondia aos grãos encontrados nos cabelos da jovem africânder. Tinham também descoberto vestígios de sal na pele do xhosa e pólen de *Dietes grandiflora*, flor mais conhecida por íris de Wilde, confirmando aquilo que já sabiam: Stan e Nicole estavam juntos no Jardim Botânico.

– Mas o mais interessante vem das análises toxicológicas – disse o legista. – Primeiro a iboga. Ramphele também a consumiu, porém mais recentemente: algumas horas antes de morrer. Ou seja, perto da hora do assassinato de Nicole Wiese. Encontramos a mesma essência nos frascos de sua bolsa. Uma fórmula muito concentrada, como eu nunca tinha visto antes...

– De preparo artesanal?

– Sim. Primeiro me perguntei se essa essência podia modificar o comportamento dos usuários, mas as cobaias que testaram o produto logo dormiram... (Tembo coçou a barba). Então me debrucei sobre o pó que provocou a overdose de Ramphele e constatei que tinha a mesma molécula que figurava no coquetel ingerido por Nicole... A amostra trazida do trailer permitiu aprofundar minhas pesquisas. Como todas as drogas sintéticas, a metanfetamina tem componentes intermediários tóxicos para o cérebro, mas por mais que tenhamos procurado entre os substitutos usuais, não conseguimos descobrir do que se trata. Continuamos sem saber o nome dessa molécula.

– Como explica isso? – perguntou Neuman.

Tembo levantou os ombros:

– As máfias costumam estar sempre na frente da pesquisa pública, e têm muito mais meios do que nós...

Tembo conhecia o assunto: desde o LSD e o gás BZ, as inovações trazidas pelas neurociências e a pesquisa farmacológica tinham aberto o campo para inúmeras possibilidades. Hoje, podia-se reprogramar as moléculas para que atingissem os mecanismos reguladores do funcionamento neuronal ou do ritmo cardíaco. Aquilo que derivava da experiência pesada era cada vez mais informatizado, os compostos bioativos mais promissores podiam ser identificados e testados numa velocidade prodigiosa. Depois de terem experimentado no Iraque drogas que acentuavam a vigilância dos soldados, os militares esperavam ver, num futuro próximo, tropas partindo para o combate empanturradas de medicamentos que aumentassem a agressividade, a resistência ao medo, à dor e ao cansaço, agindo ao mesmo tempo, através de um apagamento seletivo da memória, no sentido de uma supressão das lembranças traumáticas. Tembo, que acompanhava de perto essas coisas, não era muito otimista. O 11 de Setembro engendrou um período de violação das normas internacionais, sobretudo nos EUA: continuavam os experimentos, *a priori* proibidos, com armas químicas, sob pretexto de preservar a pena de morte por injeção e a manutenção da ordem pelo recurso aos gases lacrimogêneos, mas o “antiterrorismo” entrou numa corrida em que o direito não tinha mais lugar. Os russos não tinham revelado o nome do agente químico utilizado no ataque ao teatro de Moscou em 2005, e os projetos de pesquisa continuavam sendo conduzidos em todos os cantos. A aeronáutica americana almejava, desde a primeira guerra do Golfo, a fabricação e a aplicação de afrodisíacos ultrapotentes, capazes de provocar comportamentos homossexuais nas fileiras inimigas, um laboratório tcheco trabalhava na transformação de anestésicos combinados a uma série de antídotos ultrarrápidos, comandos especiais poderiam então proceder a execuções pontuais no meio de uma multidão em estado de choque, ou anestesiada.

Descartadas por causa de efeitos colaterais indesejáveis, milhares de moléculas dormiam nas prateleiras dos laboratórios, algumas podiam ser recicladas por organizações pouco escrupulosas...

Neuman o escutava sem dizer palavra. Máfias era o que não faltava no país – cartéis colombianos, russos, máfias africanas. Uma delas podia ter inventado um novo produto. O olhar de Tembo se iluminou enfim, como se acabasse de descobrir o segredo das pirâmides.

– Apliquei as amostras que trouxe em ratos – disse com um sorriso clínico. – É interessante... Venha ver.

Neuman o seguiu até a sala vizinha.

Havia vários espécimes em vidros nas prateleiras. Duas auxiliares de laboratório trabalhavam em volta das mesas.

– O protocolo está pronto? – perguntou o médico-chefe.

– Sim, sim – respondeu uma silhueta, enigmática debaixo de sua máscara. – Comece pelo número três...

Dirigiram-se para as gaiolas de camundongos no fundo da sala. Havia uma dezena delas, hermeticamente fechadas, com uma ficha correspondente às experimentações em curso.

– Aqui está a gaiola de que lhe falei antes – disse o legista. – Aquela em que testamos a iboga...

Neuman se debruçou sobre os bichinhos: meia dúzia de camundongos dormindo, tranquilamente, uns sobre os outros.

– Fofo, né? – Tembo apontou para a gaiola vizinha. – Fumegamos esta com o pó encontrado no trailer. Os ratos que está vendo estão agora na fase número um: inalaram o produto agora há pouco.

Neuman franziu as sobrancelhas. Uma agitação anárquica reinava na gaiola; a metade deles rodava em círculos a toda velocidade, os outros copulavam, tudo na maior confusão.

– Estupro, comportamentos desviantes, mania de sexo... Depois de um flash de dois ou três minutos, os casais e as hierarquias foram por água abaixo, como pode observar, com a maior naturalidade... A fase número dois é um pouco menos folclórica.

Uma dezena de ratos vagava, desvairada, na gaiola seguinte.

– Apatia, perda das referências sensoriais, repetição de atos *a priori* sem lógica, dessolidarização do grupo, comportamentos associais, paranoicos... Essa fase pode durar várias horas até que as cobaias caiam num profundo sono. As primeiras a serem testadas ainda não acordaram. Agora – disse com olhos de gelo –, veja o que acontece quando se aumenta a dose...

Neuman se debruçou sobre a gaiola e reteve a respiração. Havia dezenas de cadáveres atrás dos vidros, num estado horrível: patas roídas, focinho arrancado, pelagem estraçalhada, cabeça meio deslocada; os sobreviventes, que perambulavam em meio aos mortos, não estavam em melhor estado...

– Depois de uma breve euforia, todos os ratos perderam o controle, não apenas as inibições – explicou Tembo. – Alguns começaram a se

entredivorar. Os dominantes agrediram os mais fracos, não hesitando em matá-los, antes de os estraçalharem. Depois se lançaram ao restante das cobaias... A carnificina durou horas, até o esgotamento.

Restavam apenas os dominantes: dois ratos de laboratório que deviam ter sido brancos, sem cauda, cada um com um pedaço da cabeça arrancado e que se olhavam de longe.

– Estão em estado de choque – comentou o legista. – Autopsiamos diversos cadáveres e discernimos graves sequelas no córtex... A droga parece provocar uma aceleração das reações químicas, passando a gerar uma substância que age como um catalisador, de modo que a velocidade de reação parte de zero e então se embala, deslançando a catálise e acelerando ainda mais o processo... Como uma bomba atômica e a fissão de núcleos de urânio.

– Traduzindo...

– Euforia, entorpecimento, carência, furor, estado de choque: o comportamento do consumidor varia segundo a dose administrada.

– Uma ideia da reação química em humanos?

O legista alisou a ponta da barba.

– Os resultados podem variar de acordo com os antecedentes, o sistema nervoso e o peso da pessoa – disse ele –, mas segundo nossos testes comparativos, podemos afirmar sem maior risco de engano que com uma dose de um centímetro cúbico, a pessoa decola. Com dois centímetros cúbicos, passado o momento de excitação, flutua-se numa forma de torpor paranoico: era o estado de Nicole quando a assassinaram... Com uma dose de três centímetros cúbicos, entra-se numa fase de agressividade descontrolada. Com quatro, destrói-se tudo aquilo pelo que se passa, terminando geralmente consigo mesmo... Em suma, fica-se louco.

– Stan estava em que estado no momento de sua morte? – inquiriu Neuman.

– Totalmente fora dos parâmetros – respondeu Tembo. – Ele se injetou mais de dez doses.

A tarde caía quando Neuman deixou o necrotério de Durham Road.

Tinha visto Dan e Brian um pouco antes, quando voltavam da penitenciária de Poulsmoor: Sonny Ramphole traficava maconha para os surfistas de Muizenberg, e o caçula visivelmente o sucedera, com um produto muito mais tóxico. Stan usava seu físico para atrair uma clientela

feminina branca e estender sua rede para a juventude dourada de Cape Town. Teria aproveitado do passeio à praia de Muizenberg com sua namoradinha Nicole para se prover da droga? A iboga podia explicar a visita noturna ao Jardim Botânico – planar sob as estrelas e fazer amor entre as flores – mas o resto não se encaixava: se os amantes tinham partilhado seus psicotrópicos com vistas a uma trepada, Stan enganara Nicole sobre a mercadoria. Ele a fizera ingerir um produto sofisticado e ultraperigoso, afogado em cristais de tik...

O rumor que rugia no corpo de Neuman vinha de longe. Que tivessem massacrado uma garota enquanto ela fazia amor entre as mais belas flores do mundo, a ideia de que se devesse pagar pelo seu prazer o repugnava.

*

Dan contou a história da zebra mal amada e da gralha, que roubou suas listras. Ela acabava conseguindo-as de volta, mas todas misturadas, de modo que ninguém mais a reconhecia no rebanho; pobre zebra.

– E a gralha? – perguntou Tom.

– Esperou a estação das chuvas e a chegada de um arco-íris para roubar suas cores – respondeu seu pai.

Sucesso total no beliche. Ainda teve que dizer boa-noite a Baguera, a pantera espantosamente preta, parlamentar com toda a turma de Tom disposta sobre a cama, somente após o quê era a vez de Eve, que então consentia em parar de falar, pegar seu bichinho pela pele do pescoço e pôr o polegar na boca.

– Boa noite, girafinha – disse, beijando-a sobre os olhos.

Dan fechou a porta do quarto com uma lâmina no ventre. Sempre o medo: medo de perder Claire, de não estar à altura... Os anjinhos dormiam em lençóis de faquir.

Acalmou-se um pouco antes de ir ter com sua mulher, que estava lendo lá embaixo.

Não assistiam mais TV desde que ela ficara doente; no início achavam aquilo estranho – nem lhes passava mais pela cabeça ligá-la – depois se deram conta de que seu tempo junto valia mais do que programas de culinária.

Dan e Claire tinham se encontrado cinco anos antes num bar de Long Street, uma noite despreziosa que mudou suas vidas. Fletcher cresceu

numa família da pequena burguesia anglófona de Durban onde sua homossexualidade latente se resumira a algumas masturbações semivergonhosas nos banheiros do clube de esportes onde jovens grandalhões empreendedores o tinham aliviado sem que ele ousasse passar às vias de fato – a penetração, grande tabu masculino. Claire cantava aquela noite *standards* dos anos 1970, acompanhada por um violonista negro sedutor – “I Wanna Be Your Dog”; mesmo executado acusticamente, aquilo o atraía para seus quadris leves que ondulavam sob os spots em seu vestido apertado... Sua graça, os *dread-locks* loiros que caíam sobre seus ombros nus, sua voz grave e triste, quase masculina: Dan derreteu. Ele a abordou no bar com seus olhos vermelhos e Claire disse sim a tudo, imediatamente: filhos, a vida.

Cinco anos.

Hoje Claire não cantava mais, seus cabelos tinham caído aos punhados, mesmo o desenho miraculoso de seu quadril se desfez sob os raios. A beleza bombardeada, e o pavor que jazia sob as flores: Dan não suportaria seu desaparecimento. A ameaça que pairava sobre eles os talhou em cristal e, debaixo de seus ares másculos e tranquilizadores, era ele o mais frágil...

– Tudo bem? – perguntou Claire vendo-o voltar do quarto.

– Sim, sim...

Sua mulher lia, com os pés apoiados no sofá da sala. Vestia uma blusa branca que descia sobre suas coxas, um short de algodão e óculos de armação de prata que, com seu livro, lhe davam um ar estudioso bastante apetitoso... Ele se inclinou sobre a capa:

– O que está lendo?

– Rian Malan.

O sul-africano que escrevera *My Traitor's Heart*, essa assustadora obra-prima.

– É o seu último livro – precisou Claire.

Mas Dan não parecia muito concentrado na obra do jornalista-escritor. Olhou-a ajeitar uma mecha loira atrás da orelha – ela ainda não se tinha acostumado com a peruca – e se ajoelhou no chão. Ela tinha tornozelos finos, suaves, comoventes... Claire esqueceu seu livro e, num pequeno sorriso, fechou os olhos: ele estava beijando seus pés, uma multidão de beijinhos como uma poeira de amor se espalhando, ele os lambia e sua língua penetrando entre seus dedos a excitava... terrivelmente. Ela adorou suas mãos à flor da pele, seus dedos vasculhando debaixo do algodão do

short... Sentiu que estava ficando molhada e, encantada, deixou-se derrubar para trás...

Mal tinham acabado de fazer amor e o telefone tocou ao pé do sofá. Temendo que as crianças acordassem, Dan fez um movimento para pegar o aparelho. Claire se agarrou no mesmo movimento, ainda toda encaixada nele: ele atendeu ao quinto toque.

– Incomodo?

Era Neuman.

– Não... não...

Dan tinha estrelas na cabeça e um arquipélago de cometas à guisa de travesseiro.

– Passo aí para pegá-lo amanhã de manhã para um passeiozinho à beira-mar – anunciou Neuman. – Brian também vai...

O ventre de sua mulher o mantinha quente, firmemente:

– Ok.

– Não esqueça sua arma, desta vez...

– Não, prometo.

Dan sorriu ao desligar. Pura camuflagem. Nunca contou para Neuman, muito menos para Claire, na verdade um medo-pânico roía suas entranhas: sua mulher doente, as crianças, ele não passava de um maricas que tremia pelos seus... Claire o trouxe de volta para ela com uma sutil contração do períneo. O amor corou sua face pálida: ela sorria para valer, corajosa, emagrecida, confiante.

Dan engoliu uma tragada de piedade diante de sua peruca ligeiramente fora do lugar, mas sua bacia ondulava suavemente ao longo de seu sexo. Ela murmurou:

– Mais.

Gulethu não sabia mais quando as coisas tinham começado a degradingolar. Aos dez? Doze anos? A puberdade perturbada, atos selvagens, incandescentes – havia sido sua irmã, sua prima? Gulethu não se lembrava mais. De nada. Um recalque que engoliu até sua própria superfície. O iceberg boiava agora ao sabor da correnteza, sem destino nem piloto.

Segundo a tradição zulu, as pessoas culpadas de incesto deviam apodrecer vivas. *Sonamuzi*: o pecado de família, de que se havia se tornado culpado. “Não é minha culpa”, gritava no escuro: era a maldição que pesava sobre ele e aquelas putinhas sujas que o tinham levado àquilo. Era a *ufufuyane* que as deixava loucas. Sexualmente fora de controle. A *ufufuyane*, a doença que atingia as garotas e se abatia sobre ele. O perigo estava em toda parte, bastava ver seu rebolado carregando água, seus seios pesados balançando ao sol, e seus sorrisos que o figavam pelo caminho como uma teia de aranha... Gulethu foi sua vítima, sua presa, e não o contrário, como decretou o chefe da aldeia: a *ufufuyane* era a causa de tudo, a *ufufuyane* foi enviada pelos espíritos para enganá-lo. Mas ninguém o escutou. Tinham-no banido da aldeia: “Que apodreça vivo!”.

Poderiam tê-lo degolado como um zebu sacrificado, arrancado sua pele para lembrá-lo do poder do tabu ancestral, os aldeões tinham preferido deixá-lo se decompor lentamente, segundo a tradição. Gulethu foi para a cidade, ou ao menos para suas townships, onde outros antes dele já tinham se misturado com o lixo.

O poder do *sonamuzi* era forte: a *umqolan*, a feiticeira que ele tinha consultado, lhe disse. Alguém tinha lhe falado dela, Tonkia, uma velha desdentada que preparava remédios e que diziam ser íntima dos espíritos contrários. A *umqolan* conhecia sua maldição. Já havia tratado aquilo. Ela afastaria o pecado de família que pesava sobre suas noites. Confeccionaria um *muti* para ele, uma poção mágica que o desviaria de seu destino. Ele não apodreceria. Não agora. Uma jovem branca o salvaria. Qualquer uma, desde que fosse virgem. Bastava lhe trazer o esperma que a tinha deflorado.

Gulethu preparou cuidadosamente seu golpe. Prometeu muito ao jovem Ramphele, sem lhe dizer tudo. As coisas tinham se passado como ele esperava até o momento em que aquela maldita piranha começou a gritar: gritos de cadela no cio. A *ufufuyane* se apossou dela também: zulus, mestiças ou brancas, as cadelas estavam todas possuídas. Uma jovem virgem jamais teria aberto as pernas daquele jeito, nem proferido todas aquelas insanidades: os espíritos contrários tinham intervindo antes que ele tivesse a mínima chance de confeccionar seu *muti*.

Ele tentou contê-la, mas a cadela urrava cada vez mais...

Os gritos o acordaram em sobressalto. Gulethu se sentou, os olhos escancarados. Suores frios inundavam seu rosto, ele arquejava, entre dois mundos, mal distinguindo as paredes emboloradas do hangar. Logo viu as

enxergas espalhadas pelo chão, os outros roncando, e voltou à realidade... Não, não tinham sido os urros da garota a acordá-lo: era a *umqolan* que o advertia de um perigo.

Stan estava morto, mas os tiras podiam interrogar seu irmão na prisão. Podiam vir fuçar na praia... O Gato não podia ficar sabendo daquilo: *nunca*.

11

O mal-estar o invadiu desde o despertar. Um peso no coração, como se tivesse corrido debaixo d'água por horas, de cabeça para baixo. Uma morte em apneia. Epkeen sentou na beira da cama, procurou na bagunça de suas lembranças, não encontrou nem o rabo de um sonho. Uma impressão ruim pairava no ar do quarto, a manhã faria melhor em calar sua grande boca. A porra do relógio não despertou. Ou ele tinha esquecido. Sua cabeça coçava. Tinha dormido mal. Ficar de pé não melhorou as coisas.

Brian tinha que encontrar os outros; do jeito que as coisas iam, não teria tempo para tomar café, já estava fazendo calor e aquele passeio na praia, com ou sem seu amigo “Jim”, não o agradava nem um pouco.

– Hum... – miou Tracy, enrolada nos lençóis. – Já vai?

– Sim. Estou atrasado.

Brian afastou a mecha ruiva que escorria sobre seu rosto. Desajeitada em matéria de carinho, Tracy agarrou sua mão e a puxou para ela.

– Venha – disse ela sem abrir os olhos –, fique comigo.

Aquilo era estúpido, ele tinha acabado de dizer que estava atrasado.

– Vamos! – insistiu Tracy.

– Me solte, *Darling*.

Ele não estava com vontade de brincar. A tenacidade dela o irritava. Não estava apaixonado: devia ter lhe dito na noite anterior que aquilo não servia de nada, era uma história sem futuro, ele era apenas o sal de um oceano de lágrimas, mas Tracy encostou nele seus grandes seios cheios de amor e seu coração se fendeu como uma tora, à primeira machadada, vencido voluntário... Mais uma derrota.

– O que está havendo? – lançou a garçonete, arriscando uma olhada por cima dos lençóis.

Brian estava saindo do banho.

– Nada... Absolutamente nada.

Ele se vestiu com o que encontrou por perto.

– As chaves estão na mesa da cozinha – disse ele. – Depois é só jogá-las no vaso de flores.

Tracy olhava para ele sem compreender. Ele pegou sua arma e saiu de casa.

*

Um vento violento varria a praia de Muizenberg. Neuman fechou o botão do casaco que cobria seu Colt 45. Epkeen e Fletcher seguiam protegendo o rosto das nuvens de areia levantadas pelas rajadas. Passadas as cabines pitorescas e obsoletas, a praia se estendia por quilômetros, até a township.

Tinham interrogado os guardadores de carros de coletes berrantes que traficavam também um pouco de dagga: um deles tinha reconhecido Stanley (ele tinha uma picape) e a garota (uma bonita loirinha). Nenhuma outra informação, nem dos tiras locais, nem dos informantes que estavam sendo apertados havia dias.

Deixaram o trapiche de madeira que percorria as primeiras dunas e começaram a andar na areia mole. À diferença dos fins de semana, em que os cidadãos afluíam, a praia de Muizenberg estava quase vazia; os raros banhistas se concentravam perto da cabine dos salva-vidas, onde dois loirinhos de colares africanos vigiavam de perto sua musculatura. Neuman lhes mostrou a foto de Ramphele, mas jovens negros de roupas da Gap e Ray-Ban de plástico eles viam passar às dezenas todos os dias. Idem para a loirinha que o acompanhava...

As ondas quebravam estrondosamente, engolindo alguns surfistas de passagem: interrogaram os cabeludos de neoprene que saíam vivos, não obtiveram mais do que caretas salgadas. Caminharam. E caminharam. As casas se fizeram raras. Logo não restou mais do que um surfista ao largo e pacotes de ondas mal lambidas quebrando-se ruidosamente. Epkeen suava debaixo de sua jaqueta, estava começando a cansar daquele passeio, fazia vinte minutos que caminhavam no visgo. Fletcher ao seu lado não dizia nada, silhueta indolente sob o sol e os turbilhões que vinham fustigar seus rostos. Neuman andava à frente, insensível aos elementos. Um, dois quilômetros... Perceberam então um grupo de homens protegidos por uma duna. Negros, meia dúzia deles, bebendo *tshwala*²⁶ debaixo de uma palhoça

desmantelada. Uma garota dançava na sombra; a música, contra o vento, só lhes chegou mais tarde – uma espécie de reggae, cuspidada por um aparelho de som portátil...

Neuman fez sinal a Epkeen para dar uma olhada ali: ele e Fletcher prosseguiriam até as dunas – uma fina fumaça cinza subia mais adiante, levada pelo vento. Brian foi direto para o bar improvisado, um par de coxas douradas em linha de mira...

As rajadas levantavam nuvens. Fletcher se pôs no encalço de Neuman e o seguiu até as dunas brancas.

Um cheiro de galetto pairava no ar, e mais uma coisa indizível. Viram uma cabine de praia embolorada, uma *braai*²⁷ instalada ao abrigo do vento, e dois homens de boné que cuidavam do assado. Neuman avaliou o terreno, viu apenas a crista das dunas e os sujeitos virados para eles. Trazido pelas rajadas, o reggae da palhoça chegava-lhes em fragmentos. Neuman se aproximou. A porta da cabine, entreaberta, só se mantinha em pé por pura fantasia. Os dois negros, em compensação, pareciam durões.

– Estamos procurando esse homem: Stan Ramphele.

Os caras tentavam sorrir, de olhos vermelhos: um negro seco e forte, na faixa dos trinta, com os dentes parcialmente apodrecidos pela desnutrição e a droga, o outro mais jovem, tomando uma cerveja e olhando para a latinha como se o gosto mudasse a cada gole.

– Não conhecemos esse cara – disse ele, com o bafo carregado.

– No entanto você tem cara de ser um de seus clientes. Stan – insistiu Neuman –, um traficante de dagga que começou a trabalhar com tik...

– Não sei de nada disso, *man*... A gente aproveita a praia, só isso!

O vento fez voar as cinzas na churrasqueira. Eles tinham cicatrizes nos braços, no pescoço...

– Vocês vêm de onde? – perguntou Neuman.

– Da township. Por quê, *man*?

Fletcher mantinha-se recuado, com a mão na coronha de sua arma.

– Encontramos Stan morto em seu trailer com uma dose de pó de estourar as veias – respondeu Neuman. – Uma mistura à base de tik. O que pensam disso, rapazes?

– Teria que estar a fim de falar disso – respondeu o negro seco e forte.

Neuman empurrou a porta da cabine de praia, viu um binóculo no chão sujo. Um modelo de última geração, que não combinava com aqueles miseráveis. Eles os tinham visto vir. Estavam esperando por eles.

O sorriso do negro seco e forte se fechou, como se adivinhasse seus pensamentos. Seu comparsa deu um passo para contornar a churrasqueira.

– Você, não se mexa – exclamou Fletcher tirando a arma do coldre.

Sentiu no mesmo instante uma presença em suas costas.

– Você também não!

Um revólver estava encostado em sua nuca. Um terceiro homem acabava de surgir de trás da cabana. Neuman desembainhou sua arma, mas não atirou: a outra arma estava apontada para a cervical de Fletcher, e o cara com a Beretta tinha os olhos vazios, de um negror apagado. Um tsotsi de nem vinte anos com quem ele já tinha cruzado em algum lugar: no outro dia, no terreno baldio, os jovens que estavam chutando Simon... Fletcher varreu os arredores com o canto do olho, mas era tarde demais: os outros tinham tirado dois revólveres do saco de carvão embaixo da churrasqueira.

– Mãos para cima, franguinhos! – sibilou o negro seco e forte, com o cano apontado para Neuman. – Gatsha, pegue a arma dele: devagar!

– Um gesto e seu amigo recebe uma bala na cabeça! – latiu o mais jovem.

Gatsha avançou para Neuman como se ele mordesse, e arrancou a Colt de suas mãos.

– Calma aí...

– Cale a boca, preto!

Com a pistola em sua nuca, o chefe desdentado forçou Fletcher a se ajoelhar, com as mãos na cabeça. Os outros sibilaram alguns insultos em dashiki, com expressões vitoriosas. O zulu não se mexeu: Fletcher suava em bicas diante da churrasqueira, exangue, pernas tremendo para completar. Neuman blasfemou entre os dentes: Dan estava amarelando. Dava para sentir pela dilatação de seus poros, pelo vento de medo que o estrangulava e por suas mãos perdidas na cabeça...

– Você, fique encostado aí! – gritou o nervosinho para Neuman. – Mãos na parede!... Tá escutando, imbecil?!

Neuman recuou até o canto da cabine de praia, encostou as costas e as mãos na madeira rachada. Gatsha o seguiu. Reteve a respiração quando o tsotsi apertou o revólver contra seus testículos.

– Mexeu um centímetro, explodo seus bagos e toda a merda que vai junto...

Joey, o jovem negro que encontrara no canteiro de obras, tirou então uma faca de seu cinto e a colocou diante de seus olhos:

– Já nos vimos antes, hein, franguinho?

Deu uma risada e, com um golpe seco, enfiou a lâmina na madeira embolorada. Neuman estremeceu: o tsotsi acabava de pregar sua orelha na porta.

– Não se mexa, já disse! – avisou o moleque, as veias dos olhos estouradas.

O cano apertava seus testículos. Sua orelha queimava, sangue morno escorria em seu pescoço, lóbulo e cartilagens tinham sido atravessados pela lâmina que o mantinha preso à porta. A alguns passos dali, Fletcher tremia sob as rajadas de vento, de joelhos, com a arma cravada na nuca.

– Então, franguinho, com medo? – O negro seco e forte apertou a cara do policial contra o chão. – Sabia que tem uma cara de veado? Já te disseram isso? Tira veado...

O mais jovem gargalhou. Gatsha mantinha o dedo no gatilho.

– O que acham de um franguinho grelhado, rapazes? – disse o chefe debaixo de seu boné. – Esse aqui parece no ponto!

– *Hey, man!* Franguinho grelhado! Oh oh!²⁸

– A gente pode dar uma chance pra ele, não?

– Sim!

– Não!

Os dois tsotsis discutiam só pra tirar onda, mas Gatsha não diminuía a pressão nos testículos de Neuman, que sentia a garganta apertada.

– Vamos, Joey! Traga alguma coisa para cortar o franguinho!

Fletcher, agora deitado na areia, não parava mais de tremer. Joey estendeu um *panga*²⁹ a seu irmão mais velho.

– Soltem-no! – disse Neuman, pregado à madeira da cabana.

– Vá se foder, preto.

Ali olhou furtivamente para a palhoça, como se Epkeen pudesse vê-lo.

– Não conte com seu amiguinho branco: estão cuidando dele...

Acreditou distinguir a silhueta de Brian através da bruma de calor, remexendo-se na pista de dança improvisada da palhoça... Que porra aquele idiota estava fazendo?

O negro seco e forte se debruçou sobre o jovem policial deitado no chão, passou a machadinha sobre suas costas como para limpar a lâmina:

– Agora você vai imitar um franguinho... Escutou? – Sussurrou em seu ouvido –: Vai imitar um franguinho, ou vou sangrá-lo, veadinho... Entendeu?!... **IMITE UM FRANGUINHO!**

Fletcher dirigiu um olhar de pânico para Neuman.

– Soltem...

A pressão do cano esmagou sua barriga. O tempo estancou. Só havia o vento escarpelando as dunas e os olhos cruéis do tsotsi ressumando desprezo em cima de Dan. Nem a música chegava mais até ele. O chefe ia desferir o golpe: Fletcher podia sentir em seus ossos, era apenas uma questão de segundos. Procurou Neuman com o olhar, não o encontrou.

Soltou um débil cacarejo que não cobria o barulho de seus soluços.

– Meio gesto e tu morre – bafejou Gatsha no ouvido ensanguentado de Neuman.

– Vai ter que fazer melhor do que isso! – proferiu o outro com o *panga* na mão.

Fletcher fez um pobre *có-có* que se perdeu no estrondo das ondas.

– Ah! Ah! – gargalhou o outro, com os olhos desvairados. – Olhem só esse franguinho! Oh! Que franguinho bonitinho!

O tira tremia perto da churrasqueira, com o rosto enfiado na areia. O tsotsi se levantou:

– Veja o que eu faço com veados como tu!

Com uma machadada, cortou sua mão direita.

*

Epkeen avaliou o grupo reunido diante do freezer. Eram uma meia-dúzia dançando na palhoça, principalmente uma mestiça com um vestido ostensivamente decotado. Ela se pavoneava bebendo uma cerveja, olhava para ele com insistência, brincando com a boca no gargalo. O Boombox cuspiu um reggae, dos músicos de Bob Marley... A garota se contorcia sobre a areia, os caras ali em volta, como abelhas: só o negão que servia a *tshwala* devia ter mais de trinta anos. Tatuagens nos braços, de má qualidade – provavelmente feitas na cadeia...

– Oi! – lançou a garota abordando Epkeen.

– Oi.

– Vamos dançar?

A mestiça pegou sua mão sem esperar a resposta e, abraçando-o, arrastou-o para a pista improvisada. Ele sentiu seu perfume de alcaçuz com o toque infeliz do lúpulo. Sua boca, apesar do dente que faltava, era bonita.

– Meu nome é Pamela! – gritou ela por cima da música. – Mas pode me chamar de Pam! – acrescentou sem parar de dançar.

Ele se inclinou sobre seu decote para responder em seu ouvido:

– Como uma pam pam girl!

A garota sorriu com um ar guloso. Os outros lhe dirigiam sinais amigáveis, seguindo o ritmo dos Wailers. Empurrado pelo impulso da garota, Epkeen sacolejou um pouco: Pamela se estreitava contra ele, maliciosa, provocante... Ele sacou a foto de Ramphele.

– Conhece?

A trepadeira rebolou em volta da foto, sacudiu a cabeça para dizer não, e se colou num longo frisson contra sua espinha – sua pele macia cuspiu fogo.

– Me paga uma cerveja?

Pam olhava para ele com uma expressão de súplica infantil, como se o mundo estivesse suspenso em seus lábios. Os outros os observavam. Epkeen fez sinal ao tatuado que servia a cerveja. Pegaram seus copos de plástico com uma sensualidade de acrobatas e, continuando a dançar, brindaram ao vazio. Como era impossível conversar com aquela música, o africânder puxou a garota para o pé das dunas.

Pam sorria para ele como se fosse muito bonito.

– Stan Ramphele – insistiu ele, colocando de novo a foto na cara dela –, um jovem que passava seus dias na praia... Um rapaz bonito. Certamente cruzou com ele.

– Ah, é?

– Stan traficava dagga e, nos últimos tempos, uma espécie de tik... Aqui, na praia.

A garota continuava a sacolejar.

– Você é tira?

– Stan morreu: quero descobrir o que aconteceu com ele, não prender você, nem seus amigos.

O vento fazia os berloques de seu cabelo tilintarem. Pam ergueu os ombros:

– Sabe, eu sou apenas uma garota da praia...

Seu sorriso esburacado encalhou a seus pés. O resto continuava a balançar no azul: ela bebeu sua cerveja de um gole, voltou a se colar nele e começou a rir.

– Não vai dizer que me trouxe até aqui para falar desse cara!

– Você parece uma garota honesta – mentiu ele.

– E agora – disse ela colocando a mão na bunda dele –, acha que sou honesta ou desonesta?

O capim curvava ao vento, o barulho das ondas se misturava ao reggae e Pam apalpava a mercadoria como quem conhece: empurrou sua barriga contra a dele, se enlanguesceu sobre seu sexo, se abaixou para roçá-lo com os seios, e então se ajoelhou. Epkeen sentiu a mão da mestiça descer por suas costas: num segundo, Pam tirou a arma do coldre.

Levantou-se com uma rapidez surpreendente, destravou a arma e apontou o 38 para o africânder, que mal esboçou um gesto.

– Não se mexa – disse, armando o cão. – Mãos na cabeça!... vamos!

Epkeen não pestanejou. Um homem apareceu detrás da duna. O tatuado que servia a cerveja.

– Tudo certo – exclamou ela sem parar de ameaçar o tira. – Mas esse babaca se recusa a levantar os braços.

– Ah, é? – disse o tatuado, se aproximando.

Tinha uma arma por baixo de sua camisa rasta.

– Vai enfiar essa sua cara suja no chão! – sibilou Pam.

Em vez de obedecer, Epkeen tirou um estranho objeto de seu casaco de pano: o *knout* dos avôs, com sua ponta de cobre.

– Pior pra tua cara! – arrotou Pam, mirando na cabeça.

A garota apertou o gatilho, duas vezes, enquanto Epkeen se lançava sobre o sujeito. Pam continuou a atirar, inutilmente, até compreender que o 38 estava descarregado. O tatuado sacou a arma, mas a tira de couro, se abatendo sobre seu rosto, arrancou um pedaço do tamanho de um bife. O homem soltou um grito sufocado e, cambaleando sob uma cortina de lágrimas, nem viu o segundo golpe vir: o 32 que tinha sob a camisa esguichou literalmente de sua mão.

Pam esvaziara o carregador entre as omoplatas de Epkeen, que deu meia-volta. O *knout* quebrou o punho da garota, que soltou o 38 grunhindo. Às suas costas, o tatuado quis apanhar o revólver no chão: o couro de hipopótamo abriu suas falanges até o osso. O coração de Epkeen batia a mil: não estavam lidando com traficantezinhos de praia e sim com tsotsis matadores de tiras. Uma rajada de vento fez seus olhos piscarem. Abandonando a arma, o tatuado vazou para a palhoça, segurando a bochecha. A garota ainda não tinha pensado em fugir: olhava para seu

punho quebrado como se fosse cair. Epkeen a acertou na ponta do queixo. Ergueu a cabeça e viu o tatuado subindo a duna correndo.

Escutou então um grito ao longe, por cima do ruído das ondas. O urro de um homem, vindo do outro lado das dunas...

Dan.

*

– Vai lá – soprou Gatsha na orelha furada de Neuman. – Me dá o prazer de abrir tua boca suja de preto. Vai, pra eu explodir teus colhões...

Estava apertando tão forte que Neuman sentia vontade de vomitar. Um gesto e estava morto. O outro só esperava isso. Fletcher chorava olhando para sua mão cortada, desvairado, como se não pudesse acreditar no que estava acontecendo. O sangue regava os pés da churrasqueira, o vento turbilhonava, ele soluçava como uma criança aterrorizada que ninguém viria salvar. Estava sozinho com seu toco e sua mão jogada na areia, solta do corpo. Vivia um pesadelo.

Neuman fechou os olhos quando o tsotsi cortou sua outra mão.

Fletcher soltou um grito atroz antes de desmaiar.

– Franguinho assado! – gritou o negro seco e forte, brandindo a machadinha.

Joey sorria, extático. O tsotsi juntou as mãos cortadas e jogou-as na churrasqueira. Neuman reabriu os olhos mas foi pior: o jorro de sangue que esguichava dos tocos, seu amigo no chão, desmaiado, as brasas aticadas pelo vento, o cheiro de carne, o crepitar das mãos sobre a grelha incandescente, a lâmina da faca que o pregava como uma coruja na cabana, o revólver nas suas tripas e os olhos desvairados de Gatsha que riam, insensatos.

– Ah! Ah! Franguinho assado!

As rajadas sopravam, furiosas, aticando as brasas; o negro seco e forte enfiou seu joelho nas costas de Fletcher, que não reagia mais. Puxou-o pela raiz dos cabelos e, com uma machadada, o degolou.

O coração de Neuman batia a mil. O fantasma de seu irmão passou por suas costas, que pingavam de suor. Iam cortar Dan em pedaços, iam assá-lo na praia, depois seria sua vez. Apertou os dentes para expulsar o medo que amolecia suas coxas. Um líquido morno continuava a escorrer sobre sua camisa e Fletcher agonizava debaixo de seus olhos espantados.

O tsotsi da machadinha se virou para o mais jovem:

– Joey! Vá ver como andam os outros enquanto cuidamos do preto...

O negro seco e forte imaginava mortes espetaculares quando a cabeça de Gatsha explodiu: projetado pelo impacto, o moleque não teve tempo de apertar o gatilho. Os outros se viraram imediatamente para a palhoça de onde tinha vindo o tiro: uma silhueta longilínea descia correndo a duna – um branco, com um revólver na mão. Brandiram suas armas e miraram nele.

Pedaços de carne e de osso tinham esguichado em seu rosto, mas Neuman reagiu na mesma hora: arrancou a lâmina que o prendia ao barraco e se lançou sobre eles. O negro seco e forte sentiu o perigo. Virou sua arma para o homem com a faca, tarde demais: cem quilos de ódio se cravaram em seu abdome. O tsotsi recuou um metro, antes de cair de joelhos.

Um primeiro tiro levantou um pouco de areia aos pés de Epkeen, o segundo se perdeu no azul: ele deteve sua corrida ao pé da duna e mirou. De cara para o sol, o sujeito não tinha chance: Epkeen abateu-o com uma bala no plexo.

Perto da churrasqueira, o chefe da gangue olhava sua barriga, incrédulo, a lâmina cravada até o cabo. Neuman não se deu ao trabalho de retirar a faca: pegou as mãos que crepitavam na grelha e jogou-as na areia.

Epkeen olhava o mundo como um inimigo, em busca de outro alvo. Viu então o corpo mutilado de Fletcher ao pé da duna. Neuman se precipitou para ele, tirou seu casaco, tomou seu pulso. Dan ainda respirava.

Epkeen acorreu enfim, branco como um fantasma.

– Peça socorro médico – lançou-lhe Neuman, pressionando a jugular de Dan. – Rápido!

[1](#) Chicote.

[2](#) *Townships*: assentamentos residenciais para negros, localizados fora das cidades. [N.R.]

[3](#) Enclave “reservado” aos negros no tempo do *apartheid*.

[4](#) *Bass*: de *boss*, chefe.

[5](#) Casinhas de alvenaria destinadas a serem aumentadas.

[6](#) Gângsteres das *townships*.

[7](#) Um rand = quarenta e cinco centavos de real aproximadamente.

[8](#) Em 1983, o presidente Botha estendeu os direitos dos mestiços e dos índios, mas não os dos negros, que tomaram isso como um insulto.

[9](#) Veículos blindados utilizados durante o *apartheid*.

[10](#) Erva local.

[11](#) Polícia sul-africana.

[12](#) O *Native Land Act*, concedendo 7,5% do território às populações autóctones, inventou o *apartheid*.

[13](#) Policial de uniforme.

[14](#) Adeptos do retorno à África.

[15](#) Campo fechado, conceito-chave da mentalidade *africânder*.

[16](#) Nome que designa o inglês pueril dos domésticos.

[17](#) O Partido Nacional, no poder durante o *apartheid*, tendo decretado algumas leis favoráveis aos mestiços em detrimento dos negros, a maioria daqueles tinha continuado a votar nele em vez do ANC por medo das discriminações de que poderiam se tornar objeto.

[18](#) Nome dado aos mestiços do Cap, originados de diversas etnias.

[19](#)¹⁹ African National Congress, também conhecido em português como CNA (Congresso Nacional Africano). [N.T.]

[20](#) Uma pele.

[21](#)²¹ Inkatha Freedom Party (Partido da Liberdade Inkatha): grosso modo, o partido dos zulus. [N.T.]

[22](#) “Nós, zulus, somos assim.”

[23](#)²³ *Afrikaner Weerstandsbeweging*, Movimento de Resistência Africânder fundado e liderado por Eugène Terre'Blanche até seu assassinato em 2010. [N.T.]

[24](#) Apelido dado aos barracos improvisados.

[25](#) A fim de facilitar uma transição “suave” os funcionários brancos do apartheid foram mantidos em seus postos por cinco anos.

[26](#) Cerveja artesanal extremamente amarga.

[27](#) Churrasqueira.

[28](#)²⁸ *Poulet*, frango, franguinho, é também uma gíria para policial. [N.T.]

[29](#) Uma machadinha.

SEGUNDA PARTE
ZAZIWE

- O que você tem, irmão mais velho?
- Estou queimando.
- E seus joelhos?
- Estão batendo.
- Seu calção vermelho?
- Está escorrendo mijo, como você vê.
- E seu rosto, irmão mais velho, seu rosto?
- Dois sulcos de petróleo.

Andy queimara debaixo de seus olhos: as lágrimas negras evaporavam como borracha em sua face, bolhas sebosas que estouravam ali, petrificadas... Os milicianos tinham soltado o supliciado, não valia mais a pena, ele ficava de pé sozinho, ou antes, procurava um lugar onde pudesse ficar de pé. Andy tentou rolar no chão, mas a borracha já tinha grudado, derretida, nele: podia continuar gesticulando, soltar gritos que perfurassem os tímpanos da Terra, aquilo não lhe daria um lugar onde desaparecer.

O tempo se comprimiu na cabeça de Ali. Decerto, pequeno demais para realmente compreender. Tudo era vago, irreal, estranhamento ultrapassado. Distinguia silhuetas na noite, os olhos injetados debaixo dos capuzes, a árvore-forca no meio do jardim, a lua fendida, os faróis giratórios da SAP no final da rua, os vigilantes³⁰ que montavam guarda ao redor da casa, os tiras à paisana que afastavam os vizinhos, mas tudo era falso, salvo aquelas lágrimas negras que degradingolavam sobre o rosto de seu irmão...

Andy se tornara incêndio, uma tocha consumida, um farol derrubado. Ali não escutava nem as vozes nem os ecos da rua, estava surdo ao caos e as imagens continuavam a se superpor, vazias de sentido: havia sua mãe atrás da janela, a cara encostada no vidro, sendo forçada a olhar, as vociferações, os bafos fétidos dos gigantes, mesmo o cheiro da borracha passava como flechas sobre sua cabeça.

Os homens o seguravam para que não perdesse nada do espetáculo “Olhe bem, zuluquinho! Olhe o que está acontecendo!”, mas o medo de morrer o nocauteou. Ali tinha vergonha, uma vergonha de fraco, a ponto de esquecer Andy que estava queimando: ele ainda estava vivo, só isso importava.

Não viu o que aconteceu depois: o mundo caíra de costas, a lua feita em pedaços.

Quando reabriu os olhos, os urros tinham cessado. O corpo desconjuntado de Andy jazia no chão, pássaro coberto de piche, e sempre aquele pavoroso cheiro de grelhado... Ali viu então seu pai enforcado e a realidade voltou até ele como um bumerangue.

Não havia dúvida: estava em casa, estava no inferno.

Uma mão o pegou pelas raízes do cabelo e o arrastou para trás da casa.

O vento alisava o capim e o oceano prateado que despejava reflexos ao crepúsculo. Neuman seguiu o caminho de pedras até o topo da falésia. Passando perto dele, uma gaivota em suspensão o encarou, antes de mergulhar no abismo.

O farol de Cape Point refulgia rubro, deserto. Ali contornou o muro pichado, se apoiou na mureta. Lá embaixo, ondas cinzentas se lançavam na enseada. O medo passou, não o cheiro de carne queimada.

Tinham transferido Dan para o hospital mais próximo, em estado crítico. O helicóptero da equipe de socorro levou quase vinte minutos para aterrissar na praia de Muizenberg: uma hora na cabeça de Neuman e Epkeen.

Por mais que apertassem torniquetes, bloqueassem o fluxo das artérias, vedassem as brechas com seus casacos, suas camisas, Dan fugia como de um chinês. Falavam com ele, diziam-lhe que suas mãos seriam recosturadas, que conheciam um especialista, o melhor, ele teria mãos novas, ainda mais belas, mais hábeis, mãos por assim dizer cirúrgicas, diziam qualquer coisa. Claire, as crianças, eles também precisavam dele, hoje, amanhã, os outros dias da vida, falavam enquanto Dan permanecia inconsciente, deitado ali, com a garganta cortada e uma careta pavorosa, e todo aquele sangue que a areia bebia... Neuman revia seu rosto aterrorizado diante da machadinha, seus olhos claros que lhe suplicavam, e seus choros

de criança quando cortaram a primeira mão... Ele o tinha levado para aquele pesadelo.

A equipe médica, os primeiros procedimentos na maca, a transfusão de urgência, o helicóptero que o carregou nos céus, a garantia de que fariam o máximo para salvá-lo, tudo aquilo não mudava nada. Epkeen não interviria tarde demais: ele é que havia falhado.

Restava a vida, agarrada aos farrapos, e a esperança de que saísse daquela – seu coração batia debilmente quando o transferiram...

Neuman passou por cima da mureta que cingia o farol e desceu até as pedras, suspensas no precipício. Um caco de lua bocejava no azul morto; escalou as pedras jogadas ali, fechou os olhos e se deixou maltratar pelas rajadas. Um passo a mais e o vazio o aspiraria. Um repouso de corda bamba... Mas podia revirar a pele da terra como se esfolia um coelho, no limite da vertigem estava só.

Neuman contemplou a noite cair antes de sair dali.

A lua o guiou pelo matagal. Apesar das suturas, sua orelha voltou a sangrar. Um babuíno se aproximou, um macho velho que o zulu mandou embora com olhar mortífero. Pensava em Claire, nos pequenos, em tudo o que não fizera para tirar Dan de lá... Estava atravessando a cancela da reserva quando Epkeen ligou para seu celular. Brian estava no hospital, com eles.

Uma chance em dez, disse o médico.

– E aí?

Neuman reteve a respiração, em vão:

– Acabou...

2

Joost Terreblanche serviu por dezesseis anos como coronel no 77º batalhão de infantaria, a unidade especial encarregada de manter a ordem no bantustão de KwaZulu.

O governo do apartheid delegou o poder no interior dos encraves a chefes tribais, sob a tutela do ministério. Esses chefes “comprados” tinham o apoio de milicianos escolhidos entre os miseráveis locais, os *vigilantes*, que faziam reinar a lei a pauladas. A população negra vivia no terror, ainda mais que os militantes do ANC ou da UDF³¹ impunham represálias ferozes

contra aqueles que furavam o boicote ou qualquer pessoa que colaborasse com o opressor. Politicamente isolado, o apartheid sobreviveu dividindo seus inimigos. Assim, tinham deixado o Inkatha zulu do chefe Buthelezi contestar a liderança do ANC como oposição, depois criticar sua eventual participação numa coalizão governamental, provocando dez anos de guerra civil latente e a pior violência de sua história³². As manifestações degeneravam em banhos de sangue: quando os tumultos ameaçavam se tornar levantes, enviavam os Casspir do 77º batalhão, os famosos veículos blindados que traumatizaram uma geração.

Joost Terreblanche mostrou-se de uma eficácia notável, um “limpador de bantustões” citado nas escolas militares. Recompensando seus leais serviços, o governo alocou uma nova residência para a família do militar.

Ross e François, os dois filhos vigorosos que sua esposa lhe deu apesar de suas carências, tinham até então crescido na atmosfera austera e confinada das casernas: o cenário encantador da nova propriedade seria, para os dois rapazes – um de dezesseis, outro de catorze anos –, um novo território de liberdade. Joost estava orgulhoso de sua situação, confiante no amanhã. Ruth, sua mulher, lhe causava mais preocupações: ela era o elo frágil da família.

De constituição delicada, Ruth afirmava não poder cuidar sozinha de uma casa tão grande – uma residência no mais puro estilo colonial, que os antepassados huguenotes de Joost não teriam renegado. Cozinha, jardineiro, faxineira, boy, Ruth logo se cercou de um exército de criados. Naturalmente, o acesso à casa era vigiado: Joost não sabia que o inimigo viria de dentro dela.

O jardineiro negro, um zulu chamado Jake. Debaixo de sua velha toca vermelha desbotada e de suas luvas puídas armadas de tesouras de poda, escondia-se uma alma pérfida: Ruth nunca deveria ter deixado François com aquele cara, ainda menos ajudá-lo a plantar suas malditas flores. François era mais jovem, mais impulsivo, mais frágil que Ross, este sim um rapaz forte – era preciso vê-lo serrando madeira. O jardineiro colocou ideias negras na cabeça do caçula. Sabia que François era vulnerável. Manipulou-o com seus sorrisos humildes de cafre embrutecido pelo sol... Em menos de dois anos, François estava repetindo suas baboseiras na cara de seu pai, uma noite, à mesa, com toda a convicção de um jovem imbecil que está descobrindo o mundo. Joost se mostrou firme, mas François não cedia. Explicações, ameaças, castigos, surras, por mais que Ruth se derramasse em

lágrimas, nenhum dos dois dava o braço a torcer. O jardineiro foi surrado e despedido, François posto no internato. Joost dizia para si mesmo que aquilo era apenas uma crise de adolescência: já havia amansado caras bem mais durões do que aquele moleirão. Ele o agradecerá mais tarde.

No ano em que faria dezoito anos, François voltou para casa um dia e lhes anunciou que deixaria definitivamente o teto familiar. Seu pai ameaçou renegá-lo, sua mãe se suicidar, seu irmão mais velho “arrebentar sua cara”. François foi embora na moita, encontrar seus amigos *beatniks* (como os chamava seu pai), um bando de drogados à base de direitos do homem e de maconha, que tinham acabado de doutriná-lo com suas utopias igualitárias – igualitárias o caralho, fulminava o coronel: como se os negros fossem capazes de igualdade! Bastava ver a África, a África e seus olhos cobertos de moscas: reizes de quepe se apropriando das riquezas do país para seus clãs, imperadores de taipa, chefes de guerra cúpidos e sanguinários, ministros limpadores de vidros, populações famintas e ignaras manipuladas como gado! Os negros no poder eram imaturos, violentos, mentirosos, incompetentes, incultos: não tinham nada a ensinar aos brancos, ainda menos o espírito de liberdade e de igualdade. Não se podia partilhar dois séculos de labor com adeptos da machadinha. Era só ver seu belo símbolo Mandela e sua mulher, Winnie, que assistia às sessões de tortura dos oponentes do ANC, os milhares de crimes cometidos em nome da “liberação” – Apazo, ANC, Inkatha, UDF, todos se entrematavam pelo poder! Os brancos que se diziam liberais e militavam pela causa negra eram esquerdistas inconsequentes, e François um insensato por desafiar seu pai daquele jeito – que nunca mais colocasse os pés ali, entendido?!

De fato, nunca mais o tinham visto. Três anos sem novidades, até aquele memorando que Joost recebeu da SAP: François Terreblanche acabava de ser preso pelo assassinato de sua namorada, Kithy Brown, encontrada morta num pardieiro sórdido do centro de Jo’burg. Vergonha, cólera, amargor, o coronel não fizera nada para defender seu filho: cinco anos de xadrez.

Eles tinham visitado François antes da transferência para a prisão. Louca de dor, Ruth predisse a seu filho que ela morreria na véspera de sua liberação, e que ele ficaria com aquela culpa na consciência. Mais sóbrio por natureza, Joost lhe desejou boa sorte entre os negros.

O tempo passou. Três anos em que Ruth soçobrou no espiritismo e nos retiros. A saúde não era seu forte, e a fatalidade, sua obsessão: ela morreu de uma ruptura de aneurisma na véspera da saída do filho da prisão.

François, que seu pai não autorizou a assistir aos funerais, seguira-a no mesmo mês: suicídio, segundo a investigação interna.

História antiga.

Joost Terreblanche não testemunhou na Comissão Verdade e Reconciliação³³. Obedeceu às ordens de um país que combatia a expansão do comunismo na África: a queda do muro de Berlim precipitou a do apartheid, mas os países ocidentais, embora afirmassem boicotar o regime, o apoiaram em sua luta contra os Vermelhos. Aquela era a verdade. Quanto à reconciliação, podiam continuar a fazer comissões.

Terreblanche tinha hoje sessenta e sete anos, uma atividade extremamente lucrativa, e o que dizia respeito àquele período trágico de sua vida se lhe tornara completamente indiferente. A operação de que estava encarregado, uma vez levada a termo, lhe permitiria encontrar Ross, seu filho mais velho, que, depois da expulsão dos fazendeiros brancos do Zimbábue, se refugiou na Austrália. Eles teriam sua revanche, com um monte de grana para coroar: aumentariam a fazenda. Iam transformá-la na maior exploração de Nova Gales do Sul.

Mas ainda tinha que gerir aqueles malditos cafres... Aquele – ou antes, aquela mulher – não parecia muito bem.

– Onde a encontrou? – perguntou Terreblanche.

– Aqui, com os outros.

O Gato permanecia na sombra do hangar, com uma lima na mão, passando-a cuidadosamente sobre suas unhas pontiagudas. A manga de sua camisa estava avermelhada, seus olhos turvos debaixo de suas pálpebras falsamente adormecidas. A presa que trouxe para seu mestre quase dava pena de ver, pendurada numa trave, com os braços presos por correntes de bicicleta. Pam, a putinha do bando, que elegeu domicílio no hangar...

Terreblanche se aproximou da mestiça que fazia caretas sob a luz pálida do neon. Seus dedos do pé mal tocavam o chão e o aço engraxado serrava seus punhos: um deles, quebrado, parecia ter esgotado suas lágrimas.

– Agora vai me contar o que aconteceu na praia – disse ele.

O sangue pingava do escalpo semiarrancado da putinha. Uma lembrança do Gato.

Musculoso, compacto, moldado nos esportes de combate e nas operações especiais, Joost Terreblanche não era de natureza paciente:

– Então?! – gritou, no vazio do hangar.

Pam fez um esforço terrível para levantar os olhos. Eram castanhos, globulosos, fixados no chicote.

– Gulethu... Foi ele que nos disse para afastar os tiras...

Gulethu era o chefe do bando de miseráveis. Um homem de confiança, segundo o Gato. Baboseiras, como sempre: faltava um veículo no hangar, o Toyota, e os cinco homens que o pilotavam.

– E o que esses tiras queriam?

– Es... estavam atrás de informações sobre um cara – choramingou a garota.

– Que cara?!

– S... Stan.

– Stan o quê?

– Ramphele – gemeu Pamela.

– Um traficantezinho local – esclareceu o Gato, de seu canto de sombra.

– Ramphele retomou o negócio de seu irmão na costa. Encontraram ele morto há dois dias. Uma overdose, pelo que dizem.

Terreblanche apertou mais forte seu chicote. Tinha acabado de compreender.

– Gulethu repassou a droga para Ramphele, é isso? – rugiu ele.

A garota fez que sim com a cabeça, os olhos congestionados. Ele se enfureceu em silêncio: encarregado do tráfico nos campos de squatters, Gulethu estava bem situado para conhecer o efeito viciante da droga. Tinha tentado enganá-los escoando uma parte do estoque através de um revendedorzinho da costa, sem saber o que havia ali dentro: o imbecil.

– Há quanto tempo ele está fazendo isso?

– Dois... dois meses.

– Quantos traficantes?

– Ramphele... era só ele...

Ele brandiu seu chicote:

– Quem mais?

– Ninguém! – se esgoelou a garota. – Gulethu: ele sabe tudo!

Ela começou a chorar. Terreblanche manteve seu sangue frio: o chefe do bando desapareceu, mas não era tarde demais. Gulethu certamente estava escondido na região, ainda dava para cercar o setor, localizar a Toyota...

– Quanta gente experimentou a droga?

– Não sei... Ele tinha uns trinta clientes... todos brancos. Eles queriam sempre mais... Os preços aumentavam quando os caras ficavam viciados...

Num dia bom, eles podiam ganhar milhares de rands... Uma soma irrisória quando se sabia o que realmente estava em jogo. Terreblanche ergueu a cabeça palpitante da putinha:

- O que aconteceu com os tiras?
- Devíamos despistá-los... mantê-los longe da casa...
- E o que deu errado?
- ...
- Responda!
- Precisando de ajuda? – lançou o Gato.

Pam se contorceu na ponta da corrente. Seus tornozelos estavam cedendo, não tinha mais força. Seu punho quebrado a torturava.

– Joey – gemeu ela. – Um dos tiras já o conhecia... Tentamos escondê-lo, mas eles desconfiaram de alguma coisa...

O bando de Gulethu era composto de doze homens, divididos em dois grupos. Os tiras tinham caído sobre a equipe do dia: três tinham morrido na praia, três outros estavam nas mãos de Terreblanche – a garota pendurada na viga e os dois cafres que estavam contando seus dentes no dormitório ao lado. Restavam portanto seis ovelhas sarnentas.

– Onde está Gulethu? – perguntou Terreblanche.

– Não sei... Saiu com os outros sem nos dizer para onde. Ele... ele nos disse para ficar aqui. Que ia cuidar de tudo...

Terreblanche empunhou seu escalpo e, pelo grito que soltou, acreditou nela.

Gulethu dividiria a bolada em seis em vez de doze. Tinham vasculhado o hangar sem achar nenhum dinheiro, nada além de seus pertences sebosos em sacos de pano e dos seus amuletos embaixo do colchão. O dinheiro do tráfico paralelo devia estar escondido em algum lugar, onde ninguém iria procurá-lo. Era preciso encontrar o resto do bando, antes dos tiras... Terreblanche se debruçou sobre os bibelôs, os porretes e outros adornos empilhados num canto do hangar. Havia sangue incrustado num dos porretes.

– São as coisas de Gulethu, certo? – perguntou. – O que ele fazia com esses amuletos?

– Ele... ele falava de uma *umqolan* que expulsava a má sorte...

Uma feiticeira, no jargão das townships.

Terreblanche fez uma careta de desprezo. Frequentara os bantustões zulus tempo suficiente para conhecer suas crenças, seus rituais, toda aquela

baboseira que chamavam de sua cultura. Pelo menos tinham uma pista.

– Sabe onde podemos encontrar essa bruxa?

– Não! Não... Juro... Juro...

Tomada de náuseas, Pamela se deixou cair na ponta da corrente.

O ex-coronel abriu uma pálpebra dela, mas a mestiça havia desmaiado. Não aguentaria muito tempo naquele estado.

– O que fazemos com ela? – perguntou o Gato. – Jogamos com os outros?

– Não... Não: eles ainda podem nos ser úteis...

– Para quê? Passar pano no chão?

O sangue de Pamela fizera uma poça escura no chão batido. Terreblanche levantou a cabeça. A casa fora evacuada, mas certamente restavam vestígios...

3

*Are you such a dreamer?
To put the world to rights?*

A voz de Thom Yorke miava no rádio do Mercedes. Desespero concentrado. O sol do meio-dia refletia no asfalto, Epkeen espreitava a saída da faculdade de jornalismo. David não devia tardar. Alguns caras de *look after grunge* no seu gênero estavam saindo, garotas também, patricinhas loiras ou mestiças que em nada alegravam a atmosfera. Fletcher tinha morrido, por assim dizer, em seus braços, e não tinham podido fazer nada para salvá-lo.

Brian pensava em Claire, na cena do hospital, e seu coração se apertou um pouco mais. Era a primeira vez que via alguém cair no chão de tanta mágoa. Suas pernas tinham cedido. Uma dor de estropiada, que atacava a meninge. A coitada gritou para que a deixassem sozinha, arrancando os cabelos, estatelada no chão plastificado do hospital, chorando, quase louca, quando já não tinha mais do que uma peruca loira caída a seus pés e seu crânio calvo por suporte. Ele a ergueu, mas ela, tão miúda, tinha o peso de uma bigorna. De um morto...

Brian avistou então a silhueta desengonçada de seu filho na calçada, que o fazia recordar um muito longínquo ele mesmo. Uma loira sexy o

acompanhava, provavelmente sua namorada (tinha esquecido seu nome – Marjorie, não?). Abriu a porta sem vidro e atravessou a rua.

Suas solas colavam no betume, sobreaquecido. David viu seu pai e estancou na mesma hora.

– Oi! – lançou Brian.

– Oi. O que quer?

A loira mascava seu chiclete como se fosse muito duro e encarou o sogrão com uma expressão de afronta.

– Nada de especial – disse com as mãos nos bolsos –, só queria conversar um pouco...

– Para quê?

Sua sinceridade crucificava montanhas. Brian ergueu os ombros:

– Não sei: para tentarmos nos entender...

– Não há nada para entender – soltou David categoricamente.

Um diamante na narina, dois pregos cromados nas pálpebras, a loira do chiclete parecia concordar.

– Suas provas estão chegando, não?

– Amanhã – respondeu David.

– Vamos festejar isso. Que tal um restaurante?

– Prefiro que nos dê dinheiro: assim nós três economizaremos tempo.

– Conheço um cozinheiro japonês que...

– Não perca seu tempo – cortou-o David. – Minha mãe contou como anda assediando ela no telefone... Está com inveja da felicidade dela, é isso?

– Dormir com o rei das dentaduras? Muito obrigado.

David sacudiu os ombros como se não houvesse nada a fazer:

– Você é mesmo um degenerado...

– Sim... Pensei até em fazer uma dessas performances em que os caras cortam as veias, mas daí disse pra mim mesmo que não devia roubar o emprego dos jovens.

– Reacionário de merda.

A garota sorria. Era essa sua única esperança.

– Fica bonita quando para de mastigar seu chiclete, senhorita – observou Brian. – Espero que David não tenha lhe falado muito de mim...

– Pfff.

– É delicado na sua idade.

– Eu te disse que ele era um obsessivo de primeira – comentou o aprendiz de jornalista. – Vamos dar o fora antes que ele nos mostre o pau.

- Legal – brincou ela.
- Vocês encontraram um apartamento? – arriscou Brian.
- Wale Street 7 – respondeu Marjorie.

Tamboerskloof, o velho bairro malásio que, de tão boêmio, dobrara seus aluguéis.

- Apareça um dia – lançou a loira, com uma ingenuidade cacheada.
- Nem pense nisso – interpôs-se David.
- Pelo menos vamos tomar um copo no bar ao lado – propôs Brian.
- Com um tira? Não, obrigado! – zombou seu filho. – Seja gentil, volte para seus fascistas e suas putas e nos deixe em paz, ok?

– As putas não são mulheres como as outras? Um subproduto da humanidade, talvez? Pensei que fosse você o liberal de bom coração.

– Ao menos não frequento caras que atiraram negros do último andar da delegacia.

– Meu melhor amigo é zulu – defendeu-se Brian.

– Não banque a madre Teresa, *daddy*: cai em você como um arco-íris no meio da cara.

Dizendo isso, David pegou a mão de sua namorada e a puxou para improváveis chuvas.

– Vamos dar o fora...

Marjorie se virou rapidamente para lhe dirigir um sinal de até a vista, antes de seguir os passos do filho pródigo. Brian ficou ali plantado na calçada, lasso, mortificado, angustiado.

Sem terreno de entendimento.

Nenhum vir a ser junto.

O mesmo que correr para o deserto.

*

A nova África do Sul tinha que ter sucesso lá onde o apartheid fracassou: a violência não era africana, mas inerente à condição humana. Esticando seus polos, o mundo se tornava cada vez mais duro para os fracos, os inadaptados, os párias das metrópoles. A imaturidade política dos negros e sua tendência à violência era apenas uma velha lenga-lenga do apartheid e das forças neoconservadoras que comandavam hoje a grande nave. Seriam necessárias gerações para formar a população para os postos

estratégicos do mercado. E se a classe média negra que emergia aspirava aos códigos ocidentais, era preciso conhecer um sistema de dentro antes de criticá-lo e, por que não, reformá-lo em profundidade... Neuman vivia com essa esperança, a mesma de seu pai: não tinham saído dos bantustões para encalhar nas townships.

Só que a realidade esbarrava nas cifras: dezoito mil assassinatos por ano, vinte e seis mil agressões graves, sessenta mil estupros declarados (provavelmente dez vezes mais), cinco milhões de armas de fogo para quarenta e cinco milhões de habitantes, as cifras do país eram apavorantes.

O governo e Krugë não podiam se refugiar eternamente atrás de uma falta de efetivos em sua maioria mal pagos: o massacre do jovem suboficial fazia supor que a violência continuava sendo o principal meio de expressão do país, que a polícia era impotente e mesmo vítima dessa realidade.

A campanha anticrime da FNB estava no seu auge. Um incremento significativo da segurança era exigido de maneira quase unânime, a perspectiva da Copa do Mundo exacerbava os espíritos esquentados, o desafio se tornava nacional.

Karl Krugë estava agora debaixo dos projetores e acabava de ter uma conversa com Marius Jonger, o procurador-geral: assassinato em pleno dia, atos de barbárie, desta vez não conseguiriam se safar com uma declaração tranquilizadora do presidente. Pior, o relatório que Neuman lhe entregou alimentava as críticas formuladas na mídia. As forças policiais tinham cercado o setor da praia, mas os matadores escaparam pelas dunas; só tinham encontrado um velho barril pela metade de cerveja artesanal debaixo de uma palhoça rudimentar, rastros na areia em direção à estrada nacional, um binóculo e um walkie-talkie num barraco, e os corpos de três tsotsis perto da churrasqueira fumegante onde agonizava o jovem sargento...

– Têm ao menos uma pista? – lançou Krugë de sua escrivaninha.

Com um curativo cobrindo a orelha direita, os ombros curvos sob seu terno escuro, Neuman tinha a cara de um náufrago levando o luto de sua sobrevivência. Tinham acabado de encontrar Sonny Ramphele nas latrinas da prisão de Poulsmoor, enforcado com sua calça jeans. Como de costume, ninguém viu nem escutou nada.

– Um dos três homens mortos na praia foi identificado – disse com voz rouca. – Charlie Rutanga: um xhosa de trinta e dois anos que já esteve na prisão por roubo de carros e violências sérias... Provavelmente filiado a uma gangue da township. Enviei sua ficha e sua descrição física às delegacias

concernentes. Os dois outros não constam de nossos arquivos. Só sabemos seus apelidos, Gatsha e Joey. Provavelmente infiltrados do exterior: eu tinha visto um deles em Khayelitsha na semana passada, falando dashiki com um de seus coleguinhas...

Krugë cruzou os cotovelos sobre sua barriga de grávida.

– Acha que se trata de uma gangue mafiosa?

– Os nigerianos controlam as drogas pesadas, e parece que um novo produto foi lançado no mercado – explicou Neuman –: uma droga de efeitos devastadores, que Stan Ramphele traficava na costa. Ele e Nicole Wiese foram a Muizenberg no dia do assassinato, seu irmão Sonny confirmou a pista, assinando assim sua sentença de morte. Binóculos, walkie-talkies, armas quase novas: não estamos lidando com um bando de tsotsis drogados, mas com uma gangue organizada. Os rastros encontrados nas dunas levam à estrada nacional: se passaram através das barreiras, há fortes chances de que tenham se refugiado numa township...

Havia meia dúzia delas ao redor de Cape Town, ou seja, uma população de dois a três milhões de pessoas, sem falar dos acampamentos de squatters. Uma agulha num palheiro.

– E o que está pensando em fazer? – replicou o superintendente. – Enviar os Casspir para as townships esperando que eles caiam em sua boca?

– Não. Preciso de sua confiança, só isso.

Os dois homens se mediram sob o ar climatizado. Um duelo sem vencedor.

– O caso Wiese não foi um simples crime hediondo – insistiu Neuman.

– Quiseram inculpar Stan Ramphele. Aqueles que lhe forneceram a droga estão envolvidos, tenho certeza...

Krugë massageou o rosto com seus dedos gordos.

– Sabe o que penso de você – suspirou enfim. – Só que não temos muito tempo: o tumulto está se formando, Neuman, e você é o primeiro alvo.

O zulu não piscou: atiraria primeiro.

*

Dan Fletcher desarticulado no chão, Dan Fletcher e seus cotocos cheios de areia. Dan Fletcher e sua bela garganta aberta até o osso, Dan Fletcher e seu sorriso ensanguentado, Dan Fletcher e suas mãos carbonizadas, marcadas pela grelha da churrasqueira... Janet Helms observou as fotos do

crime com uma fascinação mórbida. Tinham matado seu amor, aquele que ela guardava em segredo para quando sua mulher morresse, naquela cama aonde ele nunca mais viria. Fazia dois dias que chorava, desvairada de lágrimas, o ódio no coração e o coração na brasa. Ela o vingaria, custasse o que custasse.

A mestiça ergueu a cabeça do computador quando Epkeen passou atrás da porta aberta do escritório. Arrumou a saia levantada sobre as coxas e correu atrás dele:

– Tenente! – lançou ela no corredor. – Tenente Epkeen, por favor!

O africânder parou diante do bebedor de água mineral. Tinha buscado algum vestígio da garota que cruzara na palhoça, mas nenhum das centenas de rostos que visualizou nos arquivos da central batia com o dela. O mesmo com o cara que atingira com seu knout. Porres demais. Memória zero. Fletcher saberia. Ele era o HD deles. Mas Fletcher não estava mais lá... Sua colaboradora vinha a seu encontro, apertada em seu uniforme azul marinho.

A agente de informações conhecia Epkeen de reputação (fantasiosa) ou de fofocas (femininas), mas preferia se fiar no julgamento de Dan: um homem que não se interessava pelo poder, embora conhecesse bem a maneira como o exerciam, um dândi tosco que se esquecia nos braços de belas mulheres. Nenhuma chance de substituir Dan por ele...

– Se tiver dois minutos, tenente – disse ela, ofegante por causa da corrida –, encontrei algo que talvez o interesse...

Ele olhou para o relógio – não era um bom momento para se atrasar –, e lhe concedeu cinco minutos.

As coisas de Dan continuavam nas estantes do escritório, com a foto de Claire perto do computador... Janet Helms se sentou na frente de sua tela:

– A polícia de Simon's Town recolheu o corpo de um certo De Villiers – disse ela –, um surfista da península... Uma patrulha o deteve dois dias atrás quando estava tentando assaltar uma farmácia noturna. De Villiers estava armado e começou a atirar enquanto fugia: foi abatido na rua...

Um rosto apareceu sobre os cristais líquidos: um rasta branco de vinte anos, queixo coberto por uma longa barbicha atada com uma pérola.

– Segundo o testemunho dos empregados, De Villiers estava particularmente agressivo durante o assalto – prosseguiu a agente de informações. – Uma verdadeira pilha de nervos. A polícia local já o tinha detido por posse de drogas, maconha, cocaína, ecstasy, mas nunca por

violências ou ataques à mão armada... Simon's Town não fica longe de Muizenberg – acrescentou. – Tomei a liberdade de solicitar uma autópsia.

Janet temia uma reação adversa – havia transgredido suas prerrogativas – mas Epkeen olhou para o relógio.

– Já tem os resultados?

– Acabaram de chegar – tomou coragem a mestiça. – De Villiers estava sob efeito de uma droga no momento do assalto. Um produto à base de tik que parece tê-lo deixado louco...

– Metanfetamina e uma molécula não identificada?

– Exatamente.

Epkeen acendeu um cigarro no escritório para não fumantes. De Villiers certamente não era um caso isolado. Quanta gente teria ficado viciada naquilo?

– Tem mais uma coisa, tenente – disse ela percebendo a impaciência dele para sair dali. – Esquadrinhando o perímetro ao redor da praia, notei a presença de uma casa desabitada na orla do Pelikan Park. Cerca de um quilômetro depois da palhoça. Tentei contatar os proprietários, mas não consegui.

– Talvez tenham saído de férias...

– Não: não obtive nenhum nome – esclareceu a mestiça. – A venda visivelmente foi feita sob um nome falso, ou uma sociedade fantasma, através de um banco estrangeiro.

– Isso é possível?

– E previsto pela lei – assegurou Janet. – Foi uma agência de gestão de bens que cuidou da operação; liguei para eles, mas ninguém pôde me dizer mais nada.

Ele fez uma careta – aqueles canalhas do ramo imobiliário...

– Ninguém mora nessa casa?

– Não. Nunca foi alugada... Talvez tenham-na adquirido para fins de especulação – aventou Janet. – Se houver uma extensão do parque vizinho, o terreno pode passar a pertencer à reserva e triplicar de valor. A casa parece abandonada, aguardando dias melhores. Não sei ao que isso pode nos levar, mas é a única casa entre a palhoça e a reserva de Pelikan Park.

– Prossiga em suas pesquisas. Tem plenos poderes para trabalhar nesse caso.

Janet Helms era apenas uma agente de informações.

– Quer dizer que agora faço parte da equipe do capitão?

Seu cérebro fervia, ambição e estrelas mortas misturadas. Epkeen levantou os ombros:

– Se acha bom que um zulu ligue para você a qualquer hora da noite para restituir a justiça em nosso belo país...

– Um *workaholic*?

– Não, um insone.

Janet sorriu vagamente enquanto ele deixava o escritório: com uma machadada, ela acabava de tomar o lugar de Dan.

*

Epkeen achou um lugar no estacionamento da funerária. O corpo de seu amigo repousava num caixão para o velório, antes da incineração... Deixou o Mercedes debaixo de uma palmeira descarnada e se dirigiu para a construção de tijolos. Neuman esperava nos degraus, perdido em seus pensamentos.

– Meus cumprimentos, Vossa Alteza.

– Chegou na hora.

– Acontece...

Tentaram um sorriso, mas o azul do céu, a sombra aprazível sobre os degraus, sua amizade, tudo soava falso. Mal tinham se visto depois da tragédia. Neuman não foi ao hospital. Deixou-o sozinho com Claire. Desapareceu até o dia seguinte, sem uma palavra de explicação...

– O que aconteceu com o irmão Ramphele? – perguntou Brian.

Tinha acabado de receber a informação.

– Uma grande depressão, segundo Kriek.

– Acredita nisso?

– Não.

– Kriek é um merda – assegurou Epkeen. – Se uma gangue da prisão fez o serviço, ele não vai mexer nem o mindinho.

– Sem dúvida. A autópsia está sendo feita, mas não vai nos ajudar muito.

Morrer na prisão parecia algo natural na África do Sul.

– E Krugë, o que diz disso?

– Por enquanto, vai nos cobrir – respondeu Neuman. – Mas isso não vai durar muito.

– Não tínhamos como saber o que ia acontecer.

– Sujeitos armados esperando para arrancar nossa pele, não chamo isso de um acidente – disse Neuman entre os dentes. – Viram-nos vir de longe e um deles me conhecia. Acenderam uma churrasqueira um pouco mais à frente para nos separar, com a perspectiva de nos liquidar em caso de complicações... Caímos numa armadilha, Brian, é tudo minha culpa.

– Contou para Krugë que eu estava dançando agarradinho com uma mestiça enquanto eles cortavam vocês em rodelas?

– Não teria servido para nada. Sonny Ramphele foi morto porque nos falou da praia de Muizenberg. A gangue tem antenas na prisão e um refúgio nas townships. Cruzei com um deles em Khayelitsha. Estava brigando com um menino de rua, Simon Mceli, que minha mãe conhece...

Brian também sentou nos degraus.

– Estamos juntos nessa merda, meu velho, queira você ou não.

– Eu estava no comando da operação – teimou Ali.

– Fodam-se suas baboseiras de chefe.

Eram amigos, não subalternos. Um olhar bastou para que se entendessem.

– Bom, já apertaram os informantes?

– Khayelitsha está fora de nosso território – respondeu Neuman. – Quanto ao tráfico da costa de Muizenberg, aparentemente ninguém está a par. Ou Stan era o único revendedor, ou alguma coisa está nos escapando...

Um pardal saltitava sobre o piso de mármore: parou ali perto e olhou para eles de través.

– Há uma casa isolada na ponta da praia – disse então Epkeen –, cerca de um quilômetro depois da palhoça. Parece estar abandonada, mas o nome do proprietário não figura em nenhum lugar. Talvez uma história de especulação imobiliária... Temos também um morto em Simon's Town, um surfista da costa. O cara foi morto pela patrulha de intervenção, mas, de acordo com a autópsia, tinha ingerido o coquetel à base de tik. O mesmo que nossos dois jovens.

– Nicole, portanto, não era o único alvo dos traficantes. A rede se estendeu.

– Parece que sim. Coloquei Janet Helms no caso...

Brian deixou sua frase em suspenso: Claire tinha acabado de aparecer no alpendre do crematório. Usava um vestido preto que a emagrecia ainda mais e uma bolsinha de vinil. Os membros da família foram saindo atrás dela, óculos escuros velavam sua mágoa.

Claire percebeu os dois sobre os degraus, disse algumas palavras a sua irmã e se dirigiu para eles. Eles se levantaram ao mesmo tempo, cruzaram seu olhar destruído e a abraçaram. A jovem mulher se abandonou por um curto instante, antes de reencontrar seu equilíbrio. Não dormia mais, o medicamento não fazia efeito, mas não fraquejaria. Não agora.

– Preciso falar com vocês – disse –, soltando-se do abraço.

Chovia a cântaros em seus olhos azul-Atlântico. Eles deram alguns passos no estacionamento, em silêncio. Claire se deteve à sombra de uma palmeira e se virou para Neuman.

– O que eles fizeram com as mãos dele? – perguntou quase sem voz.

Brian empalideceu. Estava rachando a olhos vistos.

– Nada – respondeu Ali. – Foi tudo muito rápido...

Claire mordeu o interior da boca. Seus olhos tremiam por trás dos óculos escuros.

– Dan não teve tempo de sofrer, se é isso que quer saber – acrescentou.
– Lamento muito.

Ali estava mentindo, mas o que ia dizer para aquela bola de aflição? Que tinha visto seu marido sendo retalhado vivo, que ele estava chorando quando foi morto e que ele não havia mexido um mindinho sob pretexto de que tinha uma faca plantada na orelha e o cano de um revólver enfiado nos bagos?

– Foi tudo culpa minha – disse.

Claire o sondava, pálida sob o véu que cobria sua peruca. Primeiro não disse nada, buscando suas palavras. Ali e Brian tinham se tornado seus amigos: tinha raiva deles por isso. Dan tinha medo da violência física. Seu cheiro na cama não era o mesmo na véspera de intervenções. Claire tentara falar com ele, mas Dan fingia-se indiferente. Ele também nunca falou sobre aquilo com Neuman, sob pretexto de que este contava fazer dele seu braço direito, ele em vez de Epkeen, descomprometido demais. Claire não tinha tanta raiva deles por não terem conseguido salvá-lo quanto por terem sido cegos ao medo que ele tinha daquele tipo de operação. Neuman tinha razão: era tudo culpa dele.

– Dan não gostaria que falassem dele no passado – disse ela em voz monocórdia. – Então vou me calar e cuidar das crianças como se minha vida nunca tivesse acontecido... Agradeço-lhes pelo apoio que nos deram quando fiquei doente e pelo que puderam fazer por ele... Mas não quero mais a ajuda de vocês. – Ela enfiou seus pequenos caninos nas carnes dos

seus lábios. – De nenhum tipo: entendem? –Adivinhavam-se apenas fragmentos por trás de seus óculos escuros. – Prefiro que não assistam à incineração – acrescentou. – Nem vocês, nem ninguém da polícia.

Claire baixou o véu negro que ondulava sob a brisa e se virou para o crematório. Brian fez um gesto para retê-la.

– Eu sei – cortou-o ela –: lamenta muito. Adeus.

*

– Parecem cansados – observou Tembo.

– Não tanto quanto esses caras – respondeu Neuman.

Os tsotsis da praia repousavam sobre a mesa de alumínio, as entranhas abertas exalando um odor adocicado, penetrante. Um deles tinha um feio ferimento na têmpora – a bala de Epkeen destruiu a metade de sua caixa craniana. Joey, um negro manco de seus vinte anos, aquele com quem Neuman tinha cruzado em Khayelitsha. Seus traços e sua morfologia não eram os de um xhosa, ainda menos os de um zulu. Entre suas numerosas tatuagens e escarificações, havia aquele desenho no alto do tríceps, um escorpião em posição de ataque... Aquele a que chamavam Gatsha tinha o mesmo: o desenho, visivelmente feito havia vários anos, nada tinha de original em si, salvo esta sigla, “T.B.”... Neuman tirou fotos das tatuagens antes de se virar para o legista.

Tembo fazia sua dança macabra ao redor de um abdome aberto, aquele de Charlie Rutanga. Várias cicatrizes nos braços e no tórax, velhas lembranças de combates à faca, mas nenhum escorpião tatuado...

– Coletei amostras de fluidos e tecidos – disse Tembo, depondo uma gosma sobre suas lâminas de vidro. – Além de diversas carências ligadas a uma higiene deplorável, encontrei um pouco de cerveja artesanal, mingau de milho, pão, leite, feijão... Em suma, o regime de base das townships. Há também picadas de insetos, um úmero mal ressoldado, alguns calos nos pés... Os dois mais jovens têm várias marcas de impactos de balas. Meia dúzia cada um, em diferentes partes do corpo... Ferimentos antigos.

Ex-soldados? Milicianos? Desertores? A África cuspiam matadores em série como os rios cuspiam esqueletos na época de seca.

– E a droga? – perguntou Neuman.

– Os três consumiram maconha recentemente – retomou Tembo. – Também encontrei vestígios de cristais, bastante antigos, mas não os do

famoso coquetel.

O negócio consistia geralmente em deixar o cliente viciado na droga, não em se destruir com ela. Portanto, os tsotsis não tinham agido enlouquecidos pela droga...

– E a iboga?

Tembo sacudiu sua cabeça grisalha:

– Nadinha.

*

Com o fim do isolamento devido ao apartheid, as atividades criminosas tinham se tornado transnacionais (droga, diamantes), e o país, um centro de trânsito onde se concentravam bandidos de todos os horizontes. Neuman prosseguiu as pesquisas na central, no escritório impessoal do último andar onde passava metade de suas noites.

Começou pelas tatuagens dos dois tsotsis mortos na praia: um escorpião em posição de ataque, e aquela sigla, ou iniciais, “T.B.”, tatuada no alto do braço. Vasculhou entre as gangues repertoriadas pela SAP, os arquivos, os dados disponíveis, não encontrou nada parecido com aquilo. Ampliou as pesquisas e desentocou a informação num site do exército: “T.B.”, como “ThunderBird”, pássaro de trovão, o nome dado a uma milícia de meninos-soldados que combatera no Chade, infiltrada da Nigéria... O dashiki, sua violência, a completa ausência de compaixão... Gatsha e Joey na certa tinham ido parar na África do Sul, como milhares de outros reprovados da História, e naturalmente tinham se misturado aos perdidos e foragidos da justiça que os esperavam na região... Que relação podiam ter com Nicole Wiese? Trabalhavam com Ramphele? Um detalhe continuava a incomodá-lo: a iboga que Nicole e Stan tinham tomado, aqueles frasquinhos que estavam na bolsa dela na noite do assassinato e que ela já testara alguns dias antes do drama... Neuman hesitou, o olhar perdido na tela. A angústia subiu até suas pernas, pregando-o por um instante na escrivaninha. A opressão, sempre a mesma, que mordida seu coração...

A noite caía pelo vidro fumê do escritório. Belo suicídio...

Digitou duas palavras no teclado: Zina Dukobe.

As informações não tardaram a aparecer. A dançarina que se apresentava no Sundance não figurava em nenhum arquivo da SAP, mas encontrou o que buscava na internet: nascida em 1968 no bantustão de

KwaZulu, filha de um *Induna*³⁴ que perdera seu estatuto por se recusar a colaborar com as autoridades banto, ex-militante do Inkatha, Zina Dukobe defendia a cultura zulu, em declínio por causa da evangelização e das perturbações políticas, através de sua trupe, “Mkonyoza”, fundada seis anos antes... *Mkonyoza*: “lutar”, em zulu, no sentido de esmagar pela força...

O grupo era constituído por músicos e *amashinga*, combatentes especializados na arte marcial zulu, a *izinduku*, bengala (ou bastão) tradicional, cujos nomes variavam segundo o tamanho e a forma. Ela dizia que a *izinduku* permitia salvaguardar a expressão da etnicidade zulu, argumentando que a descontextualização e sua exploração para fins políticos tinham dado uma imagem negativa dessa arte. A dançarina fazia referência às marchas zulus de protesto durante o apartheid, quando os membros do Inkatha e seu chefe Buthelezi tinham reivindicado e obtido o direito de portar as bengalas tradicionais, até então proibidas pelo regime, o que provocara violências e tumultos com os membros do ANC, de maioria xhosa. Mandela preso, aquilo era legitimar a oposição zulu. Dividir para melhor reinar: uma técnica que havia provocado um banho de sangue.

Para muitos, a *izinduku* virou sinônimo de violência, e não mais de arte, nem mesmo marcial. Não se viam mais *umgangela*, as competições interétnicas outrora tão prezadas, a não ser nas regiões de pouca tensão política, quando na verdade aquela arte tinha por função sociabilizar os jovens, transmitir as normas da comunidade, constituindo ao mesmo tempo um meio de disciplinar o corpo e o espírito: as performances do grupo visavam reconsiderar essa parte perdida da cultura zulu e ao mesmo tempo modernizá-la – vídeos, instrumentos elétricos, sons, a trupe lançava pontes entre a arte tradicional e as correntes atuais em prol de uma cultura viva...

Neuman estava começando a compreender a personagem. “Mkonyosa” estava se apresentando em Cape Town desde o início do festival e terminaria a turnê nos clubes do centro... Visionou de novo as fitas de vídeo trazidas do Sundance. Recuou as imagens até quarta-feira, a noite em que Nicole dormiu fora: onze horas, meia-noite, meia-noite e cinco, seis... Meia-noite e doze: via-se a estudante sair do clube, sozinha, como tinham verificado no outro dia, com Dan... Neuman deixou a fita desfilar.

O porteiro se balançava, de costas, pessoas entravam, outras saíam, meio bêbadas... Passaram-se quatro minutos, quando uma silhueta atravessou o campo pan-óptico.

Neuman rebobinou o vídeo, sentindo formigamentos na pele: a passagem era furtiva, mas a silhueta, alerta, reconhecível entre mil... Zina.

4

– *Quando mato um branco, minha mãe fica contente!*

Para sair do bantustão onde o governo do apartheid os havia confinado, os negros sul-africanos tinham que se munir de um *pass*, que legalizava sua imigração para a zona branca. Tirando partido das rivalidades interétnicas ou familiares, o poder entregou a autoridade dos bantustões a chefes locais, encarregados de colaborar, sob pena de serem depostos. Alguns deles não tinham hesitado em recorrer a milicianos, ou *vigilantes*, armados de cacetes, que, sendo o caso, suplementavam a polícia dentro do enclave ou da township. Com o ANC na ilegalidade, o chefe Buthelezi formou o Inkatha zulu, um partido que, embora se proclamasse antiapartheid, aceitou do regime a autoridade sobre o bantustão do KwaZulu. Considerando essa colaboração como um jogo duplo, Oscar, o pai de Ali, se voltou para o movimento da Consciência Negra, liderado por Steve Biko, cujas intervenções furiosamente antiapartheid tinham trazido de volta à tona um movimento de resistência seriamente abalado por quinze anos de repressão policial.

– *Quando mato um branco, minha mãe fica contente!*

Biko vinha do meio estudantil, Oscar era professor de economia na universidade do Zululand. O tom do jovem militante era radical, ao desprezo pelo negro responderia o ódio pelo branco, bastava daquela mentalidade de escravo. Biko propunha um sindicato estudantil, boicotes para protestar contra seu sistema de ensino sucateado³⁵, um movimento de resistência ativo. Oscar lutava para fazer seus alunos compreenderem que seu destino estava em suas mãos, que ninguém os ajudaria. Organizou uma tribuna para o líder da Consciência Negra na universidade, apesar das hostilidades do Inkatha. Em razão de sua situação geográfica no interior das fronteiras territoriais do KwaZulu, era na universidade que o governo do bantustão recrutava seus funcionários, seus especialistas, seus ideólogos: o Inkatha não tinha interesse num líder estudantil impetuoso que convocava à luta armada; precisava, pelo contrário, de técnicos do poder para assentar seu movimento de resistência. O evento de Oscar foi interrompido por

brigas, e a polícia antitumulto dispersou a multidão a golpes de *purple rain*³⁶.

Três meses depois, Biko morria nas mãos daquela mesma polícia.

– *Quando mato um branco, minha mãe fica contente!*

Ali tinha cinco anos quando o rádio anunciou a notícia. Seu pai ficou tão chocado que sua pele se despigmentou parcialmente: portaria desde então a máscara da morte, uma parte do cadáver de Steve Biko, a tez mortal dos brancos...

– *Quando mato um branco, minha mãe fica contente!*

Ali nunca viu seu pai chorar: Oscar era uma espécie de semideus benevolente que sabia tudo, em várias línguas, um homem de aspecto tranquilo debaixo de seus óculos de intelectual, que compreendia seu inimigo mas não o perdoava por nada, alguém que beijava sua mulher na frente de todos e que já estivera na prisão. Ali se lembrava sobretudo de sua mão, que os levava, ele e seu irmão, para ver as estrelas de cima do teto da casa, suas mãos quentes e suaves que contavam histórias de reis zulus, de velhos macacos, de leopardos e leões...

– *Quando mato um branco, minha mãe fica contente!*

Neuman conhecia o canto zulu: Biko e seus ativistas tinham feito dele seu grito de guerra, uma maneira de dizer aos defensores do apartheid que os negros não tinham armas, mas que permaneceriam perigosos, mesmo depois de mortos. Biko assassinado, o ANC clandestino retomou o canto por sua conta.

– *Quando mato um branco, minha mãe fica contente!*

As vozes ressoavam sob as abóbadas de tijolo do “Armchair”. Neuman estava de pé no meio do público, paralisado diante de seu totem: velhos macacos fazendo caretas voltavam à superfície...

– *Quando mato um branco, minha mãe fica contente!*

No palco esfumaçado, Zina e seus zulus dançavam o *toi*, a dança de guerra das townships: seus pés batiam no chão levantando uma nuvem de poeira como nos encaves onde os tinham confinado, os tambores redobravam sob as luzes estroboscópicas, fotos de manifestantes passavam em flashes sangrentos sobre uma tela no fundo do palco, eles tripudiavam sem sair do lugar apertando em seus braços AK-47s imaginários, como antigamente, sem parar de escandir:

– *Quando mato um branco, minha mãe fica contente! Drrrrrrr!*

Zina foi a primeira a atirar uma rajada na multidão aglutinada. A poeira girava em volta do palco, respondendo ao alvoroço dos tambores. Ela percebeu então o rosto de Neuman na multidão, acima de todos os outros... Com um sorriso, decapitou-o.

*

– O que está fazendo aqui?

– Errou quando atirou em mim agora há pouco.

Seus olhos cintilavam no corredor dos camarins.

– Você se mexeu – disse ela. – A prova: está aqui.

Zina estava descalça, suada, coberta de poeira. O policial a esperava na saída do palco, ela se sentia elétrica, confusa, vulnerável.

– Você não contou tudo no outro dia.

Seu jeito de quem estava por dentro a colocou na defensiva.

– Não deve ter feito as perguntas certas...

– Vamos tentar esta: há uma câmera na entrada do clube, sabia?

– O mundo da vigilância eletrônica não me interessa – respondeu ela.

– A mim tampouco, mas vale a pena se debruçar sobre ele de vez em quando. Podemos conversar sobre isso num lugar tranquilo?

Zina abriu a porta de seu camarim.

– O que aconteceu com sua orelha? – perguntou ela ao entrar.

– Nada.

Neuman a fixava, atormentado por sentimentos contraditórios. A dançarina colocou o xale que estava jogado na penteadeira e o encarou do alto de seus um metro e oitenta.

– Está com sua cara de serpente – lançou ela. – O que foi?

– Nicole Wiese dormiu fora três dias antes do assassinato – disse ele –, e, pelos vídeos do clube, ela saiu do Sundance aquela noite à meia-noite e doze. Você, quatro minutos depois. Não sabemos nem onde nem com quem Nicole passou aquela noite... Quatro minutos: isso lhe dava o tempo de ir pegar suas coisas no camarim antes de encontrar com ela. O que me diz?

– Prefiro os quarentões sem filhos, mas não cuspo numa pequena guloseima de tempos em tempos... Qual é sua jogada?

A poeira fazia crateras cinza sobre sua pele, que começava a rachar.

– Nicole era uma garota confinada demais que estava tentando se emancipar, queimando as etapas: colecionava *sexy-toys* e experiências

eróticas. Nicole tomou iboga naquela quarta e acho que vocês passaram a noite juntas.

Seus olhares se cruzaram, duas feras. Ele estava blefando.

– Traga-me um mandado – redarguiu ela –, e abrirei meu ninho.

Neuman pegou o cabelo grudado no suor de seu ombro:

– Vai falar agora ou prefere esperar as análises do laboratório?

Um clarão passou pelos olhos negros de Zina. O cerco estava se apertando.

– Não arrebentei a cabeça de Nicole – disse ela entre os dentes.

– Não: é esperta demais para isso. Mas mentiu para mim.

– Não é por que não digo o que você quer ouvir que estou mentindo.

– Nesse caso, aconselho-a a me dizer a verdade.

Zina ajeitou o xale sobre seus ombros.

– Nicole me abordou depois do espetáculo – disse ela –, no bar, quarta-feira... O show a agradou: eu também, logo percebi. Já que ela queria ver a vida em rosa, iniciei-a na iboga.

Neuman fez que sim com a cabeça – era o que ele temia...

– Estavam sozinhas?

– Como duas adultas.

– Onde passaram a noite?

– No quarto que alugaram para mim durante a turnê, a dois passos daqui.

– Por que escondeu isso de mim?

– Não sou uma *impimpi* – disse ela.

Aqueles que entregavam os segredos aos brancos.

– De que segredo está falando?

– Minha avó era herborista – disse, com uma ponta de orgulho. – Ela me legou alguns de seus talentos... A preparação da iboga é um deles. Não costumamos divulgar nossas pequenas químicas.

– Um simples filtro do amor – retorquiu ele. – Não valia a pena fazer tanto mistério.

– Não me tome por uma idiota: sou uma das últimas pessoas a ter visto Nicole viva e passamos uma noite juntas três dias antes do assassinato. Eu não tinha a menor vontade de que a polícia viesse fuçar em minha vida privada.

– Tem tanta coisa a se recriminar?

– Além de tê-lo encontrado, não.

Houve um momento de silêncio no camarim.

– Então? – insistiu ele.

Zina fez uma careta de provocação:

– Então que Nicole era uma linda bonequinha loira que, imagine só, ficou encantada em passar a noite em minha companhia. Ela curtiu a experiência, mas eu já passei da idade de brincar com bichinhos de pelúcia: ficamos por ali. Foi na quarta, de fato. Nicole voltou no sábado à noite para pegar os frascos que eu tinha preparado para ela. Ela me pediu, e um filtro do amor... já viu melhor presente de despedida?

Seus olhos brilhavam sem alegria.

– Ela pagou você?

– Não faço trabalho voluntário.

– Faz isso para arredondar seus fins de mês?

– A vulgaridade não lhe cai bem, senhor Neuman.

– Nicole não lhe disse com quem pretendia partilhar aqueles preciosos frascos?

– Não falamos muito, para lhe dizer tudo.

– As melhores confidências se fazem sobre o travesseiro – observou ele.

– Entre mulheres, falamos em silêncio.

– Espantoso... – Ele tirou a mão do bolso. – Stan Ramphele. Diz alguma coisa para você?

Zina se inclinou para a foto que ele lhe mostrava – um negro dos seus vinte anos, até que bonito...

– Não – disse ela.

– Nicole e Stan estavam drogados quando morreram: uma substância química à base de tik, que modifica os comportamentos. Extremamente tóxica.

– Eu só trabalho com substâncias naturais, caro amigo – fez questão de esclarecer a zulu. – O efeito da iboga é mais sutil... Quer experimentar?

– Numa outra vida, talvez.

– Está enganado, meus segredos são inofensivos – garantiu ela.

– Não tenho muita certeza.

– Sou uma dançarina – disse ela fixando-o –, não uma *serial killer*.

Ele notou a pequena cicatriz sobre seus lábios.

– Quem está falando de outros assassinatos?

– Seus olhos estão cheios deles... Estou enganada?

Zina o encarava como uma pessoa próxima. Neuman tergiversou.

- Por que não colaborou com a polícia?
- Você torra o saco com suas perguntas.
- Você torra o saco com suas respostas.

O rosto de Zina se afiou, bem próximo do dele. Uma brusca virada de bordo.

– Escute o que vou lhe dizer, Ali Neuman, escute bem... Vi policiais pisotear a barriga de minha mãe, ainda a escuto gritar porque estava grávida, e meu pai se calar: sim, ainda o escuto se calar! Tudo isso porque era o único direito que tinham, aqueles pobres pretos! A criança que ela esperava não viveu, e minha mãe morreu por isso. E quando meu pai quis prestar queixa, riram na cara dele, dele, o *induna*! Policiais vieram um dia lhe dizer que tinha sido deposto de seu estatuto de dirigente, por insubordinação às autoridades banto. E foram de novo policiais que vieram nos expulsar e destruir nossa casa com uma retroescavadeira. Os mesmos que atiraram na multidão desarmada durante a rebelião de Soweto, matando centenas de nós... Agora não é porque os tempos mudaram e a gente pode transar com uma branquinha sem levar uma *kafferpack*³⁷ que vou me jogar nos braços da polícia.

– Não se trata disso.

– No entanto, é o que está me pedindo – soprou ela. – Se não colaborei com a polícia foi porque não tenho nenhuma confiança nela. Nenhuma. Não é nada pessoal, já deve ter notado, a menos que seja tão cego quanto teimoso. Agora gostaria de tomar um banho e ficar em paz. Isso não tira nada de minha vontade de vomitar sobre o que aconteceu com Nicole... E pare de me olhar com esses olhos de serpente, tenho a impressão de que me toma pela porra de uma cobaia!

Estavam longe dos ratinhos do médico legista. Havia no entanto uma carnificina em suas pupilas.

- Você aderiu ao Inkatha – disse ele.
- Há muito tempo.
- Para combater os brancos?
- Não – irritou-se ela. – Para combater o apartheid.
- Havia meios menos violentos.
- Veio aqui falar do meu passado ou do assassino de Nicole?
- O assunto parece delicado.
- Minha mãe foi assassinada. Não lhe parece uma razão suficiente? Seu ar aristocrata voltou a se impor, mas ele sentiu que a ferira.

– Desculpe – disse Neuman delicadamente. – Não estou muito acostumado a importunar mulheres...

– Deve se sentir sozinho.

– Como um morto.

Zina sorriu, o rosto cheio de pó.

– Meu nome zulu é Zaziwe – disse ela.

“Esperança”...

Mas, em suas pupilas, um negror sideral.

*

Ukuphanda: o termo significava literalmente ciscar o chão para se alimentar, como as galinhas num quintal.

No contexto das townships o *phanding* – neologismo inglês – consistia para as mulheres em procurar um namorado com o fim de obter dinheiro, comida ou um lugar para morar. Esse tipo de relação não se limitava apenas a uma troca, “sexo por segurança material”: tratava-se também de encontrar alguém que se preocupasse com você e permitisse escapar da brutalidade da vida cotidiana. Uma busca comum a um bom número de mulheres jovens, que resultava o mais das vezes na exposição à violência e à AIDS.

Maia não escapou da regra: tornou-se um objeto de concorrência entre homens que, no melhor dos casos, consideravam-na como sua propriedade. Seu último *boyfriend*, atizado pelas fofocas de uma vizinha de pileque, levou Maia para a beira do rio. Tirou a roupa dela, encheu-a de detergente e ordenou que se lavasse na água salobra, para ensiná-la a não se prostituir com outros. Depois, pegou um cinto de couro e bateu nela por horas: seis, oito, dez, Maia não lembrava mais. Então a possuiu.

Tinham-na encontrado de manhazinha na beira do rio, como morta.

Foi visitando sua mãe na enfermaria que Neuman a viu pela primeira vez, acamada em meio aos outros doentes. A moça mal conseguia piscar os olhos de tanto que o couro tinha deixado seu rosto inchado. Teriam sido as marcas medonhas sobre seu corpo que lembravam o martírio de seu pai, seu sorriso quando ele apertou a mão dela, seus belos olhos castanhos desamparados que o bebiam como um falso elixir? Ali lhe prometeu naquele dia que ninguém mais lhe faria mal.

Instalou-a na township de Marenberg, essencialmente povoada por *coloureds*, uma casinha de material com janelas de verdade, e uma porta

sólida a que ele vinha bater, às vezes.

No início, Maia se perguntou se aquele policial grandão de olhos de pedra não era mais um daqueles doentes, ao mesmo tempo fascinados e horrorizados pelo sexo das mulheres – ele podia acariciá-la por horas, ir e vir sobre ela infinitamente – mas, no final das contas, ela já vira coisa pior. Seu novo namorado podia muito bem masturbá-la tanto quanto quisesse, podia lhe pedir para levantar a bunda como um farol para esfregar gelo nela (código número três), debicar seu ânus com a ponta dos dedos (código número cinco), podia recheá-la com tudo que ele quisesse e até com o que ela não queria, Maia já não se importava muito. Ela sobrevivia em Marenberg com os meios à disposição: o escambo, o jeitinho, os bicos, a pintura, os caras de passagem... Dois anos tinham se passado desde o início de sua relação, dois anos em que tudo mudou. Hoje, Maia espreitava seus passos no alpendre, suas batidas na porta, seu rosto, suas mãos sobre seu corpo, ela, seu animal de estimação... Com o tempo, a jovem mestiça passou da tortura obrigatória ao mais doce dos suplícios. Ninguém jamais a acariciara daquele jeito.

Na verdade, nunca a tinham acariciado.

Era mais de meia-noite quando Ali bateu à porta aquela noite. Maia acordou surpresa – ele não tinha avisado que a visitaria. Vestiu o baby-doll que ele lhe dera no mês anterior, expulsou o sono até chegar à porta, tirou o ferrolho e o encontrou ali, devastado.

Ali tinha um curativo na orelha e um olhar cheio de dor sob a lua. Alguma coisa tinha acontecido, ela o soube imediatamente. Maia pôs a mão em seu rosto para reconfortá-lo, mas ele a interceptou.

– Preciso falar com você – disse ele.

– Claro... Entre.

Ela não sabia o que dizer, como se comportar. Nunca tinham falado de amor. A questão nunca foi colocada. Era já um milagre que ele se dignasse a tocá-la. Maia, no fundo, sentia-se impura, maculada, sem honra, ele vinha de uma família culta, na certa um clã de alto nível. Maia imaginava mil coisas: Ali não fazia amor com ela por medo de se rebaixar, de se comprometer com uma moça do campo, uma mestiça que passou de braço em braço e que ele tinha recolhido na lama. Ela não sabia nada dos sentimentos dele, de seus prazeres bizarros, mas esperava, apesar de tudo, porque estava em sua natureza.

O homem que ela amava não se deu ao trabalho de sentar: seu olhar a afastou para o sofá.

– Não voltarei mais – disse ele de repente.

– O quê?

– Tínhamos um acordo: agora está livre.

Sua voz não era mais a mesma: vinha das trevas, de um lugar onde Maia nunca pôs os pés, um lugar para onde ela jamais iria.

– Mas... Ali... Eu não quero ser libertada. Quero ficar com você.

Ele não disse nada. Olhava as pinturas orgulhosamente expostas na parede da sala, desenhos *naïfs* borrados sobre pedaços de tábua, cores vivas representando cenas da vida na township – aquilo era corajoso, patético, ruim.

– Continuarei a ajudá-la, se é isso que a aflige.

Maia apertou os dentes no sofá onde ele a acuou: não era mais uma questão de dinheiro, ele sabia muito bem disso. A cólera latejava em seu peito. Mesmo ele, tão bom, jogava-a fora como uma sujeira: relegava-a a seu papel de animal de estimação.

– Não quer mais saber de mim?

– É isso.

Sua crueldade a machucava. Alguma coisa acontecera desde a semana anterior. Não podia abandoná-la daquele jeito, sem uma palavra de explicação.

– Encontrou outra mulher?... É isso? Encontrou outra perdida que acredita que você a salvará? Ou tem várias? – inflamou-se ela. – Um harém, é assim que se diz, não?

Houve como um barulho de tiro, ao longe, na noite, ou uma porta batida.

– Cale-se – disse ele baixinho.

– Você come ela?

– Cale-se!

– Diga! – lançou-lhe ela com fel – *Ela* você come?

Ali ergueu a mão sobre a moça que, por instinto, protegeu o rosto. O golpe partiu tão rápido que Maia sentiu o vento em seus cabelos desfeitos: o punho roçou sua têmpora e foi se chocar contra a parede, que rachou com o impacto. Maia soltou um grito de estupor. Ali bateu com todas as suas forças, várias vezes: destruiu um a um os quadros pendurados na parede, pulverizou a divisória de compensado, com as mãos nuas. Pedacos de

madeira voavam através da sala enquanto ele se obstinava, os estilhaços caíam sobre seus cabelos. Maia gritava para ele parar, mas os golpes choviam sem parar: ele ia reduzi-la a migalhas, ela, a casa, a vida deles, aos murros.

A tempestade parou de repente.

Maia não ousava mais se mexer, encolhida no sofá, gemendo baixinho. Arriscou uma olhadela entre suas mãos trêmulas: Ali estava ali, acima dela, o punho fechado, cheio de arranhões, de farpas, os olhos cintilando de raiva.

Um rugido subiu de suas entranhas, um som que gelou seu sangue:

– Cale-se...

5

Um vestido vermelho passou no campo de visão. Com uma mão, a mulher segurava seu chapéu de palha que ameaçava sair voando até o fim do mundo, com a outra se equilibrava graciosamente sobre a praia imaculada... Epkeen cruzou a etérea aparição quando uma rajada encheu seu rosto de areia.

Deixou para trás as cabanas de madeira coloridas do passeio, o posto dos salva-vidas, os guarda-sóis esparsos e os poucos desdentados que vendiam bugigangas da township vizinha; a praia de Muizenberg se esvaziava à medida que ele margeava o oceano, o vento misturava a poeira e a areia que se perdia ao longe, nos vapores do meio-dia. Ele se virou, mas a moça já não era mais do que um ponto vermelho na bruma de calor; mal se via a estação balneária... Prosseguiu sua caminhada, penou na areia móvel, cuspiendo tabaco e álcool.

Brian tinha ido na noite anterior ao bar de Long Street, onde trabalhava Tracy. Queria falar sério com ela, mas a ruivinha não parava de se extasiar com os malabarismos de seu jovem colega atrás do balcão... Se os seus olhos brilhavam por três coqueteleiras girando no ar era melhor pararem por ali, não? Tracy caiu das nuvens. As palavras de Brian tinham acertado na mosca, mas errado todos os alvos. Ele era um desastre em rupturas. Não sabia o modo de usar. A vontade estragada. A morte de Dan o deixou preguiçoso. Decepção, amargura, tristeza, tinham se separado sem esperança de recaída...

Epkeen viu o lugar da palhoça, depois a churrasqueira no oco das dunas, o barraco bolorento. Restavam vestígios de areia pretejada, o carvão derrubado... Um arrepio subiu ao longo de sua espinha. A mestiça o atraía esfregando-se em sua coxa quando já contava arrancar seu couro. Ela e o cara que ele golpeou com o chicote teriam feito com ele o que fizeram com Dan. Talvez o cortassem em pedaços também, e o colocassem para assar... Epkeen passou a língua sobre os lábios, sentiu o gosto do sal do oceano ali perto e mandou embora o medo que o impedia de pensar.

A praia se estendia até a reserva de Pelikan Park: a casa que procurava não devia mais estar muito longe... Ajeitou seus óculos escuros, escalou até o topo de uma duna, vacilou ao sabor das rajadas. Penduradas no céu, as gaiivotas o fixavam com seus olhos loucos. Percebeu a linha da estrada de ferro ao longe, depois o início de uma cerca que seguia por trás dos arbustos curvados pelo vento do alto mar. A M3 ficava a nem dois quilômetros dali, seguindo uma estradinha esburacada... Brian desceu a duna até a entrada principal, fechada por um grande cadeado. Uma placa meio roída pelo sal estava presa à cerca, proibindo o acesso à propriedade privada, ameaça que devia se dirigir às borboletas: escalou a cerca, praguejou ao arranhar o punho no arame e pulou sobre a areia do pátio. As gaiivotas fugiram então, gritando: trotando pelo caminho, a silhueta de uma mulher a cavalo se aproximava...

Epkeen ainda estava perto da cerca quando a amazona o abordou, montada num frísio preto luzente de suor.

– Bom dia!

Era uma morena dos seus trinta e cinco anos, estilo mulherão, de olhos azuis risonhos um tanto sedutores.

– Perdeu alguma coisa? – perguntou ela.

– Digamos que estou procurando.

– Ah, sim? – ela fingiu se surpreender. – O quê?

– É que estou procurando...

Ela puxou o freio de seu animal que, visivelmente, desejava se lançar para o oceano.

– Sempre passeia por aqui? – relançou ele.

– Volta e meia... meu cavalo fica no clube hípico, ao lado do parque.

Pelikan Park, a reserva natural situada a algumas centenas de metros dali... Epkeen esqueceu as pérolas de oceano que cintilavam acima da cerca e se virou para a casa:

– Sabe quem mora aí?

A amazona balançou a cabeça negativamente, curiosamente imitada por sua montaria:

– Não.

– Mas ao menos já viu pessoas?

Ela balançou de novo a cabeça.

– Algum veículo? – insistiu ele.

O frísio estirava o freio. Ela o forçou a fazer um *pas de deux*, muito elegante, então seu rosto se iluminou lentamente, como se as lembranças lhe viessem em buquês de azul celeste:

– Sim... Vi um 4x4 uma vez, bem cedinho, atravessando o portão... Às vezes corto pelas dunas, mas geralmente sigo a praia. Por que está perguntando?

– Que tipo de 4x4?

A mulher se inclinou na sela para relaxar seu bumbum.

– Bom, um 4x4 grandão, escuro, modelo recente, feito para massacrar as dunas... Na verdade, mal o vi... Não como você, relançou ela: é uma propriedade privada, você notou?

– Disse cedinho: mais ou menos que horas?

– Por volta das seis... Gosto de montar de manhãzinha, quando a praia está deserta...

De repente, ele também.

Seria preciso apenas encontrar um cavalo depressivo que gostasse de bares.

– Quando foi isso?

– Não sei... – Ela ergueu os ombros sob sua camiseta apertada. – Uns dez dias...

– E desde então não viu mais ninguém?

– Só você.

Suas pérolas azuis o atravessavam como se ele fosse de antimatéria.

– Se lhe mostrarem uma lista de veículos similares, acha que pode identificar o 4x4 em questão?

– Você é policial?

– Às vezes.

O frísio mastigava seu freio, os cascos febris. Ela deu um giro completo.

– Trabalha no clube hípico? – perguntou ele ao final do balé.

– Não, contento-me em montar... Ele tem três anos – disse ela dando tapinhas no pescoço do cavalo. – Ainda é fegoso. Gosta de cavalos?

– Prefiro os pôneis – disse ele.

Ela caiu na gargalhada, o que enervou um pouco mais o animal.

– Estava mesmo achando que você não parecia um bom cavaleiro.

– Ah, é?

– É para mim que está olhando e ele sente que está com medo dele, aquiesceu ela: um bom cavaleiro teria feito o contrário...

– Você me daria o número do seu celular mesmo assim?

Ela concordou e, enquanto ele pegava sua caderneta, deu suas coordenadas. O frísio tripudiava, impaciente, o olho globuloso voltado para o alto mar.

– Meu nome é Tara – concluiu ela, antes de estender sua mão por cima da cerca. – Quer uma carona?

– Outro dia, se você topar... Iremos aonde quiser.

Ela sorriu como um demônio:

– Como queira!

A amazona puxou a brida do animal e, com o calcanhar, liberou a fúria que fervia entre suas pernas. Logo desapareceram, entre céu e respingos das ondas... Epkeen ficou ali plantado diante da cerca, cético, antes de voltar à realidade.

O vento turbilhonava no pátio. O sol estava alto, esmagador, as gaiivotas eram como vigias... O africânder se virou para a casa, isolada sob os pinheiros.

A casa localizada por Janet Helms parecia uma antiga estação meteorológica, com suas venezianas fechadas e sua antena enferrujada. Ele andou até a porta blindada, avaliou a fachada. Apenas um andar e nenhuma placa de empresa de vigilância, apenas um teto inclinado e um respiradouro com grades cuja abertura estava bloqueada com papelão. Tudo parecia fechado, abandonado... Aquela história de 4x4 tinha lhe deixado uma impressão bizarra. Contornou a casa.

Epkeen não tinha mandado, mas um pequeno pé-de-cabra no bolso de seu casaco: pensava em forçar a porta dos fundos, mas ela não estava fechada. Um *squat*? Pegou seu 38 e se encostou na parede. Carregou a arma, empurrou devagarinho a porta e arriscou uma olhadela para dentro. As correntes de ar penetravam pela porta aberta, cruzando algumas moscas. Apontou o cano para a penumbra. A casa cheirava a fechado, mas havia um

outro odor bizarro, remexido pelo vento que vinha de fora. Foi até o cômodo vizinho, vazio; encontrou o relógio de luz – a eletricidade funcionava – e uma terceira peça que dava para o pátio, de janelas estragadas. Havia uma mesa de madeira sobre o chão de cimento, borrada de pintura, pincéis secos, velhos pedaços de tapeçaria descolados da parede e moscas desvairadas que ziguezagueavam a seu redor. O odor continuava a pairar, desagradável.

Uma porta levava ao porão; Epkeen se inclinou sobre os degraus e levou a mão imediatamente ao nariz. O fedor vinha dali: um cheiro de merda. Um cheiro de merda humana, insuportável... Apertou o interruptor e reteve o fôlego. Um enxame de moscas zumbia no porão, milhares delas. Desceu os degraus, o dedo sempre no gatilho. O subsolo tinha a extensão da casa, uma peça de aberturas calafetadas onde reinava uma atmosfera de fim do mundo. Ele fremiu, os olhos enregelados, contou três cadáveres debaixo da nuvem: dois homens e uma mulher. Seu estado pavoroso lembrava as cobaias de Tembo. Escalpelados, os membros arrancados, banhados numa poça de sangue coagulado, cobertos de moscas. Corpos disformes, destripados, sem dentes, o rosto lacerado, irreconhecível. Um campo de batalha hermeticamente fechado. Uma jaula... Ergueu a cabeça dos cadáveres e viu as paredes, cobertas de excrementos. Tinham espalhado merda pelos quatro cantos da peça, à altura de um homem.

Epkeen respirou pela boca, mas não adiantava. Atravessou a nuvem de insetos protegendo-se com as mãos. Havia um lavabo no fim do recinto, e uma bancada ladrilhada onde alguém tinha esvaziado as tripas. Duas facas jaziam no chão, o cabo ainda gosmento. O zumbido incessante, o cheiro de merda e de sangue lhe davam náuseas. Inclinou-se sobre os cadáveres, expulsando com a palma da mão as moscas que fervilhavam sobre seus rostos. Um dos negros tinha um machucado enorme na bochecha esquerda e tatuagens nos braços: mesmo desfigurado, reconheceu o sujeito da palhoça, aquele que o seguiu por trás das dunas e que ele atingiu com seu chicote... A garota desarticulada a seu lado devia ser Pam. Faltava-lhe metade do couro cabeludo... Extenuado, Epkeen saiu do porão. Bateu a porta atrás de si e ficou ali um momento, encostado na parede.

Desenterrara corpos de militantes abatidos pelos serviços especiais, zumbis apodrecidos em calabouços, corpos calcinados pelos *vigilantes* do Inkatha ou pelos *comrades*³⁸ do ANC, pessoas sem pele e com uma carantonha à guisa de agradecimento; nunca sentiu piedade – não era o seu

trabalho. Hoje, só sentia asco... Correu para a porta e vomitou na entrada tudo o que tinha no estômago.

*

A delegacia de Harare era uma construção de tijolo vermelho cercada de arame farpado e com vista para o novo tribunal. Um *constable* morrendo de calor sob sua boina estava parado ao lado do portão. Neuman o deixou a suas moscas, evitou os bêbados que estavam sendo empurrados para as celas e se dirigiu à recepção.

Walter Sanogo o esperava em seu escritório, enxugando o suor sob o ventilador preguiçoso. Já não dava conta dos dossiês abertos, e a solicitação de Neuman não o levou a lugar nenhum; os três negros abatidos na praia de Muizenberg não figuravam entre seus suspeitos, as fotos tinham rodado por Khayelitsha, mas não tinham encontrado nada, nenhuma ligação com nenhuma gangue, nova ou antiga. A maior parte dos homicídios de que tratava era obra de bandos rivais, muitos não tinham documentos, havia milhares de clandestinos: para proteger sua vida e a de seus homens, Sanogo os deixava se entredevarar gentilmente, por assim dizer, em família...

– Cruzei um desses sujeitos há uns dez dias – disse Neuman, mostrando a foto do mais jovem –, perto do ginásio em construção. Era chamado de Joey.

Sanogo fez uma expressão de iguana olhando para a foto:

– Esses caras costumam inventar apelidos a torto e a direito: Machine Gun, Devil Man...

– Havia outro jovem com ele, um manco...

– E quem disse que ainda está na área?

– Essas tatuagens – enviou Neuman, mostrando suas fotos – lhe dizem alguma coisa?

Escorpiões em posição de ataque e duas letras, “T.B.”, em tinta velha... Sanogo fez sinal que não.

– ThunderBird – explicou Neuman. – Uma antiga milícia do Chade, infiltrada da Nigéria. Eles mataram um de meus homens e traficam droga na península. Uma nova merda à base de tik.

– Escute – soprou o capitão com ar paternalista. – Lamento muito por seu rapaz, mas somos apenas duzentos policiais aqui para dezenas de

milhares de pessoas. Mal tenho homens para gerir os conflitos entre as companhias de táxis coletivos, isso quando estas não se viram contra nós... Eu também perdi um agente mês passado, abatido como um coelho, na rua: para roubarem sua arma de serviço.

– A melhor segurança para seus homens seria neutralizar as gangues.

– Aqui não estamos na cidade – replicou Sanogo. – Aqui é a selva.

– Temos que tentar sair dela.

– Ah, é? E o que pretende fazer? Encontrar cada chefe de gangue e perguntar se ele não teria um canal para o assassino de seu homem?

– Oh! Não vou fazer isso sozinho – replicou Neuman com frieza. – Você vai vir comigo.

Sanogo se agitou em sua cadeira de plástico.

– Não conte com isso – lançou ele como se isso fosse coisa resolvida. – Já tenho trabalho demais com os casos abertos.

Seu olhar vagabundeou sobre as pilhas de dossiês.

– Joey tinha uma Beretta M92 quase nova – disse Neuman. – Os números de série foram riscados, mas é evidente que ela provinha de um lote da polícia: prefere uma investigação aprofundada sobre seu estoque?

O número de armas declaradas perdidas ultrapassava todos os limiares toleráveis, Neuman tinha verificado. Armas por assim dizer voláteis.

Sanogo ficou em silêncio por um instante – ele sabia quais de seus oficiais alimentavam o tráfico, ele mesmo recebia regularmente suas “prendas”. Neuman olhou-o com desprezo:

– Reúna seus homens.

*

A proclamação de zonas brancas acarretou deslocamentos maciços de população, desbaratou as comunidades e destruiu os tecidos sociais. Os Cape Flats onde tinham confinado os negros e os mestiços eram divididos em territórios, dominados por bandos de atividades variadas. Tinham ali uma tradição antiga, e chegaram mesmo a se transformar em sindicatos – considerando que o gangsterismo tinha sido causado pelo apartheid, mil e quinhentos tsotsis tinham se manifestado diante do Parlamento para obterem a mesma anistia que os policiais. Algumas gangues trabalhavam para os proprietários de pontos ilegais de venda de bebida, os *shebeens*, ou para os barões da droga, a fim de proteger seus territórios. Outras formavam

organizações piratas, pilhando outras gangues para obter drogas, álcool e dinheiro. Havia os bandos de batedores de carteira que agiam nos ônibus, nas lotações ou nos trens, as máfias especializadas em extorsão, e, finalmente, as gangues das prisões que geriam a vida dos detentos (contrabando, estupros, execuções, fugas), e às quais todo presidiário aderira, por bem ou por mal.

Khayelitsha era controlada havia anos pela gangue dos Americans. Seu chefe, Mzala, era temido e respeitado. Mzala roubou durante sua infância, matou na adolescência, e purgou três anos de prisão antes de cavar uma situação entre os tsotsis da township. Eram sua única família, para ele e para os outros – uma família que, ao primeiro sinal de fraqueza, não hesitaria em arrancar seu couro. Os Americans geriam o tráfico, a prostituição, os jogos. Possuíam também o Marabi³⁹, o *shebeen* mais lucrativo da township, onde Mzala e sua guarda pessoal tinham estabelecido seu QG.

Três quartos da população excluídos do mercado de trabalho, era ali que se concentrava a economia secundária: lugares por excelência da cultura popular, os *shebeens* tinham sido criados por mulheres do campo que utilizavam seus conhecimentos tradicionais de fazedoras de cerveja. Os *shebeens* eram tolerados apesar da fauna que gravitava ao redor deles e dos bandos armados que os utilizavam para escoar drogas e outras bebidas alcoólicas.

O Marabi era um lugar sujo e lotado onde uma população negra e pobre enchia a cara com a aplicação dos irremediáveis: conhaque, gim, cerveja, *skokiaan*, *hops*, *hoenene*, *barberton* ou misturas ainda mais poderosas; ali vendiam de tudo sem autorização nem escrúpulos. A *shebeen queen* que mantinha o estabelecimento se chamava Dina, espécie de bruxa gelatinosa de voz de cataclismo que fazia reinar a lei. Neuman encontrou-a atrás do balcão, vestido rosa, sutiã de armação, pressionando um velho bêbado para beber mais rápido.

– Onde está Mzala? – perguntou ele.

Dina viu o distintivo de oficial – e o rosto pouco ameno atrás. Os semidelirantes nas bancadas se calaram. Os oficiais da township tinham neutralizado os dois molengões que deviam vigiar a entrada do bar. Sanogo seguia, à sombra do tira grandalhão.

– Quem é esse? – lançou ela ao chefe da delegacia. – Não temos...

Dina fez uma pequena contorção em cima do balcão. Neuman agarrou seu punho como uma boca de lobo:

– Calada.

– Me solte.

– Escute ou quebro seu braço.

Preso no torno, a *shebeen queen* se viu puxada para o balcão úmido.

– Quero falar com Mzala – disse Neuman sem levantar a voz. – Uma conversa amigável, por enquanto.

– Ele não está! – grunhiu ela.

Ele colou a boca em sua orelha cheia de berloques:

– Não me tome por um preto burro... Vamos, rápido.

A dor irradiava até seu ombro. Dina aquiesceu com um sinal da cabeça que fez tremer suas carnes. Neuman a soltou como uma mola. A gerente praguejou massageando seu punho – aquele bruto quase tinha arrancado seu braço –, ajeitou o vestido que acabava de limpar o balcão e deu um pontapé num dos sujeitos jogados no chão. O zulu olhava para ela, ameaçador. Ela sumiu por trás da divisória metálica.

Os fregueses começaram a cochichar. Sanogo fez sinal aos seus homens para mantê-los sob controle.

Mzala estava num dos quartos do fundo, em companhia de uma garota pra lá de chapada que, depois de chupá-lo sem paixão, roncava agora na cama. A irrupção de Dina o tirou de seu torpor. O chefe da gangue dispensou a *shebeen queen*, empurrou a sanguessuga da cama e enfiou as roupas que estavam jogadas por ali. Os dois tsotsis que vigiavam o acesso da sala privada o escoltaram por trás da divisória que delimitava seu território.

Sanogo estava ali, com sua armada. Havia um cara com ele, um negão musculoso que o observava do balcão, cabeça raspada, o olhar como um tijolo. Seu terno devia valer uns cinco mil rands. Nada a ver com os outros policiais...

– Que porra está fazendo aqui, Sanogo? – lançou Mzala.

– Este senhor dirige o departamento criminal de Cape Town – respondeu Sanogo, virando-se para o interessado. – Ele gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

Neuman estava vendo Mzala pela primeira vez: um negro anguloso de olhos desbotados com uma camiseta da marca de um whisky barato e longas unhas pontiagudas, grossas como corno...

– Ah, é?

Dois negros acompanhavam o chefe da gangue. Com um chute entre as coxas, Neuman transformou o primeiro em estátua. O sujeito ficou atônito por um segundo, antes de aumentar seu rosto com uma careta. Seu acólito teve a infelicidade de se mexer: Neuman mirou em sua perna de apoio e, com o calcanhar, deslocou seu joelho. O sujeito soltou um grito de dor, caindo contra a divisória metálica.

– Não estou de bom humor – rugiu Neuman aproximando-se do chefe da gangue. – A partir de agora sou eu que faço as perguntas e você responde sem enrolação, ok?

Mzala cheirava a suor rançoso e a facada nas costas. Dina se encostou nele como um peixe-piloto num tubarão.

– Tem nada pra você aqui – respondeu ele sem um olhar para seus homens, derrubados a pontapés. – Melhor voltar pra onde veio.

– E é melhor você mudar de registro: hoje vim fazer um reconhecimento, posso voltar amanhã com os Casspir.

– Qual é o problema? – temperou Mzala.

– Uma nova gangue, que vende drogas na costa – disse Neuman. – Um dos meus homens foi morto.

– Não tenho nenhuma razão para atacar os tiras. Temos nossos pequenos arranjos, como em toda parte: pergunte ao chefe aqui – disse ele tomando Sanogo como testemunha. – Nós, os Americans, nos contentamos em traficar dagga. Somos corretos – defendeu-se. – Porra, até pago minha licença.

Aquilo era raro.

– E quem é a concorrência?

– A máfia nigeriana. Uns filhos da puta, meu irmão, verdadeiros filhos da puta...

Sua careta de desdém encalhou no decote da gerente.

– E onde encontramos esses filhos da puta?

– Dois na vala comum – respondeu Mzala –, outro debaixo da cal: os outros devem ter dado o fora. Em todo caso, não vemos mais eles por aqui tem um bom tempo. E duvido que voltem, aqueles veados!

Muitos riram. Neuman se virou para Sanogo, que inclinou a cabeça em sinal de assentimento: acertos de contas entre gangues, ele os deixava fazer seu trabalho sem se meter em seus negócios. O zulu estendeu as fotos dos matadores da praia.

– Já viu esses homens?

Já pouco expressivo, o rosto de Mzala se enregelou.

– Não... Melhor assim – acrescentou –, não são bonitos de ver.

Sua ironia caiu no vazio.

– Curioso – ironizou Neuman –, porque vi um desses caras perto do ginásio em construção dez dias atrás: ou seja, bem no meio do território de vocês.

Mzala ergueu os ombros:

– Não se pode estar em toda parte.

– Estão traficando uma nova droga à base de tik.

– Não estou sabendo. Mas, se é verdade, logo saberei.

– A máfia nigeriana controla o tik – prosseguiu Neuman.

– Talvez, mas não em nosso território. Já disse que faz meses que não vemos esses filhos da...

– Puta, já sei. E essas tatuagens?

– Um escorpião, não?

– Entende de bichinhos, hein?

– As reportagens na televisão, isso enche o cérebro.

– Uma bala na cabeça também. E então?

Os dentes do tsotsi eram parcialmente podres, tributo devido à desnutrição infantil; seus braços, cobertos de cicatrizes.

– Não tenho nada a lhe dizer – resmungou. – Nunca vi esses caras. Mas se aparecerem por aqui, pode contar comigo para chutar o cu deles.

– Estavam atrás desse moleque – insistiu Neuman mostrando a foto de Simon Mceli.

Mzala sorriu com torpeza.

– Não parece muito perigoso.

– Conhece?

– Não. Não me interessa por moleques.

Mzala só tivera um irmão mais novo, ainda mais ladrão do que ele, que morreu como um idiota, bancando o espertinho com sua espingarda velha.

– Stan Ramphele, também não lhe diz nada? E seu irmão Sonny, que tinha um negócio na praia de Muizenberg.

O xhosa sacudiu a cabeça, como se ele estivesse no caminho errado.

– Nosso negócio é a dagga e a defesa do território – repetiu. – Seus maninhos, seu tráfico na costa, isso não é da nossa conta.

Neuman era uma cabeça mais alto do que o chefe da gangue.

– É estranho – soprou o zulu –, os sujeitos que estou procurando têm caras feias iguaizinhas à sua.

Um leve vento de pânico soprou no *shebeen*. Sanogo bancava o desentendido perto do pilar, os policiais apertavam as coronhas de suas armas, à espreita. Não se sentiam em casa ali...

– Não estamos sabendo de nada – garantiu Mzala. – Aqui trabalhamos tranquilos. Nada de pó. É caro demais para a clientela e só atrai problemas... (Cuspiu no chão.) É verdade, meu irmão: tranquilo...

Suas pupilas amareladas pareciam contudo dizer o contrário. Neuman hesitou. Ou aquele cara estava dizendo a verdade ou deviam levá-lo à delegacia para um interrogatório mais aprofundado, sabendo que o resto da gangue já devia ter cercado o *shebeen* e esperava, de fuzil na mão, para ver como as coisas iam evoluir... As coisas deviam estar se apertando ao redor deles. Em nove e mal armados, tinham pouca chance de sair dali sem banzé.

– É melhor irmos embora – soprou Sanogo às suas costas.

O zum-zum-zum dos clientes amontoados no *shebeen* crescia; alguns começavam a olhar para as janelas abertas. Uma precipitação e a intervenção viraria um tumulto...

– Espero, por você, que tenha dito a verdade – disse Neuman à guisa de adeus.

– Eu também – retorquiu Mzala.

Mas aquilo não queria dizer nada.

*

Um turbilhão de poeira atravessou o canteiro de obras. Neuman andou entre os detritos. Os operários tinham voltado pra casa, restavam apenas moleques, atraídos pelas viaturas policiais, e o barulho do vento nas estruturas do ginásio. Algumas latinhas jogadas no chão, entre guardanapos e pedaços de ferragem. Neuman reconheceu o tubo de concreto por onde Simon tinha fugido alguns dias antes. Uma saída de água, de acordo com os planos que consultou...

Sanogo e seus homens se mantinham recuados, na sombra. Neuman se agachou e pôs a cabeça para dentro do tubo: o cano mal deixava passar seus ombros. O feixe de sua lanterna dançou um momento nas paredes de concreto antes de se perder na escuridão... À custa de muito contorcionismo, Neuman conseguiu se enfiar dentro do tubo.

Cheirava a mijó, ele mal conseguia levantar os cotovelos; finalmente, começou a rastejar, segurando a lanterna entre os dentes. O tubo parecia se perder na escuridão. Ergueu a cabeça, que raspou no concreto. Ficava mais fresco à medida que penetrava no tubo. Rastejou ainda uma dezena de metros, antes de parar. Não cheirava mais a mijó, havia um odor mais forte, desagradável: odor de decomposição.

Simon estava ali, sob a luz de sua lanterna, enrolado num cobertor sujo e esfarrapado. Levou algum tempo para reconhecê-lo: seu rosto estava necrosado, lívido, sua barriga sob o cobertor em parte devorada pelos bichos... Neuman dirigiu a lanterna para os objetos que estavam jogados ali, reconheceu a bolsa de Josephina. Havia também uma garrafa d'água ao lado do cadáver, velas consumidas, um pacote de balas vazio e uma foto, poupada pelos ratos e pela umidade, que o menino ainda apertava entre seus dedos. A foto de sua mãe.

6

O apelido de Mzala era “o Gato”: ao que parece, gostava de brincar com suas vítimas antes de matá-las. Mzala sabia que sua situação de chefe de gangue era efêmera, e o medo, seu melhor aliado. Com Gulethu e o resto do bando soltos por aí, ele não podia baixar a guarda. Gato ou não, os outros iam linchá-lo.

Felizmente, tinham conseguido localizar a *umqolan*, a velha bruxa que cuidava daquele demente do Gulethu. Um barraco no acampamento dos squatters, ou antes, um amontoado de tábuas com peles de animais mortos há mil anos pregadas à porta. Mzala veio em pessoa sacudir os berloques da velha louca e, como de costume, torturou-a longamente. Os outros, embora não fossem de se apiedar, tinham desviado os olhos. Entre dois soluços, a *unqolan* disse o que sabia: Gulethu passou ali dois dias antes, pegou o dinheiro que ela escondia para ele, e foi embora, visivelmente apressado, com a Toyota e o punhado de homens que o acompanhavam... Sete horas da noite, no dia da carnificina na praia de Muizenberg... Os Americans vigiavam os acessos ao acampamento dos squatters desde antes do crepúsculo: a menos que tivessem fugido a pé, Gulethu e seu bando ainda estavam na zona – já que não tinham encontrado a Toyota, nem sua carcaça calcinada... Mzala martirizou-a para saber onde se escondiam os fugitivos,

mas ela virou os olhos e não voltaria a abri-los. Não naquele estado. Ele ainda sentia um arrepio – bruxa velha...

Os Americans tinham percorrido o acampamento dos squatters, com os bolsos cheios de rands, e as línguas tinham se soltado. A Toyota estava escondida embaixo de uma lona no quintal de um barracão – pintura, acessórios, tinham começado a maquiar o 4x4 preparando a fuga. Gulethu e seus comparsas estavam enfiados num buraco vizinho, cavado direto no chão, uma tela de juta à guisa de abrigo...

– Esperava o quê, Saddam Hussein? – zombou Mzala da cara lívida pendurada na viga do hangar. – Um sinal dos espíritos para tentar sua chance, com seu carro borrado e seus três malucos? Tsc...

Pobre coitado.

Gulethu tinha as tripas em chamas. O Gato caprichou no reencontro, mas Terreblanche o queria intacto... O chefe acabava de chegar, a camisa cáqui enrolada no bíceps, acompanhado de dois capangas de cabeça raspada, dois brancos de pura cepa, que Mzala odiava cordialmente...

– É ele? – lançou Terreblanche.

– Sim.

Os pés de Gulethu não tocavam no chão. Estava pendurado ali havia duas horas, contorcendo-se e fazendo caretas. Um zulu de traços grosseiros, mais perto do primata: queixo pontudo, testa baixa, arcadas de retardado, e aqueles olhos marrons, tremendo de febre... Terreblanche estalou seu chicote na palma da mão.

– Agora vai me contar tudo, desde o início... Tá escutando, cara de macaco?

Gulethu continuava a se contorcer pendurado na corrente. Mzala enfiou pimenta vermelha em seu reto, o interior de seus intestinos queimava lentamente... Terreblanche não precisou usar seu chicote: Gulethu contou o que sabia. Sua voz esganiçada não combinava com seu relato, alucinante. Terreblanche escutou as inépcias do zulu, estoico – estava ali o tipo de criaturas que seu filho caçula queria salvar, um cafre com cara de chipanzé, tarado e psicopata... Tirou dois saquinhos de seu bolso, que tinham encontrado com Gulethu.

– O que é isso?

Um pó esverdeado estava comprimido no plástico.

– São plantas – exclamou Gulethu. – Plantas misturadas... *A umqolan* me deu.

– E o que pretendia fazer com isso?

– Um ritual... O *intelezi*... Para me curar.

Um ritual zulu de preparação para o combate... Terreblanche caraminolava debaixo das lonas superaquecidas do hangar. Mzala acabava de lhe contar que um tira da cidade tinha ido ao Marabi aquela manhã, o chefe do departamento criminal, Neuman em pessoa. Ali Neuman... Terreblanche conhecia seu pai, Luyinda, um agitador político que fora espancado até a morte: sua mulher e seu filho tinham mudado de encrave e de nome – Neuman, “novo homem”, uma contração do africânder e do inglês. Ele também estava procurando o bando...

7

– Papai está queimando?

– Sim, querida.

– Para onde ele vai?

– Papai vai virar uma linda nuvenzinha no céu...

Tom suspirou, visivelmente circunspecto. Eve também achava que aquilo estava demorando muito. Seu luto passando pela prova do fogo, Claire os mantinha apertados contra si, diante do forno que engolia o caixão de Dan. A infelicidade é contagiosa, Claire o sabia, mas precisava da força deles para apagar suas visões de pesadelo. As crianças não sabiam o que tinha acontecido com o pai delas, apenas que fora morto por bandidos... A moça tremia diante do crematório. Ela se perguntava por que tinham cortado as mãos dele, gostaria de ouvir suas explicações, as razões que os tinham levado a fazer todo aquele mal, se é que havia...

“What Will You Say” tocava no sistema de som de péssima qualidade, uma música de Jeff Buckley que ela cantava com Chris, seu guitarrista *black*. Dan adorava: uma voz como uma onda em suspenso, passando para o registro trágico, Jeff e seu sorriso etéreo, que, como seu pai, Tim, se afogou, numa noite de bebedeira, nas águas do Mississipi... Claire não se sentia exausta, apesar dos calmantes: apenas violenta. O câncer, os raios, seus cabelos caídos aos punhados, ela encarou a doença com uma coragem que não sabia que tinha, mas não estava preparada para aquilo.

Desde pequena, bastava um sorriso e lhe crescia uma auréola: na cabeça das pessoas, Claire era aquela para quem tudo se ajeitava, aquela a quem

nada aconteceria de mau – era tão bonitinha... Baboseiras. Mentiras. Não carecia um banho noturno no Mississipi. O anjinho louro que sorria nas fotos perdeu a auréola, perdeu até os cabelos. Seu marido estava morto: morto.

Sua irmã, Margot, não esperou o fim da cremação para levar as crianças pra casa: juntar as cinzas e acertar as últimas formalidades levaria horas, e Claire precisava ficar sozinha com ele, uma última vez.

Esperou sua família ir embora. Depois pegou a urna e foi até a enseada deles, perto de Llandudno. Era a peregrinação amorosa deles, uma maneira de se reencontrar, e, hoje, de se deixar. As ondas desfilavam na praia deserta, um horizonte crepuscular onde ela espalharia seu pó de homem. Claire apertou a urna contra o seu peito e andou na espuma, tão longe quanto suas pernas puderam levá-la. Falou com ele no caminho, palavras de amor, as últimas, antes de jogar o que restava dele nas ondas. As cinzas flutuaram por um momento na superfície, até serem levadas pelos turbilhões. A urna também se foi, barco bêbado em meio à corrente...

– Está com fome? – perguntou Margot. – Fiz um frango com ameixas.

O prato preferido delas quando eram pequenas. Claire tinha acabado de chegar em casa.

– Não, obrigada.

Seus olhares se cruzaram. Compaixão, tristeza. Conversariam mais tarde, quando as crianças dormissem.

– O que houve com seu vestido? – retomou sua irmã mais velha procurando assunto. – Você viu?

O sal, ao secar, fez auréolas em seu vestido preto. Claire não respondeu. As crianças, sentadas na cozinha, colocavam pedacinhos de ameixa no canto do prato. Margot apertou o ombro de sua irmã, embora isso não adiantasse nada.

– Mamãe – manhou Eve. – Não gosto mais de ameixas...

Claire viu a caixa sobre o bar da cozinha.

– Ah, sim! – fez Margot. – Um amigo seu veio deixar esse pacote para você agora há pouco: um castanho alto, com cara de quem não está bem acordado... – Então se virou para a mesa das crianças. – Mas sim, ora, ameixas são *muito* gostasas!

Era uma caixa de ferro branco, que custava dez vezes seu preço nas butiques de Long Street. Claire encontrou fotos suas dentro – ela e as crianças, ela e Dan, ela sozinha, entre os pássaros do parque Kruger... Havia também um folheto de viagem (destino: Europa), as cadernetas de investigação que Dan guardava por medo de algum bug informático, duas ou três “obras de arte” trazidas da escola pelas crianças, e um bilhete de outra pessoa, numa folha branca dobrada em dois:

Dan não guardava quase nada nas gavetas – tudo na cabeça. Pensei que gostaria de ter essas coisas.

Não sei o que dizer, Claire: amizade? Ternura? Ligue assim que puder. Ali também manda beijos.

Brian

Palavras como ele, bonitas e desajeitadas.

*

Tara desembarcou no escritório de Epkeen e o mundo, pelo tempo de uma miragem, ficou azul Klein. A amazona trocou seu traje de montaria por um jeans apertado e uma camiseta ainda mais sexy. Tara perambulou pela sala bagunçada como se estivessem visitando seu primeiro apartamento, se debruçou sobre a porta de vidro que dava para as formiguinhas de Greenmarket Square antes de se virar para Epkeen, que seguia seus movimentos devaneando:

– Bela vista!

– Sim, não se pode negar.

Tara era tão bonita de costas quanto de frente.

– Obrigado por ter vindo – disse ele como preâmbulo.

– Se é para ajudar a polícia... – disse ela sem acreditar numa palavra. –

Onde devo me sentar?

– Onde quiser.

Tara empurrou as pastas que atulhavam a passagem e pousou seu generoso traseiro sobre a ponta da mesa. Estava acima dele, e se balançava com um ar divertido, visivelmente muito consciente de seus charmes, a ponto de deixá-lo enjoado... Brian abriu os ícones.

– Vai demorar?

– Depende de suas lembranças.

– Mal sei que dia é hoje – brincou Tara.

Era dia 8. O dia da cremação de Dan.

– Mas vou me esforçar – acrescentou ela. – Prometo.

– Bom, preparei uma seleção de veículos que correspondem à descrição que me deu. Diga sim, não ou talvez.

– Ok!

Brian se perguntou de onde tinha saído aquele tumulto anatômico, reduziu a tensão da corrente elétrica que o puxava para ela e conseguiu voltar para a terra: 4x4 começaram a desfilar sobre a tela do computador. Tara sacudiu seus longos cabelos castanhos, negativo. Sua atenção era total, seus olhos cobalto enviavam clarões luminescentes aos cristais líquidos, os veículos *off-road* passavam às dezenas, com ou sem lama, 4x4, 6x6, mata-búfalos, mata-cangurus, modelos de todas as marcas, não, não, não, não, não, não, não...

– Já notou...? – disse ela depois de um tempo. – Só há homens dirigindo nas fotos...

– As mulheres estão se lixando para os 4x4, não?

– Completamente.

– Você é super... – Ele se virou para a tela. – Nada parecido?

Tara fez uma careta diante do modelo proposto:

– Não – respondeu ela. – A minha era um negócio grande, alto...

– Feio?

– Muito.

Ela fez uma careta de asco.

Epkeen foi direto para a marca Pinzgauer.

Não demorou.

– Esta! – exclamou Tara. – A Steyr Puch 712K!

A amazona parecia de repente ter cinco anos e meio, ele, um cérebro que se desfazia em pequenos blocos azuis.

– Tem certeza de que é esse modelo?

– Se não for ele, é um de seus primos.

– Você estava a algumas centenas de metros – observou ele.

– Tenho bons olhos, meu tenente.

Ele a impressionava, aquilo era de dar medo...

– Um Pinzgauer Steyr Puch de cor escura – escreveu ele em voz alta em sua caderneta. – Mais algum detalhe?

– O que quer saber – ironizou ela –, a cor dos pneus?

– Pensei num eventual motorista, ou pessoas que tivesse visto em volta da casa...

– Lamento. Não vi ninguém. Passo cedinho – disse ela –, talvez estivessem dormindo...

Epkeen fez uma careta. Isolada na ponta da praia, a casa era um esconderijo seguro, com acesso à estrada que levava às townships. Não devia haver cem mil daqueles Pinzgauer na província...

– Bom... Agradeço pelas informações.

– De nada!

De um salto, Tara atingiu a terra firme. Parecia gostar de saltos e ressaltos.

– Bom – sorriu ela –, preciso ir...

– Aonde?

– Isso não é da sua conta, meu tenente!

Pegou sua bolsa de pano sobre a escrivaninha, cruzou seu olhar derretido e refletiu um punhado de segundos.

– Tenho duas ou três coisas para fazer esta tarde – disse ela então, como um mistério sob a redoma. – Imagino que esteja livre?

– O ar está vazio ao meu lado – respondeu ele.

A adrenalina explodia em suas veias. Tara sorriu, depois olhou para o relógio.

– Hum – avaliou ela –, acho que dá... Sete horas no bar da esquina de Greenmarket, pode ser?

*

Os cadáveres encontrados na casa de Muizenberg tinham acabado de ser identificados. Pamela Parker, vinte e oito anos, uma toxicômana conhecida pela polícia por estar sempre na cola de diferentes gangues da township. Detida várias vezes por prostituição em ônibus e rodoviárias. Sem domicílio fixo, mas na condicional por uma condenação por violências. Uma irmã, Sonia, também solta por aí. Francis Mulunba, vinte seis anos, ex-policia ruandês procurado pelo TPI por estupros e assassinatos. Mujahid Dokuku, ex-membro do Movimento pela emancipação do Delta do Níger (MEND), um grupo rebelde nigeriano especializado no *bunkering*, o desvio de petróleo explorado pelas multinacionais. Evadido dois anos antes da prisão onde purgava uma pena de doze anos por suas atividades de guerrilha.

Suspeito de ter entrado clandestinamente na África do Sul, como milhares de outros refugiados, para aumentar as fileiras das gangues...

A polícia científica só encontrou merda nas paredes do porão, sangue pertencente às vítimas, e duas facas de cozinha que tinham servido para a carnificina, com as impressões das próprias vítimas nos cabos. Nenhuma arma de fogo, nem droga: no entanto, eles estavam empanturrados do mesmo coquetel à base de tik, doses que se avizinhavam do estágio da loucura furiosa, segundo o protocolo do legista... Teriam se refugiado na casa para escapar das barreiras policiais? Teriam se entrematado sob o efeito da droga, ou alguém os ajudou como tinham feito com Stan Ramphele? Aquela era sua toca, um esconderijo a partir do qual escoavam a droga? Neuman cruzou com Joey, o mais jovem do bando, aquele dia em Khayelitsha: por que estava brigando com Simon? Onde estava seu comparsa, o manco?

Neuman percorreu o bairro ao redor do ginásio em construção sem descobrir grande coisa: moleques de rua como Simon Mceli era o que não faltava na township. Fizeram-no percorrer terrenos baldios e campos de futebol. Alguns o mandaram ir dar o cu pros brancos. Superpopulação, miséria, AIDS, violência: o destino dos meninos de rua vindos de uma área que não parava de transbordar não interessava ninguém.

O relatório da autópsia de Simon Mceli chegou no meio da tarde. Os bichos que viviam nas tubulações do ginásio tinham estragado seriamente o corpo do menino, mas as lesões na parte proximal do terceiro metacarpo correspondiam a picadas de inseto que datavam de uma semana, data aproximada do falecimento. Nenhuma marca de bala, nem ferimento visível nas partes do corpo poupadas. Os poucos objetos encontrados perto dele, velas, fósforos, água, comida, cobertor, faziam pensar que Simon tinha levado consigo um kit mínimo de sobrevivência. O garoto sofria de graves carências alimentares, cálcio, ferro, vitaminas, proteínas, carecia de tudo, menos de produtos tóxicos: maconha, metanfetamina, e aquela mesma molécula que o laboratório não conseguia identificar.

Simon também estava intoxicado. Estava mesmo completamente viciado. Aquilo podia explicar seu estado famélico, a agressão contra a mãe de Ali, mas não as causas da morte. Simon morreu de um envenenamento do sangue, mas não foi uma overdose que o matou: morreu de AIDS.

Um vírus fulminante.

*

Além da violência, a África do Sul estava sendo destruída pelo HIV. Vinte por cento da população era portadora do vírus, uma mulher a cada três nas townships, e perspectivas assustadoras: dois milhões de crianças perderiam suas mães nos próximos anos, e a esperança de vida, que já tinha baixado cinco anos, perderia mais quinze e cairia para quarenta anos no horizonte de 2020. Quarenta anos...

O governo entrou numa queda de braço jurídica com a indústria farmacêutica, que se recusava a distribuir medicamentos genéricos para as pessoas infectadas; o acesso aos antivirais foi finalmente garantido com o apoio da comunidade internacional e de uma campanha midiática virulenta, mas o assunto permanecia candente. Para o governo sul-africano, uma nação era como uma família unida, estável e produtiva, desenvolvendo-se num corpo são e disciplinado: o presidente contestava as estatísticas de soropositividade, os índices de mortalidade e as violências sexuais, que, segundo ele, pertenciam à esfera privada. Acusava a oposição política, os ativistas da AIDS, as multinacionais e os brancos, sempre prontos a estigmatizar as práticas sexuais dos negros, então em posição de réus – o “perigo negro”, ressurgência do apartheid: assim, a AIDS era considerada uma doença normal, ligada à pobreza, à desnutrição e à falta de higiene, excluindo explicitamente o sexo, já que isso teria consequências intoleráveis, especialmente em matéria de costumes masculinos. De acordo com esse ponto de vista, para conter o flagelo, a política sanitária do governo preconizou o alho e o suco de limão após as relações sexuais, além de banhos e pomadas lubrificantes. A rejeição aos preservativos, considerados como não viris e coisa de branco, apesar da distribuição gratuita, acabava de tornar negro um quadro já desesperador.

Jacques Raymond, o médico belga que trabalhava na enfermaria de Khayelitsha por conta do MSF, estava seriamente preocupado: vacinas, despistagem, consultas em domicílio, fórum de informações, Raymond percorria a township havia três anos e já não contava mais os mortos. Neuman pediu para consultar a ficha de Simon Mceli e o médico não colocou problemas – violência, doença, droga, a vida das crianças de rua não valia nada no mercado, nem mesmo um juramento de Hipócrates...

Raymond tinha um bigode ruivo impressionante, mãos finas amareladas pelo tabaco e um forte sotaque francês. Abriu o arquivo metálico de seu

gabinete e tirou a ficha correspondente.

– Sim – disse logo –, tratei esse menino, há vinte meses... Aproveitamos para fazer o teste, mas Simon não era soropositivo: o teste de despistagem deu negativo.

– Segundo a autópsia do legista – retomou Neuman –, o vírus que ele contraiu sofreu mutações numa velocidade incomum.

– Isso pode ocorrer, sobretudo em constituições fracas.

– Simon estava ok quando o examinou, não?

– Vinte meses, é muito tempo quando se vive na rua – respondeu o belga. – Seringas infectadas, prostituição, estupros: os meninos de rua começam a se drogar cada vez mais cedo, e com os milhares de sujeitos que acreditam poder se curar deflorando virgens, eles são muitas vezes as primeiras vítimas.

Neuman conhecia as cifras dos assassinatos de crianças – estatísticas que não paravam de subir.

– Crenças encorajadas pelos sangomas da township – insinuou ele.

– Ah – fez o médico sem grande convicção. – Nem todos são retardados... Trata-se também de medicina tradicional... O problema é que qualquer um pode se declarar curandeiro: depois, é uma questão de persuasão, de credulidade e de ignorância. Os aidéticos são considerados aqui como párias; a maioria está disposta a acreditar em qualquer coisa para se curar. Os microbicidas não cumpriram suas promessas – acrescentou com amargura. – Nossas campanhas pelo uso de preservativo caíram no vazio...

Mas Neuman pensava numa outra coisa:

– Qual é o período de incubação: quinze dias?

– Da AIDS? Sim, por volta disso... Por quê?

Simon tinha contraído o vírus naqueles últimos meses: estava viciado na droga que circulava na costa. Nicole Wiese, Stan Ramphele, os tsotsis do porão, todos tinham sucumbido ao coquetel desde as primeiras doses. Todos, a não ser De Villiers, o surfista abatido pela polícia... Neuman foi tomado por uma dúvida. Agradeceu o médico belga sem responder a sua pergunta, cruzou a fila de doentes que esperava no corredor e deixou a enfermaria.

Myriam estava fumando na escadinha, as mãos cruzadas sobre o joelho, fazendo de conta que não estava esperando por ele.

– Bom dia! – lançou ela, com brilhos nos olhos.

– Bom dia...

Mas o zulu passou praticamente sem vê-la. Ligou para Tembo.

*

Epkeen tinha deixado o celular ligado no bolso da calça, abandonada como o resto no assoalho do quarto. Ele vibrou três vezes antes de começar a tocar. O despertador rachado ao pé da cama marcava sete e meia da manhã: Brian tateou na penumbra, encontrou a causa de seu incômodo, viu de quem era a ligação e atendeu sussurrando para não incomodar o unicórnio que dormia ao seu lado.

– Acordei você? – disse Janet Helms.

– Faça como se eu estivesse escutando...

– Aprofundei as pesquisas sobre a casa na praia – anunciou a agente de informações. – O proprietário continua incomunicável, mas obtive algumas informações. Primeiro, o terreno: um hectare e meio à beira do Pelikan Park, comprado há pouco mais de um ano. Nenhum trabalho foi feito para reformar a casa, mas há negociações em andamento para a extensão da reserva vizinha: o terreno poderia, portanto, passar a fazer parte de uma área protegida, o que triplicaria seu valor. Abuso de informações ou simples especulação, é difícil determinar. Em todo caso, a operação imobiliária ocorreu com a menor transparência possível: não dá para obter o nome do proprietário ou da sociedade que o adquiriu, mas, seguindo as pistas, encontrei o número de uma conta nas Bahamas. Estritamente confidencial, como pode imaginar. Pode tentar falar com o procurador, mas tem pouca chance de dar resultados...

Epkeen absorveu aquele tornado matinal e tentou colocar um pouco de ordem em suas ideias. Abrir um processo com tão poucos argumentos de fato não levaria a nada, a não ser a meses de papeladas tão complicadas quanto inúteis, já que um simples clique bastava para transferir a conta para outro paraíso fiscal.

– O mundo dos bancos é realmente asqueroso – comentou.

– Se isso pode consolá-lo, o das informações também.

– Pfff.

O animal alado se mexeu nas cobertas.

– Fiz uma lista dos 4x4 Pinzgauer Steyr Puch da província – prosseguiu ela. – Uma frota privada de trinta veículos, apenas oito deles escuros.

Também fiz uma lista das pessoas que alugaram um modelo semelhante nas últimas semanas. Se quiser dar uma olhada...

– Ok – suspirou ele.

Epkeen jogou o celular sobre a pilha torta de livros que constituía sua mesa de cabeceira, e repousou a cabeça no travesseiro.

– Caramba – disse a voz ao seu lado –, você tem cada conversa de manhã...

Tara devia estar com calor debaixo das cobertas, mas, com o braço enrolado como uma serpentina em volta do edredom, o belo animal não parecia decidido a se mexer.

Brian a encontrou no bar de Greenmarket. A amazona o enfeitiçou com sua fala direta, seu bom humor e seu traseiro empinado como se estivesse ao assalto do vazio. Tara tinha trinta e seis anos, um cavalo que montava sempre que podia, e trabalhava de *free-lance* para um grande escritório de arquitetura. Nada disse de sua vida privada, de seus gostos, de seus amores, apenas que gostava de Radiohead e de caras com olhos verde água como ele.

O fim do sonho se deu na casa dele, no quarto, onde fizeram amor com uma sem-cerimônia que, ainda de manhã, os tornava familiares.

– Epkeen... – disse emergindo das cobertas. – Não é um nome africânder.

– Meu pai era procurador durante o apartheid: assim que cheguei à maioridade, adotei o sobrenome de minha mãe.

Tara era oriunda de uma família britânica liberal que combateu os boers na guerra epônima. Ela segurou a ponta do nariz dele:

– Você é muito espertinho...

Ele estava era louco por ela.

– Está com fome? – perguntou.

– Hum hum...

Seu sorriso de ângulos agudos o jogou pra fora da cama. Ele se levantou, perguntando-se como as mulheres faziam para estarem tão bonitas ao despertar. Tara ficou olhando sua bunda enquanto ele perambulava pelo quarto em busca de suas roupas espalhadas.

– Até que para um cavalo no fim da linha você não está tão mal...

– Na verdade, este não é meu corpo.

– Sério? Parecia que fosse noite passada...

Brian foi para a cozinha, presa da vertigem atrás da qual corria desde a adolescência. Não sabia se tinha estado à altura aquela noite, se estaria um dia, se ainda estava sonhando. Preparou o café da manhã, copioso, diversificado, e levou-o para cima fumegando. Tara estava no banheiro. Ele colocou a bandeja sobrecarregada na cama, derrubou chá nos ovos mexidos, secou com a camiseta. O perfume dela pairava no quarto, brisa através das cortinas... Tara logo saiu do banheiro, vestida e elegante como na véspera.

Mal olhou para o café da manhã.

– Estou atrasada – disse ela. – Preciso ir.

Seu sorriso isósceles parecia de repente congelado.

– Já? – disse ele singelamente.

Tara olhou para o relógio:

– Sim, eu sei, é um pouco precipitado como adeus, mas esqueci completamente que é minha vez de deixar as crianças na babá esta manhã.

Adeuses.

Babá.

Trem fantasma.

– Pensei que não tivesse filhos?

– Eu não – respondeu ela –, mas meu namorado sim.

Tara pegou um frasco de perfume francês, deu duas pequenas borrifadas e guardou na bolsa.

– Gosta do meu perfume?

Ela lhe estendeu o pescoço, grácil, branco – vontade de morder.

– Uma verdadeira razão.

Tara deu uma risadinha que não escondeu seu constrangimento.

– Bom, vou nessa.

– Já está um dia na frente – disse ele, mal escondendo sua amargura.

– Hum – concordou ela, como se compreendesse. – Em todo caso, ontem foi super.

Super.

Brian quis lhe dizer que metade do prazer foi para ele, mas Tara deu um beijo melancólico em seus lábios, antes de desaparecer como uma cidade bombardeada.

Uma porta que bate e, depois, mais nada.

Fim dos galopes, das corridas contra a espuma. Restavam apenas a brisa nas cortinas, o café fumegando sobre os lençóis e a impressão de estar como eles, completamente desfeito...

O celular vibrou então em cima da pilha de livros: Epkeen quis jogá-lo do outro lado do Atlântico, mas era Neuman.

– Venha agora.

*

Epkeen atravessou a fila de jornalistas e curiosos aglutinados atrás das fitas bicolores da polícia. As ondas quebravam na praia de Llandudno, voltavam aos pacotes, cobrindo o horizonte de respingos desvairados... A arte da queda, aquilo era toda sua vida.

Neuman o viu chegar de longe, descomposto, rabugento.

– Lamento tê-lo acordado – disse ao vê-lo.

Brian continuava pensando em Tara, nas estratégias fatais, e em todo aquele amor que dava o fora... Inclinou-se sobre a areia.

A jovem mulher estava estendida a dois metros dali, os braços abertos em cruz, como se acabasse de cair do céu. Um voo macabro: Epkeen desviou o olhar do rosto da moça. Não tinha tomado café e a fuga de Tara ainda revirava seu estômago.

– Um cara que estava fazendo jogging encontrou-a esta manhã, por volta das sete.

Uma moça desfigurada, deitada de costas. As mãos também estavam num estado lamentável. Epkeen acendeu um cigarro, uma capa de tristeza sobre os ombros.

– Não poderia me apresentar uma garota viva? – disse para disfarçar.

Ali não respondeu. O vento levantava as barras da saia, cuspiam areia; Tembo ia e vinha ao redor do cadáver, visivelmente preocupado. A equipe científica esquadrihava a praia. Uma mulher branca, não mais de trinta anos, cabelos loiros oxigenados, viscosos, um rosto sem boca, sem nariz, sem nada... Nuvens negras se amontoavam no céu. Neuman olhava para o borrão do mar ali perto. Uma gaivota saltitou não longe dali, inclinando o bico para o cadáver. Epkeen expulsou-a com um olhar furioso.

– Já sabem quem é? – perguntou por fim.

– Kate Montgomery... Ela morava numa das casas ali em cima, com seu pai, Tony.

– O cantor?

– O próprio.

Tony Montgomery teve seu momento de glória no meio dos anos 1990, um símbolo da reconciliação nacional: o que explicava a quantidade de jornalistas.

– Ainda não conseguimos contatá-lo – disse Neuman –, mas Kate trabalhava como estilista num clipe. Acabamos de falar com a equipe de filmagem, que estava esperando por ela. Seu carro foi encontrado a dois quilômetros daqui, um pouco mais acima na orla, mas sua bolsa não estava dentro.

Tembo foi até eles, segurando seu chapéu de feltro que ameaçava sair voando. Ele também estava com uma cara péssima. Anunciou suas primeiras conclusões com voz mecânica. Todos os golpes tinham sido dados no rosto e na cabeça: martelo, barra de ferro, porrete... A arma do crime não foi encontrada, mas as semelhanças com o assassinato de Nicole Wiese pareciam evidentes. Mesma selvageria na execução, mesmo tipo de arma branca. A morte devia ter ocorrido por volta das dez horas da noite anterior. A ausência de vestígios de sangue na areia fazia pensar que o corpo foi transportado, já sem vida, até a praia. Desta vez, o estupro era claro.

Epkeen apagou seu cigarro na areia, guardou a bagana.

– Vestígios de luta? – perguntou Neuman.

– Não – respondeu o legista –, mas há cortes na cintura, marcas antigas... Alguns dias para os cortes mais recentes, semanas para os outros.

– Cortes em linha reta?

Ali pensava nas estranhas marcas encontradas no corpo da primeira vítima. Tembo sacudiu a cabeça devagar:

– Não. Os cortes são pouco profundos, provavelmente feitos com um estilete... Já as unhas parecem ter sido cortadas de qualquer jeito. Com uma faca, ao que parece... Dá só uma olhada.

Ajoelharam-se perto do cadáver. As pontas dos dedos tinham sido grosseiramente mutiladas. Tempo apontou para o alto da cabeça.

– Uma mecha de cabelos também foi cortada.

Neuman praguejou. Mecha de cabelos, pedaços de unha: qualquer *sangoma* podia descolar aquele tipo de ingredientes de maneira menos violenta... Viu a blusa rasgada da vítima, em que o sangue havia secado. As tiras do sutiã tinham sido cortadas, o torso lacerado.

– Escarificações?

– Parecem antes letras – disse Tembo. Ele levantou a blusa com um lápis. – Ou cifras talhadas na pele... Está vendo os três “o”?

O sangue tinha coagulado sobre o peito da moça, mas os entalhes, mais escuros, eram visíveis.

– O... lo... lo..., – decifrou Neuman.

– O que é isso – reagiu Epkeen –, xhosa?

– Não... zulu.

Nós matamos vocês: o grito de guerra dos ancestrais, retomado pela ala dura do Inkatha.

8

Uma tempestade tropical se abateu sobre Kloof Nek. Epkeen acionou os limpadores de para-brisa do Mercedes. Tara que estourava como uma bolha em seus dedos, a moça massacrada na praia, os colunistas sociais interessados no crime, as baboseiras que iam contar, que manhã de merda! Aquilo estava ficando recorrente. Ricochete da morte de Dan? De repente sentia vontade de tirar férias, longas, dar o fora daquele país que mijava sangue, do mundo sitiado pela finança e pelas elites (re)acionárias, e morrer de amor com a primeira que aparecesse, se embebedando num palácio-pardieiro, como nos livros de Fitzgerald... Em vez disso, subiu a estrada sinuosa de Tafelberg que levava ao teleférico e encontrou uma vaga entre a fileira de carros estacionados ao longo da estrada.

A chuva martelava o asfalto ao pé da Table Mountain, cujo topo mal se deixava adivinhar entre as brumas enchumaçadas. Desligou os Boys Against Girls que maltratavam as caixas de som do carro, deu uma moeda ao moleque de colete berrante que cuidava dos carros e correu até as lojinhas de suvenires onde os turistas encharcados esperavam o teleférico.

Dava para subir até o topo pelas trilhas escarpadas, mas a chuva e os ataques que tinham se multiplicado nos últimos meses tinham acabado de dissuadir mesmo os mais temerários. Os que se apertavam ali eram, de modo geral, gordos, vermelhos, emboncados como fazendeiros num casamento; Epkeen via tudo preto, embora um pedaço de céu azul apontasse sob o antracito. Finalmente o teleférico começou a andar. A cabine cortou os flancos a pique, um quilômetro de desnível sob o estalido das câmeras digitais. Empurradas pelo vento, as nuvens cobriam os picos, que eles logo

alcançaram. Epkeen deixou os turistas se extasiarem com a vista maravilhosa sobre a cidade e, sem um olhar para o oceano revolto, pegou a trilha que levava a Gorge Views.

Tony Montgomery cantou a reconciliação nacional, e várias canções suas tinham rodado o planeta. “Loving Together”, “A New World”, “Rainbow of Tears”, cantadas em diversas línguas – como o novo hino sul-africano – tinham feito dele uma estrela. Epkeen achava as letras de suas canções um xarope, as músicas de fazer cagar, mas suaslouváveis intenções tinham-no tornado popular. Montgomery só tinha uma filha, Kate, que ele mantinha longe dos flashes.

Kate Montgomery tinha vinte e dois anos. Morava em Llandudno, na costa leste da península, e estava trabalhando como estilista num clipe – Motherfucker, um grupo local de Death Metal – filmado no topo da Table Mountain.

Uma charneca plana e verdejante se estendia entre os juncos; Epkeen cruzou com um esquilo cinza e seguiu a revoada de borboletas que o escoltavam pela trilha. O lugar da filmagem ficava dois quilômetros depois dos rochedos, delimitado por barreiras metálicas; dois porteiros negros cruzavam as mãos na frente de seus bagos, com óculos escuros estilosos e expressões de enfado que mal se alteraram ao ver seu distintivo.

Ao contrário do que imaginava, nem a tempestade nem a morte da estilista tinham parado as filmagens: uma dezena de pessoas ia e vinha ao redor das barracas devastadas e dos cenários derrubados – dentre os quais se destacava um zebu barroco com chifres de diabo de papel machê que jazia no chão de cabeça para baixo. Tiravam o material das cobertas de lonas, as gamelas, na maior agitação. Ele ziguezagueou entre as poças. Mais adiante, um bando de cabeludos, *look goth-metal*, ostentavam suas barbichas, maquiados como Batgirls selvagens. O primeiro gritava que sua guitarra estava toda molhada e ia eletrocutá-lo: os outros achavam aquilo muito engraçado.

– Quem é o responsável aqui? – perguntou Epkeen à primeira que apareceu, uma gorduchinha de impermeável amarelo fluorescente.

– O senhor Hains? Deve estar na produção, mas a assistente dele deve estar por aqui. Ali está ela – disse, apontando para uma loira-acaju que conversava com o chefe maquinista.

Ruby.

Ruby de vestido colado patinando na lama... Ela se virou sentindo a presença dele, ficou paralisada por um segundo e o fulminou com seus olhos verdes.

– O que está fazendo aqui?

– E você?

– Trabalhando, imagine só!

Dez meses que não se viam. Ela tinha tingido e deixado crescer seus cabelos, mas não era aquele vestido de publicitária, sua maquiagem e seus sapatos enlameados que iam mudar seu aspecto de garota em guerra contra o mundo.

– Já tenho que cuidar de quatro imbecis fedendo a cerveja – impacientou-se Ruby. – O que você quer?

– Informações sobre Kate Montgomery – disse ele. – Fui encarregado da investigação.

– Merda.

– Sim – concordou ele. – Ninguém me avisou que você fazia parte da história, mas a partir de agora esqueça o homem de sua vida e responda ao detetive, ok?

O sol estava de volta e iluminava sua pele cor de areia.

– Ok?! – insistiu ele, puxando-a para longe da balbúrdia.

– Ei! Não precisa gritar!

– Parece que faz de propósito... Bom, quanto antes começarmos, mais rápido terminaremos.

Ruby estava de acordo.

– Nesse caso, exijo que me trate por senhora – disse ela.

Epkeen sequer suspirou.

– A senhora é a responsável pela filmagem?

– Sim.

– Contrarregra?

– Assistente de produção – precisou ela.

– Dá no mesmo, não?

– Está aqui para palpitar sobre meu trabalho ou para investigar?

– Conhecia bem Kate?

– Um pouco.

– Já tinham trabalhado juntas?

– Não, era a primeira vez.

– Então a conhecia de maneira privada?

– Kate vinha jantar lá em casa de vez em quando, com outros amigos.
Só isso.

– Amigos de que tipo?

– A meio caminho entre o oposto e o inverso do senhor.

– Gente do *showbiz*, imagino?

– Pessoas de bom nível – insinuou ela.

– A que horas terminou a filmagem ontem?

– Por volta das sete... O sol estava se pondo.

– Quando viu Kate pela última vez?

– No final da filmagem. Descemos juntas pelo teleférico.

– Sabe se ela ia encontrar alguém?

Ruby ajustou suas mechas varridas pelo vento das alturas.

– Não sei. Kate não me disse nada. Aliás, disse – voltou atrás Ruby –: que ia dormir cedo. Teríamos muito trabalho hoje.

– Foi sua empresa que a contratou como estilista?

– Sim. Kate começou a trabalhar na filmagem ontem, como os outros.

Ruby não fumava mais: moía metodicamente um fósforo tirado de sua caixinha.

– Ela tinha uma relação particular com membros da equipe? – perguntou Epkeen.

– Quer dizer anal?

– Muito engraçado. Aliás, se bem me lembro, a senhora era uma praticante fervorosa.

– Escroto.

– Desculparei esse ataque, mas será o único. Então: Kate tinha relações privilegiadas com um ou mais membros da equipe?

– Não!

– Usava drogas?

– Como quer que eu saiba disso?

– O ambiente do *showbiz* é um aspirador de coca, não me diga que nunca ouviu falar.

– Não trabalho no *showbiz* – rangeu Ruby.

– Contudo, a senhora vive com o dentista das estrelas; deve participar de jantares apaixonantes com apresentadores de TV, modelos, publicitários...

Ruby sempre afirmou detestar a vulgaridade da grana e da maior parte das pessoas que estavam cheias dela.

– Aonde quer chegar, inspetor Gadget?

Os olhos de Ruby brilhavam maldosamente.

– Kate não lhe pareceu diferente nos últimos tempos? – continuou ele.

– Não.

– Irritável? Impaciente?

– Não?

– Conhecia o namorado dela?

– Nenhum particularmente.

– Isso quer dizer que ela trocava frequentemente de namorado?

– Como todas as garotas de vinte e dois anos que não caem na besteira de se apaixonar pelo primeiro que aparece.

Vinte e dois anos: a idade de Ruby quando se encontraram no show do Nine Inch Nails. Uma outra vida.

– Kate tinha preferências? Algum tipo de homem em particular?

– Não sei.

– Homens negros?

– Já disse que não sei.

– Costuma jantar com pessoas que não conhece?

Ruby franziu a sobrancelha, finamente desenhada a lápis. Nenhuma outra reação.

– Então?

– Kate tinha vinte anos a menos do que eu – irritou-se ela –, e era uma garota angustiada que não costumava se abrir. Tenho que repetir as coisas dez vezes até o senhor compreender?

– Dezoito vezes – respondeu ele. – É a teoria de John Cage.

– Agora se interessa por arte conceitual?

Trocaram um sorriso cáustico.

– Ninguém veio procurar Kate ontem? – retomou Epkeen.

– Não que eu saiba.

– Ela lhe falou de algum ex-namorado?

– Não.

– Algum encontro?

– Não – soprou Ruby. – Repito que teríamos hoje um longo dia de filmagem. Separamo-nos no estacionamento, fui buscar os arreios no clube hípico e não a vi mais...

Epkeen teve um arrepio apesar do sol.

– Arreios?

– Sabe, aquelas grandes coleiras que usam nos cavalos para que eles parem de se excitar – ironizou ela.

– E?

– Está no roteiro do clipe – explicou a assistente de produção. – “Fúrias se abatem sobre os quatro demônios da noite, colocam arreios em seus pescoços e os chicoteiam para que puxem a rainha delas...”. Não gosta do imaginário do Death Metal, tenente?... Mas gosta de cavalgar, não?

Uma dúvida o invadiu. Enorme.

Tara.

Seu encontro insólito na praia.

Sua noite a galope.

Brian conhecia seu demônio de cor: o sorriso ostentado por Ruby era belo demais para ser honesto. Devia ter contratado Tara para seduzi-lo, uma garota de programa para virar sua cabeça e abandoná-lo como um resto de porra nos lençóis...

– Alguma coisa errada, tenente?

Ruby continuava a sorrir, com a indiferença criminosa do gato diante do rato.

– Que clube hípico? – perguntou ele.

– Noordhoek.

Epkeen se livrou de seus suores quentes – Noordhoek: nada a ver com a praia de Muizenberg, onde havia encontrado a amazona... Caramba, estava começando a ficar completamente paranoico com aquelas histórias.

– Que carro Kate estava dirigindo quando a deixou? – retomou ele.

– Um Porsche coupé.

Tinham encontrado o carro na orla, a dois quilômetros de sua casa... Parada ao sabor da brisa, Ruby olhava para ele com ar lacônico.

– É tudo o que tem a me dizer?

– Estou fazendo o máximo – retorquiu ela.

– Não é grande coisa, senhorita.

– Senhora – retificou ela.

– Ah, é? Desde quando?

– Não acha mesmo que ia convidá-lo para o meu casamento! – zombou ela com gulodice.

– Teria levado flores de ferro – disse ele, com os olhos borboleteantes.

– Conhece tão bem a sensibilidade das mulheres... Agora, se tiver uma pergunta inteligente a fazer, encontre-a logo, porque tenho quatro espécimes

do seu tipo para gerir, a chuva estragou o cenário e estamos atrasados com o planejamento.

– *The show must go on.*

– Que *the show must go on*, o quê?! – imitou-o ela toscamente.

– A morte de Kate não parece comovê-la muito.

– Infelizmente, já sou calejada em matéria de luto...

Uma pérola de ternura encalhou entre os recifes.

– É provável que volte para lhe fazer mais algumas perguntas – disse ele.

A equipe técnica estava se posicionando. Ruby deu de ombros:

– Se isso o diverte...

Uma rajada de vento os fez vacilar. Brian balançou a cabeça.

– Tu não tem jeito, hein?

*

Sessenta mil *sangomas* praticavam na África do Sul, uma parte significativa deles na província de Cap: sacrifícios, castrações, rapto e tortura de crianças, os assassinatos mais abomináveis eram regularmente cometidos sob pretexto de cura miraculosa, na maioria das vezes por obra de queimadores de incenso ignorantes e bárbaros.

A mecha de cabelos e as unhas arrancadas faziam pensar que o assassino queria confeccionar um *muti*, um remédio ou uma poção mágica qualquer. Um *muti*... Para curar o quê? Depois das declarações infelizes da ministra da Saúde a respeito da AIDS era a África inteira que estava desacreditada com aquele tipo de histórias...

Neuman fuçou no CRC (Criminal Record Center, o órgão da polícia que repertoriava os criminosos das últimas décadas) especialmente os dados referentes a crimes rituais: várias centenas oficialmente nos últimos dez anos. Milhares, na realidade: crianças mutiladas, braços, pênis, corações, órgãos arrancados, às vezes com a vítima ainda viva para maior “eficácia”, testículos, vértebras – vendidos a preço de ouro no mercado das superstições, o museu dos horrores funcionava a mil, com uma multidão de incrédulos anônimos como matadores por procuração e estatísticas em constante alta. Não encontrou nada.

A equipe científica vasculhou a mansão Montgomery sem encontrar vestígios de invasão. O sistema de segurança estava funcionando e nada foi

roubado. Kate, portanto, não teve tempo de passar em casa depois da filmagem ou entrou em casa na companhia do assassino, o que parecia pouco provável: teriam podido vê-los juntos, a começar pela câmera na entrada, cujas fitas se revelaram virgens. O Porsche coupé que ela dirigia foi encontrado na beira da estrada, a menos de dois quilômetros da casa. Como com Nicole, o assassino escolheu um lugar isolado, sem testemunhas potenciais: a estrada da orla deixava Chapman's Peak e serpenteava em meio à vegetação até o vilarejo chiquérrimo de Llandudno. No carro, impressões apenas da vítima. O assassino devia tê-la interceptado na orla. Ou Kate parou por vontade própria sem ter desconfiado de nada, como Nicole Wiese. De acordo com as informações coletadas por Epkeen, a estilista teria chegado em Llandudno por volta das sete e meia da noite. Sua morte se deu pelas dez: o que teria feito nesse intervalo? O assassino a teria drogado para que não oferecesse resistência? Duas horas que havia ficado com ela, a fim de preparar seu sacrifício, *ololo*, “nós matamos vocês”, subentendido nós, os zulus...

Zaziwe: “esperança”...

Associação de ideias, acaso, coincidência? Neuman pressentiu a armadilha. Ela estava ali, à sua frente. Uma tentação divina, um chamado, cujo eco parecia ressoar desde sempre. Uma armadilha em que ele caía...

Zina Dukobe tinha participado ativamente do Inkatha e percorria o continente havia dez anos com seu grupo de *performers*: ela não aparecia em nenhuma organização política desde as eleições democráticas, mas todos os seus músicos estavam, ou tinham estado, em contato com o partido zulu. Neuman estabeleceu uma lista das turnês do grupo na África do Sul, as datas de estadia, e comparou com os múltiplos crimes não elucidados durante esses períodos. Cruzando os arquivos da CID (polícia judiciária) e das diferentes forças de segurança, constatou que seis homicídios tinham ocorrido em Jo'burg na época em que a trupe estava lá (2003). Uma das vítimas, Karl Woos, foi diretor de uma prisão de segurança máxima durante o apartheid: encontraram-no em sua casa, morto, envenenado com curare, provavelmente vítima de uma prostituta.

Neuman aprofundou suas pesquisas e logo topou com outro caso não elucidado: Karl Müller, antigo delegado de polícia de Durban, encontrado em seu carro na beira de uma estrada secundária com uma bala na cabeça – seu revólver foi encontrado ao seu lado, mas nenhuma carta explicava um eventual suicídio (14 de janeiro de 2005). A trupe estivera lá na mesma

época: tinham se apresentado por uma semana nos clubes da cidade antes de ir embora, no dia seguinte ao crime...

Bamako, Yaoundé, Kinshsa, Harare, Luanda, Windhoek: Neuman ampliou as pesquisas em todas as cidades onde o grupo zulu se apresentou. Os dados eram inexistentes ou de difícil acesso. Finalmente, encontrou o rastro de uma morte suspeita em Maputo, Moçambique: Neil Francis, um oficial dos serviços secretos do apartheid que entrou no comércio de diamantes: a cabeça arrebentada ao pé de uma falésia.

Agosto de 2007: a trupe de Zina permaneceu dez dias no local...

Neuman estava recolando os pedacinhos perdidos no fundo de si mesmo quando recebeu um e-mail de Tembo. O legista fez uma análise complementar referente a De Villiers, o surfista viciado na droga, morto durante o assalto: as amostras de sangue guardadas em estoque revelaram que ele era portador do HIV.

O vírus tinha sido contraído havia pouco tempo, mas, como em Simon, se desenvolveu de maneira extraordinariamente rápida: esperança de vida de menos de seis meses.

A intuição de Neuman estava certa, o que não o tranquilizou nem um pouco. O que havia naquela droga? A morte? O que mais?

*

A township, de tanto crescer, alcançara o mar.

Assim, os moleques iam jogar futebol na praia, para a alegria dos turistas de micro-ônibus que, através de uma agência de viagens e de uma visita relâmpago à township, tranquilizavam suas consciências a baixo custo. Não se via nenhum turista nas boates negras dos bairros populares de Cape Town – as únicas onde se era revistado na entrada –, aliás, não se via nenhum branco, para prejuízo da juventude local.

Foi lá, à beira das dunas que separavam a praia dos acampamentos de squatters, que Winnie Got viu Simon pela última vez, com os outros miseráveis que constituíam seu bando: Simon morto, aqueles garotos eram as últimas testemunhas do caso... Neuman estacionou seu carro no final da pista e andou em direção ao oceano tumultuoso. Os gritos dos garotos, levados pelo vento, ouviam-se de longe. A areia da praia sob o sol era de um branco que cegava. Uma matilha de calção corria atrás do que restava de uma bola. Não dava tempo de fazer passes, estavam sempre todos em

cima da bola gritando a plenos pulmões; os goleiros esperavam entre dois chinelos jogados na areia.

A sombra do zulu passou sobre o peso-pena que cuidava de seu gol invisível.

– Estou procurando dois garotos – disse Neuman mostrando a foto de Simon. – Meninos aqui da região que devem ter entre dez e doze anos.

O goleirinho recuou um passo.

– Um deles é maior, usa sempre um calção verde. Andavam com esse menino, Simon... Me disseram que eles costumavam jogar futebol aqui com vocês.

O moleque olhava para Neuman como se este fosse pular em sua garganta.

– Eu... eu não sei não senhor... pergunte pros outros – disse, apontando para a confusão.

Eram cerca de trinta se digladiando alegremente debaixo do sol.

– De quem é a bola?

– Do Nelson – respondeu o peso-pena. – Aquele que está com a camisa dos Bafana Bafana...

A seleção nacional, que não atravessava um grande momento, apesar da Copa do Mundo que se aproximava.

A confusão mais absoluta reinava ao redor da esfera de espuma: Neuman teve que confiscar o objeto cobiçado para se fazer escutar. Finalmente, tomou o chamado Nelson à parte, logo cercado por seus jogadores, e lhes explicou o que estava fazendo ali. Os moleques se acotovelavam ao seu redor como se ele tivesse balas. Fizeram primeiro cara de quem não sabia nada, mas a foto reavivou as recordações. O bando andou algum tempo pela praia, tinham até tentado jogar futebol juntos, mas os caras da zona eram muito do mal, do tipo que fura a bola com um prego...

– Quando foi a última vez que vieram aqui? – perguntou Neuman.

– Sei não, senhor... quinze dias, três semanas...

Nelson secava a bola que o gigante segurava debaixo do braço – era dele e não tinham outra.

– Quantos garotos andavam com Simon?

– Três ou quatro...

– Pode descrevê-los?

– Lembro de um grande de calção verde... Era chamado de Teddy...
Tinha um outro, menor, com uma camisa do exército.

– Uma camisa cáqui?

– Sim.

– O que mais?

– Pfff...

Os garotos se alvoroçavam às suas costas, xingavam-se usando gírias.

– Não tinham nenhum sinal particular? – insistiu Neuman. – Um detalhe no rosto, tatuagens...

Nelson se concentrou.

– O menor – disse finalmente –, o da camisa militar: ele tinha uma cicatriz. Aqui – falou, apontando para seu pescoço magricela. – Do tipo cicatriz que fechou sozinha!

Os outros gargalharam dando tapas nas coxas, se empurrando ainda mais.

– Mais nada?

– Senhor! – riu Nelson. – Não sou uma câmera Divix!

Os garotos só tinham olhos para a bola. Neuman lançou-a longe, por cima das cabeças. Os moleques zarparam na hora, urrando, como se cada um tivesse acabado de fazer um gol.

*

Neuman perambulou pelos *public open spaces*, aquelas vastas zonas arenosas invadidas por arbustos onde se refugiavam os criminosos. Cruzou com alguns fantasmas, rejeitados das townships ou dos acampamentos de squatters, sem obter informações a respeito dos moleques. O vento que varria a zona apagava tudo, até a lembrança dos mortos.

Caminhou pelas dunas peladas, só viu latinhas de Coca vazias, embalagens de plástico, gargalos de garrafas que serviam de cachimbo para fumar tik ou Mandrax. O lugar era vazio, inquietante, uma paisagem lunar onde nem os cachorros vagavam, de medo de serem comidos... No entanto, o resto do bando devia andar em algum lugar... Tinham fugido do acampamento dos squatters e da praia havia três semanas, e ninguém os tornara a ver. Simon se refugiou na township vizinha, onde cresceu, sozinho. Portanto, o bando tinha se dividido. Deviam ter fugido dos traficantes: Neuman cruzou com dois deles nas obras do ginásio. Epkeen

abateu Joey, mas seu comparsa não figurava entre os cadáveres encontrados no porão: o manco...

Neuman voltou para a pista que margeava a *no man's land*. Seu carro esperava sobre o cascalho pelando, miragens etílicas sobre o capô; ele acionou a abertura a distância.

Um moleque saiu então de um buraco ali ao lado. Um negrinho dos seus doze anos, com uma camiseta sebosa e sandálias feitas de pneu. Provocou um pequeno desabamento ao sair do buraco, deu um passo em direção a Neuman, mas se manteve a certa distância. Seus cabelos crespos estavam cinza de poeira. Retorcia um pedaço de arame entre suas mãos sujas, espantou as moscas que zumbiam em volta de seus olhos.

– Bom dia...

Olhos doentes que, escorrendo, tinham formado crostas amareladas.

– Bom dia.

O moleque, estranhamente, não estava pedindo moedas: olhou para Ali de longe, perto do buraco de que saíra, triturando seu arame. Neuman sentiu um mal-estar, ainda difuso. O menino lembrava um coelho atingido pela mixomatose, daqueles que ficam parados, esperando a morte...

– Vive aqui? – perguntou Ali.

O menino fez sinal que sim. Sua calça de moletom estava rasgada na barriga da perna e ele não tinha boné. Neuman tirou a foto de Simon do bolso.

– Já viu esse garoto?

O moleque afastou as moscas de suas órbitas e fez sinal que não.

– Faz parte de um bando de meninos de rua: um maior com um calção verde e um menor, com uma camisa do exército e uma cicatriz no pescoço...

– Não – disse ele –, nunca vi...

Sua voz não mudou, mas o olhar que lançou para Ali não era mais o de uma criança.

– Vinte rands, sir... – O pequeno maltrapilho colocou a mão em sua calça. – Vinde rands por um cachimbo, que tal, sir?

*

Josephina era uma das “mães” da Bantu Congregational Church, uma congregação das Igrejas de Sion implantada na township: desprezando as

orações já prontas dos europeus, os sionistas cantavam juntos, o mais alto possível, sem nunca parar de dançar.

Neuman abriu caminho entre a multidão e encontrou sua mãe na frente do estrado, entre outras cantoras transidas de amor. Josephina sacudia seu prodigioso corpanzil, louvando o Senhor à altura do pregador que, naquela noite, estava dando seu show; o público repetia em coro, extático... Ali ficou um momento observando sua mãe, a testa encharcada de suor, sorrindo para o vazio azul. Parecia feliz... Uma onda de ternura apertou seu coração... Lembrava do dia 27 de abril, dia das primeiras eleições democráticas, quando tinham ido juntos votar em Khayelitsha... Revia a fila de pessoas arrumadas como se fosse para um casamento, negros e mestiços enfileirados que perguntavam àqueles que voltavam das urnas se não tinham tido problemas – as pessoas temiam se enganar de candidato (eram dez na lista), fazer a cruz no lugar errado ou que ela ultrapassasse o quadradinho, o que anularia o voto. Temia-se ter tinta nos dedos⁴⁰, as impressões digitais que ficariam no voto, de que se dizia que poderiam entregar seus donos – quem garantia que as autoridades não perseguiriam aqueles que votassem no ANC?! Revia Josephina entrando no cubículo com sua lista de candidatos, tremendo, e soltando um grito de horror: a coitada se enganou, e marcou o quadradinho de Makwethu, primeiro candidato da lista, cujos cabelos grisalhos se pareciam com os de Madiba⁴¹. Tinham acalmado seus gritos dando-lhe outra cédula, que Josephina se aplicou a preencher corretamente, sem extrapolar o quadradinho, mas ela fez e refez tantas vezes sua cruz que acabou furando o papel... Lembrava dos rostos, das carteiras de identidade apertadas por dedos exangues, de pessoas que votavam chorando, que pareciam bêbadas ao sair da cabine de votação, e da festa indescritível que se seguiu ao resultado das eleições: até as vovozinhas tinham saído nas ruas com seus mantos para se misturarem às danças e à algazarra das vuvuzelas...

Aquela cabeça dura da sua mãe tinha razão. Simon morreu com os bichos, segurando a foto de sua mãe: seu destino fazia parte do deles, daquela parte da África pela qual seu pai e ele tinham lutado.

Esperou o fim da pregação para arrastá-la para fora.

Pessoas endomingadas os cumprimentavam com uma reverência um tanto cômica enquanto saíam de braços dados da igreja de Gxalaba Street.

– Ouvi as notícias no rádio agora há pouco – disse Josephina em tom de confidência –, a respeito do novo assassinato, e das marcas deixadas no

cadáver... É verdade o que dizem sobre esse zulu?

– Sim, como a respeito da morte de Kennedy.

– Hi hi!

Ali resmungou – a notícia já estava na mídia: como tinham ficado sabendo?

Pendurada em seu braço como um gancho, Josephina arejou seu longo vestido branco. Falaram de Simon, e a rua ficou bem menos alegre. Ali explicou as circunstâncias de sua morte, a AIDS, o pó que o intoxicou, o resto do bando desaparecido por aí, e que era preciso encontrar: sua mãe o escutava balançando a cabeça, mas estava pensando em outra coisa...

– Sim – disse ela por fim. – Simon devia estar se sentindo muito fraco para atacar uma pessoa como eu... Sabia que cuida dos mais desfavorecidos: aquilo foi também um pedido de socorro.

– Estranha maneira de pedir ajuda.

– Ele ia morrer, Ali...

Duas grandes rugas atravessavam sua testa.

– Os garotos que andavam com ele foram vistos às margens do acampamento de squatters há duas semanas – disse ele –, provavelmente imigrados. O maior, Teddy, usa um calção verde, o outro, uma camisa cáqui e tem uma cicatriz feia no pescoço. Eles sumiram e acho que estão escondidos em algum canto na township: talvez alguma amiga sua os tenha visto.

A congregação cuidava dos doentes de AIDS, que as pessoas escondiam por medo dos rumores, das maldições que podiam ser lançadas sobre a família, e que acabavam morrendo, apodrecendo. As voluntárias da congregação tinham muito mais chance de ficar sabendo de alguma coisa do que a polícia.

– Vou conversar com minhas amigas – garantiu Josephina. – Sim, vou começar a cuidar disso agora mesmo.

– Estou lhe pedindo apenas para falar com elas, não para sair andando através de toda a township feito uma doida. Ok?

– Diga logo que estou doente! – ofendeu-se Josephina.

– Você está doente, mãe. E velha.

– Hi hi!

– É sério, mãe: Simon se drogava e esses garotos também. É quase certo que estejam doentes, mas também que sejam agressivos e perigosos. Melhor não se aproximar. Quero apenas que me ajude a localizá-los.

Josephina sorriu acariciando seu rosto, como fazia quando ele era pequeno, para acalmá-lo.

– Não se preocupe com sua velha mãe, estou em plena forma! – disse ela percorrendo-o com suas mãos rachadas. – Você é que devia dormir mais: está febril e só se veem olheiras ao redor dos seus bonitos olhos...

– Devo lembrar que está quase cega.

– Não se engana uma mãe tão facilmente!

A matrona se ergueu sobre seus sapatos dourados para beijar seu rei zulu.

Ele foi embora já noite feita, o coração no fundo de um poço.

*

As cortinas estavam fechadas. Um cheiro de incenso um pouco enjoativo pairava no cômodo exíguo. A luz se reduzia a um spot vermelho. Ele estava deitado sobre a mesa acolchoada, de braços estendidos; braços duros como pedra, que a jovem massageava com grandes quantidades de unguentos perfumados.

– Relaxe – disse ela.

Por mais que a massagista lubrificasse sua bela mecânica, desfragmentasse as tempestades bloqueadas sob sua pele, o homem lhe devolvia blocos de influxos que ela continuava a receber sem desanimar – ao menos ele acabou fechando os olhos... Ela massageou os músculos de seus ombros, fez círculos, desceu por seus rins, suas nádegas, voltou a subir lentamente, afastando suas partes carnudas, amolecendo-as com longas carícias lubrificadas. Finalmente parou seu manejo erótico, contemplou sua obra-prima e, exausta, desapareceu atrás das cortinas.

Ele mal escutou os passos que voltavam a se aproximar da mesa – passos leves... uma garota que não devia pesar nem cinquenta quilos: já o teria visto ali?

Ela depositou seus objetos metálicos sobre a mesinha e se sentou acima dele.

– Está se sentindo bem?

Não.

– Sim.

– Bom...

A moça triou seus utensílios. As imagens continuavam a se suceder sob suas pálpebras fechadas, imagens de morte, de fogo, de golpes que choviam sobre ele, esquartelado, mas, ainda uma vez, as lágrimas caíam do lado errado; escorriam para dentro.

Não dormiria. Ou talvez. Ou dali a pouco. Ou nunca. Com Maia tinham se ido suas últimas ilusões. Não queria mais... Só queria Zina. Ela o enfeitiçou: seus olhos de noite estrelada, sua graça de animal livre, o pó e a brasa debaixo de seus passos, ele amava tudo, e além... Sufocava em sua armadura. Sua pele não valia nada. Sentia-se como uma fera no zoológico: andava em círculos, na sua jaula, como os camundongos de Tembo...

A moça pegou um objeto na mesinha, que ela manejava com uma habilidade quase clínica; no extremo da insônia, ele se deixou penetrar.

9

Madeira de lei, concreto finamente pintado, esquadrias de alumínio, paredes de vidro, as casas construídas na colina verdejante de Llandudno eram todas obras de arquitetos. Tony Montgomery voltou de Osaka via Tóquio e Dubai. O cantor cancelou a turnê de gala que, depois da Ásia, o levaria à Europa e aos Estados Unidos, interrompendo assim a campanha de promoção de seu último álbum (*A Love Forever*, a gravadora sequer se importou).

Montgomery fazia o gênero do cinquentão adorado pelas revistas masculinas, uma vida de VIP percorrendo a aldeia global e mãos impecáveis que, naquela manhã, não sabiam o que fazer. Stevens, seu guarda-costas e motorista, o avisou da visita de um oficial de polícia, um cara alto de cabelos revoltos que o *star* mal escutou. Epkeen o encontrou à beira de sua piscina, vestido com um quimono de seda que descia por suas coxas bronzeadas, completamente atordoado. Montgomery tinha acabado de voltar do necrotério onde identificou o corpo de sua filha e um torpor macabro o pregava ao oceano, que ele fixava perdidamente do terraço da mansão. O fato de não ter visto Kate nos últimos quatro meses terminava de aniquilá-lo. Tony Montgomery raramente estava na África do Sul, as turnês internacionais se seguiam, de maneira que eles quase não tinham conhecidos em comum...

Epkeen colocou a mão na piscina para se refrescar um pouco e acabou molhando toda sua caderneta. Interrogou as pessoas próximas de Kate, sua tia, uma velhota surtada de chapéu Prada e completamente tantã, Sylvia, uma antiga amiga toxicômana, a equipe de filmagem, que não sabia de nada, vizinhos que nada tinham visto, outras pessoas que estavam cagando e andando...

– E como se explica que a mãe de Kate não tenha se manifestado? – perguntou ele.

– Ela nunca se interessou pela filha...

– A esse ponto?

– Helen vive em Londres há anos – explicou Montgomery. – Separamo-nos assim que Kate nasceu.

– Foi o senhor que ficou com a guarda?

– Sim.

– Com todas suas turnês? – fingiu surpreender-se Epkeen.

– Ainda não era conhecido naquela época.

– Quer dizer que Kate foi abandonada por sua mãe?

– De certa forma.

O africânder balançou a cabeça: aquilo explicava muita coisa...

– Sabe se sua filha se drogava?

– Pfff... Imagino que Kate usasse um pouco de cocaína nas festas, como todos os jovens de seu meio... Infelizmente estou mal posicionado para informá-lo.

– Do que costumavam falar?

– Sobretudo de seu trabalho... Estava indo bem como estilista.

Teria dito a mesma coisa se ela vendesse bananas.

– Apresentava pessoas a ela?

– Não. Kate sabia se virar sozinha.

– O senhor tem amigas ou namoradas, com quem ela poderia ter se aberto?

– Todos sabem que sou homossexual.

– Tem sorte... Então não conhece ninguém que possa me informar sobre sua filha?

– Infelizmente não.

– E de seus namorados, ela lhe falava?

– Kate era pudica comigo – respondeu seu pai. – Acho que não se interessava muito por rapazes...

Epkeen acendeu um cigarro.

– Achemos que sua filha foi vítima de um *serial killer* – disse ele. – Um zulu pertencente a uma gangue da township. Há uma história de tráfico de drogas subjacente. Alguém deve ter servido de intermediário, ou de cúmplice...

– Minha filha não é uma delinquente – afirmou Montgomery –, se é isso que está insinuando.

– Era também o que dizia Stewart Wiese a respeito de sua filha... O senhor o conhece?

– Stewart Wiese? Sim, cruzei com ele uma vez, faz anos, depois da vitória no mundial...

As duas moças não se conheciam, Epkeen já o tinha verificado.

– Alguma razão para que tenham raiva, do senhor ou de Wiese?

– Além do fato de sermos famosos?

– Quero sua opinião, não a dos jornais.

– Não... – Montgomery sacudiu seu *brushing*. – Podem ter raiva de meu dinheiro, mas não de Kate. Kate é inocente. Era uma garota completamente normal.

– Sua filha esteve numa casa de repouso – observou Epkeen. – Por três meses, segundo a ficha do estabelecimento. Uma primeira vez aos dezesseis anos, outra aos dezoito.

Montgomery corou.

– Coisa do passado – respondeu.

– Desintoxicação?

– Não, repouso.

– Tão cansada assim aos dezesseis anos?

– Crises de adolescência, já ouviu falar? É história antiga, de qualquer jeito – irritou-se. – E não vejo relação com o assassinato de minha filha.

O cantor não estava acostumado a que lhe falassem naquele tom. Vivia cercado de gente que o recordava o dia inteiro o quanto era formidável.

– Não tente me fazer de tolo, Montgomery. Sua filha ficou internada duas vezes num estabelecimento especializado e, na idade que tinha, não há muitas possibilidades: ou ela se drogava, ou tinha tentado se suicidar. Talvez os dois. Kate não estava bem, lamento informá-lo: encontramos dezenas de cortes em seu corpo, feridas que ela própria se infligia regularmente. *Cutting*, no jargão: tentativa de retorno à realidade a fim de

evitar o desabamento psíquico total... – Epkeen soprou a fumaça do cigarro em seu rosto. – Fale ou o afogo em sua piscina de ouro.

– Algum problema, senhor Montgomery? – sondou Stevens.

– Não, não...

O gorgolejar da piscina dissipou o suspiro da celebridade.

– A mãe de Kate era uma atriz talentosa, mas um pouco... especial. Achava que ela tinha compreendido que fundar uma família não era minha praia, mas Helen ficou grávida e quis ter a criança achando que ia me segurar... Como minha carreira estava começando a decolar, Helen voltou para a Inglaterra deixando o bebê nos meus braços... Era sua vingança... Kate quis rever a mãe na adolescência, mas não deu muito certo.

– Começou então a se drogar – ajudou-o Epkeen. – Pode ter tido uma recaída.

– Não sei...

– Internou-a após uma tentativa de suicídio, é isso?

– Aconteceu uma vez – replicou Montgomery –, não queria que acontecesse de novo.

– Por que esconder isso?

– O quê?

– Que sua filha é uma ex-tóxico-depressiva.

– Uma cura de repouso e um acompanhamento psicológico conseguiram tirar Kate dessa – disse ele. – Não vejo aí matéria para que se faça publicidade em torno desse caso!

– Estou tentando descobrir que tipo de presa era sua filha – replicou Epkeen. – Alguém a atraiu para uma armadilha. Kate era vulnerável e a droga parece a pista mais evidente.

Montgomery revolveu nervosamente seu anel de diamante.

– Escute, tenente – disse por fim. – Embora não tenha estado sempre presente, conheço um pouco minha filha: Kate teve uma infância e uma adolescência difíceis, tentei lhe oferecer as melhores escolas, nem sempre isso deu muito certo, mas Kate lutou, e conseguiu se reconstruir. A droga não a interessava mais. Ela queria viver sua vida, só isso. Ela queria viver, entende?

– Sim: a golpes de estilete.

Brian não acreditava muito no acaso, antes, na conjunção das trajetórias. Estava voltando para a central depois de sua conversa com Montgomery quando, saindo como um obus de seu escritório, Janet Helms literalmente caiu em seus braços.

– Recebeu minha mensagem?!

Ele recuou para avaliar a situação.

– Não.

– Localizei um veículo que poderia corresponder ao que está buscando – anunciou a agente de informações –: um 4x4 Pinzgauer Steyr Puch, modelo 712K, filmado pela câmera de um posto de gasolina na noite do assassinato.

A morte de Fletcher. Os olhos redondos de Janet estavam vermelhos de mau sono, mas a tristeza dera lugar a uma espécie de excitação. Ele a seguiu até o escritório vizinho.

– É um posto de gasolina em Baden Powell, a estrada que margeia False Bay até Pelikan Park – explicou ela digitando no teclado do computador. – Às três e doze da manhã... Não dá para distinguir o rosto do motorista atrás dos vidros fumê e a placa é ilegível.

Epkeen se debruçou sobre a tela cinzenta. A carroceria era escura. Viam-se apenas as mãos do motorista, um branco, ou um mestiço...

– Dei mais uma pesquisada – prosseguiu Janet –: nenhum Pinzgauer desse modelo foi declarado roubado nos últimos tempos. Encontrei um 4x4 desse tipo roubado na província de Natal há dois meses, e outro em Jo’burg no fim do ano, mas ambos foram queimados depois de assaltos a carros blindados. Então recenseei os Pinzgauer em circulação...

Baden Powell ficava a menos de dois quilômetros da casa, acessível pela estrada.

– O 4x4 estava indo em que direção quando foi filmado? – perguntou Epkeen.

– Para o oeste. Ou seja, para Cape Town.

Ou seja, em direção oposta às townships.

– Algum desses proprietários é de origem zulu?

– Não, eu verifiquei. Pela cor, só três veículos correspondem às características do que foi filmado. Liguei para as locadoras concernidas, mas nenhuma delas alugou esse modelo no dia do assassinato de Dan. Quanto às empresas privadas, apenas três utilizam veículos assim: uma agência de turismo especializada em safáris, mas o 4x4 estava indisponível

toda a semana em questão. Resta um vinhateiro no vale próximo a Franschoek, que não consegui contatar, e a ATD, uma empresa de segurança e de polícia privada. Talvez valesse a pena dar uma olhada lá...

Epkeen concordou – Janet Helms cheirava a lilás.

*

Neuman não sabia quem era o responsável pelo vazamento das informações à mídia (segundo o legista, metade dos policiais venderia a mãe ao primeiro que aparecesse, a outra metade àquele que pusesse um zero a mais no cheque), mas as revelações sobre o assassinato de Kate Montgomery tiveram, em plena campanha anticrime, um efeito desastroso. A selvageria da execução, o estupro, a mecha de cabelo e as unhas arrancadas, a reivindicação tribal gravada em letras de sangue no corpo de uma jovem branca: o mito do “zulu” desabrochava nas redações.

Primeira etnia do subcontinente africano, os zulus tinham traumatizado sua época massacrando um regimento inglês⁴² – antes de terem sucumbido às armas. Encarregados de limpar os territórios hostis, os pioneiros boers tinham combatido os zulus com a mesma dureza, antes de confiná-los nos bantustões do apartheid.

Ololo, “nós matamos vocês”, era interpretado como uma advertência e uma ameaça contra a população branca, a reminiscência de uma forma etnocida oriunda de um espírito doente, aquele do matador.

Os assassinatos reavivavam um passado tumultuoso, voluntariamente ocultado em nome da reconciliação nacional. A queda do Muro, a inexorabilidade da mundialização e a personalidade excepcional de Mandela tinham vencido o apartheid e as guerras internas – todo mundo se lembrava da ascensão ao poder do líder do ANC, quando o xhosa ergueu os braços de seus piores adversários, De Klerk, o africânder, e Buthelezi, o zulu, em sinal de vitória. Nicole Wiese e Kate Montgomery eram filhas de dois símbolos, o campeão do mundo da primeira equipe multirracial e a voz da nação arco-íris. Nas entrelinhas das redações mais conservadoras, havia em filigrana a condenação da profanação histórica do estupro de uma branca por um negro, aquela velha ideia de promiscuidade em que biologia e política se misturavam. As suspeitas de estupro e corrupção que pesavam sobre Zuma, o líder mais populista do ANC, não melhoravam muito as coisas...

Neuman estava saindo de uma conversa nada amena com o chefe da polícia quando recebeu o relatório detalhado de Tembo: a arma que matou Kate foi um cabo de picareta, um bastão ou uma espécie de cassetete (farpas de madeira estavam incrustadas no crânio da vítima). Não tinham encontrado vestígios de esperma, mas sim da famosa droga à base de tik, que deixou a moça num estado de entorpecimento avançado. Tinham-na amarrado e amordaçado com fita adesiva. O crime era similar ao de Nicole Wiese, mas havia uma estranha mistura colada aos cabelos de Kate: um preparado de ervas.

Não se tratava de iboga, como o legista acreditou inicialmente, mas de duas folhas e uma raiz, a *uphindamshaye*, a *uphind'umuva* e o *mazwende*. Trituradas e misturadas, elas formavam a base do *intelezi*, um ritual zulu de preparação para o combate.

O *intelezi* podia ser colocado sob a pele em forma de pó, ou macerado na boca até ser cuspidado na cara do adversário. O que tinha acontecido com Kate...

O olhar de Neuman ardeu com um brilho mau: cuspidando sobre a vítima, aquele demente acabava de lhes entregar seu DNA.

*

A sala elétrica, a parede de som rugindo sobre o palco esfumaçado, uma microfonia como uma sirene ensurdecadora, imagens de massacre projetadas sobre placas de metal, Soweto 1976, os levantes de 1985, 1986, rostos de enforcados, dos supliciados, Zina em transe sob o rufo dos tambores, seu grande corpo soltando fumaça, e seus olhos de louca que o perseguiram todas aquelas noites...

– Cuidado – lançou ela ao vê-lo diante de seu camarim –, senão vai acabar como aquela pobre Nicole...

O 366 era o clube de Long Street onde o grupo estava se apresentando aquela noite. Zina sabia que Ali voltaria – todos voltavam.

– Não se trata mais de Nicole, e sim de Kate – disse ele. – Kate Montgomery... Já ficou sabendo?

Ela suspirou, exasperada, abriu a porta do camarim e a bateu atrás dele.

– Por que vem me falar dessa moça?

Zina apanhou a toalha sobre a penteadeira e enxugou seus braços encharcados de suor. Neuman tirou um papel dobrado de seu bolso.

- Gostaria que desse uma olhada nisso.
- O que é, uma declaração de amor?
- Não. O resumo do relatório da autópsia.
- Continua expert em falar com as mulheres.
- Não é todo dia que se encontra uma como você.
- Como devo entender isso?
- Depende muito de sua apreciação – disse ele, estendendo-lhe a folha.

A dançarina percorreu o documento com ar desenvolto.

– Aparas de unhas, mechas de cabelo... – comentou ela. – É o kit básico para um remédio de charlatão. Ele está querendo preparar um *muti*... Oh! Vejo que também há plantas menos básicas, *uphindamshaye*, *uphind'umuva*, *mazwende*... Estão precisando de herboristas na polícia?

- Estou precisando dos culpados.
- Isso é o que não falta na África do Sul.
- Você é uma *inyanga*, não? Uma herborista...
- Pensei que eu fabricasse poçõezinhas para costureirinhas...
- Me enganei a seu respeito.
- Eu também, se isso o tranquiliza.

Não.

- Essas plantas formam a base de um *intelezi*? – perguntou ele.
- Por que faz perguntas se já sabe as respostas?
- É o meu trabalho, imagine só. Então?
- Sim – respondeu Zina –: um ritual zulu de preparação para o combate.
- Pode me falar mais a respeito disso?

A dançarina olhou nos olhos de Ali, mas eles não refletiam mais nada.

– A composição do *intelezi* varia de acordo com sua intenção: enfraquecer o adversário ou fortalecer sua própria arma – disse ela. – Pela composição deste, diria que serviu para reduzir a força do adversário.

– Massacrar meninas a golpes de porrete, não dá para chamar isso de combate.

– Talvez não esteja querendo lutar apenas contra meninas – observou ela.

– Contra quem, então: a polícia?

– Vocês, o governo, os brancos que continuam no comando da máquina. Se esse cara se considera um guerreiro zulu, é porque se sente à altura de desafiar o mundo inteiro.

Neuman não sabia se era a droga que dava ao assassino aquele sentimento de invencibilidade, se pretendia levar seu *muti* a um dos sangomas da township, se estava atacando aquelas garotas por racismo, covardia ou loucura pura: seu olhar se perdia nos motivos laranja do tapete.

– Do que tem medo? – lançou ela?

Ele levantou a cabeça.

– Não dele, pode ter certeza.

– Suas mãos estão tremendo – disse ela.

– Talvez. Quer saber por quê?

– Sim.

As pernas de Neuman vacilavam, embora imóveis.

– Tenho uma lista dos crimes cometidos nas cidades em que vocês se apresentaram – soltou ele num arranco –, você e seu grupo: ao menos três assassinatos não elucidados, todos tendo como vítimas antigos altos funcionários do regime do apartheid.

A dançarina apertou a toalha em volta do pescoço. Não esperava por aquilo. Seus olhos tinham mentido para ela. Ele não a amava. Estava semeando armadilhas para ela. Caçando-a, desde o início.

– Foi com um dos seus filtros do amor que envenenou Karl Woos? – retomou ele.

– Não sou uma louva-a-deus.

– Woos, Müller e Francis não testemunharam na Comissão Verdade e Reconciliação – disse ele –: vocês os liquidaram por causa da impunidade de que eles se beneficiaram? Continuam acertando as contas com o passado?

Zina retomou sua postura de antiga militante.

– Está falando com um fantasma, senhor Neuman.

– Você matou em nome do Inkatha?

– Não.

– Mataria em nome do Inkatha?

– Sou uma zulu.

– Eu também, mas nunca matei enquanto tal.

– Mas o teria feito pelo ANC – soprou ela. – Para vingar seu pai.

Ela conhecia sua história.

– Continua a militar no Inkatha – disse ele devagar. – Ao menos oficiosamente...

– Não: eu danço.

- Açúcar para atrair as vespas.
- Detesto açúcar.
- Continua mentindo.
- E você delirando: eu danço, goste você disso ou não.
- Sim, dança... – Neuman deu um passo em direção à penteadeira, onde a acuou. – Seu próximo alvo está aqui, em Cape Town? Já se aproximou dele?
- Está delirando – repetiu ela.
- Ah, é?

Um breve silêncio saturou o ar do camarim. Zina pegou as mãos dele, ardentes de febre e, sem ceder, pousou seus lábios nos dele. Neuman não se moveu quando ela introduziu sua língua na boca dele: era ele o alvo...

Zina o beijava, de olhos bem abertos, quando o celular tocou em seu bolso.

Era Janet Helms.

- Encontrei o DNA do suspeito no banco de dados – disse ela.

*

Sam Gulethu, nascido em 10/12/1966 no bantustão de KwaZulu. Mãe sem profissão, morta em 1981, pai morto dois anos antes nas minas. Deixa sua aldeia natal na adolescência e vaga atrás de um *pass* para trabalhar na cidade. Acusado da morte de uma adolescente em 1984, cumpre uma primeira pena de seis anos na prisão de Durban. Entra para as fileiras dos *vigilantes* do Inkatha em 1986, na época do estado de emergência⁴³, e nelas permanece até o fim do regime separatista. Suspeito de vários assassinatos de opositores durante o período conturbado que precede as eleições democráticas, Gulethu é anistiado em 1994. Voltamos a encontrar seu rastro em 1996, condenado a seis meses de prisão por tráfico de drogas, e, em seguida a dois anos por roubos com violência – penas cumpridas na prisão de Durban. Migra para a província do Cap, onde se liga a diversas gangues da township de Marenberg. Tráfico de maconha, assaltos em ônibus, trens. Novamente condenado, em 2002, desta vez a seis anos de cadeia por agressões com violências agravadas, sequestro e atos de tortura – pena cumprida na prisão de Poulsmoor. Saída em 14/09/2006. Não comparece a nenhum dos encontros

fixados pelos serviços sociais de Marenberg, onde devia estar domiciliado. Atividades de *sangoma* desconhecidas. Provavelmente voltou a fazer parte de uma das gangues da township. Sinais característicos: rosto com marcas de varicela e/ou acne, um incisivo faltando na arcada inferior, tatuagem de uma aranha no antebraço direito...

Neuman fixava a tela do computador de Janet Helms, que ele foi encontrar imediatamente na delegacia central. Marenberg: a township onde vivia Maia, a tatuagem, Poulsmoor... As informações se encaixavam. Apesar das zonas de sombra, a pista Gulethu parecia a certa. Os *vigilantes* que tinham mantido a ordem nos bantustões a cacetadas permaneceram o mais das vezes nas townships: mal vistos, improdutivos, acabavam caindo nos braços dos bandos armados e das máfias que tinham se implantado ali. Gulethu podia ter formado uma nova gangue ao sair da prisão, com aquilo que andava pelas ruas – ex-milicianos, meninos-soldados, putas, drogados... Gulethu e Sonny Ramphele estiveram juntos na mesma prisão de Poulsmoor, o zulu devia estar a par do tráfico na costa; montou um negócio com o irmão mais novo de Sonny para escoar sua droga junto à clientela branca, mais lucrativa que os pobretões da township. Stan devia ter falado pra ele, vendo sua tatuagem, da fobia que tinha de aranhas... O jovem xhosa podia ter lhe servido de isca para Nicole Wiese, em troca de dinheiro, sem saber que ele a mataria. Mas, Stan “suicidado”, quem teria posto Kate Montgomery nas mãos do zulu?

Neuman não conseguia tirar os olhos da foto antropométrica da tela. Gulethu não era feio: era medonho.

Hout Bay era o porto de pesca mais importante da península. Os primeiros barcos estavam voltando do alto-mar, uma nuvem de gaivotas atrás deles. Epkeen saudou a colônia de morsas alojada na baía, contornou o pitoresco Mariner’s Wharf e os restaurantes de frutos do mar à beira da praia, e estacionou o Mercedes na frente dos estandes do mercado.

Mulheres de vestidos estampados instalavam seus brinquedos de madeira antes da chegada dos turistas. A agência ATD ficava um pouco

mais adiante, na ponta do cais. Uma das mais importantes agências de segurança do país. Nome do responsável de Hout Bay: Frank Debeer.

Epkeen atravessou os depósitos refrigerados onde trabalhadores negros esperavam a pesca do dia e se dirigiu à agência, um prédio cheio de colunas, isolado da atividade do porto. Não havia ninguém no portão, nada além de um Ford com as cores da empresa que assava no pátio. Ele andou até o hangar vizinho e empurrou a pesada porta de correr: outro Ford colorido jazia na penumbra, mal escondendo a linha escura de um 4x4 Pinzgauer.

Andorinhas tinham feito seus ninhos sobre as vigas metálicas. Epkeen se aproximou do veículo, tentou abrir a porta: trancada. Debruçou-se sobre os vidros fumê: impossível ver o interior. A carroceria parecia nova, sem vestígios de pintura recente... Estava inspecionando as raras marcas de terra nos pneus quando uma voz ressoou às suas costas:

– Está procurando alguma coisa?

Um branco alto de calça azul vinha do pátio: Debeer, um africânder de meia-idade com óculos de sol espelhados e uma pança de cervejeiro inveterado. Epkeen mostrou seu distintivo às andorinhas.

– É o senhor Debeer?

– Sim, por quê?

– Este brinquedinho lhe pertence? – disse apontando para o veículo.

– É da agência, por quê?

– É muito usado?

– Para as patrulhas. Eu lhe perguntei por quê.

– E eu lhe digo para mudar de tom imediatamente: o que são essas patrulhas?

O olhar que trocaram parecia a *pax americana* deste início de milênio.

– Nosso trabalho – grunhiu Debeer. – Esta é uma agência de segurança, não de informações.

– A polícia privada deve colaborar com a SAP – retorquiu Epkeen –, em vez de atrapalhá-la. Estou investigando um homicídio: você é o chefe aqui, então vai responder minhas perguntas antes que eu toque fogo em sua agência. Em que consistem essas patrulhas?

O africânder ajeitou sua barriga como um bebê que estivesse escorregando.

– Operamos em toda península – disse ele. – Depende dos chamados que recebemos. Roubos é o que não falta.

– Patrulham à noite?

– Vinte e quatro horas por dia – retorquiu Debeer –, está dito em todas as nossas placas.

As andorinhas começaram a piar sob as vigas do hangar.

– Quem utilizou o veículo quinta-feira passada? – perguntou Epkeen.

– Ninguém.

– Como pode saber sem consultar suas fichas?

– Porque sou eu que o utilizo – disse ele.

– Este veículo foi filmado em Baden Powell às duas horas da manhã – anunciou Epkeen –, quinta-feira.

Blefe.

Debeer fez uma careta que não tornou menos rebarbativo seu duplo queixo.

– É possível... Era eu que estava cobrindo as noites semana passada.

– Pensei que ninguém tivesse utilizado a Pinzgauer...

– Ninguém além de mim.

Aquele cara estava bancando o babaca.

– Recebeu um chamado urgente aquela noite? – perguntou Epkeen.

– Não ficamos esperando que as pessoas sejam roubadas para patrulhar – retorquiu o responsável.

– Então patrulhou aquela noite ao longo de Baden Powell.

– Se é o que diz.

Debeer, com os testículos pra frente, tomava sua bexiga por uma lanterna. Epkeen cruzou o próprio reflexo em seus óculos espalhafatosos: nada brilhante.

– Patrulha sozinho?

– Não preciso de ninguém para fazer meu trabalho – assegurou o gordo africânder.

– Não costumam trabalhar em duplas?

– A maior parte do tempo, apenas constatamos arrombamentos: em geral um basta.

Menos mão de obra igual a mais lucro, ainda que a qualidade ficasse prejudicada: um clássico da época que não convenceu muito Epkeen. Ele tirou uma foto do bolso do casaco.

– Reconhece esta casa?

Debeer teria lido cinco linhas em chinês com a mesma inspiração:

– Nunca vi.

– Uma casa nas dunas, à beira do Pelikan Park. Não é protegida por nenhuma empresa de segurança: estranho para uma casa isolada, não?

Ele deu de ombros:

– Se as pessoas gostam de ser roubadas, a escolha é delas.

– Essa casa está em seu setor: não tentou vender seus serviços ao proprietário?

– Sou chefe da agência, não do setor comercial – relinchou Debeer.

– O senhor tem é cara de um sujeito que mente como respira.

– Não respiro: é por isso que me deram esse posto.

Um cassete, um celular e uma arma de serviço pendiam de suas largas ancas.

– Já foi tira, não foi? – lançou Epkeen.

– Não é da sua conta.

– Podemos dar uma olhada no veículo?

– Tem um mandado?

– Tem alguma razão para não me mostrar o que tem dentro dele?

Debeer hesitou por um instante, emitiu um som desagradável com a boca e tirou uma chave do bolso. Os faróis da Pinzgauer piscaram.

O 4x4 cheirava a desinfetante. A traseira havia sido remanejada para transportar mercadorias. Epkeen inspecionou a cabine; estava tudo limpo, nem o menor resíduo no cinzeiro, nem mesmo uma poeirinha no painel...

– O que carregam nesse veículo?

– Depende da intervenção – respondeu Debeer às suas costas.

A cabine dava para oito pessoas. Epkeen saiu.

– Limpam-no recentemente?

– Que eu saiba, não é proibido.

– É interessante – disse o detetive virando-se para o Ford –, o outro veículo tá imundo.

– E daí?

O suor formava auréolas sob seu uniforme. Epkeen sentiu o celular vibrar no bolso de sua calça. Saiu do hangar para atender a ligação – era Neuman –, lançando um olhar negro para o chefe da agência.

– Onde você está? – perguntou o zulu do outro lado das ondas.

– Em Hout Bay, com um babaca.

– Deixa pra lá. Ganhamos um presente. Me encontre na delegacia de Harare – resumiu ele.

Epkeen resmungou guardando o celular. Debeer o divisava por trás dos óculos espelhados, à sombra do hangar, com os polegares no cinto.

*

Um cheiro desagradável pairava no escritório de Walter Sanogo, mal dissipado pelas pás do ventilador. Neuman e Epkeen estavam diante dele, silenciosos. O chefe da delegacia tirou o saco plástico do isopor a seus pés e o colocou cuidadosamente sobre a escrivaninha. Havia uma esfera dentro, uma cabeça humana, cujos traços negroides se adivinhavam por baixo do sinistro embrulho.

– Encontrado esta manhã numa lixeira da delegacia – disse Sanogo com voz neutra.

Desamarrou o saco e expôs a cabeça decapitada de um jovem negro, de lábios e face tumeficados, fixando-os num ricto monstruoso. Suas pálpebras fechadas tinham sido cortadas horizontalmente, deixando apenas uma fenda sanguinolenta à guisa de olhar. Um olhar feito à navalha... O Gato se divertiu um pouco antes de oferecer os despojos ao dono.

– Um presente de Mzala? – perguntou Neuman.

– Tem a marca da garra dele.

Walter Sanogo pensou talvez que estava sendo engraçadinho.

Neuman se ajoelhou à altura da cabeça: tinha cruzado com aquele garoto dez dias antes, era ele que estava junto com Joey... O manco.

– Conhece este homem?

– Não – respondeu o tira da township. – Deve vir de outro país, ou dos acampamentos de squatters...

– Encontrei-o em Khayelitsha faz uns dez dias – disse Neuman. – Estava brigando com o menino que agrediu minha mãe...

Sanogo deu de ombros.

– Enviei uma patrulha às dunas de Cape Flat para encontrar o resto do corpo – disse ele. – Geralmente é lá que os lobos abandonam suas carniças.

Neuman olhou para a cabeça decapitada sobre a escrivaninha, suas pálpebras cortadas...

– Neste caso, vamos lá dizer duas palavrinhas ao chefe da matilha...

*

Mzala estava brincando de atirar dardos no salão privado do Marabi. O *shebeen* já cheio de cabeças lançadas mil vezes contra as paredes, surdas aos insultos que Dina distribuía como ossos a aves de rapina.

– Vocês têm que beber, bando de vermes! Isso aqui não é um *hammam*!

A *shebeen Queen* viu então o grande tira negro na entrada, os oficiais de Sanogo que o seguiam completamente equipados, e relaxou a pressão sobre os clientes. Neuman atravessou a multidão atônita, Epkeen varrendo sua retaguarda.

– Você...

– Cale a boca, já lhe disse.

Com um olhar, Neuman colou a gerente atrás do balcão. Ultrapassou o pilar e abriu a divisória metálica que dava para o salão privado dos Americans. Um ventilador barulhento empurrava o ar esfumaçado. Três sujeitos jogados em enxergas esperavam sua vez para jogar: concentrado diante do alvo, Mzala parecia num momento de descontração.

– Gostaram do meu presente? – lançou ele ao mesmo tempo que seu dardo no alvo.

Bem longe do centro.

Dois tsotsis de olhos rubicundos saíram do corredor e se postaram ao lado do chefe da gangue. Epkeen os manteve em linha de mira – tinham armas sob suas camisas. Os três outros pareciam dormir de pálpebras fechadas. Sanogo se mantinha apoiado na divisória metálica, perto da *shebeen Queen* que viera em reforço.

– De onde saiu essa cabeça? – perguntou Neuman.

– Não de muito longe: perto de Crossroad, à margem da township, onde ele estava tentando vender sua droga... Má ideia – acrescentou Mzala com um sorriso cara de pau.

Ia lançar um novo dardo, mas Neuman se posicionou na frente do alvo:

– Então cortou a cabeça dele.

O tsotsi assumiu uma expressão de contrição que lhe caía como um nariz de palhaço.

– Não tenho nada contra os tiras, mas não gosto muito de ficar sabendo do que está acontecendo na minha casa pelo olho do cu da vizinha. A história que vocês me contaram quase tirou meu sono: quer dizer que o território dos Americans está sendo invadido... – Ele estalou a língua. – Vocês são evoluídos, sabem o que é a propriedade privada. Era preciso enviar um sinal forte àqueles bastardos estrangeiros.

– A máfia nigeriana?

– Deve ser. Aqueles cachorros. Você mata dez, reaparecem cem.

O Gato sorria, enigmático.

– Como sabe que são nigerianos?

– Estavam falando dashiki entre eles, e essas gangues crescem que nem abóbora: pergunte pro capitão – disse ele, apontando com o nariz o tira encostado na divisória.

Sanogo não se mexeu. Dois oficiais se mantinham na entrada do *shebeen*, os outros vigiavam os clientes do salão.

– Quem é o chefe deles? – perguntou Neuman.

– Um desses malditos pretos, imagino.

– Cortou as pálpebras dele à navalha, não foi por simples prazer. Então?

O tsotsi enxugou a palma da mão em sua velha camiseta “branca”.

– Não perguntei o nome deles, meu irmão: eram apenas cachorros nigerianos... Um território não se divide: ainda menos o dos Americans.

Nenhum movimento hostil até então. Epkeen deu uma olhada pela janela gradeada que dava para um canto da rua: lá fora, moleques de calção se alvoroçavam a distância, de mãos dadas com os mais velhos.

– Onde está o resto do corpo? – perguntou Neuman.

– Mandamos de volta pro lugar de onde veio, aquele filho da puta! – disse Mzala estufando o peito. – Do outro lado da estrada de ferro...

Os trilhos separavam Khayelitsha dos acampamentos de squatters.

– A gangue vem daquela zona?

– Imagino que sim, meu irmão.

– E que porra estão fazendo no território de vocês?

– Já disse: tentando vender a droga deles.

– E que droga é essa?

– Tik. Ao menos foi o que o rapaz nos disse – e ele não tinha mais razões pra mentir – acrescentou com um sorriso malaco. – Aquelas hienas estavam metendo o nariz no nosso território faz algum tempo, pelo que parece. Isso não se faz, concorda? Nós somos os Americans, não dividimos nosso território.

– Sabia que é muito engraçado? – Neuman lhe estendeu a foto de Gulethu. – Conhece esse sujeito?

– Pfff...

– Gulethu, um tsotsi de origem zulu. Participou de algumas gangues da township antes de passar um tempo na sombra. Vários assassinatos nas

costas, entre os quais duas garotas brancas.

– É ele, o zulu dos jornais?

– Vai me dizer que sabe ler?

– Tenho garotas que aprenderam por mim – disse, virando-se para a mestiça que fazia dengo no sofá. – Não é verdade, minha fofa, que você manja um bocado de leitura?

– Sim – respondeu a cortesã, com os seios transbordando de seu *body* vermelho. – Tenho até a bíblia tatuada na bunda!

Os Americans riram. Os seios da moça trepidavam cadenciadamente.

– Então? – impacientou-se Neuman.

– Não – respondeu Mzala –, nunca vi esse cara.

– E o resto da gangue, onde está escondido?

– Nos Cape Flats, uma antiga *plaza shop* segundo os rapazes, perto da estrada de ferro... Não fui lá ver. Aquilo fede a merda.

Mzala sorria com seus dentes amarelos quando, de repente, os vidros voaram em estilhaços. Os dois policiais postados à entrada foram crivados de balas antes de poderem brandir suas armas, a placa e a porta foram pulverizadas. Uma picape parou na frente do *shebeen*: os três homens montados na traseira despejaram uma chuva de fogo. Os clientes recuaram sob o impacto dos projéteis; um homem caiu de cara no chão, outro desabou na frente do balcão, com a nuca quebrada. Os mais vigorosos corriam derrubando os bêbados catatônicos, abrindo passagem a murros: uma rajada de balas explodiu o maxilar de um policial preso no meio do empurra-empurra, arrancando-lhe um berro selvagem. Neuman se jogou no chão. Os corpos caíam a seu redor, enquanto a galera se refugiava na sala de jogo. Tiros de AK-47. Em pânico, outros tentavam fugir pelas janelas, onde os matadores os colhiam, devolvendo fantoches sangrentos pra dentro do *shebeen*. Neuman procurou Epkeen. Encontrou-o no chão, com o 38 na mão. Apoiado à parede, Mzala berrava ordens em seu celular. Os clientes se precipitavam para a divisória metálica, mas continuavam sendo metralhados: as balas choviam numa explosão de reboco, copos, garrafas, anúncios publicitários... Mzala e seus homens se posicionaram na janela do salão privado e começaram a atirar também.

Sanogo e seus homens estavam completamente aturdidos, sete agentes de uniforme, entre os quais um com o queixo estraçalhado, sustentado por uma recruta aterrorizada. As balas passavam por cima do balcão onde Dina se mantinha escondida, com as mãos na cabeça. Neuman rastejou em meio

ao tumulto e seguiu Epkeen pela porta dos fundos. Outros tiros foram detonados então na rua, fazendo eco aos gemidos dos feridos.

Os Americans logo organizaram um contra-ataque relâmpago: bombardearam a picape parada diante do QG, acabando assim com o dilúvio de fogo.

Epkeen e Neuman surgiram no pátio do *shebeen*, um beco onde se amontoavam caixotes e tanques de milho triturado. Subiram então no telhado de zinco. Os passantes apavorados tinham fugido, escutavam-se gritos vindos das ruelas vizinhas. Os três negros na traseira da Toyota tinham dado meia-volta e respondiam agora aos tiros dos Americans. Houve um breve tiroteio: um dos negros desabou sobre a lona da picape, que partiu em disparada. Um quarto homem cobriu a fuga atirando da porta do veículo. Epkeen e Neuman fizeram fogo do telhado, esvaziando seus carregadores sobre os tsotsis da traseira.

Saltaram do telhado em meio a uma nuvem de poeira.

A Toyota metralhada zigzagueou na rua antes de bater com tudo numa casinha de tijolos. O homem que estava no carona pulou da cabine e fugiu gritando. Epkeen e Neuman saíram atrás dele recarregando suas armas. Os caras da traseira da picape não se mexiam mais, os corpos inteiramente crivados de balas. A sombra de Ali passou por trás de Epkeen, de arma em riste sobre o motor fumegante: o rosto do motorista repousava sobre o volante, de olhos abertos – a bala saíra de seu corpo pela boca... O africânder ergueu novamente a cabeça, viu pessoas disparando para todos os lados e avistou Neuman no final da ruela, já cem metros à frente.

O fugitivo tinha uma AK-47 nas mãos: disparou uma rajada às cegas antes de virar na esquina da rua. Logo reapareceu, metralhando em todas as direções. Os Americans tinham fechado o setor, impedindo qualquer retirada. Um carro detonado surgiu numa nuvem de poeira e parou com tudo.

Pego na armadilha, o matador se virou para Neuman e, com os olhos exorbitados, apontou a AK-47. Um negro de rosto hediondo, que parecia desafiá-lo em sua loucura: Gulethu.

Neuman atirou no momento em que ele pressionava o gatilho.

Os homens de Mzala esguicharam das portas do carro, de armas em punho. Gulethu jazia no chão de terra, com uma bala no quadril. Piscou os olhos debaixo do sol: viu os Americans na ponta da rua, tentou agarrar a AK-47: fora de alcance. Sorriu como um demente, apertando o amuleto

pendurado em seu pescoço; os tsotsis acabaram com ele com uma rajada à queima roupa.

Neuman quis gritar, mas sentiu uma dor intensa. Instintivamente, levou a mão à barriga: tirou-a toda vermelha, do sangue quente que escorria de sua camisa...

[30](#) Milicianos que operavam nos bantustões a serviço dos chefes locais comprados.

[31](#) United Democratic Front (Frente Democrática Unida), liderada, entre outros, pelo arcebispo Desmond Tutu. [N.T.]

[32](#) Houve três vezes mais crimes interétnicos nos anos 1980 do que vítimas de balas da polícia.

[33](#) Em 1996, por iniciativa de Desmond Tutu, os carrascos do apartheid foram convidados a contar os abusos cometidos pelo regime em troca de anistia.

[34](#) Primeiro-ministro de uma tribo, guardião e exegeta das *Mthetwa*, as leis tribais.

[35](#) A África do Sul gastava cinco vezes mais dinheiro com um estudante branco do que com um mestiço, e dez vezes mais do que com um negro.

[36](#) Nome dado à tintura violeta utilizada nos canhões d'água na África – já os ocidentais costumam ter medo da tintura verde.

[37](#) “Surra de cafre”, em africânder.

[38](#) Unidades de autodefesa dos bantustões.

[39](#) Designa ao mesmo tempo um estilo musical e um estilo de vida; também serve de insulto.

[40](#) As pessoas tinham que colocar a mão num detector de tinta para verificar se já não tinham votado.

[41](#) Apelido carinhoso de Nelson Mandela.

[42](#) O exército inglês tinha então a reputação de ser o melhor do mundo.

[43](#) Os criminosos cumprindo longas penas eram soltos com a promessa de revisão de julgamento se matassem membros da UDF de Desmond Tutu durante as blitz feitas nas townships com a ajuda da polícia.

TERCEIRA PARTE
QUE A TERRA TREMA

Zina nasceu sem irmãos. Filha mais velha, aprendeu o *izinduku*. A arte marcial zulu costumava ser reservada aos homens, mas Zina demonstrou uma destreza e um furor pouco comuns para uma garota tão bonitinha. Seu pai foi à floresta para cortar uma bengala de sua medida. Ela lutou com os rapazes, pau a pau, sem se preocupar com as chacotas.

Seu pai tinha sido destituído de seu estatuto por insubordinação às autoridades banto, que, desde que se obedecessem as leis do apartheid, tinham deixado uma relativa autonomia aos chefes de tribo: ele não seria um daqueles pseudorreizinhos comprados pelo poder branco que colocavam suas milícias para fazer reinar a ordem na base do porrete dentro das *homelands*. Tinham destruído sua casa com uma escavadeira, matado os animais, expulsado o clã e espalhado seus membros nos casebres vizinhos.

Zina decidiu se vingar. O ANC na clandestinidade, seus líderes presos havia vinte anos, ela aderiu ao Inkatha zulu do chefe Buthelezi.

Havia poucas mulheres combatentes no Inkatha: às vezes, sob a fachada de um clube de tricô, elas ajudavam a organizar reuniões políticas ou esconder simpatizantes brancos para evitar que fossem detidos pelo exército ou linchados pelos *comrades*. Zina se manifestou com as bengalas zulu que eles tinham autorização de portar, ameaçou o poder branco desfilando com armas imaginárias, imprimiu panfletos, atacou e fugiu dos militantes do ANC-UDF, que até então representavam a oposição. De tanto ruminar sua feminilidade nos campos masculinos, sua parte recalcada ressurgiu, vulcânica: violências vãs, amores e decepções telúricas, Zina jogou seu coração do alto de uma ponte havia muito tempo e esperava que uma menininha viesse recolhê-lo – ela própria.

Os anos do apartheid tinham passado, anos de adulto: o combate político a tornou dura como a madeira das bengalas que seu pai esculpia para ela. Saudando seus inimigos políticos, o presidente Mandela pôs fim

aos massacres, mas o mundo, no fundo, não fez mais do que se deslocar: o apartheid hoje não era mais político, e sim social – e ela sempre no alto da ponte, debruçada sobre seu grande coração caído.

Mas Zina não se desesperava – não completamente. Era uma mulher inteligente: trabalhava sua flexibilidade...

Ali Neuman repousava sobre o leito hospitalar, um sorriso pálido em sinal de boas-vindas. Ela franziu ironicamente a sobrancelha:

– Pensei que um rei zulu fosse invulnerável...

– Não morri – disse ele. – Ainda não.

A bala de Gulethu atravessou seu flanco esquerdo e penetrou suas costelas, quase atingindo o coração. O osso, luxado, arrancava-lhe suspiros complicados. Repouso completo, preconizou o médico: uma a duas semanas, até que a cartilagem se consolidasse.

– Como soube que eu estava aqui?

– Li suas proezas no jornal – zombou ela. – Parabéns.

– Doze mortos, não chamo isso exatamente de uma proeza.

Os pássaros arrulhavam pela janela do quarto. Zina usava um vestido azul noite e um cadarço trançado em volta da garganta, de onde pendia uma pedra azul cobalto. Olhou para o buquê de íris que tronava sobre a mesa de cabeceira:

– Uma admiradora?

– Pior: minha mãe.

Pegou o livro que estava perto das flores.

– E isso?

– Um presente de Brian.

– Um amigo?

– O último.

Zina leu o título em voz alta:

– João Paulo II: textos essenciais...

E fez uma expressão interrogativa encantadora.

– Sofro um pouco de insônia – disse ele eufemisticamente. – Brian quis me ajudar a dormir...

– E funciona?

– Geralmente pego no sono só de ler a capa.

Zina sorriu enquanto uma gota de suor escorria entre seus seios. Num átimo, o orvalho de sua pele desapareceu debaixo de seu vestido.

- Quando vai sair daqui? – perguntou ela.
- Daqui a pouco, para a entrevista coletiva.
- O médico vai adorar.
- Já consigo andar.
- Até onde? A porta?

O tom era de brincadeira, mas Ali não conseguiu sorrir. Viu seus pés descalços no assoalho plastificado, o reflexo de suas pernas expostas e o desejo que dava nós em suas gargantas.

– Vamos nos apresentar sábado no Rhodes House – disse ela então. – O último show da turnê.

– Ah, é?

Ali representava mal um papel que, no entanto, conhecia de cor. Não tinham falado nada aquela noite no camarim: ele fugiu dos lábios dela para atender a ligação de Janet Helms e partiu sem dizer palavra. Zina não sabia o que ele pensava, se ele continuava suspeitando dela, se ela ainda estava sobre a ponte, esperando aquele dia que não vinha.

Ela se debruçou sobre o rio que corria ali, um impulso irresistível; um pedaço de sua alma se afogou quando ela pôs sua boca nos lábios de Ali. Que se danasse a garotinha suspensa debaixo da chuva. Neuman esboçou um gesto em direção a ela, o primeiro, quando bateram na porta.

A massa do mundo os afastou mais uma vez.

Uma gorda senhora negra equilibrando mantimentos irrompeu no quarto, tateando o ar com sua bengala. Josephina adivinhou uma silhueta feminina perto de seu filho e começou a rir:

- Oh! Estou incomodando! Oh! Desculpem, desculpem!
- Eu já estava de saída – mentiu Zina.
- Hi hi hi!

Josephina largou os víveres ao pé da cama antes de deslocar seu corpanzil até Zina. Ali a apresentou, mas sua mãe já havia se antecipado e olhava para o rosto da zulu com a ponta dos dedos.

- Hi hi hi!
- Sim, bom, está bem...

Mas Josephina estava nos céus: o rosto da mulher era nobre, suas formas generosas, um suave álamo debruçado sobre o leito de seu filho...

- Você é zulu, não é? – perguntou ela.
- Sim... Aliás, um pouco demais para o gosto de seu filho...

Zina deu uma piscada para o homem que jazia sobre a cama e partiu como o vento.

Ali empalideceu um pouco mais.

Apoiada em sua bengala, sua mãe o admirava como se ele estivesse no planeta Vênus:

– Parece bem melhor, meu campeão.

Ele sentia o gosto de Zina em sua boca e um buraco negro no coração.

*

Brian comprou um leão amarelo e vermelho dos vendedores ambulantes, e uma zebra para Eve: bonequinhos de arame bricolados nas townships... Tocou o interfone, a garganta um pouco seca.

– Sim? – fez a voz de uma mulher.

– Claire? É o Brian...

– Quem?

Calma branca sob o sol esmagado.

Sensação de areia movediça na calçada.

As noites regadas passadas juntos tinham feito deles amigos de verdade: Dan não gostaria que deixassem pra lá sua mulher só porque ele não estava mais lá.

– Me deixe entrar, Claire – insistiu ele. – Dois minutos.

Houve primeiro uma forte densidade de silêncio, um suspiro quase imperceptível no interfone, então um clique eletrônico que abriu o portão.

O sol inundava o jardimzinho da casa. Eve e Tom brincavam numa piscina de plástico sob o olhar da tia, Margot, que o cumprimentou com um sorriso ocupado.

– Tio Brian! Tio Brian!

As crianças se jogaram em seu pescoço como se ele fosse um pônei, adoraram seus presentes.

– Cadê o Ali? – perguntou Tom.

– Está passando esmalte nas unhas; virá vê-los quando secar.

– Verdade? – maravilhou-se Eve.

Claire estava no terraço, arredondando os ângulos dos bonecos de massinha que as crianças tinham feito. Com o pretexto de uma nova brincadeira, Margot atraiu as crianças para a piscina. Brian se aproximou da mesa onde a moça se aplicava silenciosamente.

- Eu falei que preferia ficar sozinha – disse ela sem levantar a cabeça. Ele pôs as mãos no bolso para não fumar.
- Só queria ter notícias.
- O que quer saber?
- Tudo bem com as crianças?
- Já viu órfãos exultantes?
- Você está viva, Claire – disse ele em tom amigável.
- Não estou morta, é diferente.

A jovem viúva ergueu os olhos, mas a mágoa a engoliu dentro dela mesma. Mesmo o azul de suas íris havia desbotado.

- A situação é bastante complicada assim, não acha que...
 - É verdade que podia ser pior – arremeteu ela com um sorriso feroz. – Há também o câncer que poderia arrancar meu seio. Felizmente, tenho sorte, meus cabelos estão voltando a crescer! Formidável, não?
- Suas mãos tremiam sobre a massinha.
- Recebeu meu pacote? – perguntou ele.
 - As coisas de Dan? Sim... Devia ter posto as mãos dele junto, na caixa: como recordação.

Sua própria crueldade ia fazê-la chorar. Grossas lágrimas afluíam já a suas pálpebras inchadas. Ele não a reconhecia mais. Ela tampouco, provavelmente...

- Vá embora, Brian. Por favor.

Os gritos das crianças chegavam da piscina. Ele beijou seus cabelos sintéticos enquanto ela massacrava os bonequinhos.

*

As zonas fronteiriças de Nyanga, Crossroads e Philippi concentravam a maioria dos acampamentos de *squatters*. Essas zonas tinham suas próprias leis, com *shebeens* e puteiros, música e corridas de cavalo. Alguns *shacklords*, os senhores da bagaceira, faziam ali suas curtas carreiras. Sam Gulethu foi um deles.

Tinham acabado encontrando o hangar, um antigo *plaza shop*, que lhes servia de esconderijo, no limiar de Khayelitsha. As impressões e vestígios de DNA deixados nos tocos de cigarro confirmavam que a gangue se alojou ali. O hangar tinha sido reformado – tinha um dormitório, uma cozinha, as janelas protegidas por placas de aço: um QG fácil de defender em caso de

ataque de uma gangue rival, com uma garagem fechada e uma ruela que dava para as dunas do *public open space* vizinho. Um 4x4 podia ir dali à estrada nacional em alguns minutos, até Muizenberg em menos de meia hora. A polícia não pôs a mão sobre o estoque de pó, mas foram descobertos seringas não usadas e resíduos de maconha por toda parte nos quartos. Dois tsotsis abatidos durante o ataque ao Marabi tinham ficha na polícia: Etho Mungembe, um antigo *witdoeke*, aqueles milicianos tolerados pelo apartheid que caíam em cima da juventude progressista dos bantustões, e Patrice “Tyson” Sango, antigo sargento recrutador numa milícia rebelde do Congo, procurado por crimes de guerra. Não se sabia o que tinha levado os tsotsis a se entrematarem no porão, se Gulethu os eliminou por causa dos tiras que estavam em seu encalço: foram encontrados sessenta e cinco mil rands nos bolsos do “zulu”. O dinheiro do tráfico, decerto. O que não explicava onde estava a droga, ou se ainda havia, se uma máfia fornecia à gangue, mas as análises toxicológicas explicavam o ataque suicida contra o QG dos Americans: Gulethu e seus comparsas estavam completamente dopados durante o tiroteio, sempre aquele famoso pó à base de tik, com a mesma taxa de toxidade que a dos tsotsis massacrados no porão. Eles também teriam ficado viciados? Gulethu os manipulava para realizar seus ritos criminosos? O hangar estava repleto de armas: revólveres da polícia com os números de série riscados, granadas, dois fuzis de assalto e bastões zulu de combate, entre os quais um *umsila*, mais curto, ainda manchado com o sangue de Kate Montgomery, com as impressões de Gulethu. Os cabelos da jovem e as aparas de unhas estavam guardados numa caixa de ferro debaixo de um colchão velho, com alguns talismãs e amuletos...

Gulethu não teve tempo de confeccionar seu *muti*, e seu “combate” contra os Americans fracassou: delírio guerreiro, etnocida ou suicida, qualquer que tivesse sido o pensamento arcaico do “zulu”, seus segredos tinham morrido com ele.

De qualquer forma, a hora não era mais para suposições psicológicas: o salão do tribunal de Cape Town estava lotado para a coletiva de imprensa do chefe de polícia, o ambiente era elétrico nas galerias. Fotógrafos e jornalistas se apertavam diante do estrado onde o superintendente, em uniforme de gala, relatava as primeiras conclusões da investigação.

Doze mortos, dois policiais, seis pessoas no hospital em estado crítico, a intervenção na township de Khayelitsha terminou numa carnificina. Com a campanha anticrime da FNB, as eleições presidenciais no horizonte, e as

apostas econômico-midiáticas daquela maldita Copa do Mundo, era também a aposentadoria antecipada de Karl Krugë que estava em jogo.

Ele fez um relatório elogioso do departamento criminal, que aniquilou a gangue mafiosa e o assassino das duas moças, antes de tentar eloquentemente tapar o sol com a peneira: não havia nenhuma ressurgência identitária zulu, nada de membros frustrados do Inkatha prontos para romper com o resto do país e exigir a secessão ou a independência. Nada de grupos políticos extremistas, de etnia ultrajada, havia apenas uma gangue de mercenários ligada às máfias que vendia uma nova droga na península, e seu chefe, Sam Gulethu, um tsotsi embrutecido por anos de ultraviolência que se tomava por um anjo exterminador, iluminado por uma visão indigenista qualquer, amontoado de crenças confusas, de arremedo de feitiçaria, de vingança e degenerescência crônica, um sujeito covarde que aproveitava da ingenuidade da juventude branca para acertar contas com seus velhos demônios.

O caso Wiese/Montgomery estava fechado. O país não estava à beira do caos, aquilo eram apenas problemas circunstanciais...

Ao abrigo dos flashes, Ali Neuman observava a cena com um constrangimento confuso.

Tinha acabado de falar com Maia no telefone, e de marcar um encontro com ela em Marenberg, onde Gulethu vivia. Cada passo batia um prego em seu coração, mas ele conseguia andar. Os jornalistas se empurravam diante do estrado, onde Krugë suava dentro de seu uniforme impecável... Neuman não esperou o final da coletiva para deixar o tribunal.

Epkeen sequer apareceu.

2

A rota dos vinhos do Cap era um dos mais belos itinerários do país: as vinhas aos pés das montanhas, a arquitetura dos solares franceses ou holandeses, os rochedos selvagens recortados no azul do céu, a vegetação frondosa, penetrante, os cardápios dos restaurantes – um paraíso terrestre, para quem podia pagar.

Brian passava seus meios-dias de domingo com Ruby no La Colombe, um restaurante de alta classe de um chef francês onde gastavam o dinheiro da semana num almoço. Embora mantivessem sua fibra contestatária nos

raros estabelecimentos underground de uma cidade condenada ao tédio pastoral do “desenvolvimento separado” e vivessem em constante perrengue, com Ruby, nada de terminar o fim de semana com *fish-and-chips*: o lance dela era almoçar à *la carte*, bebendo um bom chardonnay ou um Shiraz do vale – e danem-se as contas por pagar. Embebedavam-se por horas à sombra dos ciprestes amorosos, ficavam de molho na piscina do restaurante, falando de seu famoso selo, dos grupos alternativos que ela produziria para pisar no pé daquele regime de mal comidos, antes de terminarem aquilo numa moita... Bons e velhos tempos. Aquilo não durou, as bebedeiras de domingo ao meio-dia: David nasceu, os fins de mês foram ficando cada vez mais difíceis (a maior parte de seus clientes negros não podendo pagar Brian, era Ruby que bancava o casal), a tensão era constante graças à polícia e aos serviços de informação que sempre davam jeito de criar problemas, infernizando sua vida com pequenas mesquinhas administrativas ou judiciárias, sem falar nas repetidas “quedas” de Epkeen nas sarjetas e do medo do telefonema que anunciaria que ele não se levantaria mais, sua ladainha para tranquilizá-la, a desconfiança doentia dela, e, então, o dia em que Ruby o surpreendeu na cidade com uma mulher negra, numa pose que não deixava margem a dúvidas...

A brisa fazia as cinzas voarem na cabine do Mercedes. Epkeen deixou a estrada ensolarada e rodou entre os vinhedos.

Ruby ressurgiu em sua vida bem no momento em que ele estava colecionando problemas e desapontamentos: devia haver uma razão para aquilo... Cansado de tentar interpretar, Brian saiu pelo campo.

O solar de Broschental tinha dois séculos e figurava entre os mais famosos vinhedos do país – os huguenotes franceses tinham vindo, como todos os imigrantes, com sua cultura e instrumentos para desenvolvê-los. Epkeen percorreu os campos de vinha e rodou até a propriedade vizinha, uma antiga fazenda visível no final do caminho.

Um concerto de cigarras o recebeu no pátio esmagado pelo sol. Um cachorro de pelo curto e bochechas luzidas avançou, mostrando os dentes. Maciço, poderoso, capaz de derrubar um homem no chão e mantê-lo ali, o bulmastife que guardava a propriedade devia ter mais de sessenta quilos.

– Então, compadre: tudo certo com os dentinhos?

O cachorro estava desconfiado. E tinha razão – Epkeen não tinha medo de cachorros.

A casa do dentista se estendia pela colina, uma antiga fazenda reformada com classe. Bocas de lobo, cosmos, azaleias, petúnias, o jardim à beira das vinhas embalsamava a ala esquerda da construção. O africânder contornou a piscina de cerâmica e encontrou sua ex-mulher à sombra de uma rosa trepadeira “Bela de Portugal”, seminua sobre uma cadeira de praia.

– Oi, Ruby...

Semiadormecida debaixo de seus óculos de sol, ela não o escutara chegar: a loira acaju deu um salto de cabrito sobre a cadeira.

– O que está fazendo aqui?! – disparou ela como se não acreditasse no que seus olhos estavam vendo.

– Ora, está vendo: vim ver você.

Ruby estava apenas com um biquíni amarelo. Cobriu-se com uma canga, então fuzilou com os olhos o bulmastife que trotava sobre a grama.

– E você, seu inútil, não poderia fazer seu trabalho?!

O animal passou por ali, todo babado, afastou-se para evitar a Kommandantur que o tinha em linha de mira. Brian colocou as mãos no bolso:

– Saíram os resultados das provas do David?

– Desde quando se interessa por seu filho?

– Desde que vi a namorada dele. Podemos falar sério?

– Do quê?

– Kate Montgomery, por exemplo.

– Tem um mandado para entrar assim na casa das pessoas?

Ela mantinha a canga apertada contra os seios, como se ele fedesse a bode.

– Preciso de mais informações – disse ele concentrando-se um pouco. – Kate não tinha amigos, ninguém foi capaz de me dizer nada a seu respeito e você foi a última pessoa a vê-la viva.

– Por que eles não mandam um tira de verdade? – disse ela com uma sinceridade desconcertante.

– Porque eu sou o mais incapaz de todos.

Um sorrisinho zombeteiro passou pelos lábios de Ruby. Ao menos ele a fazia rir.

– Temo não ter mais nada a lhe dizer.

– Gostaria que tentasse me ajudar mesmo assim. Kate estava drogada quando a assassinaram: estava a par do passado de toxicômana dela?

Ruby suspirou.

– Não... Mas não é preciso se chamar Lacan para perceber que ela tinha um parafuso a menos.

– Kate era adepta do *cutting*. Conhece o esquema?

– Cortar a pele e ver o sangue correr para se sentir vivo, sim... Nunca a vi praticar a coisa, se é o que quer saber, nem organizar orgias com os açougueiros da região.

– O matador retalhava suas vítimas: pode ter prometido para ela que a aliviaria, esse tipo de coisa...

– Já disse que não estava a par de nada.

– Ele sabia quando Kate passaria pela orla – prosseguiu Brian. – Esperou-a perto de casa para interceptá-la... É possível também que tenham marcado um encontro, uma armadilha. O que é certo é que o assassinato foi premeditado, o que significa que o matador conhecia a rotina dela.

– E o que adianta tudo isso, já que ele está morto? O caso está terminado, não? Disseram no rádio...

– É você que organiza os planejamentos. Um membro da equipe de filmagem pode ter informado Gulethu, atraído Kate para a armadilha, como aconteceu com Nicole Wiese.

– Pensei que tivesse interrogado eles.

– Mas não deu em nada – admitiu ele. – Me informei sobre o grupo de Death Metal: a bobajada satânica, as galinhas degoladas e toda essa porra, é merchandising para adolescentes ou uma fascinação por práticas ocultas?

– São todos vegetarianos – disse ela.

Os pneus de um carro cantaram no pátio, logo seguidos pelo barulho de uma porta batida. Um cabeludo alto e mal barbeado apareceu na ponta do jardim, perdido dentro de seu bermudão que descia até a canela. David percebeu seus pais perto da piscina, ficou atônito por um momento, então se aproximou a grandes passos.

– Que porra ele está fazendo aqui? – perguntou para sua mãe.

– Já fiz a mesma pergunta – respondeu ela.

– Como foi a prova?

– Vai cuidar da tua bunda.

Epkeen suspirou: que família...

– Posso ao menos me manter a par...

– Ninguém te pediu nada – retorquiu David. – Mãe, por favor, diga para ele ir embora.

– Vá embora – disse ela.

Nunca longe das lágrimas, Brian tinha quase vontade de rir.

– Marjorie não está com você?

– Sim: está escondida nas vinhas tirando fotos de você pra vender pra revistas de sacanagem.

– Também te amo, filhão.

– Escute, Brian – interpôs-se Ruby –, já lhe disse tudo o que sabia sobre essa história, ou seja, nada. Agora seja gentil e nos deixe em paz.

– Pelo menos me diga se foi aprovado – insistiu, virando-se para seu filho.

– Em primeiro lugar – retorquiu David. – Não precisa ficar orgulhoso, não tem nenhum mérito nisso.

A tensão subiu ainda mais.

– Se importaria de falar comigo de outra forma? – disse Brian entre os dentes.

Um homem esbelto de cabelos grisalhos apareceu então no terraço sombreado: viu o filho de Ruby com sua cabeleira, ela seminua sob a canga, um cara de calça cargo, de aspecto desleixado e o cão de guarda fazendo círculos ao redor.

– O que está acontecendo aqui? Quem é o senhor?

– Oi, Ricky...

– Não o apresentei – interveio Ruby de sua cadeira. – Rick, esse é o tenente Epkeen, o pai de David.

O dentista franziu a sobrancelha:

– Pensei que ele fosse agente de trânsito.

Brian dirigiu um olhar falsamente surpreso a sua ex, que corou ligeiramente – acabava de ser promovido...

– Como se mudasse muita coisa – desconversou ela.

Ruby, sempre segurando a canga, deixou a cadeira dobrável e ergueu seu um metro e setenta e cinco com uma flexibilidade felina. Uma sedutora de primeira, era inegável. O dentista recebeu-a com um gesto protetor.

– O que está fazendo em minha casa? – perguntou Rick.

– Investigando um assassinato. Nada a ver com nossas questões privadas.

– Primeira novidade – comentou David.

– Fique fora disso, faz favor.

– Ela é minha mãe, me desculpe.

– Cale a boca, estou dizendo.

– Fale de maneira mais adequada a seu filho – interpôs-se o dentista. – Não estamos na delegacia.

– Não preciso receber lições de um especialista em molares – grunhiu Epkeen.

Rick Van der Verskuizen não se deixou intimidar.

– Saia da minha casa – sibilou ele. – Saia agora ou prestarei queixa a seus superiores por assédio.

– Rick tem razão – afirmou Ruby, agarrada a ele. – Está com inveja de nossa felicidade, só isso.

– Sim! – reforçou David.

– Ah, é? – chiou Epkeen. – E em quanto está orçada essa sua nova felicidade? Para uma rebelde sem profissão, admita que...

O rosto de Ruby mudou bruscamente. Rick deu um passo em direção ao policial:

– Tem um mandado para vir nos insultar em nossa casa?

– Prefere uma intimação para comparecer à central? Vasculhando os papéis de Kate Montgomery, encontrei vários agendamentos em seu consultório.

– E daí? É o meu trabalho cuidar dos dentes.

– Seis consultas num mês. O que ela tinha: raiva?

– Kate Montgomery tinha um abscesso – defendeu-se Rick. – Estava dando prioridade a ela por afeição a Ruby, além disso, tenho uma clientela exigente, senhor: uma clientela que não está acostumada a esperar por um serviço. Não se pode dizer o mesmo da polícia.

Um sorriso se desenhcou no rosto do africânder.

– Conheço Ruby de cor e salteado – disse ele com maldade. – Ela odeia tanto os homens que escolhe sempre velhos tarados.

– Você é repugnante – rugiu Van der Verskuizen.

– É verdade que é bonito de se ver, uma cárie...

O coração de Ruby se tornou ferro em brasa: ela se lançou sobre Brian, mas ele conhecia bem seus ataques. Segurou seu cotovelo e, com uma flexão, derrubou-a. Ruby escorregou na cerâmica, quase bateu no trampolim e caiu na água turquesa da piscina. Rick se precipitou proferindo xingamentos que Epkeen não escutou: pegou-o pelo colarinho de sua camisa de seda e jogou-o também na piscina, com todas as forças.

David, que não se mexera, lançou um olhar furioso para seu pai.

– Que foi?! – latiu este. – Também quer tomar um banho?

David ficou sem voz por um instante: viu sua mãe na piscina, a canga que boiava, Rick subir a escadinha cuspidando água, e seu pai no terraço, com lágrimas nos olhos.

– Porra... – reagiu o filho pródigo. – Você tá completamente *doente*, meu pobre velho!!!

Completamente.

Estava de saco cheio de todos ali.

*

As pessoas se misturavam pouco nas townships, onde racismo e xenofobia floresciam tanto quanto em outros lugares. A população negra se concentrava em Khayelitsha, os *coloured*, em Marenberg: Maia morava ali havia anos e tivera seu lote de *boyfriends* para sobreviver. Ali hesitou antes de telefonar para ela (não tinha feito contato desde sua separação), mas ela aceitou ajudá-lo na mesma hora.

Gulethu, o zulu, vivia em Marenberg, e uma das companheiras de infortúnio de Maia podia ter tido relação com ele. De fato, uma delas aceitou testemunhar em troca de uma pequena soma – Ntombi, uma camponesa que vivia hoje num *hostel*...

A falta de iluminação pública e o tráfico tinham acuado os moradores em seus barracos. Neuman rodava lentamente, decifrando as sombras furtivas que desapareciam debaixo dos faróis do carro.

– Tem certeza que não quer um refrigerante?

Maia comprou duas latinhas no *plaza shop* querendo agradá-lo.

– Não... Obrigado.

Ela colocou um vestido novo, e sua capacidade de fazer de conta que não tinha acontecido nada o deixava constrangido. Fazia meia hora que rodavam nas ruas esburacadas de Marenberg, a cortisona o havia derrubado, ele se sentia cansado, irritadiço, impaciente:

– Afinal, onde fica esse *hostel*?

– A próxima à direita, acho – respondeu Maia. – Tem um distribuidor de bebidas aberto à noite, pelo que a Ntombi me disse...

Maia queria falar com ele, lhe dizer que o que ocorreu na outra noite não foi grave, que um vizinho arrumou a divisória da sala, ela faria outras pinturas, mais bonitas, até tinha encontrado alguém para vendê-las, na

cidade; ela pararia com os *boyfriends* para melhorar seu orçamento, se era isso que o incomodava. Ele poderia vir mais vezes, ou quando quisesse, fariam como antes, com seus códigos, suas carícias, era só fazer de conta que nada tinha acontecido...

Maia acariciou sua nuca:

– Tem certeza de que está tudo bem? Está tão pálido...

Um cachorro disparou junto às rodas do carro. Neuman virou à direita.

Apesar dos preços dissuasivos, os vagabundos do bairro se aglutinavam diante da porta blindada da distribuidora de bebidas, pedinchando pela grade o que lhes faria morrer sorrindo; o *hostel* onde morava Ntombi situava-se um pouco mais adiante, uma construção de blocos de cimento com telhado de zinco. Estacionaram o carro diante da porta blindada.

Privacidade nula, higiene deplorável, condições de vida humilhantes, tuberculose, AIDS, os *hostels* eram lugares perigosos: típicos produtos do urbanismo de controle do apartheid, abrigavam trabalhadores migrantes, solteirões, ex-presidiários e algumas famílias pobres e sem vínculos agrupadas em torno do “proprietário” de uma cama.

A amiga de Maia praticava o *phanding* desde sua chegada a Marenberg, cinco anos antes, e dividia a cama de um traficante do bairro, residente permanente. Graças a ele, Ntombi não tinha uma cama num beliche de cimento em um quarto superlotado, mas um verdadeiro quarto, com colchão, porta com chave e um mínimo de privacidade.

O *hostel* de Ntombi era mantido por um *coloured* de pálpebras moles, simpático como um petroleiro à deriva. Neuman o deixou com o caderno de escola que servia de registro. Passaram por cima dos sujeitos que dormiam no corredor e abriram caminho até o quarto número doze.

Ntombi os esperava à luz de uma vela, usando um vestido apertado, vermelho vivo. Era uma mestiça de formas arredondadas, robusta, pele já fatigada: feitas as apresentações, instalou Maia e seu protetor sobre a cama, ofereceu-lhes uma bebida alaranjada que estava no isopor, antes de abordar o assunto que os trazia.

Ntombi havia encontrado Gulethu cinco anos antes, quando seu destino de moça do campo a levou a Marenberg. Era jovem na época, nem vinte anos, ainda não sabia como distinguir um *boyfriend* de um estuprador consumado. Gulethu a tomou sob suas asas, eles dormiam aqui e ali, ao sabor dos tráficos. Seu amante gabava-se de pertencer a uma gangue, mas ela não queria saber de nada, apenas sobreviver. Gulethu era estranho.

Gostava de ser chamado de Mtagaat, “o Feiticeiro”, como se tivesse dons: parecia mesmo era um doente...

– Tinha raiva de todo mundo – explicou Ntombi. – Sobretudo das mulheres. Batia em mim o tempo todo. Quase sempre sem razão... Enfim...

Ntombi deixou a frase em suspenso.

– Por que ele batia em você? – perguntou Neuman.

– Ele delirava... Dizia qualquer besteira... Que eu estava possuída pela *ufufuyane*.

A doença endêmica que atacava as garotas zulus e, segundo a terminologia, deixava-as sexualmente “fora de controle”... Um delírio paranoico que combinava bem com o personagem de Gulethu...

– Você não é Zulu – observou ele.

– Não, mas sou uma mulher. Era o bastante para ele.

Seu olhar fulminava o rodapé, como se o lobo rondasse por ali.

– Ele era ciumento? Por isso batia em você?

– Não... – Ntombi balançou a cabeça. – Não... Eu podia contar o que quisesse, ele não ligava. Pôs na cabeça que eu tinha a doença das moças: punia-me por isso. Ficava com raiva de repente, ataques terríveis, batia em mim com o que encontrava pela frente... Correntes de bicicleta, bastões, barras de ferro...

Nicole. Kate. Brancas ou mestiças, não fazia diferença.

– Ele drogava você?

– Não.

– E ele mesmo se drogava?

– Fumava dagga – respondeu Ntombi –, às vezes também bebia, com os outros... Preferia evitá-los nesses momentos.

– Os outros membros da gangue?

– Sim.

– Eles vinham de outros países?

– Vinham principalmente do *shebeen* daqui.

Neuman balançou a cabeça. Ao seu lado, Maia sequer piscava.

– Gulethu tinha um rito? – prosseguiu ele. – Uma maneira de proceder quando batia em você?... Algo que tivesse a ver com sangomas, ou costumes zulus?

Ntombi se virou para sua amiga, que a encorajou com o olhar. Levantou-se então e, à luz da vela, tirou seu vestido.

A jovem mestiça usava roupas de baixo brancas e tinha feias cicatrizes na barriga, na cintura, nas nádegas, nas coxas... Sua pele estava cheia de intumescências violeta, cicatrizes estranhamente retilíneas. O rosto de Neuman se fechou um pouco mais.

– Do que são essas marcas?

– Arame farpado... ele me enrolava...

– Gulethu?

Ali pensava em Nicole, nas lesões em seus braços: ferro enferrujado, segundo Tembo.

– Sim – disse ela. – Ele me mandava ficar nua e me amarrava com arame farpado... a *ufufuyane* – repetiu ela arrepiando-se. – Dizia que eu estava possuída... Que, se gritasse, estava morta. Me deixava assim, no chão, me chamava de tudo quanto é nome, piranha, puta... Depois me batia.

Maia continuou impassível na cama ao lado – ela também sabia o que eram doentes daquele tipo.

Ntombi fremiu no meio do quarto, mas Neuman não olhava mais para ela: Gulethu tentou amarrar Nicole com arame farpado, mas a estudante não estava tão dopada quanto previsto. Ela se defendeu: então bateu nela até matá-la...

Ntombi pôs de volta seu vestido, olhando com angústia para a porta, como se seu *boyfriend* fosse chegar a qualquer instante.

– Ele tinha esses ataques de raiva frequentemente?

– Cada vez que ficava excitado – respondeu a mestiça. – Sempre com arame farpado... Era a coisa dele, daquele maldito tarado... Os outros não sabiam de nada. Ele dizia que se eu contasse para alguém me arrastaria pela township atrás de um carro... Eu acreditava.

– Ele a estuprava?

– Nada! – gargalhou Ntombi. – Esse risco eu não corria...

Neuman franziu as sobrancelhas:

– Por quê?

– Gulethu era uma mula – disse ela com desprezo.

Uma mula: alguém que recusava qualquer contato com o sexo oposto, no jargão das townships... O coração de Ali se apertou. Gulethu martirizava as mulheres, mas não as tocava. Tinha medo delas. Nunca teria podido estuprar Kate... Sua morte foi uma encenação.

Janet Helms seguiu a pista de Epkeen.

Frank Debeer, o gerente da ATD, era um antigo *Kitskonstable*, aqueles policiais formados em três semanas na época do apartheid para engrossar as fileiras dos *vigilantes*. Debeer ingressou em diversas empresas de polícia privada no fim do regime e dirigia a agência ATD de Hout Bay fazia três anos, uma das empresas de segurança mais em alta: vigilância, proteção privada, a agência tinha sucursais por todo o país. A Pinzgauer estacionada no hangar de Hout Bay correspondia à descrição do veículo suspeito e Debeer, pego de surpresa, não negou ter patrulhado aquela noite.

Janet Helms conhecia todos os softwares, seus sistemas de segurança, as estratégias de penetração dos melhores hackers... A operação era ilegal, mas Epkeen lhe deu carta branca; ela invadiu o sistema informático da agência e, depois de um percurso labiríntico na selva tecnológica, obteve a lista dos acionistas da ATD. Estudou suas contas bancárias.

Os dividendos estavam espalhados numa meia dúzia de bancos. Ela descobriu o número das contas. Isso também era ilegal e podia muito bem não dar em nada. Mas tinha acertado: um dos números de Hout Bay correspondia à conta *offshore* que pagou a casa de Muizenberg.

Evasão fiscal? Financiamento de operações secretas e caixa dois num paraíso bancário? Os dividendos da ATD eram transferidos através de um banco sul-africano, o First National Bank (o mesmo que liderava a campanha anticrime), e deixavam aparecer um nome: Joost Terreblanche.

Janet prosseguiu suas pesquisas, mas as informações disponíveis eram poucas: Terreblanche era um ex-coronel do exército que pediu antecipação da aposentadoria quando da eleição de Mandela e parecia não residir mais na África do Sul. Havia um endereço em Johannesburgo, de quatro anos atrás, mas a pista se perdia. Simples questão de método. Janet ativou suas redes nos serviços de informações e acessou, sempre de maneira ilícita, os arquivos do exército.

Estes eram mais precisos. Joost Terreblanche atuou na província do KwaZulu durante o apartheid, com a patente de coronel, no 77º batalhão: unidade que recrutava e arrastava homens para operações de intervenção nos bantustões. Frank Debeer serviu como *Kitskonstable* no mesmo batalhão...

Ela vasculhou os registros, os dossiês, as comissões. Logo apareceu um nome na tela. Um nome sinistro: Wouter Basson.

Wouter Basson (06/07/1950). Cardiologista, químico. General de brigada e médico pessoal do presidente Pieter Botha. Começa sua carreira em 1984: temendo um ataque bioquímico comunista, o general Viljoen, responsável pela defesa sul-africana, desenvolve uma unidade especial encarregada do Chemical and Biological Warfare (CBW). Nome codificado: Project Coast.

Wouter Basson é encarregado de instalar um laboratório militar em Roodeplaat, periferia de Pretoria. Com a ameaça de Mandela e de seu programa (uma voz, um voto), as autoridades se dão conta do quanto a demografia lhes é desfavorável: Basson recruta duzentos cientistas, encarregados pelo CCB (Civil Cooperation Bureau) de desenvolverem armas químicas – açúcar com salmonela, cigarros com antraceno, cerveja com tálio, chocolate com cianureto, whisky com colquicina, desodorante com riquetsiáceas – com a finalidade de eliminar os militantes antiapartheid na África do Sul, mas também em Moçambique, na Suazilândia, na Namíbia... (Número de vítimas desconhecido até hoje.) Basson prossegue com suas pesquisas ultrassecretas e concebe uma molécula letal, sensível à melanina que pigmenta a pele dos negros. Estudos sobre a propagação de epidemias nas populações africanas, esterilização em massa das mulheres negras através de reservatórios de água, etc. Apesar da assinatura de tratados de não proliferação bioquímica e do embargo antiapartheid, a Inglaterra, os Estados Unidos, Israel, a Suíça, a França, o Iraque e a Líbia colaboram com os programas do laboratório até que, em 1990, o novo presidente De Klerk interrompa a produção de agentes químicos e ordene sua destruição.

O Project Coast é desmantelado em 1993. As atividades de Basson tornam-se objeto de investigações internas, mas, em 1995, o governo Mandela o contrata para trabalhar no projeto Transnet, uma companhia de transporte e de infraestrutura. Depois, ele é reintegrado como cirurgião na unidade médica das forças armadas.

Em 1996, a Comissão Verdade e Reconciliação (CVR), dirigida por Desmond Tutu, investiga as atividades biológicas e químicas das unidades de segurança. Basson tenta deixar a África do Sul: é detido em Pretoria com grandes quantidades de ecstasy e de documentos oficiais confidenciais. Processado por fraude fiscal e produção maciça de droga, Basson é também condenado por cerca de sessenta assassinatos ou tentativas, contra altas personalidades como Nelson Mandela e o reverendo Frank Chikane, conselheiro do futuro presidente Mbeki.

1998: Basson, conhecido como “Doutor Morte”, comparece diante da Comissão e se recusa a pedir anistia. Sessenta e sete acusações são mantidas contra ele, incluindo posse e tráfico de drogas, fraude, duzentos e vinte nove assassinatos e tentativas de assassinato, roubo... A acusação apresenta cento e cinquenta e três testemunhas, entre as quais ex-agentes das forças especiais que fazem relatos de opositores anestesiados ou envenenados e jogados de aviões em alto-mar. O processo se arrasta.

1999: o presidente do supremo tribunal, juiz Hartzenberg, irmão do presidente do partido conservador sul-africano, que oficiava durante o apartheid, reduz o número de acusações a quarenta e seis.

2001: Basson apresenta sua defesa alegando a legalidade de sua ação. Várias figuras militares do apartheid o apoiam, entre as quais o general Viljoen, antigo chefe do estado-maior e um dos líderes da política nacionalista africânder, e Magnus Malan, ministro da defesa na época dos fatos. Três CD-Rom que compilavam as experiências de Basson desaparecem subitamente.

2002: Basson, que afirmou sua inocência durante o processo mais volumoso da história jurídica do país, é absolvido pelo juiz Hartzenberg.

O governo sul-africano apela à suprema corte, que se recusa a abrir um novo processo. Wouter Basson não voltará a ser julgado. “Um dia sombrio para a África do Sul”, declara Desmond Tutu.

Basson vive hoje numa periferia chique de Pretoria. Novamente cardiologista, tem um posto no Hospital

Universitário.

NOTA: Joost Terreblanche, coronel do 77º batalhão, participou do Project Coast até 1993, data de seu desmantelamento – encarregado da aquisição de material, da manutenção e da segurança dos locais de pesquisa.

Neuman recolocou o dossiê da agente Helms sobre a mesa, olhando para Epkeen. Tinham se encontrado num bar de Waterfront, o centro comercial erigido no cais da cidade; a dois passos do terraço, um grupo pseudofolclórico engana-besta tocava sem alegria canções escolhidas pelos turistas de sandálias. Neuman não disse por que deviam se encontrar ali, e não na delegacia. Janet compareceu sem fazer perguntas, com suas fichas e seu uniforme apertado demais.

– O que você acha?

– O mesmo que você, Grande Chefe – respondeu Epkeen. – Caímos numa falsa pista. – Soltou a fumaça do cigarro, olhando para o documento da agente de informações. – A casa de Muizenberg, o Pinzgauer da ATD, a conta *offshore*: parece que Terreblanche voltou à ativa.

– Sim. A meta da operação não seria mais intoxicar a juventude, como no tempo do apartheid, mas eliminá-la pura e simplesmente: a base de tik para viciar o consumidor, o vírus para matar...

– Basson já trabalhou nessa área – comentou Brian. – Acha que o velho monstro pode estar envolvido?

Do outro lado da mesa, com o nariz mergulhado num milk-shake que não melhoraria as coisas para ela, Janet Helms se fazia a mesma pergunta.

– Não – disse Neuman. – Basson é vigiado demais. Mas Terreblanche está envolvido. Ele e seus cúmplices.

– Debeer?

– Entre outros.

A foca, que se espreguiçava na beira do cais havia meia hora, deu um mergulho notável no porto. O garçom pediu para Epkeen apagar o cigarro (era um terraço para não fumantes), mas este o mandou passear.

– Ok – resumiu ele. – Suponhamos que Terreblanche e seus comparsas tenham inventado uma droga mortal e que tenham utilizado a gangue de Gulethu para escoá-la na península. Suponhamos que a casa de Muizenberg tenha servido de esconderijo, que a gangue tenha sido encarregada de proteger os arredores e que tenham esvaziado o local quando nos

aproximamos, deixando alguns cadáveres no porão para nos colocar na pista errada... Suponhamos ainda que Simon e seu bando tenham funcionado como pecinhas nessa engrenagem: tik ou Mandrax bastaria para controlá-los. Por que enfiar essa droga fulminante neles também?

– Limitar sua esperança de vida – disse Neuman. – O período de incubação é longo demais para que o vírus aparecesse na autópsia de Nicole ou de Kate, mas o surfista de False Bay e Simon contraíram o mesmo vírus há várias semanas: um germe de AIDS misturado à droga... Isso significa que todas as pessoas que tocaram no produto estão hoje infectadas. Sem tratamento rápido, não terão mais do que alguns meses de vida...

– Então não eram os jovens brancos da costa que estavam sendo visados, e sim os garotos da township.

– É o que parece.

Janet Helms tomava notas em sua caderneta, com os lábios adoçados. O africânder praguejou no fundo de seu expresso.

– Onde está Terreblanche?

– Por enquanto, em lugar nenhum – respondeu Neuman.

– Não encontrei nada nos arquivos da SAP – confirmou a mestiça –, nem nos diferentes serviços administrativos ou médicos. Apenas uma nota nos arquivos do exército.

– Como se explica isso?

– Mistério – disse ela. – Terreblanche tem ações de empresas sul-africanas, mas não reside mais aqui há anos. Impossível localizá-lo no exterior. Vasculhei os arquivos do exército, mas não há praticamente nada sobre ele: apenas suas promoções e sua participação no Project Coast do Doutor Morte.

– Podemos ao menos tentar falar com o procurador-geral e pedir que abra uma investigação – tentou Epkeen.

– Ele nos mandaria pastar – disse Neuman. – Não temos nada, Brian: só informações obtidas de maneira ilegal e um organograma velho sobre um caso definitivamente arquivado. Adquirir uma casa com uma conta *offshore* ou patrulhar numa Pinzgauer na noite de um crime não são delitos: precisamos de provas.

Pelos alto-falantes, uma voz gravada alertava os turistas para não se aventurarem além dos portões do complexo comercial, como se uma horda de gângsteres esperasse para assaltá-los. Epkeen acendeu outro cigarro.

– Posso ir lá puxar as orelhas de Debeer – disse ele.

– Isso alertaria Terreblanche – objetou Neuman. – Não quero que ele nos escape... Janet – disse ele, virando-se para o aspirador de milk-shake –, prepare um organograma dos colaboradores de Basson no Project Coast, com suas coordenadas e todas as informações que encontrar. Terreblanche pode ter contratado antigos químicos para esse negócio. Procure nos arquivos dos serviços especiais, do exército... Não importam os meios.

Janet concordou, sobre os restos de creme. Invadiria os computadores do pentágono se ele pedisse.

– Consegue penetrar nas redes informáticas sem deixar vestígios? – perguntou ele.

– Bom... é... sim... Com os devidos códigos e um computador seguro, dá pra fazer... Mas, enfim, é arriscado, capitão...

Afinal, sua carreira estava em jogo naquele caso.

– Já houve vazamentos demais nesse caso – disse Neuman. – Se a morte de Kate Montgomery foi uma encenação para inculpar Gulethu e fechar o caso, isso significa que Terreblanche e seus cúmplices tiveram acesso aos relatórios de autópsia do necrotério. Talvez mesmo a nossos arquivos.

– Pensei que eles fossem seguros – observou Epkeen.

– Os arquivos do exército consultados por Janet também.

Brian fez um gesto de despeito. A corrupção se estendia por todos os escalões da sociedade, do simples cidadão que comprava material roubado na esquina às elites no poder – evasão fiscal, fraudes, irregularidades, manobras financeiras escusas, dois terços dos dirigentes estavam implicados.

– Janet, acha que dá conta do recado?

A mestiça balançou a cabeça com rigidez militar:

– Sim, capitão.

Soldadinho de chumbo.

– Ok: você se ocupa do Project Coast. Brian, você vai dar mais uma olhada na agência de Hout Bay. Veja se consegue encontrar alguma coisa, documentos, o que for. O 4x4 não andou por perto da casa de Muizenberg à toa, e, se decidiram correr o risco de deixar cadáveres no porão é porque queriam esconder outra coisa.

Epkeen seguia o raciocínio:

– Seus rastros.

– Provavelmente. Apagados pelo sangue e pela merda.

Janet abandonou seu restinho de milk-shake.

– O que acha que havia naquela casa? – retomou Brian. – Um laboratório onde fabricavam a droga?

– Cabe a você descobrir... Uma visita discreta – precisou ele em tom de cumplicidade. – Eu me encarrego do resto... Encontramo-nos amanhã de manhã, mesmo lugar: às oito horas. Até lá, vamos reduzir nossas comunicações ao mínimo necessário.

Neuman precisava da autorização de Krugë para fazer uma operação em grande escala na township. Se, como acreditava, Gulethu foi sacrificado no ataque suicida contra o *shebeen*, Mzala e os Americans eram cúmplices. Prendê-los provocaria um grande alvoroço...

O vento da noite trazia o último ferry de Robben Island quando terminaram de acertar os últimos detalhes do plano de ação. Janet Helms foi a primeira a partir, com seus cadernos de escola e seus tamancos, em busca de seus preciosos códigos. Neuman aproveitou a ida de Epkeen ao balcão para telefonar.

A dançarina atendeu ao primeiro toque.

– Então – gargalhou ela –, saiu do seu sarcófago?

– Digamos que confio em minhas bandagens... incomodo?

– Vou subir no palco daqui a três minutos.

– Não vou demorar.

– Temos tempo.

– Talvez não.

– Por quê? Continua achando que sou uma terrorista?

– Sim: é por isso que vai me ajudar.

– Quanta gentileza. Ajudá-lo em quê?

– Procuo um homem, Joost Terreblanche: um antigo coronel do exército reciclado no business de vigilância, com contas em paraísos fiscais e transparência zero em suas atividades.

Zina soprou no aparelho:

– Você dá no saco, Ali.

– Terreblanche desapareceu de nossos arquivos, mas certamente não dos de vocês.

– Do que está falando exatamente?

– Dos arquivos do Inkatha.

– Estou me lixando para o Inkatha.

– Nem sempre foi assim.

– Não faço mais política! Apenas danço e preparo poções idiotas para coitados como você: ainda não notou?

Choviam beijos mortos sobre o terraço deserto.

– Preciso de você – disse ele.

– Não tanto quanto eu, Ali.

Ele lançava olhares para a entrada do bar, de onde Brian podia surgir a qualquer momento. Não queria que ele o visse falando com ela.

– Terreblanche colaborou com o doutor Basson – retomou o zulu à meia-voz. – Não testemunhou na Comissão Verdade e Reconciliação e conta com protetores: seu nome praticamente desapareceu de nossos arquivos. O Inkatha deve ter guardado um dossiê sobre ele, informações a que não temos mais acesso.

– Não faço mais parte do Inkatha – repetiu Zina.

– Mas ainda tem contatos: um dos seus músicos é irmão de Joe Ntsaluba, um assessor do chefe Buthelezi: Joe é um de seus velhos amigos, não é? – Como ela não dissesse nada, ele insistiu – Terreblanche tem uma base em algum lugar, no exterior ou talvez mesmo no país.

– Foi tudo que encontrou para me pegar numa armadilha?

– É você que está falando de armadilha. Quero a pele de Terreblanche, não a sua.

– Ah, é?

Ele sentiu que ela estava hesitando.

– Garanto que isso ficará entre nós.

A dançarina ficou pensando do outro lado do fio – o contrarregra lhe fazia sinais desesperados pela porta do camarim: estava na hora.

– Preciso desligar – disse ela.

– É urgente.

– Ligo pra você depois do show.

– *Ngiyabonga*⁴⁴.

Neuman desligou no momento em que Brian saía do bar. O africânder jogou a conta na lixeira e viu seu amigo plantado no meio do terraço, desvairado.

– Falou com a moça do Inkatha?

– Sim. Ela vai nos ajudar.

As alamedas do Waterfront estavam vazias. Brian se aproximou:

– O que houve?

– Nada.

Mas Brian teve por um instante a impressão de que Ali ia chorar.

– Envie-me uma mensagem ao voltar de Hout Bay – abreviou Neuman.

– Nos encontramos amanhã de manhã.

Brian concordou, com um aperto no coração.

– Até mais, Cassandra...

– Sim, até mais.

Uma impressão horrível. Como se estivessem se vendo pela última vez.

*

O material estava reunido, amostras, testes, HD... Terreblanche fechou a segunda mala e levantou a cabeça para o gerente da agência, que acabava de entrar na sala.

– Alguém entrou em nossos arquivos – anunciou Debeer.

– Como assim, alguém entrou em nossos arquivos?

– Um hacker.

O rosto do ex-militar ficou púrpura:

– E o que há nesses arquivos?

– As contas da agência... O tira que veio aqui o outro dia procurava uma Pinzgauer – prosseguiu Debeer. – Talvez tenham feito o link com a casa.

Os tiras não tinham mordido a isca. Sabiam da existência do veículo... Terreblanche hesitou por alguns segundos, conectou os circuitos certos de seu cérebro, logo se tranquilizou: não poderiam chegar até ele a menos que o pegassem com a mão na massa. Tarde demais para isso. Estava tudo pronto, finalizado, o laboratório destruído, a equipe de pesquisa já no exterior. Faltava apenas evacuar o material – o avião estava pronto – e apagar os últimos vestígios...

– Restam quantos homens?

– Quatro, comigo – respondeu Debeer. – Além dos dois empregados...

Estes não sabiam de nada. Podiam deixar um vigia na agência: os outros iriam com ele... Terreblanche pegou seu celular e digitou o número de Mzala.

Os quartos situados no fundo do *shebeen* tinham sido poupados pelo tiroteio. Os palitos de incenso que queimavam perto da faca não escondiam o cheiro de chulé, mas Mzala não ligava. O chefe da gangue dos Americans estava recebendo um boquete na enxerga que lhe servia de cama quando seu

celular tocou – uma rajada de metralhadora baixada da internet que fazia os outros rirem... Empurrou a gorda de sutiã que babava em sua glândula, viu o número na tela – o que aquele imbecil queria ainda – e recolou a cabeça da moça na sua pica.

– Sim?

O ex-coronel não estava para brincadeira.

– Vai organizar uma grande festa esta noite em homenagem aos Americans – anunciou ele com uma voz que não combinava nem um pouco com o evento. – Convide todos os seus amiguinhos, que venham todos com flores na lapela.

– Não é isso que vai motivá-los – gargalhou Mzala. – O que vamos festejar?

– A vitória contra a gangue rival – respondeu Terreblanche –, a grana que logo vai chegar, pouco importa: open bar para todos.

O Gato piscou os olhos sem soltar a pressão da garota em seu pau.

– Quanta gentileza, patrão... Qual é a parada?

– Bastará não beber qualquer coisa – insinuou Terreblanche. – Eu forneço o pó do mercador de areia e o serviço pós-venda – acrescentou. – Único imperativo: que todos os elementos envolvidos estejam presentes esta noite: ao amanhecer, temos que ter dado o fora.

O chefe dos Americans esqueceu de repente a garota, os seios grandes esmagados contra seus bagos: era a Grande Noite.

– Uma boa faxina antes de partir, é isso?

– A grande faxina, sim... Passarei na igreja às sete e meia para lhe fornecer o material.

– Ok.

– Mais uma coisa: não quero nem a sombra de uma testemunha nesse caso. Nenhuma.

– Pode confiar em mim – garantiu Mzala.

– Estou tranquilo – rangeu o chefe. – Terá que me trazer provas. Vire-se como quiser. Sem provas, sem dinheiro: está claro?

O espírito do tsotsi flutuava sobre um colchão cheio de sangue.

– Muito claro – disse desligando.

A garota que o chupava soltava gemidos, sua bundona no ar, como se mil bodes a montassem desde as estrelas. Mzala sorriu acima dela, que chupava ritmadamente... Pensava nos seus grandes seios, que bailavam

sobre seus bagos, sua garganta rechonchuda, que logo receberia seu esperma, na boca perto do catre – e gozou muito rápido.

*

– Ainda precisa de mim, doutor Van der Verskuizen?

Eram sete da noite e Martha terminara sua jornada de trabalho.

– Não, não, Martha: pode ir pra casa!

A secretária sorriu, empunhou sua bolsa rosa atrás do balcão e abriu a porta.

– Até amanhã, doutor Van der Verskuizen.

– Até amanhã, Martha...

Rick observou a moça deixar o consultório. Acabava de contratá-la, ainda estava em período de teste. Martha, uma loira recém-saída da agência de empregos e que devia ter a xoxota mais apertada do hemisfério sul – ah ah! Tinha acabado de atender o último cliente, um arquiteto pé no saco com um abscesso devido ao crescimento anárquico dos sisos: conseguiu lhe enfiar uma série de seis consultas. Quando se tem dinheiro, gasta-se em coisas inúteis, não é mesmo?

Tocaram a campainha do consultório. Martha devia ter esquecido alguma coisa: sua calcinha talvez – ho ho ho... Ele abriu a porta blindada, mas seu sorriso lúbrico se fechou como sob o efeito de um anestésico.

Ruby.

– Parece surpreso, esperava outra pessoa?

– De modo algum, de modo algum! – exclamou ele, tomando-a pelo braço. – É que você nunca vem ao consultório. Tudo bem, querida?

Rick recuperou seu sorriso à la Clooney, o mesmo que servia às celebridades locais para lhes mostrar que estavam do mesmo lado do fosso social. Arrastou sua noiva até seu gabinete pessoal, cuja imensa porta de vidro dava para a Table Mountain.

– Tenho que pegar dois ou três papéis e então sou todo seu...

– Falei com sua ex-secretária no telefone agora há pouco – disse Ruby em voz demasiado calma. – Ela me disse que você costuma ser muito íntimo com suas jovens colaboradoras.

– O quê?

– Não faça essa cara de espanto, por favor.

Ele já tinha visto Ruby naquele estado. Não era o seu preferido. Gostava do seu traseiro selvagem, sua energia solar, sua impetuosidade e a esperança que a jogou em seus braços, mas seu lado incontrolável o alertava contra qualquer ideia de casamento...

– Então? – insistiu ela.

– Fay é uma piranhazinha – soprou Rick –, uma piranha que mente como respira.

– Em todo caso, ela mente com uma excelente memória: principalmente em relação aos nomes e aos horários dos encontros.

– Que história é essa?

– Kate Montgomery vinha sempre no fim do dia, como última cliente, bem na hora em que sua secretária saía... O que isso leva a pensar?

– Meu Deus, Ruby – disse ele em tom de súplica –, eram os melhores horários para ela! O que mais vai imaginar?

Ruby ruminava.

– Confesse que transou com Kate – disparou ela.

– Você tá maluca!

– Confesse que ao menos tentou transar com ela!

Seus olhos cintilavam de raiva. Uma louca. Ele vivia com uma louca.

– O que é isso, Ruby? Estou dizendo a verdade! Nunca tive nada com Kate Montgomery. Jesus! *Eu cuidava dos dentes dela!*

– Com sua pica.

O dentista fechou os olhos e pôs as mãos na cabeça. Nunca tinha transado com Kate. Ela nunca toparia. A menos que fosse justamente o que queria. De qualquer modo, era uma garota frágil, problemática. Ele cuidava de sua clientela, no sentido próprio e no figurado, pois fazia questão de mantê-la. Rick suspirou, de repente cansado. Estava sendo apertado de todos os lados, e agora Ruby que desembarcava ali como uma fúria...

– Foi aquele tira sujo... – disse por fim. – Foi aquele tira sujo que colocou essas merdas na sua cabeça, não foi?

Um avião passou no azul da porta de vidro. Ruby baixou a cabeça.

Não queria ver aquilo. Seu desespero a envergonhava. A desconfiança e o ressentimento lhe pregavam peças. Ela espreitava o pior: pior, provocava-o. Mordia a própria cauda, como a porcaria de um escorpião, picava-se com seu próprio veneno. Sua necessidade de ser amada e protegida era forte demais. Já fora abandonada pelo mundo quando tinha treze anos. Sentia-se confusa, esmagada entre duas realidades. Não acreditava em nenhuma das

duas. A dois passos, Rick esperava um gesto dela, um gesto de amor... Contudo, alguma coisa continuava a lhe dizer que estava com a razão, que iam traí-la, mais uma vez. Ruby apertou os dentes, mas seus lábios tremiam sozinhos. Seus lábios iam traí-la. Seus lábios a traíam.

– Me abrace – murmurou ela. – Me abrace, por favor...

*

Josephina fez circular a informação nos clubes e associações da township. Mulheres, via de regra, voluntárias que lutavam pela sobrevivência dos ratos do navio. Os garotos que seu filho procurava eram meninos perdidos. Ali também podia ter ficado naquela situação, se não tivessem fugido das milícias que assassinaram seu pai. E todas aquelas crianças que perderiam suas mães por causa da AIDS, aqueles órfãos que logo viriam engrossar as fileiras dos infelizes: se elas não cuidassem, quem o faria? O governo já tinha trabalho demais com a violência nas cidades, o desemprego, a desconfiança dos investidores, e aquela Copa do Mundo de que todos falavam...

Felizmente, Mahimbo, uma amiga das Igrejas de Sião, acabou contatando-a: vira dois garotos que correspondiam à descrição, dez dias antes, para os lados de Lengezi – um garoto filiforme de calção verde, e outro, menor, com uma camisa cáqui e uma cicatriz no pescoço. Havia uma igreja em Lengezi, à beira de um *public open space*, onde tratavam de alimentar os mais desfavorecidos. O padre tinha uma jovem empregada, Sonia Parker, que lhes preparava uma sopa ao menos uma vez por semana: talvez os visse regularmente... A empregada não tinha telefone, mas saía do trabalho às sete da noite, depois do último ofício.

Eram sete e dez.

O ônibus deixou-a a um quilômetro dali, mas Josephina estava chegando ao final de suas penas. Subiu a rua, fiando-se nas sombras, e adivinhou a igreja ao cair da noite. O bairro estava deserto. As pessoas preferiam ficar em suas casas, ou na do vizinho, vendo televisão, em vez de vagarem por ali, correndo o risco de topar com um louco furioso, saindo de um *shebeen*... Um cachorro sem cauda a escoltou, intrigado com a bengala que a sustentava. A velha retomou fôlego nos degraus da igreja, suando em bicas. Algumas estrelas sobrenadavam no céu azul petróleo. Josephina

tateou as tábuas de compensado sob seus passos e içou seu corpanzil até a porta de madeira.

Não precisou bater, estava aberta.

– Tem alguém aí? – lançou às trevas.

As cadeiras pareciam vazias. O altar também estava mergulhado na escuridão...

– Sonia?

Josephina não distinguiu nenhuma luminosidade, nem mesmo uma vela acesa. Deu alguns passos vacilantes no corredor cimentado.

– Sonia... Sonia Parker, você está aí?

A enorme senhora se deslocou até o altar, coberto com uma toalha branca, e ergueu os olhos para a cruz: do alto de seu martírio, o Filho de Deus continuava de madeira.

De repente, ficou mais fresco sob as abóbadas da igreja, como se uma corrente de ar gelasse seus ossos: Josephina sentiu uma presença às suas costas, uma forma ainda indistinta que acabava de surgir de trás de um pilar.

– Ora, ora... O que está fazendo aqui, Big Mama?

Ela ficou petrificada: o Gato estava à espreita na sombra.

4

O vento da noite entrando pelo vidro recobria o som distorcido dos Cop Shoot Cop. Eram duas da manhã na M63, que levava ao lado sul da península; Epkeen dirigia rápido, com o material espalhado sobre o banco do carona. De acordo com as indicações hackeadas por Janet Helms, a agência de segurança era vigiada por uma câmera no exterior do prédio, que varria a entrada e uma boa parte do pátio, mas não o hangar. Um segurança armado e com as cores da ATD patrulhava do lado de fora, em contato por rádio com seu colega da televigilância. Uma telefonista recebia os chamados, encarregada de contatar as equipes noturnas ativas no setor...

Epkeen desacelerou ao se aproximar de Hout Bay. A cidadezinha estava vazia àquela hora. Passou diante das fachadas dos restaurantes do porto, do estacionamento deserto, e deixou o Mercedes na ponta do cais. Um grito de gaiivota ressoou vindo do mar. Ele apanhou o material no banco. Havia anos que não fazia aquele tipo de operação... Respirou fundo para relaxar o

estresse que subia por suas pernas, não viu um gato perto das barcaças. Vestiu um capuz preto, verificou seu equipamento, e partiu a pé na noite.

Os entrepostos de pesca estavam encadeados, as redes recolhidas. Ele se esgueirou entre as paletas e esperou à sombra dos hangares. O prédio da agência se recortava sob as nuvens cinzentas. Ouviam-se apenas o som das marolas batendo nos cascos dos barcos de pesca e o vento sibilando nas estruturas. Um feixe de luz logo surgiu vindo da ala leste da antiga casa aristocrática – o segurança, de boné enfiado na cabeça. Não tinha cachorro, mas um coldre e um cassetete, pendurados no cinto de couro... Brian calculou o ritmo de sua ronda: teria exatamente três minutos e dezesseis segundos até que seu companheiro começasse a se preocupar diante de sua tela de controle... Deixou o vigia virar a esquina e, evitando o olho pan-óptico, entrou na garagem.

Três nuvens passaram sob a lua intermitente. Brian começava a suar debaixo do capuz, que fedia a naftalina. O vigia reapareceu finalmente no canto da casa. Epkeen apertou seu bastão, encostado no hangar. O feixe da lanterna passou diante dele... O homem mal esboçou um gesto: o bastão atingiu sua nuca à altura da medula. Epkeen acompanhou sua queda, e escondeu o corpo desanimado. O vigia, um branco de cabelos raspados, parecia dormir. Embebeu de clorofórmio o algodão que levava no bolso e colocou-o no nariz de sua vítima – o suficiente para que permanecesse umas boas horas desacordado... Dois minutos e quarenta: evitando sempre a câmera que varria o pátio, dirigiu-se à ala sul da agência.

Grades de ferro bloqueavam o acesso ao térreo, mas não as janelas do primeiro andar. Apertou as alças de sua mochilinha e, apoiando-se nos rebordos da calha, escalou até a sacada. Pegou o pé-de-cabra da mochila e apoiou a base na fresta da janela, que cedeu com um medonho barulho de madeira rachando. Fez uma careta, penetrou no interior.

O cômodo onde entrou devia servir de depósito: duas malas com cadeados encostadas na parede, outras caixas empilhadas... Nenhum ruído: Epkeen abriu a porta devagarinho. Dava para um corredor, uma luz provinha do térreo... Um minuto: andou a passos de veludo até a escada, esqueceu o ponteiro dos segundos. Ouviam-se vozes lá embaixo, um homem e uma mulher rindo ruidosamente no posto de televigilância... Desceu os degraus, apertando seu bastão.

- E a loira que vê um barco no deserto, conhece?
- Não!

– Aí vai: Uma loira e uma morena estão andando de carro e avistam um barco bem no meio do deserto; a morena diz...

O vigia estava sentado numa cadeira giratória, de costas para a porta. Perto das telas de controle, a telefonista bebia suas palavras rindo antecipadamente. Ela escancarou de repente os olhos, gritou com a mão na boca, tarde demais: o bastão se abateu sobre o crânio de seu colega. O vigia girou na cadeira e desabou a seus pés, pezinhos apertados em sapatinhos com pompons, que não ousavam mais se mexer.

– Não... – Ela tentou se debater. – Não!!!

Vencendo sem dificuldade a fraca resistência da moça, Epkeen imobilizou seu pescoço e apertou o lenço encharcado em seu rosto. A telefonista se agitou por um instante, antes de cair como uma princesa despudorada em seus braços. Deitou-a no chão, administrou uma dose de clorofórmio ao vigia e finalmente tirou seu capuz fedorento, molhado de suor. Estava meio tonto, mas não tinha tempo a perder – alertada pelo silêncio no rádio, uma patrulha não tardaria a aparecer...

O computador central ficava numa sala do térreo. Janet Helms já o visitara. Vasculhou as pastas nas prateleiras, topou com cifras, relatórios, listas de clientes... Precisaria de horas para examiná-las. O telefone tocou na sala ao lado. Subiu até o primeiro andar. As caixas metálicas encostadas na parede, duas grandes malas sem nome nem destinação... Epkeen enfiou o pé-de-cabra e arrombou o cadeado. Fileiras de tubos estavam cuidadosamente arrumadas no interior, protegidas por espumas: centenas de amostras etiquetadas, com códigos incompreensíveis. Pegou um deles e observou o líquido: sangue...

Colocou a amostra em seu bolso, lançou um olhar inútil para a janela, e forçou o cadeado da segunda mala, que logo cedeu. Havia um HD, envolvido em poliestireno. Epkeen o colocou no assoalho e soltou a estrutura. Saquinhos de pó apareceram sob o feixe de sua lanterna, centenas de doses embaladas. Mesma textura, mesma cor que a droga encontrada no trailer dos irmãos Ramphele... Pensou então escutar o barulho de um carro no pátio. O telefone tocou no mesmo instante, lá embaixo.

Brian olhou febrilmente para o relógio: os quinze minutos previstos já tinham passado. Recolocou o capuz fedido, enfiou o HD na mochila, pegou dois saquinhos de pó e deu o fora.

1) As pessoas que sofrem atualmente de deficiências em neurotransmissores (NT) acumulam diversas doenças típicas do homem ocidental: obesidade, depressão, ansiedade, insônia, perturbações da menopausa, etc. Várias áreas cerebrais, responsáveis pelo humor e pela regulação do apetite, do sono, do desejo sexual e da memória, encontram-se alteradas nas pessoas depressivas. Fora a hipófise, todas essas áreas fazem parte do sistema límbico; elas recebem, normalmente, sinais provenientes dos neurônios que secretam serotonina ou noradrenalina. Uma baixa da atividade dos circuitos serotoninérgicos ou noradrenérgicos favoreceria a instalação de um estado depressivo. Segundo nossos estudos, numerosas depressões parecem resultar de perturbações dos circuitos cerebrais que utilizam monoaminas como neuromediadores. Os antidepressivos mais vendidos na Europa e nos Estados Unidos, como o Prozac, agem aumentando artificialmente as taxas de serotonina nas sinapses dos neurônios atingidos por essas doenças. Encontrando o gene que permitisse ter uma taxa suficiente e regulada desse NT, obter-se-iam verdadeiros “super-homens”: fim da obesidade, da ansiedade, da depressão, das insônias. Da mesma forma, estes super-homens poderiam ser submetidos aos mais terríveis estresses sem que sua mente fosse perturbada: um *blockbuster* em potencial, que poderia ser vendido a centenas de milhões de pessoas.

2) Aprofundamos nossas pesquisas sobre uma enzima, a MAO. A enzima intracelular MAO (monoaminas-oxidase) modula a concentração sináptica e degrada as monoaminas (serotonina e noradrenalina). Seu gene foi clonado, assim como as zonas acima dele que permitem sua regulação. Os pedaços de DNA correspondentes a essa enzima foram portanto introduzidos com sucesso num AAV. Esse vetor viral foi testado com sucesso em macacos. Utilizamos a terapia gênica *in vivo*, que consiste em injetar o vetor que porta o gene de interesse terapêutico diretamente na circulação sanguínea, devendo este atingir especificamente as células alvo...

Os efeitos secundários desse gênero de substâncias só podendo ser avaliados em cobaias humanas, preparamos e

testamos esses recombinantes em pessoas determinadas.

Após longos tateios ligados a uma hipertensão e, sobretudo, a reações suicidas ou de violência aguda, podemos afirmar agora que esses testes são positivos.

3) Além disso selecionamos um germe de HIV-1-4 antes de proceder à obtenção de vírus mutados no gene da gp41. Essa glicoproteína possui o peptídeo que corresponde a um domínio responsável pela interação com a caveolina, proteína da membrana celular que, em associação com outros constituintes da membrana, está implicada na internalização de elementos externos, como vírus (por exemplo). Esse domínio de gp41, nomeado CBD1, desempenha um papel importante durante a infecção das células pelo HIV. A mutação, contrariamente às pesquisas desenvolvidas por nossos colegas, permite uma penetração mais rápida e eficaz nos T4. O vírus se torna assim capaz de infectar e destruir 80% dos T4 em poucas semanas. As pessoas infectadas por esse “super-vírus” morrem de doenças oportunistas antes mesmo de perceberem que são soropositivas.

O vírus pôde ser introduzido com sucesso em 100% dos sujeitos tratados.

Epkeen releu pela terceira vez o documento.

A adrenalina já havia baixado depois de sua incursão noturna à agência de Hout Bay: o computador ronronava no quarto dos fundos, o de David, desertado havia anos – um pôster do Nirvana ainda pendia da parede, com a orelha direita caindo, em sinal de luto...

O relógio marcava 5h43, o sono começava a se fazer sentir, tinha um encontro dali a duas horas com Ali e Janet e não estava certo de ter compreendido todas as implicações do caso, sobretudo a algaravia técnica do diretor de pesquisas. Seu nome era Charles Rossow. Especialista em biologia molecular... Epkeen abriu os ícones do HD roubado da mala de Hout Bay, encontrando dossiês com títulos sibilinos em que figuravam séries de tabelas, os detalhes dos experimentos e outras análises redigidas em jargão praticamente incompreensível para um neófito. Mas compreendeu o essencial: blockbuster, vírus... Aquele dossiê era dinamite pura.

Copiou o HD em dois pen drives, colocou-os no bolso de sua calça preta... 5h52 marcava o velho rádio relógio. Brian fedia ainda a estresse. Pensou em tomar um banho, perdeu-se na contemplação dos pôsteres do quarto, transformado em escritório... David, o filho pródigo. Primeiro da turma... Um bip estridente o tirou de sua letargia: o fax ao lado da impressora. Brian inclinou-se bocejando sobre a engenhoca: não havia nome do emissor, nem mesmo número... Uma lista de nomes logo desfilou sobre o papel glacê. Uma mensagem de Janet Helms: três páginas contendo o organograma do Project Coast.

Puxou as folhas e percorreu o documento. Duzentos nomes ao todo, com as competências e especialidades dos diversos colaboradores de Wouter Basson. Epkeen pulou direto para a letra “R” e encontrou o que procurava: Rossow. Charles Rossow, especialista em biologia molecular...

Neuman estava certo. Terreblanche contratou o pesquisador para desenvolver uma nova química revolucionária; tinham levado a cabo experimentos secretos, beneficiando-se de proteções e cumplicidades por toda parte. Enviou uma mensagem ao celular de Janet Helms confirmando a pista Rossow – ela ainda tinha duas horas antes de encontrá-los no Waterfront... Epkeen releu o fax minuciosamente, desde o começo. Burger, Du Plessis, Donk... Terreblanche, Tracy, Van Haas, Van der Linden... Estava acendendo mais um cigarro quando sua pupila se fixou no final da lista: Van der Verskuizen. Primeiro nome: Rick.

– Puta que o pariu!

Rick Van der Verskuizen figurava no organograma do Project Coast.

O bonitinho mais ordinário também trabalhou com Basson e Terreblanche... Kate Montgomery. O dentista. Era ele, o cúmplice, o homem que esperava a estilista na orla...

Um pequeno ruído chamou sua atenção. O madeiramento estalando, sua imaginação, o esgotamento? O vento soprava lá fora. Segurou a respiração, mas não ouviu mais nada... Ia entrar no banho quando ouviu um novo ruído, este bem mais próximo. Seu coração acelerou. Desta vez tinha certeza: alguém estava subindo a escada... David? O assoalho gemeu, bem perto. Ele se encostou à parede do quarto: os passos tinham se aproximado, estavam no corredor – pelo menos duas pessoas... Viu o HD conectado a seu computador, o coldre na cama sobre a colcha de artesanato indígena, pensou em pegar o 38, mudou de ideia na última hora: a porta se abriu de repente e bateu com estrondo na parede. Duas sombras surgiram no quarto, Debeer e

outro cara, que regaram o cômodo com tiros cruzados. Armas Walther 7,65, munidas de silenciadores; as penas do travesseiro voaram sobre a cama de David enquanto Debeer pulverizava o computador. Os matadores procuraram seu alvo debaixo de uma chuva de reboco, viram a silhueta que fugia pela janela e abriram fogo no momento em que ela se jogava no vazio.

Uma bala sibilou nos ouvidos de Epkeen antes de atingir a fachada do vizinho. Ele aterrissou nos canteiros de flores e correu pelo gramado. Quatro impactos decapitaram talos inocentes antes de o perseguirem no jardim. Sentiu uma dor e se refugiou no cantinho do muro: vozes abafadas praguejavam bem em cima dele. Paramilitares se precipitavam rumo à escada enquanto ele escapava pela cerca.

Debeer pulou do primeiro andar: por falta de flexibilidade, caiu de mau jeito e soltou um guincho ao torcer o tornozelo. Brandiu sua arma na noite, mas não distinguiu mais que flores na ponta do silenciador.

Epkeen correu pela rua vazia até o Mercedes, estacionado a dez metros dali. Tinha as chaves no bolso e uma bola de medo na barriga; abriu febrilmente a porta, deu a partida e engatou a primeira. Uma silhueta robusta brotou do portão aberto. Os pneus do Mercedes cantaram no asfalto; o matador dobrou os joelhos e atirou de uma distância de vinte metros. O para-brisa traseiro voou em estilhaços enquanto Brian pisava fundo. Os outros tiros se perderam com o estalido do gatilho.

Epkeen entrou na primeira à direita. Estava sem arma e sem telefone. O suor frio escorria de suas omoplatas. Os cacos de vidro tinham voado até o painel.

6h01. Foi então que viu o sangue na poltrona.

*

Ruby não conseguia dormir. Depois de intermináveis palavras e baldes de choro arrancados do nada que a sufocava, acabou trepando com Rick. Seu noivo a convenceu de que ela era a única em seu coração, e também em sua cama. Não se pode dizer que ela tivesse acreditado, não *completamente*, mas Ruby se sentia culpada. Ia estragar tudo mais uma vez por causa de uma crise nervosa. Como com seu selo, quando ela dispensou sua melhor banda sob pretexto de que em vez de rock estavam fazendo *pop-corn* e tinham topado um teste num selo maior... Era isso: precisava se acalmar.

Concentrar-se em sua felicidade. Rick era legal. Ele a amava. Disse-lhe naquela noite. Várias vezes. Rick não era o seu pai...

O céu ainda estava pálido sobre o jardim. Ruby engolia o café na banqueta da cozinha, olhos perdidos no vazio, quando seu olhar estancou: Brian tinha acabado de aparecer do outro lado da porta de vidro.

Ela desceu de seu poleiro como um pardal diante de uma migalha de pão e abriu a porta de correr que dava para o terraço.

– Rick está acordado? – soprou ele.

– Vai te foder.

– Não é brincadeira, Ruby – disse ele em voz baixa –, seu dentista trabalhou com os serviços de informação durante o apartheid, especialmente num projeto *top secret*, o Project Coast...

– Blá-blá-blá...

– Porra! – sussurrou Epkeen. – Uns caras entraram na minha casa para me matar!

Ruby viu o suor em sua testa, então o lenço que ele apertava contra seu flanco esquerdo – sangue, não?

– Qual é a armadilha desta vez? – perguntou ela, intrigada.

– Não tem armadilha nenhuma. Quero que você saia daqui: *agora*. Rick está envolvido no assassinato de Kate: sei que não sou a pessoa certa para lhe dizer isso, mas tem que acreditar em mim.

A cabeça de Ruby era um pandemônio:

– Tem provas?

– É apenas uma questão de tempo.

Ruby quis fechar a porta de vidro, mas ele pôs o pé no trilho e a segurou pelo braço.

– Porra, Ruby: confie em mim!

– Está me machucando!

Seus olhares se cruzaram.

– Está me machucando – disse ela devagar.

Brian afrouxou seu aperto. O lenço que segurava estava pingando: a bala pegou de raspão, mas não tanto.

– Rick sabia os seus horários, portanto, os de Kate também e...

– Rick não matou Kate – interrompeu-o ela. – Estava comigo aquela noite, em casa.

– Estava com você na hora do crime, sim. Você levou seu grupo de cabeludos até o hotel, passou no clube equestre e chegou em casa por volta

das nove. O consultório dele fecha às sete: ele teve duas horas para ir até Llandudno, interceptar Kate na orla e entregá-la aos matadores antes de voltar para casa e forjar seu álibi. Por Deus, abra os olhos!

Um homem apareceu na porta da cozinha.

– O que está havendo aqui?!

Rick estava de calção, com um moletom bege. O barulho da conversa devia tê-lo acordado, ou talvez ele também não estivesse dormindo.

– Não banque o espertinho comigo – disparou Epkeen –, vai me seguir gentilmente até a central ou vou demoli-lo de bom grado.

– Não tem nada o que fazer aqui – retorquiu ele. – Vou logo avisando que meu advogado será informado imediatamente.

– Wouter Basson, Joost Terreblanche, o Project Coast: isso lhe diz alguma coisa?

O dentista manteve o controle.

– Ruby tem razão: o senhor é um doente.

– Ah, é? 86-91, hospital militar de Johannesburgo: do que cuidava? Do que restava dos dentes dos prisioneiros políticos? Ou estava testando novos produtos com Basson sobre cobaias humanas?

– Jesus! – irritou-se ele. – Sou dentista, não torturador!

– E eu sou tira, não um idiota: está suando como uma vaca, Ricky, e conheço esse cheiro: está fedendo a medo.

O dentista corou debaixo de seu moletom. Estava mentindo. Não apenas para Ruby.

– O senhor sequer tem um mand...

Epkeen o pegou pelo colarinho e o derrubou no chão ladrilhado da cozinha.

– Cale a boca – soprou ele, massacrando seu tendão.

Rick grunhiu de dor. Ruby observava a cena, atônita, quando um homem encapuzado surgiu no terraço. Uma mão poderosa a agarrou antes que pudesse esboçar um gesto: Ruby recuou soltando um grito de estupor e sentiu o frio de uma arma automática em sua têmpora.

– Parado aí, tira.

Epkeen viu o rosto apavorado de Ruby, a Walther 7,65 colada a sua cabeça. Soltou o dentista que gemia a seus pés. Agora eram dois no terraço, armados até os dentes.

– Mãos na cabeça! – gritou o encapuzado com a arma apontada para Ruby.

Epkeen obedeceu, enojado. Rick massageava o pescoço, de cabeça baixa, recuando para o bar da cozinha. Um quarto homem irrompeu na peça. Cabelos grisalhos muito curtos sobre um crânio desguarnecido, um corpo bem esculpido apesar dos seus sessenta e tantos anos, Joost Terreblanche não estava de capuz, mas tinha uma arma debaixo de seu traje militar bege. Epkeen, de mãos erguidas, procurava uma saída improvável: uma coronhada nos rins o jogou no tapete.

Ele abafou um grito no chão da cozinha, logo sujo de sangue – seu ferimento reabriria.

Terreblanche transpassou Rick com seus olhos metálicos.

– Escapou por pouco, VDV...

O dentista cruzou o olhar de Ruby, aterrada. Não era um bom momento para explicações. Terreblanche considerou o tira a seus pés, incapaz de se levantar. Tomou impulso: o bico de seu coturno acertou o fígado de Brian.

Uma longa melopeia escapou de sua garganta enquanto ele rolava até o bar. O ex-militar deu um passo em sua direção.

– NÃO! – gritou Ruby.

Epkeen estava de quatro, não muito certo de ainda estar vivo: o calcanhar do coturno quebrou suas costas.

5

Janet Helms se correspondia com hackers através de linhas seguras cujos códigos eram alterados todos os meses, nunca em datas fixas. Uma maneira de compensar sua solidão e de aperfeiçoar seu domínio da arte da pirataria: o que eles pensavam no serviço de informações? Que se tornou uma hacker pagando estágios intensivos em institutos *high-tech* cuja hora-aula custava duzentos rands?!

Chester Murphy morava em Woodstock, a dois conjuntos de casas do apartamento que ela alugava. Chester fugia da luz do sol, um verdadeiro vampiro e, como ela, se alimentava principalmente de *junk food* e de informática. Janet passava a noite na casa dele, uma ou duas vezes por semana, dependendo da atualidade do clube. Chester não era bonito, com sua cabeça bolachuda e seu nariz de toupeira, mas Janet gostava dele – ele nunca a assediou.

Chester criou uma rede de hackers, doze membros de identidade secreta que lançavam uns aos outros desafios individuais ou coletivos: ser o primeiro a penetrar no HD de uma instituição ou empresa suspeita de desvios de verbas, aliar-se para invadir um sistema-radar do exército... A rede que criou era até então indetectável, autônoma, de uma eficácia nunca desmentida.

Chester não fez perguntas quando Janet desembarcou em sua casa por volta das dez da noite: ele estava em plena ação no computador de seu quarto... Janet se instalou no computador da sala, com seus refrigerantes, seus cadernos e seus bombons de menta. Tinha buscado seus preciosos códigos no escritório da delegacia e se sentia no pique para *hackear* a metade do universo. Depois de algumas horas testando as defesas do inimigo, a agente de informações conseguiu penetrar em alguns arquivos secretos do exército. Muitos deles datavam do apartheid. Encontrou o organograma do Project Coast por volta das cinco da manhã – duzentos nomes ao todo, enviados por fax a Epkeen, que saía para pescar à noite em Hout Bay... Sua resposta veio num sms: “Rossow”.

Amanhecia quando Chester lhe disse que ia dormir; ela mal o ouviu subir a escada. Prosseguiu suas pesquisas e recolheu diversas informações interessantes. Contrariamente a Joost Terreblanche, Charles Rossow figurava em várias rubricas consultáveis na internet e não escondia nada de sua atividade de químico: trabalhava para diversos grandes laboratórios, nacionais e internacionais. Sua colaboração com Basson ficou na sombra, brilhavam apenas seus sucessos. Aos cinquenta e oito anos de idade, Charles Rossow era hoje pesquisador em biologia molecular na Covence, uma empresa de pesquisa, especializada na realização de testes no exterior para os grandes laboratórios farmacêuticos. Rossow assinava ainda numerosos artigos em revistas prestigiosas, tendo se especializado no sequenciamento do genoma: “um avanço formidável para o conhecimento molecular do corpo humano”.

Janet aprofundou o assunto, recortando as publicações.

Ainda não se conheciam nem a composição da maior parte dos genes, nem o lugar, nem o momento em que eram expressos na forma de proteína, mas o genoma constituía uma caixa de ferramentas aberta: a próxima etapa consistia na descoberta da totalidade dos genes, de sua localização, na compreensão de sua significação e, sobretudo, na análise de seus mecanismos de controle. Graças à biologia molecular, o conhecimento

preciso do genoma humano e dos genomas dos agentes infecciosos e parasitários conduziria por etapas à descrição de todos os mecanismos do ser vivo e de suas perturbações. A partir do que se tornaria possível agir de maneira específica para corrigir as anomalias, controlar ou erradicar as doenças e, até, atuar preventivamente: um avanço fundamental quanto à condição humana, o futuro de toda a humanidade... Rossow prosseguia, citando Fichte: se todos os outros animais estavam completos, o homem estava apenas esboçado: “o que ele deve ser, o homem deve se tornar”. Tratava-se de um caminho infinito rumo à perfeição, que as recentes descobertas deixavam pressagiar: a potência da pesquisa atual residia, de fato, em sua capacidade de modificar a própria natureza humana. Ela se distinguiria da medicina clássica por sua possibilidade de agir sobre o próprio genótipo do homem, afetando não apenas o ser concernido, mas também toda sua descendência. A biotecnologia seria então capaz de executar aquilo que um século de ideologia não pôde realizar: um novo gênero humano. Engendrar indivíduos menos violentos, liberados de suas tendências criminosas; poder-se-ia assim refabricar o homem como um produto com defeitos de fabricação; a biotecnologia permitindo modificar suas taras, sua própria natureza...

Com os olhos ardendo diante do computador, Janet Helms começava a compreender o que se estava tramando: era ele o pai da molécula desconhecida encontrada na droga.

As instâncias políticas tinham cometido um grave erro ao deixarem os industriais financiarem a pesquisa clínica. Quando uma empresa farmacêutica solicitava autorização para colocar um produto no mercado, só ela estava em condições de fornecer seus elementos de avaliação, o que fazia com que a colocação no mercado de medicamentos falsamente inovadores e muito caros se tornasse a regra. A indústria mantinha ainda direitos exclusivos sobre ele, o que abria uma brecha para o patenteamento da própria vida... Rossow e seus colegas tinham se infiltrado nessa brecha.

Janet encontrou um endereço em Johannesburgo, numa periferia chique e bem vigiada, mas nada na província de Cap. Orientou suas pesquisas para o empregador de Rossow, Covence, empresa especializada em testes clínicos. Atividades recenseadas na Índia, Tailândia, México, África do Sul...

– Aqui estamos – disse baixinho para si mesma.

Sete e quinze: Janet Helms passou em casa para tomar um banho antes de ir para o complexo comercial.

O Waterfront estava quase deserto àquela hora. Os comerciantes estavam abrindo suas lojas, instalando suas bancadas. A mestiça foi a primeira a chegar ao bar onde se encontrariam. Estava cinco minutos adiantada e com uma fome de lobo. Instalou-se no terraço e depositou ao seu lado o caderno contendo as informações recolhidas durante a noite. Nenhum rastro informático, pediu Neuman...

O ar estava fresco, o garçom, indiferente à sua presença. Ela fez um sinal para o rapaz e pediu um chá com leite e alguns doces.

Janet estava excitada, apesar da noite sem dormir. Além de vingar seu amor perdido, aquele era o caso de sua vida. Uma cartada que, se desse certo, a colocaria definitivamente na equipe do capitão. Ela subiria de posto e passaria a tratar diretamente com Neuman. Ela se tornaria indispensável. Incontornável. Como com Fletcher. O capitão não poderia mais prescindir dela. Acabaria substituindo seu atual braço direito, Epkeen, nem um pouco bem-visto pelo superintendente. O tempo estava do seu lado. Assim como sua inigualável capacidade de trabalho. Ela vestiria o traje que Neuman talhara para Dan...

Janet olhou de novo para o relógio – oito e onze... As adriças dos veleiros estalavam ao sabor da brisa, os barquinhos das companhias marítimas rutilavam ao sol antes da chegada dos turistas, o Waterfront ia acordando devagarinho. O garçom passou diante de sua mesa, com o sorriso até as orelhas, atraído pela jovem loira que acabava de se instalar na mesa ao lado.

A luz escalou a montanha verdejante. Oito e meia. Janet Helms esperava no terraço do café onde tinham marcado encontro, mas ninguém chegava.

Ninguém, nunca, chegou.

*

O calcanhar de um coturno quebrando suas costas: foi sua última lembrança. Epkeen soçobrou no limbo. A realidade voltou pouco a pouco, filha verde do dia pelas venezianas baixadas: os olhos de Ruby, logo acima dele, balançando na atmosfera pós-boreal...

– Estava começando a pensar que estivesse morto – disse ela baixinho.

Estava mesmo. Apenas não dava pra ver. Suas pupilas finalmente se estabilizaram. O mundo continuava ali, semioturno, doloroso – uma pontada na lombar, que se espalhava, torturante, por toda a coluna. Mal podia se mexer. Duvidava que voltasse a andar um dia. Pensava em fragmentos, cacos de pensamentos que, postos em ordem, não faziam mais sentido. As costas tinham sofrido, seu crânio também. Percebeu que estava deitado no assoalho de um quarto escuro, tendo por único horizonte os grandes olhos esmeralda de Ruby...

– O que houve com minha cabeça? – disse ele.

– Bateram nela.

– Ah...

Sentia-se como um afogado que volta à superfície. Tinham amarrado suas mãos nas costas com fita adesiva. Virou-se de lado para aliviar seus rins doloridos. A cabeça, veria mais tarde.

– Onde estamos? – perguntou.

– Na casa.

As venezianas estavam baixadas, a maçaneta da porta, desmontada. Brian catou as estrelas espalhadas ao redor:

– Faz muito tempo que estou inconsciente?

– Meia hora – respondeu ela, sentando na cama. – Porra, quem são esses caras?

– Os amiguinhos de Rick... Ele trabalhou num projeto ultrassecreto com um ex-militar. Terreblanche, o velho de cabeça raspada que bateu em mim: é ele.

Ruby não disse nada, mas sentia vontade de vomitar de raiva. Aquele desgraçado do Brian tinha razão. O mundo era povoado de desgraçados: o mundo estava cheio de Ricks Van der Verskuizen, que lhe juravam amor eterno com a cara enfiada em sua bunda e, no final, a deixavam na mão, trocavam-na por um veado de coturno.

Brian quis se levantar. Desistiu da ideia.

– Sabe onde está David? – perguntou.

– Em Porto Elizabeth. Foi festejar o diploma com Marjorie e seus colegas – respondeu a mãe. – Não se preocupe, só voltará semana que vem...

Ressoaram passos no corredor. Os dois se calaram, na expectativa. A porta se escancarou. Epkeen viu um par de coturnos no assoalho, a seguir, o

porte atlético de Joost Terreblanche sobre ele: um traje militar e olhos de fuinha que o fixavam.

– Então, tira: acordando?

A voz combinava com seus sapatinhos.

– Estava melhor dormindo.

– Um espertinho pelo que estou vendo... Quem mais sabe que está aqui?

– Ninguém – respondeu Epkeen.

– Depois de sair de um tiroteio? Acha que sou idiota?!

– Não, “filho da puta” seria mais...

Terreblanche esmagou sua cabeça com os coturnos, pressionando com todo seu peso. Não era tão grande, mas denso como uma bigorna.

– O que fez ao sair de casa? – grunhiu.

– Vim direto pra cá – respondeu Brian, com a boca retorcida pelo pisante.

– Por que não foi direto encontrar seus amiguinhos tiras?

– Para tirar Ruby da parada... Poderiam utilizá-la... como objeto de chantagem.

– Desconfiava do dentista?

– Sim...

Apertou mais o rosto sob o sapato:

– E não avisou ninguém no caminho?

– Estava sem celular – articulou o homem no chão –, os outros no meu encaixe...

Debeer tinha encontrado o fax com o organograma do Project Coast, as amostras e o HD roubado em Hout Bay. Mas aquele bisbilhoteiro tivera tempo de consultá-lo... Terreblanche tirou o coturno do rosto de Brian, deixando marcas de travas: seu relato parecia concordar com o de Debeer.

Tirou um objeto do bolso:

– Olhe o que encontramos com você...

O africânder ergueu a cabeça, viu o *pen-drive*. A sola de couro atingiu sua barriga. Por mais que esperasse aquilo, Brian se retorceu no assoalho.

– Deixe-o! – exclamou Ruby da cama.

Terreblanche sequer olhou para ela:

– Escute aqui, sua putinha, é melhor ficar calada se não quiser que eu enfie um cabo de picareta no seu cu. Para quem mostrou o conteúdo do HD?

Epkeen aspirava o ar como um peixe-voador.

– Ninguém...

– Ah, é?

– Não tive...

– Não teve o quê?!

– ... tempo.

Terreblanche se ajoelhou e pegou o tira pelo colarinho.

– Enviou uma cópia à central?

– Não...

– Por quê?

Brian ofegava, em apneia.

– As linhas... as linhas não eram seguras... Nomes demais apagados dos arquivos...

Terreblanche hesitou: seus homens tinham destruído o computador do quarto durante o ataque, não havia mais nenhum meio de saberem o teor daqueles documentos.

– Enviou uma cópia do HD a outra pessoa? Hein?! – Terreblanche se impacientou. – Fale ou acabo com ela!

Sacou a arma e apontou para a cabeça de Ruby. Ela recuou para a cama, apavorada.

– Não vai mudar nada – soprou Epkeen. – Estava decifrando os dossiês quando seus homens chegaram lá em casa...

A mão que segurava a arma estava coberta de manchas marrons: na frente do cano, Ruby tremia feito vara verde.

– De modo que ninguém sabe da existência desses arquivos...

Brian sacudiu a cabeça – aquele merda lembrava seu pai.

– Não – disse ele. – Só eu...

O silêncio batia nas paredes do quarto. Terreblanche baixou a arma e deu uma olhada em seu Rolex.

– Bom... veremos...

*

O porão era um espaço lúgubre e frio, com cheiro de barris. Epkeen tentava soltar as amarras, sem muita esperança. Estava preso numa cadeira, com as mãos nas costas, e não via mais do que um ponto negro graças à lâmpada projetada sobre seu rosto.

Um homem corpulento preparava alguma coisa na mesa vizinha: acreditou reconhecer Debeer, e uma máquina de aspecto pouco tranquilizador...

– Vejo que não perderam os bons costumes – lançou aos militares.

Terreblanche não respondeu. Já havia torturado pessoas. Negros na maioria das vezes. Alguns que sequer pertenciam ao ANC ou à UDF. Pobres coitados em geral que tinham se deixado manipular por agitadores comunistas. Thatcher e os outros os abandonaram depois da queda do Muro, mas seu ódio continuava o mesmo pelos comunistas, cafres, liberais, toda aquela corja agora no poder...

– É melhor economizar saliva – disse, supervisionando a montagem.

O chefe olhou pro relógio. Ainda tinham algum tempo antes de ir para o aeródromo. A casa de VDV era isolada, ninguém viria importuná-los. Foi ao entrarem em Hout Bay para o carregamento que encontraram os empregados e o vigia inconscientes: alguém tinha arrombado a agência e roubado o HD. A pista do tira bisbilhoteiro estava certa, mas aquele danado escapou. Debeer felizmente viu o fax com o organograma do Project Coast e o nome de VDV no finalzinho da lista: o tira certamente tinha juntado as peças...

Epkeen só pensava em ganhar tempo.

– Foram vocês que inventaram essa história de zulu, não é? Mantiveram Gulethu vivo para que seu DNA o inculpasse do assassinato de Kate e fizesse acreditar num matador racista. Gulethu fornecia a droga aos moleques das ruas de Cape Flats, só que quis passar a perna em vocês traficando também para os branquinhos da costa. Ele e seu bando vigiavam a casa enquanto Rossow preparava suas poçõezinhas... Experiências no gênero daquelas que faziam com o doutor Basson?

Terreblanche levantou as orelhas, seus grandes antebraços peludos cruzados no peito.

– A casa de Muizenberg era uma unidade de pesquisa móvel, transportável numa Pinzgauer? Sabiam que íamos vasculhar a região, então imaginaram aquela história de *squat* na praia, de onde surgiriam os tsotsis... Em quem estavam testando seu produto milagroso: em meninos de rua?

O outro, impassível, observava Debeer lutando com seu material.

– Garotos com sérios déficits mentais – retomou Epkeen. – Não pensaram nisso? Falam menos do que um órfão, além disso, cá entre nós, isso não serve pra nada... não é verdade?

Terreblanche o examinou com uma expressão má – o tira parecia ter se reanimado... A máquina estava quase pronta.

– Brancos não traficariam nas townships, por isso tiveram que negociar com as gangues. Só que Gulethu era um doido incontrolável... Foi ele que matou Nicole Wiese, hein... Quis pôr a culpa em Ramphele sem saber o que havia naquela droga: um produto milagroso misturado aos cristais para ser testado em cobaias, e um germe de AIDS para reduzi-las ao silêncio. Algumas semanas de esperança de vida, é isso?

Debeer fez sinal de que tudo estava pronto.

– Agora sou eu que faço as perguntas – disse Terreblanche, aproximando-se da cadeira.

Passou a ponta do chicote sobre os olhos, até a exasperação.

– Pela última vez: quem conhece a existência dos arquivos roubados?

– Ninguém, já disse. Há vazamentos demais em nossa rede informática.

– O que fez ao sair de Hout Bay?

Epkeen tentou afastar o talo de couro que roçava suas pálpebras.

– Voltei para casa para decifrar o conteúdo do HD: seus matadores chegaram quando estava tentando compreender o que havia dentro.

– Pode muito bem ter passado uma cópia ao seu chefe – contestou o outro.

– Não tenho chefe.

– Neuman tem uma cópia? – rugiu ele.

– Não.

– Por quê?

– Não tive tempo de lhe dar.

O chicote acariciou seu nariz:

– Por que não enviou para ele?

– Ainda estava decifrando o conteúdo do HD – retorquiu Epkeen. – Terei que lhe dizer em africânder?

– Está mentindo.

– Bem que gostaria de estar.

– Enviar a pasta por e-mail levaria dois minutos. Por que não o fez?

– Nossas linhas não são seguras.

– Isso não o impediu de receber um fax.

– Se tivesse enviado uma cópia à central, não precisaria ter pego o *pen-drive*.

– Existe outra cópia?

– Não.

Epkeen começava a suar na cadeira. Terreblanche baixou o chicote. Uma nuvem passou sobre seus olhos embaciados: fez um sinal para Debeer, que acabava de conectar os eletrodos à máquina sobre a mesa. O africânder gordo suspirou levantando seu cinto, depois se posicionou às costas do prisioneiro. Apertou seu escalpo e segurou sua cabeça para trás com firmeza. Brian tentou se soltar, mas o agente de Hout Bay tinha um punho de aço: Terreblanche aplicou uma pequena pinça em sua pálpebra inferior, depois na outra...

Os olhos de Epkeen já estavam úmidos de lágrimas. As pinças mordiam suas pálpebras como torqueses pendurados; aquilo já doía bastante – mas não se comparava ao que sentiu quando a corrente foi enviada.

6

Mzala não encontrou os outros em Hout Bay como combinado, mas em Constantia, um recanto de vinhais e casas aristocráticas onde nunca pusera os pés antes. Ele também logo teria um palácio no campo, muito vinho e putas à vontade. Um milhão de dólares: valia a pena fazer alguns sacrifícios... Mzala colocou um saquinho na mesa da sala.

– Está tudo aqui.

Avisado de sua chegada, Terreblanche acabava de subir do porão; abriu o saquinho, sequer piscou diante dos pedaços sanguinolentos de carne. Línguas cortadas. Havia cerca de vinte no saco de fibra vegetal, um amontoado viscoso que ele despejou na madeira envernizada. O aspecto era repugnante, mas eram de fato todas humanas. Vinte e quatro no total.

– Estão todos aí?

Mzala sorriu com uma beatitude de animal saciado.

– Bom... Tem gasolina na garagem. Queime isso no jardim.

O chefe de gangue começou a recolher as línguas sobre a mesa.

– Quem é a garota no quarto? – perguntou em tom anódino.

– Quem o deixou entrar?

– Vi ela pelo cortinado, quando atravessei o jardim... Maior gostosa...

Continuava a sorrir.

– Nem pense nisso – avisou Terreblanche. – Ainda preciso dela... Intacta – complementou à guisa de advertência.

- Precisa pra quê?
- Vá cuidar do seu churrasco.

O dentista apareceu na porta da sala. Rick não conhecia o negro de rosto costurado que estava conversando com Terreblanche: via apenas suas unhas talhadas e o balé de seus dedos vermelhos. Viu as carnes sanguinolentas na mesa e balbuciou:

- Quando... quando vamos partir?
- Daqui a pouco – respondeu o chefe. – Suas coisas estão prontas?
- Sim... quer dizer, quase...

Mzala recolhia suas provas com vagar. Rick juntou coragem:

- Não há nenhuma solução quanto a Ruby? Digo...
- Tarde demais, meu velho – cortou-o Terreblanche. – Agora ela também está na parada... Você brincou com fogo, VDV... O ex de sua noiva estava investigando o caso, não foi muito esperto...

- Ruby tinha me dito que ele era agente de trânsito, desculpou-se Rick.
- Tsc...
- Juro, é verdade.
- É ele, o velho amigo? – deduziu Mzala.

Um grito ressoou vindo do porão. Um homem que, aparentemente, passava por maus bocados. Mzala esqueceu suas línguas por um instante:

- Precisa de uma mão, chefia?
- Terreblanche fez sinal que não.

– Falaremos disso mais tarde, VDV. Arrume suas coisas: o avião sai daqui a uma hora.

- Sim... sim...

Rick não teve coragem de se despedir de Ruby. Seu passado voltara para buscá-lo, erros de juventude que era preciso recolocar no contexto da época. Seu silêncio teve um preço (o que Ruby pensava? Que alguém se tornava íntimo das celebridades com um consultório chinfrim em Victoria?! Que tinha comprado aquela propriedade com seu soldo do exército?!). Terreblanche guardou relatórios assinados por seu punho, experiências conduzidas à margem do Project Coast, com os nomes dos prisioneiros políticos. Se aquilo fosse parar na imprensa, o “dentista das estrelas” podia engolir seus molares. Rick obedeceu às ordens, como antes. Kate Montgomery era uma presa fácil: uma simples olhada na agenda de Ruby resolveu a questão. Mas o ex dela tinha estragado tudo. Rick lamentava por ela, por ele: sua vida estava correndo pro ralo debaixo de seus olhos e sabia

que nada estancaria a hemorragia. Tinha que abandonar tudo, tudo o que construía naqueles últimos vinte anos, deixar o país, recomeçar do zero...

O sol lambia as vinhas para lá do jardim. Rick deu meia-volta e se dirigiu para o quarto no primeiro andar. Pegaria o que havia no cofre, dólares, algumas joias...

Terreblanche o deixou dar dois passos antes de desembainhar o 38 trazido da casa do tira: mirou em Rick quando este chegava à porta de vidro, e o abateu como um preto, com uma bala na nuca.

*

Um branco corpulento de cabelo arrepiado montava guarda diante da porta do quarto.

– Tenho duas palavrinhas a dizer pra moça – lançou Mzala ao guarda.

– O chefe está de acordo?

– É claro, foi ele que me enviou.

O tsotsi sorria com seus dentes amarelos. O imbecil abriu a porta.

O quarto estava mergulhado na penumbra. A mulher estava na cama, com as mãos amarradas nas costas. Ruby olhou com asco para o negro filiforme que fechou a porta atrás de si.

– O que quer aqui?!

– Calminha, gata...

O homem tinha um saquinho de juta na mão. Suas unhas eram sebosas, talhadas em ponta, Usava uma calça larga e uma camisa de mangas manchadas de sangue.

– Quem é você?! – repetiu Ruby.

– Calminha... calminha...

Mas o rosto do negro fedia a vício e morte; ele a contemplava como um troféu. Uma presa. O coração de Ruby batia a mil.

– Não tenha medo – sussurrou ele. – Não vai doer..

Ele acariciava sua trouxinha como um pequeno animal precioso. Intacta, disse Terreblanche.

– Não vai doer se ficar quietinha – esclareceu Mzala.

Ruby teve vontade de arrancar os olhos dele, mas não havia humanidade neles. O medo subiu por suas pernas, que ela apertou com força, encostando-se à parede.

– Uma palavra, está ouvindo? – disse ele em voz adocicada – uma palavra e abro suas tripas.

– Vá se foder.

– Que tal na sua boca? Hum? – Ele sorriu. – Sim, é claro que quer... Uma mulher com uma boca assim precisa de uma pica grossa... Você vai gostar, gata, vai gostar da minha pica...

– Venha – interrompeu-o Ruby com ar ameaçador. – Tenho bons dentes!

Mzala continuava a sorrir, como ausente. Terreblanche voltara ao porão, deixando-o com o cadáver de seu “velho amigo” no assoalho da sala. O avião partiria em uma hora: dava tempo para se divertir um pouco... O tsotsi pôs a mão em seu saquinho e escolheu uma língua ao acaso. Ruby empalideceu. Quis recuar, mas já estava acuada na parede. Mzala colocou o pedaço de carne sobre os cabelos dela.

– Se gritar, vai ter que comê-la.

O Gato não sorria mais.

Ela se calou, paralisada.

Ele colocou outra língua sobre sua orelha, visivelmente satisfeito: a mulher tremia toda, como um pardal no temporal. Ela ia comer na sua mão rapidinho – ou antes, ele ia poder comer até seu cuzinho, ha ha ha... Ruby mordeu os lábios enquanto ele a decorava, um sorriso cruel em seus traços irregulares. Ela agora tinha línguas sobre os cabelos, os ombros... Uma lágrima correu sobre sua face quando ele enfeitou seu decote.

Mzala contemplou sua obra. A moça estava agora no ponto. O tsotsi estava de pau duro, chegava quase a doer. Tirou seu membro vigoroso: foi quando passos cadenciados ressoaram no corredor.

Debeer entrou primeiro sustentando um sujeito em estado lamentável. Terreblanche entrou atrás. Viu Ruby, chorando em silêncio, depois o sorriso crispado de Mzala sobre a cama...

*

O mundo não estava mais formatado, os dados tinham se perdido. O tempo também se tornou poroso, gravitação quântica em ondas. Epkeen deixou os gametas valsarem na química incerta de seu cérebro: a matéria expedida do outro lado do universo, agarrava-se às partículas de pensamento que sibilavam como meteoritos sobre sua cabeça. Ao final de sua louca corrida atrás de si mesmo, viu a poeira adejando sobre o assoalho,

depois Ruby, perto dele... As imagens confusas arrancavam-lhe lágrimas ardentes.

– O que eles fizeram comigo? – murmurou.

– Não sei – respondeu ela com voz neutra. – Mas está todo mijado.

Brian se contentou em respirar. Seus olhos doíam atrocemente; seus músculos, seus ossos, seu corpo inteiro era uma longa queixa, e a leoa que entrevia em meio à vegetação queimada estava com cara dos dias de má caça. Avaliou o estado de sua calça.

– Caralho...

– Sim.

Sua camisa também estava encharcada.

Lembrou de Terreblanche, da “pimentinha”, de seu cérebro reduzido a um transformador, dos seus cílios esturricando, das palavras que saíam sozinhas de sua boca, das cobras que cuspiam no meio da dor... Uma dúvida atroz apertou sua garganta: teria falado? Fagulhas incandescentes tamborilavam sob suas pálpebras, mal distinguia Ruby sobre a cama, as sombras na parede... Epkeen fez um movimento para se reerguer, mas tudo doía.

– Me ajude, por favor.

– Ajudar a fazer o quê? Porra, um cara entrou aqui agora há pouco, um maluco com umas línguas cortadas que ele colocou no meu rosto! Línguas humanas! Porra! Não vê que esses caras são loucos?! Não vê que vão nos matar?

Ruby estava a dois dedos de um colapso nervoso.

– Já o teriam feito – replicou ele.

– Se tivessem me dito que morreríamos juntos... – resmungou ela.

– Me ajude a levantar em vez de ficar aí sonhando.

Ruby agarrou um de seus braços.

– O que pretende fazer, Superman: soprar as paredes?

As lágrimas de Epkeen escorriam sozinhas no assoalho. A posição vertical fez nele o efeito de um farol jogado no mar, mas via melhor as formas: as venezianas baixadas, a janela sem puxador, a mesinha, a cadeira de balanço, e Ruby, apertando os maxilares para não urrar... Ela era durona, não ia arregaçar. Ele colou o rosto entre as venezianas do quarto: viam-se as árvores frutíferas do jardim, depois as vinhas que se estendiam sobre os flancos cinzentos da Table Mountain... Mesmo que conseguissem escapar, não iriam longe no estado em que estavam.

– Temos que sair daqui – disse.

– Vai lá, vou ficar olhando.

Brian avaliou a situação: nada boa.

Se Terreblanche ainda não nos liquidou é porque conta nos utilizar para alguma coisa.

– Como reféns? Você não vale nada no mercado de segunda mão. Eu menos ainda.

Não estava errada. Ele apontou para suas mãos, apertadas pela fita adesiva.

– Você que tem bons dentes, tente morder isso.

– Já tentei, espertalhão. Enquanto você estava desmaiado. É duro demais.

– Eu não estava exercendo pressão: tente de novo.

Ruby suspirou barulhentemente, ajoelhou-se atrás dele, procurou uma falha.

– Vamos, força!

– É o que estou fazendo – grunhiu ela.

Mas o adesivo era forte, apertado demais, não tinha por onde morder.

– Não consigo – disse ela desistindo.

Os pássaros pipilavam no jardim. Por mais que Epkeen procurasse, só via uma solução: coisa de prisioneiro político... A perspectiva, dado seu estado, já lhe arrancava suspiros próximos da agonia.

– A primeira casa fica a que distância?

– Um quilômetro mais ou menos. Por quê?

– Não temos muita escolha, Ruby... Não estou vendo nenhum guarda no jardim: com um pouco de sorte, talvez você possa alcançar as vinhas antes que eles a peguem. Proteja-se com as árvores sem olhar para trás e vá até o vizinho chamar a polícia.

– Ah, é? – fingiu se surpreender. – E como chego até as vinhas? Em sonho?

– A janela de vidro – disse ele baixinho. – Se eu conseguir quebrá-la, talvez você consiga escapar. Em dez segundos está nas vinhas. Até que eles reajam, estará longe.

Ela franziu as sobrancelhas.

– E você?

– Vou atrás.

– E se houver um guarda lá fora?

– No pior dos casos, vai matá-la.

– Esse é o seu plano?

– Diga para si mesma que assim ganhará tempo.

Ruby sacudiu a cabeça, pouco convencida por seu sorriso amarelo.

– Esqueceu uma coisa, Brian: como vamos quebrar o vidro?

– Tenho a cabeça dura.

Ela franziu seu lindo rostinho:

– Quebrar o vidro a cabeçadas: seu plano é completamente estapafúrdio.

– Sim, mas é puro rock'n roll.

Ruby olhou para ele como se fosse totalmente retardado:

– Sempre abestalhado.

– É o que gosta em mim, não é? Vamos – impacientou-se –, chega de perder tempo.

Empurrou a cadeira da escrivaninha até a janela:

– Isso vai ajudar você a pular... Está pronta?

Ruby fez um sinal afirmativo, concentrada no objetivo. Seus olhares se cruzaram por um instante: medo, ternura, recordações misturadas. Beijou-a na boca sem que ela pensasse em mordê-lo, recuou até a porta e calculou a trajetória ideal. Por fim, apagou todo e qualquer pensamento de sua mente e se jogou de cabeça.

Cinquenta por cento de chance de não quebrar, de acordo com suas estimativas: seu crânio atingiu o vidro, que se quebrou com o choque. Ruby sufocou um grito. A cabeça de Brian ficou presa nas venezianas, impedindo-a de passar pela janela: ele ficou um segundo colado às lâminas, depois desabou entre os cacos de vidro.

A luz do jardim ofuscou Ruby. O vidro do quarto se quebrou em parte, as árvores ali a apenas alguns metros. Ela se lançou, esquecendo as lâminas de vidro que estriavam o céu, subiu na cadeira encostada à parede e atravessou o vidro de olhos fechados. Com um salto, estava fora. Suas pernas fraquejaram sobre a terra rachada, sangue morno pingava sobre suas pálpebras, mas pensou apenas em correr. Abriu caminho pelas árvores, contornando os galhos baixos. Estava apenas a dez metros das vinhas.

– Não mate ela! – gritou uma voz à sua direita.

Ruby alcançou as primeiras plantações. Curvou-se, correu pela alameda cerca de vinte metros, antes de virar bruscamente à esquerda. Os arbustos arranhavam sua pele, suas mãos amarradas atrapalhavam sua corrida desesperada. Transpôs uma nova alameda, ofegante, e seguiu para o norte.

Cerca de um quilômetro até a casa do vizinho. Ruby corria através das vinhas quando um choque deteve sua trajetória. Caiu de cara no chão. Um peso enorme imediatamente grudou-a ao chão. Um grito de dor escapou de seus lábios: com o joelho enfiado em seus rins, o homem a segurava com firmeza. Outros acorreram da casa, sombras surgiam das alamedas...

– Onde pretendia ir desse jeito, putinha? – grunhiu Terreblanche.

Ruby estava com a boca cheia de terra. O plano de Brian era uma merda. A vida decididamente não tinha boas surpresas.

*

Epkeen esperava encostado na parede do quarto, completamente grogue. O choque quase o matou, mas permaneceu consciente. Vaso ruim não quebra. Os guardas o encontraram no chão, entre os cacos de vidro e a veneziana arrancada. Ocupados em pegar a moça que estava fugindo pela janela, abandonaram-no às suas feridas abertas e organizaram a busca. Ruby não iria longe, ele sabia.

De fato, ei-la que voltava, com um feio corte na testa. Seu belo vestido estava em farrapos, seus braços arranhados, seu rosto e seus ombros também borrados de sangue. Terreblanche jogou-a na cama como um brinquedo velho.

– Amarre os tornozelos deles – ordenou a Debeer. – E varra esses cacos: não quero que se cortem...

Humor de militar. Ruby lançou um olhar desamparado a Brian, quase escalpelado. Debeer começou por ele.

– Tirará as amarras quando estiverem mortos – disse o chefe.

Era a segunda parte de seu plano: a primeira jazia no meio da sala, com a bala do tira na nuca. Terreblanche já tinha previsto eliminar Van der Verskuizen e sua pombinha antes de ir para o aeródromo – um assalto que acabou mal... – mas os últimos acontecimentos tinham modificado seus planos.

– Faça uma primeira injeção de 4 cc: deixe agir meia hora antes de fazer a segunda... Estarão inconscientes e não oporão resistência alguma.

Debeer aquiesceu enquanto o chefe limpava suas impressões do 38.

– Após o quê, matará a moça com esta arma – disse ele depositando o revólver sobre a escrivaninha. – Não esqueça das luvas, nem de colocar as

impressões do tira no berro. Tem que parecer um assassinato cometido numa crise de loucura, seguido de uma overdose: entendido?

– Positivo.

Debeer era o encarregado do trabalho sujo. Não que adorasse aquilo. Bastava não pensar. O chefe colocou uma maleta de couro no chão: dentro, havia um garrote, seringas, pó, um cabo de picareta...

– Viole a moça antes de matá-la. Será importante para a autópsia... Depois nos encontraremos como previsto.

Ruby se encolheu na cama, de olhos exorbitados.

– Ninguém acreditará num assassinato – lançou Epkeen da parede –: todo mundo sabe que nos adoramos.

– Sim! – confirmou Ruby.

Terreblanche sequer dignou-se a olhar para eles:

– Execução.

A primeira injeção foi como uma trovoada num céu já escuro. Epkeen sentiu o calor subir até sua face, propagar-se num espasmo por seus músculos e correr ao longo de seus dedos. A queimação era intensa, embora bem mais sutil que a da pimentinha: passou da dor à insensibilidade, deteve-se entre a indiferença e a dinamite, chegando quase à implosão. Finalmente, passado o primeiro choque, o milagre: a lava que corria em suas veias, os cacos de vidro plantados em sua cabeça, seus rins: não sentia mais nada. A Terra atomizada sob seus pés, o cheiro das peles e o fogo do incêndio o transportavam do chão ao teto. Um longo rasgão logo o estendeu como uma planície sob a lua.

– Não toque em mim!

A voz surgira do nada. Ele abriu olhos globulosos.

– Porra! Não toque em mim! – repetiu a voz.

Epkeen fremiu: Ruby estava ali, bem perto. Sentiu o hálito dela em sua boca.

– Mas... não estou tocando em você! – defendeu-se ele.

Olhou à sua volta, viu apenas um pesadelo: por Deus, sim, estava *tocando* nela... Contudo, não era ele: aquelas mãos, aqueles dedos... Ruby estava ali, a alguns centímetros. O sangue pingava de seus machucados, fazia manchas em seu rosto, e ele estava deitado sobre ela, alhures... O desejo escapara do amor, desapareção do infinito: viu, sem acreditar, coisas que não existiam, Ruby deitada embaixo dele, de coxas abertas, seus olhos

rolando sob o efeito da droga, as convulsões, os desenhos na colcha listrada, e sempre aquele alento feminino, em seu pescoço... Tudo voltou a sua mente ao mesmo tempo: o porão, a tentativa de fuga, a primeira injeção.

Epkeen rolou sobre a cama e se deixou cair sobre o assoalho do quarto.

Os guardas logo tinham recolhido o vidro quebrado, mas ele teve tempo de esconder um estilhaço debaixo da cama: procurou nos cantos, viu apenas escuridão entre as estrelas. Finalmente, percebeu uma luminosidade pálida encostada ao pé da cama. O pedaço de vidro... girou no chão e, com a ponta do pé, trouxe-o para si.

Passos pesados se aproximaram no corredor. A chave girou na fechadura. Epkeen se contorceu e fechou os olhos no momento em que a porta se abriu.

Debeer entrou no quarto. Fazia meia hora que estavam no limbo da inconsciência. Avançou até a cama e colocou a maleta perto da moça. O tira também estava na fase da letargia, jogado no assoalho... O homenzarrão vestiu um par de luvas, preparou seus utensílios; quanto antes terminasse, mais rápido estaria no aeródromo. Começou arrancando o que restava do vestido, rebentou o elástico da calcinha e jogou-a no chão. Depois colocou uma camisinha na ponta do cabo de picareta e afastou as pernas da moça. Bastava não pensar.

– Mostre sua buceta, putinha...

Epkeen, no chão, via o africânder sobre a cama, de costas para ele. Ruby não reagia mais. Brian tentava cortar a fita adesiva que prendia suas mãos, mas a droga o deixou como se fosse de madeira, seus dedos estavam adormecidos, quase insensíveis – talvez estivesse cortando as próprias veias... Uma calcinha rasgada esvoaçou e caiu no chão. Epkeen sentia câimbras, seus dedos estavam cortados, mas nada de o adesivo ceder. Debeer ruminava insultos em africânder quando, de repente, as mãos de Brian se soltaram. Ele hesitou um segundo, percebeu que mal podia se mexer. Seu cérebro enviou ordens, sem efeito. Viu Ruby sobre a cama, a perna que Debeer colocou sobre seu ombro para melhor arregaçá-la. A inércia que o mantinha grudado ao chão desapareceu por um átimo: lançou-se sobre o militar com a boca espumando de amor e raiva. Uma química letal: o caco de vidro se enfiou na garganta de Debeer, seccionando a carótida.

A lua se apagava lentamente no céu. Neuman estava terminando de definir o plano de ataque que apresentaria ao chefe da SAP quando recebeu uma ligação de Myriam. A jovem enfermeira passara na frente da casa de Josephina de manhã cedo, antes de ir para o trabalho: surpresa por ver as venezianas abertas, bateu na porta sem obter resposta. Inquieta, acordou as amigas da velha senhora. Uma delas lhe disse que Josephina tinha um encontro na noite do dia anterior na igreja de Lengezi, nos confins de Khayelitsha, com uma tal de Sonia Parker, empregada do padre, a propósito de um bando de meninos de rua...

Neuman empalideceu.

Parker.

Pamela, a mestiça encontrada morta no porão, tinha o mesmo sobrenome...

Ali agradeceu o anjo da guarda de sua mãe antes de consultar os arquivos da SAP. Logo encontrou o rastro: *Pamela Parker, nascida em 28/11/1978. Pais mortos. Uma irmã, Sonia, domicílio desconhecido...*

Neuman encheu seus bolsos de balas e deixou a delegacia deserta.

A zona arenosa que margeava Lengezi se estendia até o mar. Jornais velhos, pedaços de plástico e de pano, telhas de amianto, os barracos construídos à beira dos *public open spaces* estavam entre os mais miseráveis da township. Neuman fechou a porta do carro e caminhou pela rua de terra batida.

Um vento surdo esbarrava nas portas fechadas. Tudo parecia deserto, abandonado. Aproximou-se expulsando as sombras, viu apenas uma ratazana fugir sob seus pés. A fachada da igreja avermelhada pela luminosidade da aurora. Subiu os degraus e entrou sem ruído, pela porta entreaberta...

O cano de sua arma apontava para a escuridão. As cadeiras estavam vazias, o silêncio encerrado numa mala lá no fundo de sua cabeça. Ninguém. Avançou pelo corredor gélido, a coroa já morna pelo contato de sua mão. Distinguiu o pilar próximo ao altar, a toalha branca, os círios apagados... Parou bem no meio do corredor. Havia uma forma negra atrás do altar, uma forma de contornos distintos, que parecia estar pendurada na cruz... Josephina. Tinham amarrado seus punhos no grande Cristo de madeira; cabeça repousando no peito, tombada, inerte, de olhos fechados...

Ali se aproximou de seu rosto e acariciou suas pálpebras. A maquiagem havia desbotado, uma maquiagem azul ainda úmida de lágrimas. Passou um dedo mecânico em sua face, acariciou-a longamente, como que para tranquilizá-la. Logo estaria tudo acabado, sim, tudo acabado... Imagens se sucediam, confusas. Seus maxilares tremiam. Não sabia quanto aquilo tinha durado, mas sua mãe não sofreria mais: o Gato tinha enfiado um raio de bicicleta em seu coração.

Neuman recuou um passo e soltou sua arma. Sua mãe estava morta. Uma golfada de sangue refluíra de sua boca, manchando seu vestido branco, sua bela pele negra, sangue coagulado que enviscava seu queixo, seu pescoço, sua boca entreaberta... Viu os cortes em seus lábios... Entalhes... A marca de uma faca... Abriu a boca de sua mãe e teve um arrepio: ela não tinha mais língua. Cortada pelo Gato.

O grito retumbou dentro dele. *Zwelithini*. A exortação guerreira do último rei zulu, antes do massacre de seu povo...

Zwelithini: que a terra trema.

*

Beth Xumala vivia no medo, como todos os tiras das townships – medo de que arrombassem sua porta durante a noite e a estuprassem, que a matassem para roubar sua arma de serviço, medo do assassinato cego cometido no meio da rua, medo das represálias se prendessem um tsotsi importante –, mas adorava seu trabalho.

– Sabe atirar? – perguntou Neuman.

– Era uma das melhores de minha turma em alvos móveis – respondeu a oficial.

– Os alvos não revidam.

– Não lhes darei tempo.

Stein, seu parceiro de equipe noturna, era um sólido albino de uniforme impecável. Ele também nunca imaginara trabalhar com o chefe da polícia criminal de Cape Town, ainda menos numa intervenção daquelas. Ajustou seu colete à prova de balas, verificou seu equipamento.

Os primeiros raios de sol surgiam sobre a fachada crivada de balas do Marabi. O refúgio dos Americans estava trancado, a entrada protegida por uma grade metálica, as janelas barricadas com tábuas e telhas de zinco. Nem sinal de vida. A rua também estava estranhamente calma.

- Vamos – disse Newman.
- Talvez devêssemos esperar os reforços – arriscou Stein.
- Contentem-se em cobrir minha retaguarda.

Neuman não ia esperar os Casspir de Krugë, nem os moleirões de Sanogo. Armou o fuzil semiautomático que encontrou no bagageiro da viatura de patrulha e avançou. Stein e Xumala hesitaram – recebiam dois mil rands por mês para tentar manter a lei, não para morrer numa operação suicida contra a maior gangue da township – mas o zulu já tinha contornado o prédio.

A seu sinal, os dois agentes escalaram o telhado vizinho. Neuman sufocou um gemido ao aterrissar no pátio dos fundos do *shebeen*. Ziguezagueou entre as lixeiras derrubadas e as latinhas espalhadas, alcançou a porta de ferro que dava para o salão de jogos.

- Atirem ao primeiro sinal suspeito – disse baixinho.

Os agentes estavam febris. Mas ele daria um jeito... A blindagem datava do apartheid, a fechadura, da época da Grande Trek: Neuman inclinou o fuzil e disparou duas salvas. O sistema de fechamento voou em estilhaços. Stein derrubou a porta com uma patada. Neuman surgiu no salão privado: à direita a reserva e os quartos dos tsotsis, à esquerda o de Mzala. Correu direto para o alvo, entrou pela porta entreaberta e apontou o fuzil automático para a enxada do chefe da gangue.

Uma mulher nua repousava na penumbra. Uma mestiça rechonchuda, que estava com Mzala no outro dia. Olhava para o forro amarelado do quarto, olhos exorbitados, garganta cortada. Suas roupas estavam espalhadas pelo chão ladrilhado, mas o armário estava quase vazio. Neuman se ajoelhou devagar e abriu o maxilar da moça. Também não tinha mais língua...

- Capitão! – gritou Beth dos dormitórios. – Capitão!

O zulu se levantou sem sentir mais a dor que irradiava de suas costelas. O agente Stein chamava reforços pelo rádio no corredor, sua parceira voltava dos quartos, lívida.

- Estão todos mortos – disse ela.

Neuman encontrou pôsteres de mulheres peladas nas paredes rachadas, um fogareiro para latas de conserva, garrafas de cerveja vazias e um cadáver em cada cama superposta. Todos membros dos Americans. Outros jaziam no chão, com a cabeça inclinada, o nariz enfiado em poças de álcool. Vinte dois cadáveres, todos executados com uma bala na cabeça. Até a

shebeen queen foi liquidada – seu corpo estava jogado atrás do balcão, entre garrafas vazias e pontas de baseados... A gangue dos Americans foi varrida do mapa: todos abatidos durante seu sono etílico, antes de terem suas línguas cortadas.

Mzala não estava entre as vítimas.

Neuman esmagou blocos de marfim: roubavam-lhe tudo, até a morte.

Deixou os agentes chamarem os socorros e saiu sem uma palavra.

Uma pequena multidão silenciosa se aglutinara na frente do Marabi. Ali não queria pensar – ainda não. Pegou seu carro, surdo às sirenes ululantes da polícia, e rodou na direção de Lengezi. Algumas mulheres caminhavam ao longo da estrada, com um cesto ou uma bacia de plástico na mão. Khayelitsha começava a despertar. Reduziu diante da casa de sua mãe e parou sem se dar conta. A cerca viva estava aparada, as venezianas, abertas. Ali fechou os olhos para respirar, sentiu a cólera rugir. O monstro no fundo dele despertava. *Zwelithini*. Não dormiria. Nunca mais dormiria...

O toque do celular ressoou em seu bolso, absurdo. Neuman viu a mensagem de Zina e seu coração se apertou ainda mais: *Encontre-me às 8h no Boulder National Park... XXX kiss...*

Um vapor de lágrimas afluiu a seus olhos. Ergueu a cabeça, percebeu a casa de sua mãe para além do para-brisa, o sol incidindo sobre as venezianas. Garotos brincavam na rua, com seus carrinhos de arame... Neuman abriu a porta e vomitou na cerca viva o café da manhã que não havia tomado.

*

Os faróis giratórios diante da igreja, a ambulância, os policiais que dispersavam os últimos curiosos, Myriam soluçando ao pé da escada, com a cabeça entre as mãos, Neuman atravessou o real desolado com os olhos de outro.

Dois policiais vigiavam o acesso à igreja. Neuman passou diante deles sem vê-los. O padre metodista estava na entrada, cabelos grisalhos curtos e velas vacilantes no fundo dos olhos. Com um gesto, Neuman intimou-o a se calar. Queria falar primeiro com o legista.

Rajan trabalhava no Red Cross Hospital de Khayelitsha, um homem mirrado de origem indiana com quem já tinha cruzado uma ou duas vezes. Rajan o cumprimentou com um abraço compadecido. De acordo com

suas primeiras conclusões, o crime ocorreu na própria igreja, por volta das nove da noite. A língua foi seccionada, provavelmente com uma faca, mas a morte parecia ter sido causada pelo raio de bicicleta enfiado no coração.

A execução favorita em Soweto, no tempo em que *vigilantes* e *comrades* acertavam suas contas às costas da História... O horror tentava fazê-lo perder pé, mas Neuman evoluía longe do chão, em região zulu, onde enterraria sua mãe perto de seu marido, quando tudo tivesse acabado...

Um silêncio gelado reinava na igreja, apenas perturbado pelos murmúrios da multidão lá fora. Os maqueiros aguardavam perto do altar.

– Podemos levar o corpo?

Rajan esperava uma palavra de Neuman.

– Sim... sim...

Ali lançou um último olhar à sua mãe, que desapareceu debaixo do zíper de um saco plástico.

– Sei que isso não o consolará – murmurou o legista –, mas se pode diminuir seu tormento, parece que a língua foi cortada *post mortem*...

Ali não respondeu. Víboras demais na boca – a História não se repetia, ela gaguejava... Neuman se dirigiu ao padre que esperava perto do pilar.

– Minha mãe tinha um encontro com sua empregada – disse ele cobrindo o padre com sua sombra. – Onde ela está?

– Sonia? Bom... deve estar na casa dela... Há uma casinha colada à igreja: é ali que ela dorme...

– Mostre-me.

O padre suava apesar do frescor da manhã. Saíram por uma porta lateral.

O pequeno terreno atrás da igreja pertencia à congregação. Tinham plantado ali algumas ramas de batata doce, cenouras, couves, com as quais a empregada preparava as sopas para os mais desfavorecidos... Neuman empurrou a porta do barracão. Já fazia calor sob o teto de zinco. A peça cheirava a suor, misturado com um penetrante odor de sangue. Uma jovem negra jazia estendida no colchão do quarto. De sua garganta cortada escorria um sangue escuro.

– Sonia?

O padre confirmou com um sinal áfono. Neuman inspecionou o corpo. A moça visivelmente tentara se defender: havia marcas vermelhas em seus pulsos e uma unha quebrada. A lâmina seccionou o esôfago, depois a língua... O assassinato devia ter sido cometido umas doze horas antes.

Lançou um olhar circular sobre o mobiliário, as prateleiras, a sopa que ela estava preparando na cozinha adjacente...

– Sonia trabalhava para o senhor há quanto tempo? – lançou Neuman ao homem amedrontado.

– Desde o ano passado... Foi ela que me procurou... Uma moça perdida que queria expiar seus pecados ajudando seu próximo e respondendo ao chamado do S...

Neuman empunhou a túnica do padre e o encostou à parede.

– O Senhor está mudo há algum tempo – disse entre os dentes. – A irmã de sua empregada foi morta por conta de uma história de droga passada a meninos de ruas, e Sonia estava em contato com aqueles que andam pela zona. Então?!

– Não sei...

– Um garoto de calção verde, Teddy, e outro com uma cicatriz no pescoço, lembra deles?

O padre fremiu sob o punho do colosso.

– Sonia! – esgoelou-se ele. – Era Sonia que distribuía a sopa...

Neuman pensou no jardim, nos barracos que havia ali...

– Vocês têm animais?

– Galinhas... Alguns porcos também, coelhos...

Arrastou o homenzinho até a horta. Amontoados nas suas caixas, os coelhos farejavam suas grades; mais adiante, as galinhas ciscavam na palha como se fosse água fervente. Um barraco de pedras fazia as vezes de pocilga no fundo do jardim, com um telhado de amianto e uma tina cheia de água suja. Neuman sacou seu Colt 45 e, com uma bala, estourou o cadeado.

Um fedor infecto o acolheu no interior da pocilga. Os três porcos que chafurdavam na lama vieram grunhir perto do portão: um macho, maior, e duas fêmeas de focinho rosa maquiado de merda.

– O que lhes dão de comer?

O padre estava no vão da porta.

– De tudo... tudo que houver por aí...

Neuman abriu o portãozinho e deixou os animais saírem. O homenzinho quis fazer um gesto para retê-los – os porcos iam estragar a preciosa horta – mas mudou de ideia. Neuman se debruçou sobre a cloaca. Abriu seu canivete e revolveu o lamaçal infecto sobre o qual estava patinando. Apareceram ossos entre os detritos: ossos humanos... A maioria tinha sido moída pelos porcos... Ossos de crianças, pelo tamanho... Dezenas de ossos.

*

O Boulder National Park abrigava uma colônia de pinguins do Cap. Os bichinhos saltitavam livremente na praia de areia branca, com ondas ruidosas à guisa de trampolim. Neuman caminhou devagar sobre a areia molhada.

Zina o esperava nas pedras, entre os respingos que o vento lançava sobre seu vestido. Viu-o chegar de longe, gigante insólito entre os pinguins bamboleantes, e apertou os braços contra suas pernas dobradas. Ele caminhou até o recife e assassinou qualquer ideia de amor:

– Trouxe o documento?

Uma pasta de plástico repousava a seu lado, sobre a pedra. Zina queria lhe falar deles, mas nada se encaixava no cenário.

– Foi tudo que consegui – disse ela.

Neuman esqueceu os projéteis pretos que explodiam em sua cabeça e pegou a pasta. O documento não tinha cabeçalho nem nada que pudesse identificá-lo, mas continha um relatório completo sobre o homem que procurava.

Joost Terreblanche trabalhara para os serviços secretos durante o apartheid e figurava entre os membros da Broederbond, a “Liga dos irmãos”, uma sociedade secreta que reunia a pseudoelite africânder, cujas ações eram praticamente desconhecidas. Apesar de seu envolvimento no Project Coast e no desaparecimento de numerosos ativistas negros, Terreblanche não foi admoestado pela justiça. Os processos levados a termo eram raros, razão pela qual poucos antigos membros do exército tinham colaborado com a Comissão Verdade e Reconciliação de Desmond Tutu: alguns ramos dos antigos serviços de segurança tinham assim se beneficiado de uma impunidade quase total por violações graves aos direitos humanos. Terreblanche deixou o exército com o posto de coronel quando da queda do regime e se lançou no negócio da segurança através de diversas empresas sul-africanas, nomeadamente a ATD, de que era um dos principais acionistas. Segundo o documento, Terreblanche contava com proteções em todos os níveis, tanto na África do Sul quanto na Namíbia, onde o conflito entre os dois países ocasionou múltiplas infiltrações. Suspeitava-se que conduzia operações paramilitares em diversos países dos Grandes Lagos – tráfico de armas, contratação de mercenários. O relatório mencionava especialmente uma base de apoio no deserto da Namíbia, uma

antiga fazenda bem defendida no meio de um território protegido, onde Terreblanche executava suas atividades com toda tranquilidade.

A Namíbia...

As ondas quebravam na praia, cuspidos pinguins; Zina observava o Zulu, mergulhado em sua leitura, estranhamente pálido debaixo de sua máscara. Seu encontro parecia uma corrente de ar. Um impulso que nunca deveria ter acontecido, mas que os lançava um contra o outro. Não era o momento, mas nunca seria o momento.

– E se parássemos com nossa brincadeira? – disse ela.

Ele ergueu a cabeça, totem negro sobre a areia.

– Acha que sou cega? – continuou ela corajosamente. – Pensa que não vejo como me olha?

Neuman se decom pôs um pouco mais ainda, mas não respondeu nada. Cadáveres boiavam na superfície, às dezenas, exangues.

– A turnê acaba amanhã à noite – disse ela. – Depois, não sei... Vou deixar a cidade, Ali, a menos que você me retenha.

Ele não escutava mais o estrondo das ondas na praia, nem os gritos dos pinguins. O mundo desabara. Em queda livre.

– Lamento muito – disse ele a contragosto.

Zina apertou seus belos dentes.

– Repita! – sibilou ela. – Vamos, repita isso para mim!

Lágrimas corriam em sua face. Ela acordava de manhã com o cheiro da pele dele, resistia à água, ao vento, ao fogo sob seus pés, seu cheiro a esperava em sua cama, em seu camarim, seguia-a nos corredores, nas ruas, no ar morno da noite, estava nos respingos das ondas, seu cheiro, seu cheiro por toda parte.

Ali baixou os olhos. Viu os pés dela, descalços sobre a pedra, o desenho de seus tornozelos, suas pernas, seu vestido que dançava...

– Lamento muito...

E ele morreu ali, em meio aos pinguins.

Os animais saíam depois da noite caída. Um casal de antílopes atravessou a planície, em busca de folhas tenras crescidas com a última chuva.

– Que porra esses idiotas estão fazendo aí? – praguejou Mzala do terraço da fazenda.

O tsotsi estava nervoso. Não ligava para os bichos, para a areia, para o deserto. Mzala pensava em dólares. Moçambique. Aposentadoria antecipada. Palácios e xoxotas quentinhas.

– Quanto tempo ficaremos aqui?

– Quanto for necessário – respondeu o chefe. – Faria melhor em dormir...

O ex-militar bebia um *rooibos tea*, confortavelmente instalado numa das poltronas do terraço.

Mzala perscrutou o deserto. Toda aquela imensidão o deixava deprimido. Não tinha vontade de dormir. As anfetaminas, ou, mais provavelmente, o medo de acordar com uma lâmina entre as omoplatas, o mantinham de pé. Terreblanche detestava todos aqueles que não ficavam vermelhos no sol: o Gato tinha tomado algumas precauções que o impediam de liquidá-lo imediatamente, mas não fecharia os olhos enquanto não estivesse longe dali, com a grana na mão. A expectativa o exasperava – Mzala detestava esperar. Seu estatuto de chefe lhe dava privilégios na township, mas não prevalecia ali. A gangue dos Americans já era, paz a suas almas danadas. Mzala respeitou sua parte do contrato: pegou os soníferos na igreja de Lengezi, aproveitou para eliminar a putinha que alimentava os porcos e a *big mama* que apareceu de improviso, e queimou as línguas com gasolina antes de seguir os outros até a pista do aeródromo...

– Por que não me dá logo o resto da grana – grunhiu –, agora, já?

– Já falamos disso – interpelou Terreblanche de seu trono de vime. – As fronteiras devem estar sendo vigiadas, e não quero que caia nas mãos da polícia... Irá para o exterior quando o caminho estiver livre.

Mentira: ele podia se deslocar de um país a outro sem correr o risco de cair nas mãos de um funcionário zeloso, mas o chefe dos Americans era um brutalhado que, assim que embolsasse o dinheiro, torraria tudo em carros de luxo, joias de ouro e loiraças vistosas. O HD estava em segurança com aqueles que o tinham encomendado, sua fortuna e a de seu filho garantidas, mas os tiras continuavam à espreita. Joost se fingiria de morto, até que as coisas esfriassem. Somente então encontraria Ross na Austrália. O dinheiro comprava tudo. O dinheiro compensava tudo...

– Não foi assim que combinamos – teimou Mzala. – Nosso trato era: terminada a operação, dou o fora com minha parte.

- Ninguém sairá daqui sem meu consentimento.
- Que porra é essa?
- Meu acordo.
- Nosso acordo era a grana. Um milhão. *Cash*. Cadê meus dólares?
- Vai esperar, como os outros – cortou Terreblanche. – Ponto final.

Mzala fez uma careta na escuridão. Perguntava-se se o cara de lua estava com o dinheiro ali, dentro de um cofre ou num esconderijo qualquer... O Cessna que os deixou ali de manhã partiu com o material, estavam agora sozinhos no meio daquele deserto que ele não conhecia.

Um silêncio de chumbo reinava no terraço, apenas perturbado pela brisa da noite. Os pássaros noturnos tinham se calado. Os antílopes também tinham fugido... Mzala ia se fechar em seu quarto, com a arma ao alcance da mão, quando um grito ressoou perto do hangar.

*

Neuman desligou o motor do 4x4 na beira da pista antes de percorrer os últimos quilômetros a pé. O estojo que carregava debaixo do braço maltratava sua costela dolorida; de acordo com o mapa da região, a fazenda ficava atrás das dunas de Sossusvlei, a oeste, longe dos locais turísticos...

A lua o guiou pela planície desértica. Andou um quilômetro seguindo o Cruzeiro do Sul, os bolsos de suas roupas poeirentas tornados pesados pelos cartuchos. As dunas se recortavam na escuridão. Finalmente, percebeu uma luz ao longe, depois uma cerca que delimitava a fazenda.

Uma avestruz saiu correndo, sentinela desvairada. Neuman colocou o estojo do outro lado da cerca antes de pulá-la. Apertou os dentes e penetrou na propriedade privada: cerca de vinte hectares, segundo as informações de Zina, até os contrafortes das dunas de Sesriem. Dirigiu-se à luz trêmula, deteve-se a meio caminho, avaliou a topografia do local. Colocou o estojo no ombro e, depois de alguns minutos de sofrida subida, atingiu o cume da duna mais alta. Via-se a fazenda de Terreblanche sob a lua e a construção pré-fabricada lá embaixo, perto da cerca.

Neuman depôs o estojo metálico na areia. O fuzil era um Steyr, com mira laser zoom x 6, silenciador e três carregadores de trinta balas calibre 7,62. Uma arma de franco-atirador. Ele a montou cuidadosamente e verificou seu funcionamento.

Enxugou o suor de sua testa e deitou no cume liso. A areia era suave, quase fresca. Varreu a extensão com um binóculo infravermelho, localizou a fazenda – um entreposto, provavelmente... Havia dois homens conversando no terraço e dois 4x4 no pátio... O alojamento pré-fabricado ficava um pouco mais adiante, a cinquenta metros do terraço. Um homem montava guarda, com o fuzil-metralhadora a tiracolo. Outro fumava no caminho que levava à pista principal. Neuman colocou-o no centro de sua mira e o abateu com uma bala nas costas. O homem caiu de cara no chão. Apontou o fuzil para o pátio e encontrou o segundo homem: o alvo dançou por um instante no visor antes de girar bruscamente sob o impacto.

O atirador respirou. Nenhum sinal de agitação ao redor das construções: assegurou-se de que as sentinelas estavam mortas e apontou o binóculo na direção do terraço. Acreditou reconhecer a silhueta de Mzala perto do pilar, quando dois homens saíram do depósito vizinho: dois sujeitos de cabeça raspada carregando caixas. Neuman seguiu seu movimento – dirigiam-se ao 4x4 – e apertou o gatilho. Matou o primeiro com um tiro abaixo da garganta, o segundo no momento em que se virava para seu parceiro.

Um terceiro homem saiu então da fazenda: viu os corpos no chão e sacou o revólver do cinto. Neuman acertou seu alvo no ombro esquerdo antes que uma segunda bala o derrubasse... Praguejou do alto da duna: o sujeito teve tempo de soar o alerta.

Neuman apontou para o terraço, mas as silhuetas tinham se refugiado na casa. Um homem de cueca e camiseta surgiu do alojamento, com uma arma na mão: sua cabeça voou em pedaços. O dormitório, decerto. Iam acordar, organizar o contra-ataque... Neuman mirou nas proximidades das janelas e, metodicamente, esvaziou o carregador. Uma chuva de balas que semeou o pânico atravessando as paredes. Escutou gritos e os estalidos das primeiras rajadas que cortavam a noite. Pegou o segundo carregador e deu mais trinta tiros: o dormitório ficou todo furado. Um sujeito tentou escapar, mas Neuman o pregou com uma bala no plexo. Os sobreviventes estavam deitados lá dentro.

Projéteis silvaram a alguns metros, furando a areia. Fora localizado... Neuman colocou seu último carregador e vasculhou as trevas. Localizou um homem na entrada do dormitório, com um fuzil-metralhadora na mão, escondido atrás da porta: dirigia sinais desesperados a seus companheiros, invisíveis... Neuman atirou doze balas de calibre 7,62, que pulverizaram a

porta e seus arredores. Atingido na perna, um homem se arrastava para escapar do franco-atirador. Neuman acabou com ele, uma bala no rosto.

O zulu não respirava mais, concentrado em seu objetivo. Uma silhueta atravessou o campo infravermelho: o homem esguichou do dormitório, correu em zigue-zague rumo à fazenda. Neuman o acompanhou numa dança macabra: apertando o gatilho, derrubou-o de cara no chão.

Seus dedos estavam duros, seu fôlego engolido no fundo de suas tripas. Relaxou finalmente. Nenhum movimento sob a lua... Abandonou o estojo do Steyr em seu sudário de areia, transpôs o cume e gemeu descendo a duna. Portas de carro bateram então na noite. Neuman deteve sua corrida, ofegante, e dirigiu a mira do fuzil para a fazenda: um 4x4 fugia para o oeste, levantando uma nuvem de poeira.

Deu seis tiros a esmo, que se perderam no meio da poeira...

Um silêncio de morte se abateu sobre a extensão desértica. Neuman não pensava em nada. Restava o vento da noite entre as tábuas destruídas, o fuzil que ele apertava como um demente e a Toyota estacionada no pátio.

*

Os rastros iam na direção do mar: cem quilômetros de dunas e de planícies pedregosas através de um dos maiores parques nacionais do mundo. Neuman seguia as paralelas que corriam sob os faróis, apoiado na direção para atenuar a dor em suas costelas.

Descobrira sete corpos no dormitório, entre os quais um jovem branco e bronco que segurava a barriga tremendo e que ele deixou morrer ali mesmo. Fora os cadáveres no pátio, a fazenda estava deserta: encontrou armas e munição no depósito, mas Mzala e Terreblanche tinham fugido. Pretendiam chegar à estrada de Walvis Bay cortando através do deserto, mas Neuman não permitiria. Evacuou todo e qualquer pensamento parasita que pudesse desviá-lo de sua missão. Inspeccionava as dunas por trás do para-brisa, cada vez mais altas à medida que penetrava no Namibe. A Toyota chocalhava na areia mole, derrapava, enviando picadas de fogo a suas costelas. Apoiou-se com mais força na direção.

Um chagal disparou sob seus faróis. Ele rodava, queimando de febre, quando, no desvio de um desnível súbito, avistou-os: dois pontos vermelhos fosforescentes, no oco das dunas... Neuman parou a trezentos metros, e desligou os faróis sobre uma elevação. Abriu a porta e observou-os com a

mira infravermelha do Steyr. O 4x4 dos fujões parecia bloqueado. Eles tinham atolado. Alertado pelos faróis da Toyota, Mzala abandonou a pá e se refugiou atrás da carroceria: Terreblanche juntou-se a ele, com um fuzil-metralhadora na mão. Estavam agora deitados atrás do grande *off-road*, à espreita de um inimigo invisível...

Neuman apoiou o cano do Steyr na porta da Toyota e mirou no tanque de gasolina. Deu cinco tiros, em vão. Um veículo blindado...

Neuman refletiu, a camisa encharcada de suor. Finalmente, colocou o fuzil no banco do carona, abriu a lâmina de seu canivete e se instalou na direção. O 4x4 dos fujões era blindado, mas a Toyota não... Um plano simples, suicida.

Os pneus patinaram na areia mole antes de encontrarem aderência: começou a descer a ladeira. Duzentos e cinquenta, duzentos metros: acendeu os faróis, travou o acelerador com a ponta do canivete e se lançou sobre o alvo. Dois canos apareceram sobre a capota do 4x4: Neuman apanhou o fuzil no banco do carona e se jogou pela porta.

O para-brisa, a capota, os bancos, a grade, tudo foi pulverizado pelas rajadas de tiros sem modificar a trajetória do veículo lançado sobre eles: a Toyota atingiu a traseira do 4x4 atolado, que, apesar do choque, mal se mexeu. Terreblanche e Mzala tinham recuado para a duna a fim de escapar da colisão: ressurgiram da escuridão e apontaram suas armas para a Toyota batida. A dianteira estava destruída, o para-brisa explodido, a porta crivada de balas, mas não havia ninguém dentro.

Neuman tinha se jogado na areia cem metros antes, recuperado o fuzil e tomado posição: com os cotovelos apoiados no chão, mirou no tanque da Toyota, que explodiu com a terceira bala. O incêndio iluminou por um instante o vale de areia. Neuman não via mais seus alvos, escondidos pela tela de fumaça. As chamas logo tomaram o veículo blindado. Mzala e Terreblanche, refugiados atrás da carroceria, deram um passo para trás. Dispararam uma nova rajada às cegas, depois outra, que se perdeu a vários côvados de distância. O tanque do 4x4 explodiu por sua vez. A deflagração surpreendeu Mzala: o beijo de fogo o apanhou em seu sopro.

Neuman ouviu o grito do tsotsi antes de avistar sua silhueta: a tocha humana girou sobre si mesma, tentando fugir das chamas que a consumiam. Mzala deu alguns passos desajeitados na areia, sacudiu os braços tentando se livrar do abraço mortal, mas o fogo o perseguia: rolou no chão urrando ainda mais alto... Neuman procurou o outro alvo com sua mira, vasculhou a

noite, mas a fumaça opaca ocupava todo o espaço. Terreblanche parecia ter sumido... A alguns passos dali, Mzala continuava a urrar, em pleno suplício. O cheiro de carne queimada chegava até Ali. O tsotsi gesticulava batendo no chão, em vão: Neuman liquidou-o com uma bala no peito.

Gotas de febre perolavam seu rosto. Ali rastejou por cerca de vinte metros, abriu o ângulo do zoom e finalmente localizou Terreblanche, no cume da duna: tinha um revólver no cinto, mas nenhum fuzil... A mira do Steyr iluminou seu ombro no momento em que ele começava a descer do outro lado.

As chamas crepitavam espalhando uma fumaça escura. Neuman inspecionou o cume onde Terreblanche desaparecera e se levantou devagar. A queda recente reavivara suas dores costais. Contornou o braseiro rubro e seguiu a aresta que serpenteava sob a lua. Os rastros levavam para o cume, que ele atingiu após uma laboriosa escalada. O vento das alturas não chegou a refrescá-lo. À sua frente, as ondas de areia se estendiam a perder de vista... Viu pegadas no flanco liso da duna: dirigiam-se para o oeste... Neuman praguejou. Nunca o alcançaria a pé – não com aquela dor nas costelas.

Verificou a câmara do fuzil e teve um arrepio ao ver o carregador: restava-lhe apenas uma bala.

Um vento morno corria pelas alturas. Ali se deitou e vasculhou o horizonte. Campos de dunas de contornos indistintos se sucediam, monótonos. Rastros logo apareceram na mira infravermelha, um traçado retilíneo... Seguiu a trajetória e descobriu a silhueta do fugitivo. Ele andava a passos cadenciados, de revólver na mão. Trezentos metros em linha reta... Neuman trancou a respiração, esqueceu até o vazio de sua cabeça, e apertou o gatilho.

A detonação atravessou o silêncio.

O homem caiu na areia.

*

Neuman se aproximou apontando seu Colt, mas Terreblanche não se mexia mais. Jazia no chão, a pistola automática ao alcance da mão, semidesmaiado... Ali jogou a arma para longe e se ajoelhou ao lado do ferido. Sua testa escorria. Tomou seu pulso, viu que ele respirava. Ergueu a

camiseta cáqui, viscosa de sangue: a bala tinha atingido um rim, quase pegou o fígado.

Terreblanche reabriu os olhos enquanto Neuman avaliava o ferimento.

– Tenho dinheiro... – resmungou ele. – Muito...

– Cale a boca ou vou deixá-lo morrer aí mesmo.

Devorado pelos chacais: um belo fim... Mas Neuman o queria vivo. Os documentos relativos aos experimentos tinham desaparecido, os vestígios do laboratório, as testemunhas... Não encontrou nada na fazenda. Morto Mzala, arrastar com ele aquele crápula era sua última chance.

Terreblanche estava pálido sob a luz dos astros. Neuman viu então uma feia picada no antebraço do ex-militar: uma picada de aranha, visivelmente... Apertou o local da picada: um fiozinho amarelado escorreu. Uma aranha das areias. Algumas podiam ser letais.

– Essa porcaria me picou – praguejou o ferido.

A noite ainda estava escura, as dunas aproximativas sob as estrelas. Neuman reergueu o homem estendido na areia e, sem uma palavra, ajudou-o a caminhar.

Levaram quase uma hora para voltar às carcaças fumegantes.

Se o zulu suava sangue e água, Terreblanche gemeu durante todo o caminho: caiu perto dos 4x4 calcinados, sem forças. Um cheiro acre escapava ainda dos veículos, empestando o vale. O despojo de Mzala repousava um pouco mais adiante, uma forma preta e mirrada que lembrava seu irmão Andy... Ocupado em pressionar um lenço sobre seu ferimento, Terreblanche não dirigiu um olhar a seu cúmplice: sua tez estava mais do que pálida às primeiras luminosidades da aurora. O veneno começava a surtir seu efeito... Neuman verificou novamente o funcionamento de seu celular, sem sucesso: não havia rede.

Um véu de preocupação cobriu seu rosto.

– Há quantos quilômetros fica a estrada? – lançou a Terreblanche.

O ex-militar mal levantou a cabeça.

– Walvis Bay. Cerca de cinquenta quilômetros.

– E a casa mais próxima?

O outro fez um gesto evasivo:

– Só tem areia por aqui...

Neuman fez uma careta. A fazenda estava a mais de trinta quilômetros... Avaliou o azul do céu, sobre a crista das dunas. Os veículos estavam

inutilizáveis e não chegava nenhum socorro: fazia contudo mais de uma hora que tinham queimado...

Terreblanche rasgou um pedaço de sua camiseta para substituir seu lenço encharcado. O sangue começava a coagular, mas o ferimento lhe causava uma dor do cão. Seu braço começava a inchar. Deu uma olhada no tira negro que espreitava um sinal dos céus, preocupado. Terreblanche compreendeu então por quê:

– Alguém sabe que estamos aqui? – perguntou.

– Não.

O deserto do Namibe é um dos lugares mais quentes do mundo. Ao meio-dia, a temperatura chega a cinquenta graus na sombra, setenta no sol: sem água, não resistiriam nem um dia.

9

Os cientistas sabiam havia muito tempo que os genes não eram objetos simples: as relações entre genótipo e fenótipo eram tão complexas que não permitiam uma descrição elementar entre os genomas de uma pessoa e os fenômenos patológicos de que sofria. Essa complexidade do ser vivo aumentava ainda mais quando se levava em conta os diversos aspectos da estrutura social em que cada um estava inserido, seu modo de vida e seu ambiente, que contribuía para o determinismo frequentemente imprevisível das doenças – um índio da Amazônia não sofria dos mesmos males que um europeu. Mas isso não importava, já que as pesquisas conduzidas pelos laboratórios farmacêuticos não eram destinadas aos países do Sul, incapazes de pagar seus altos preços. As restrições éticas e jurídicas sendo rigorosas demais nos países ricos (principalmente o código de Nuremberg, adotado paralelamente ao processo dos médicos nazistas), os laboratórios tinham transferido seus testes clínicos para países “de baixos custos” – Índia, Brasil, Bulgária, Zâmbia, África do Sul – onde as cobaias, em geral pobres e descuidadas, podiam ser beneficiadas com melhores tratamentos e um material de ponta em troca de sua colaboração. Milhares de pacientes devendo ser testados até que um medicamento seja validado, os laboratórios terceirizavam os testes clínicos, contratando empresas como a Convence.

Depois de anos de pesquisa, a equipe de Rossow elaborara uma molécula capaz de curar os males de que sofriam milhões de ocidentais – ansiedade, depressão, obesidade... –, um produto que garantiria um lucro faraônico.

Faltava testá-lo.

Com suas townships transbordantes, a África do Sul como um todo e a região do Cap em particular constituíam um viveiro de primeira: não apenas os pacientes eram inúmeros e virgens de qualquer tratamento, como também, depois das conclusões dramáticas ligadas aos problemas de degenerescência e outros efeitos indesejáveis do produto em curso de experimentação, tornou-se impossível prosseguir as pesquisas de maneira transparente. Diante da concorrência encarniçada dos laboratórios, a rapidez era crucial: tinham portanto optado por uma unidade móvel à margem das townships onde testariam cobaias dóceis e sem vínculos: meninos de rua, com que ninguém se preocuparia.

Para limitar os riscos, inoculavam neles o vírus da AIDS, extremamente eficaz. A vantagem era dupla: a esperança de vida das cobaias tornava-se limitada e a doença, endêmica na África do Sul, não despertaria suspeitas caso alguma coisa desse errado.

Encarregado da operação, Terreblanche aproveitou as zonas sem lei para fazer um acordo com Mzala, cuja gangue dominava Khayelitsha. Mzala, por sua vez, repassou o negócio para Gulethu e seu bando de mercenários, que rondavam as zonas limítrofes. Gulethu e seus comparsas tinham espalhado o coquetel nos acampamentos de squatters sem despertar suspeitas: o tik viciava os moleques da zona, e eles os transportavam de noite até o laboratório para avaliar a evolução da molécula. Os que sobreviviam, morriam de AIDS e acabavam no chiqueiro da igreja. Tentando passar a perna em Terreblanche, Gulethu fodeu com tudo...

Epkeen morria de calor apesar da climatização do quarto do hospital. Tinham-no enchido de porrada, escarpelado, eletrocutado. Do outro lado da cama, Krugë escutava seu relatório sem dizer palavra. A polícia recolheu mais de vinte cadáveres na township, entre os quais o da mãe de Neuman, e ossadas humanas atrás da igreja de Lengezi... Por enquanto, a imprensa não estava a par.

– Sabe onde está Neuman? – perguntou o chefe da SAP.

– Não.

Epkeen tinha acabado de voltar a si quando Krugë chegou para interrogá-lo. O homenzarrão encostou seu duplo queixo no colarinho de sua camisa.

– Se há provas do que está dizendo – suspirou –, terá que mostrá-las para mim... O senhor não tem nada, tenente.

Um voo de corvos passou por seus olhos gradeados.

– Como assim, não tenho nada?

– Onde estão suas provas?

– O sequestro na casa de Van der Verskuizen, o cadáver de Debeer, Terreblanche foragido: o que mais precisa?

– Não temos uma única testemunha desse caso – replicou Krugë. – Nenhuma.

– Evidentemente, estão todas mortas.

– Este é o problema. Ninguém sabe de onde saíram as ossadas encontradas atrás da igreja da township, nem quem as colocou lá. Neuman desaparecido, não temos nenhuma explicação. Quanto ao que aconteceu na casa do dentista – acrescentou –, não foram encontradas impressões. Aliás, sim: as suas.

– Tudo foi apagado, sabe muito bem disso – retorquiu Brian de cima de seu monte de travesseiros. – Como na casa de Muizenberg. A conta *offshore* é...

– Informação obtida de maneira ilegal – interrompeu-o Krugë. – A agente Helms nos explicou os procedimentos de vocês.

O rosto de Epkeen empalideceu um pouco mais sob a luz artificial. Janet Helms os traíra. Abandonara-os quando estavam perto da meta. Tinham se deixado enganar por seus malditos olhos de foca...

– Terreblanche e Rossow participaram do Project Coast do doutor Basson – repetiu o africânder, mantendo a calma. – Terreblanche tinha as competências e a logística para organizar uma operação dessa envergadura. Covence oferece uma cobertura legal: basta interrogar Rossow.

– O que o senhor pensa, tenente? Que vão atacar uma multinacional petroquímica com isso? Terreblanche, Rossow ou Debeer não figuram em nenhum de nossos arquivos. Nada corrobora o que está afirmando... – Krugë o fixou como um coelho acuado pelos faróis de um carro. – Sabe o que vai acontecer, Epkeen? Eles vão atacá-los, com uma armada de advogados. Vão encontrar coisas sobre vocês, seus costumes dissolutos, seu

filho que se recusa a vê-lo, as disputas com sua ex, sua separação mal digerida. Eles vão acusá-lo de ter assassinado Rick Van der Verskuizen.

– *O quê?!*

– Teríamos gostado de ouvir as confissões do dentista – concedeu Krugë. – Infelizmente, ele foi encontrado morto na sala de sua casa, abatido por uma bala na nuca com sua arma de serviço.

– O que está insinuando?! Nós fomos sequestrados, torturaram-me para que eu revelasse o que sabia depois de minha visita a Hout Bay, antes de nos injetarem droga suficiente para derrubar um búfalo. A porcária que tenho no sangue, o cadáver de Debeer, o conteúdo de sua maleta, isso também não conta?

Krugë não dava o braço a torcer:

– A arma que matou o dentista foi encontrada no quarto com suas impressões: vão colocar isso em suas costas. Isso desacreditará seu testemunho e o de sua ex, que será pintada como uma espécie de fúria de humor instável, capaz de tudo para punir um homem adúltero, até se aliar com seu melhor inimigo... Vão dizer que ficaram viciados nessa famosa droga, que quiseram conseguir mais e liquidaram o traficante, Debeer, num acesso de ultraviolência.

– Uma encenação – irritou-se Epkeen –, sabe disso também.

– Prove.

– Isso é ridículo!

– Não mais do que sua história de complô industrial – revidou o chefe da polícia. – Depois do que ocorreu durante o apartheid, deve saber que a África do Sul é o país mais vigiado em matéria de pesquisas médicas, especialmente no que concerne a testes com cobaias humanas. Terá que convencer os jurados de suas alegações... Causou uma carnificina danada naquela casa – acrescentou com olho turvo. – E as fotos tiradas no quarto onde os encontraram não depõem em seu favor...

– Que fotos?

Um véu de suspeita passou em seus olhos enfadados.

– Não viu o estado em que deixou sua ex. As mãos presas nas costas, seu sangue espalhado no corpo dela, suas roupas rasgadas, os arranhões, os golpes, as violências sexuais... isso não é amor, Epkeen, é raiva... Quando os encontraram, estava rodando em volta da cama, desvairado.

Sentiu um arrepio nas costas. Um leão. A porra de um leão defendendo seu território...

– Não estupro minha mulher – disse num lapso.

– Foi no entanto a pele dela que encontraram debaixo de suas unhas: vai ter um efeito ótimo diante de um júri...

Brian balançou um instante no leito de hospital, se agarrou ao vazio: a droga, os ratos do médico legista, a última fase, a da agressão...

– Eles nos drogaram! – rugiu. – Sabe disso tanto quanto eu!

– Há impressões suas na seringa.

– Para vestir a carapuça em mim. Porra. Debeer estava com luvas quando o encontraram, não?

– Isso não explica nada. Ao menos é o que alegarão diante de um tribunal... O que quer que aconteça, tudo o que disser a respeito de um conluio entre seu laboratório fantasma e um grupo paramilitar dirigido por um antigo coronel do exército poderá ser virado contra o senhor: sua visita noturna à agência de Hout Bay, afora o fato de não restar nenhum documento, será declarada inválida por vício de procedimento.

– Está tudo no *pen-drive*.

Krugë abriu as mãos em sinal de boa fé:

– Gostaria muito de vê-lo...

Um gosto infecto resistia na boca de Brian, sua cabeça rodava. Ruby, Terreblanche, Debeer, as injeções, o desaparecimento de Ali, as informações se atravessavam em sua cabeça e a queda se anunciava vertiginosa... Escrutou o rosto flácido do superintendente, impassível do outro lado da cama.

– Está no complô também, Krugë?

– Vou colocar essa reflexão na conta de um espírito desvairado – trovejou o chefe da SAP –, mas preste atenção no que diz, tenente... Estou simplesmente avisando-o: a indústria petroquímica é um dos *lobbys* mais poderosos desse maldito planeta.

– Um dos mais podres também.

– Escute – disse Krugë mais calmamente –, acredite ou não, estou com vocês. Mas precisaremos de argumentos muito sólidos para convencer o procurador a abrir um processo judicial, perquisições... Teremos também que desmontar uma a uma as acusações que poderão fazer contra você, e temos apenas sua palavra.

Epkeen ouvia o chefe da polícia, atônito.

– E meus olhos? – lançou com um esgar. – Queimei-os para ficar bonito?

– Vão lhe pedir exames psiquiátricos e...

Brian levantou a mão como quem joga a toalha. Estava voltando à vida, tarde demais. A situação era absurda – não tinham atravessado toda aquela merda para encalhar ali, num quarto de hospital.

– Não vou abrir processo contra o senhor – anunciou Krugë para concluir a entrevista –, não por enquanto. Mas aconselho-o a ficar na sua, até que esclareçamos tudo isso. De qualquer forma, não está mais encarregado da investigação. Gulethu assassinou as garotas: essa é a versão oficial. Ninguém puxa assim tão fácil o tapete de uma rede industrial-mafiosa: o resultado seria um fiasco lamentável – e minha cabeça rolando. O caso está fechado – insistiu –, e ordeno que o considere assim. Sem contar que um novo crime foi cometido noite passada: Van Vost, um dos principais financiadores do Partido Nacional, foi aparentemente vítima de uma prostituta negra...

– Onde está Ruby? – interrompeu-o Epkeen.

– No quarto ao lado – respondeu o homem gordo apontando com a cabeça. – Mas não conte muito com seu testemunho.

– Por quê? Vocês cortaram a língua dela também?

– Não gosto de seu humor, tenente Epkeen.

– Está enganado, é muito divertido ser torturado.

– O senhor ultrapassou suas prerrogativas e agiu de maneira irresponsável – esquentou-se Krugë. – Conversarei com Neuman assim que ele se manifestar e aplicarei as medidas necessárias.

– Abafar o caso, é isso? Teme por sua maldita Copa do Mundo?

– Volte para sua casa – trovejou Krugë. – E permaneça nela até nova ordem. Entendido?

Epkeen aquiesceu. Mensagem recebida. Destino: lugar algum.

O chefe da polícia saiu do quarto deixando a porta aberta, resmungou algumas palavras inaudíveis no corredor e se afastou. Janet Helms logo apareceu. Usava seu uniforme arrebatando e tinha um saco plástico na mão.

– Trouxe-lhe roupas limpas.

– Quer uma medalha?

A mestiça avançou timidamente, cruzou o olhar acusador de Epkeen e colocou o saco na cadeira vizinha ao leito.

– Krugë a apertou, hein? – disse ele com desprezo.

Janet baixou a cabeça como uma criança pega em flagrante, triturando os próprios dedos.

– Tudo o que reunimos é indefensável num tribunal – desculpou-se ela.
– Não tive escolha. É minha carreira que está em jogo nesse caso... – Ela ergueu seus grandes olhos molhados. – Não tinha mais notícias de vocês desde ontem de manhã... Pensei que estivessem mortos...

Sua ceninha não colava.

– Tem informações sobre Rossow? – lançou-lhe ele.

A agente Helms mordiscou seus lábios marrons.

– Você o localizou? Sabe onde ele está?

– Não estou autorizada a lhe dizer – respondeu ela finalmente.

– Ordens do chefe?

– O caso está encerrado.

– Está esquecendo de Neuman... Krugë mandou-a aqui para soltar a minha língua, é isso?

Janet Helms não respondeu imediatamente.

– Sabe onde ele está? – perguntou ela.

– Se soubesse, faz tempo que não estaria mais aqui – disse Epkeen categoricamente.

A agente de informações suspirou. Era evidente que estava hesitando. Brian deixou-a marinar no próprio caldo. Não gostava dela. Ela sentia aquilo.

– Há uma coisa que não disse aos homens de Krugë – soltou ela finalmente. – Está faltando um fuzil Steyr na armaria... O capitão Neuman assinou a solicitação: ontem de manhã...

Uma arma de franco-atirador.

O coração de Brian embalou: Ali ia matá-los.

Todos.

Com ou sem o assentimento de Krugë.

*

Brian caminhava sobre um fio invisível no corredor do hospital da Park Avenue. O médico de plantão recusando-se a lhe dar alta naquele estado, ele assinou um documento se responsabilizando e pediu para ver Ruby. Solicitação recusada: ela acabava de sair de seu coma e estava repousando

depois da triterapia de emergência que acabavam de lhe administrar... Ligou para Neuman do telefone do hospital: sem rede.

O asfalto amolecia sob o sol da tarde quando o africânder deixou o prédio público. Via apenas um filtro turvo por trás de seus olhos queimados, o resto ia de mal a pior. Vontade de vomitar. Náuseas. Comprou óculos escuros de dez rands numa barraca do Greenmarket, recuperou seu celular e seu carro no subsolo da delegacia. O vidro de trás estava pulverizado, o para-brisa rachado, mas ele pegou de primeira.

And then, she... closed...

Her baby blue...

Her baby blue...

Oh... her baby blue... EYES !!!

As cinzas adejavam na cabine do Mercedes. Epkeen jogou o cigarro pelo vidro e se dirigiu a Somerset. Continuava com uma dor de cabeça horrível, e a conversa com Krugë acabou de o enervar. Estavam abafando o caso por razões que lhe escapavam, ou antes, que o ultrapassavam. Mas Brian não se deixava enganar. Diante da concorrência dos mercados mundiais, os Estados soberanos não podiam fazer quase nada para controlar as pressões da finança e do comércio globalizado, sob pena de perder investidores e ameaçar seu PIB: o papel dos Estados se restringia hoje a manter a ordem e a segurança em meio à nova desordem mundial dirigida por forças centrífugas, extraterritoriais, fugidias, incapturáveis. Ninguém mais acreditava razoavelmente no progresso: o mundo se tornara incerto, precário, mas a maior parte daqueles que tinham poder de decisão concordava em aproveitar a pilhagem operada pelos flibusteiros desse sistema fantasma, enquanto se esperava o *fim* da catástrofe. Os excluídos eram repelidos para a periferia das megalópoles reservadas aos ganhadores de um jogo antropófago em que a televisão, o esporte e a pipolização⁴⁵ do vazio canalizavam as frustrações individuais, na falta de perspectivas coletivas.

Coagido ou forçado, Krugë era um pragmático: não ia correr o risco de provocar uma fuga de capitais do país que estava organizando a grande feira da bola redonda por causa de um bando de meninos de rua, cujo destino oscilava entre um caco de garrafa cheio de tik e uma bala perdida. Neuman era sua única esperança – uma esperança que sumira havia quase dois dias...

Epkeen entrou em casa em queda livre e, completamente derrubado, se jogou no sofá da sala. A injeção de Debeer o colocou num estado aterrador, e a noite passada em delírio no leito do hospital acabou de abatê-lo. Um cavalo morto na lama. Ficou ali por um momento, recolhendo seus pedaços espalhados. A atmosfera da casa de repente se fizera sinistra. Como se não fosse mais sua, como se as paredes quisessem colocá-lo para fora... O fantasma de Ruby, espectro contaminado pelo vírus, que vinha se vingar dele? Afastou seus delírios de drogado em plena queda, engoliu dois analgésicos e colocou o último Scrape no CD-player. Em cheio – os corvos limparão... De fato, um véu negro logo passou sobre ele, esparramado no sofá. A música trovejava na sala, de arrancar a pele do céu. Os pensamentos se organizaram lentamente... Pouco importava o jogo duplo de Janet Helms: Ali tinha cortado o contato para manter as mãos livres. E, se escolhera uma arma de franco-atirador na armaria, era porque sabia onde estavam os assassinos...

Mzala: foragido.

Terreblanche: incomunicável.

A gangue dos Americans: liquidada.

Os moleques: uma pilha de ossos.

Epkeen rodou mil vezes o enigma em sua cabeça estragada, e finalmente compreendeu: a dançarina do Inkatha.

*

O Rhodes House era o clube chique do City Bowl, onde modelos e vedetes publicitárias se encontravam entre duas filmagens – uma atividade lucrativa devida à luz excepcional da região.

Uma clientela masculina autossatisfeita afluía aquela noite sob o olhar do fisionomista, um bonitinho de corpo esculpido na academia: quem não tivesse a pele bronzeada e a camisa branca aberta tinha pouca chance de entrar. Com seus curativos na cabeça, seu andar de robô enferrujado e seus olhos de água escarlata, Epkeen parecia mais o cara pendurado na corda. Mostrou seu distintivo ao sujeito que distribuía os sésamos na entrada e encontrou um lugar no bar, que dominava o palco.

O show estava acabando. Entre tambores zulus e muralhas de sons elétricos, Zina arrancava as cordas de uma guitarra incandescente sob os flashes cegantes dos spots. Brian semicerrou os olhos para acalmar suas

vertigens, os nervos em polvorosa. Breve momento de osmose. Ao final do sismo, Zina partiu numa nuvem de fumaça, sob o dilúvio de microfônias e sons...

As luzes logo se reacenderam, uma musiquinha de elevador para cobrir as vozes. Brian quis pedir algo para beber, mas o barman cheio de gel fingia não vê-lo. Passada a atração da noite, os modelos voltaram a invadir o *dance-floor*, onde Casanovas vestindo Versace flertavam com suas sombras emburradas. Epkeen espreitava a saída dos artistas, em pleno suplício – a triterapia virava-lhe o estômago. A líder do grupo saiu finalmente de seu camarim; Epkeen se apresentou em meio ao zum-zum-zum e atraiu-a até o bar.

– Ali tinha me falado de uma ex-militante do Inkatha – disse ele, alcançando o balcão –, não de uma fúria elétrica.

– Ali me falou de um amigo – revidou ela –, não de uma múmia.

– Gostou dos meus curativos?

Zina fez uma expressão de nojo:

– É decorativo?

– Na verdade, está doendo pra caralho.

A dançarina ergueu a sobrancelha.

– Até que é divertido para um branco – disse sob os spots.

– Aceita uma bebida?

– Não.

O barman engomado fora de qualquer modo literalmente tomado de assalto. Ela apoiou os cotovelos no balcão úmido.

– Queria falar comigo?

– Ali não deu mais notícias desde ontem – disse Epkeen. – Estou procurando ele. É mais que urgente, para dizer tudo.

Os baixos vibravam no recinto. O rosto de Zina não traiu a menor emoção.

– Não parece surpresa – observou Brian. – Ele falou com você, não é...

Ela esqueceu os curativos e mergulhou em seus olhos verde água.

– Sim, nós nos vimos...

– A respeito de Terreblanche?

A dançarina fez que sim com a cabeça. O pulso do africânder acelerou.

– É importante – disse ele. – Tem alguma informação?

Uma chapa de melancolia caiu sobre o rosto da dançarina.

– Sei que Terreblanche adquiriu uma fazenda na Namíbia – disse ela por fim. – Há dois anos, através de uma sociedade de fachada... Uma antiga base de treinamento em pleno deserto do Namibe. Aquilo parecia interessar a seu amigo. Não a mim.

Epkeen não viu as pérolas brotarem dos olhos dela. A Namíbia: cortando o contato, Ali rompia com a lei. A adrenalina voltou a subir a toda velocidade. Anotou as informações em sua carteira de cigarro e se virou para a africana escultural, sempre apoiada ao balcão.

– Uma chance de que nos revejamos vivos? – perguntou ele.

Zina sorriu em meio à fauna noturna.

– Lamento, belo príncipe: era o rei zulu que eu amava...

Um belo sorriso, como ela mesma, todo quebrado.

10

Um caminhão de bois passou urrando diante dos vidros do Mercedes. Um mecânico tinha coberto o vão do para-brisa traseiro com fita adesiva, mas o sol mordia no lugar do motorista. Epkeen rodava havia horas na N7, que levava para o norte, até a fronteira com a Namíbia. Atravessou o Veld, a região africânder, quinhentos quilômetros de colinas amarelas e planícies desertas onde cresciam apenas vinhas e só se viam algumas fazendas jogadas lá como um homem ao mar. A imagem de Ruby contaminada voltava no mesmo ritmo que as linhas pontilhadas sobre o asfalto; e se a triterapia de emergência não funcionasse, se o vírus mutante resistisse ao tratamento de choque? Revia-se no quarto, tremendo por ela quando Terreblanche apontou a arma para o rosto dela, e, depois, alucinado, deitado sobre seu corpo ensanguentado...

Chegou a Springbok de manhãzinha, esgotado.

Springbok era a última cidade-etapa antes da fronteira namíbia: passada a era áurea da extração mineira, viam-se ali hoje em dia apenas Wimpys de anúncios espalhafatosos, igrejas, algumas lojas especializadas em material para a caça de cervídeos e uma coleção de pedras semipreciosas na vitrine, orgulho de Joppie, o patrão do Café Lounge. Epkeen estacionou o Mercedes na frente do Café, o único aberto àquela hora na grande rua deserta.

Uma canção *boeremusier*⁴⁶ tocava em surdina. Plantado atrás do balcão sobrecarregado de brasões e isqueiros vazios colados à guisa de decoração,

Joppie falava em africânder com outro *red neck* de trezentas libras, gracioso como uma vaca cagando. Cabeças de gazelas e xantílopes ornavam as paredes, fixadas para sempre numa expressão de indiferença soberana...

– O que quer? – resmungou o patrão.

Até sua voz parecia vestir uma camisa quadriculada. Epkeen pediu um café em inglês e se instalou no terraço que dava para a rua principal. Bebeu uma água quente escura e aguardou a armaria abrir para comprar um fuzil de caça e uma caixa de cartuchos.

O vendedor não colocou dificuldades ao ver seu distintivo de oficial de polícia.

– Foi uma gazela que o deixou nesse estado? – brincou o sujeito, olhando para suas feridas.

– Sim: uma fêmea.

– He he!

Uma tropa de loiras enfiadas em vestidos drapeados saía da igreja quando Epkeen guardou o fuzil no bagageiro. O café permanecia em seu estômago, como a ambiência da cidade perdida. Voltou à estrada, saudando as majorettes com uma nuvem de poeira.

Restavam sessenta quilômetros até a fronteira. Deixou o casal de velhos alemães em trajes de safari diante do balcão de imigração, apresentou sua solicitação à policial que cuidava dos carimbos e consultou o registro de entradas: Neuman tinha atravessado a fronteira dois dias antes, às sete da noite...

Pedaços de pneus estourados, carros pulverizados, um caminhão capotado na estrada, a B1 que atravessava a Namíbia era particularmente perigosa, apesar dos trabalhos efetuados nos últimos anos. Epkeen encheu o tanque de água e de gasolina no posto de Grünau, comeu um sanduíche à sombra do meio-dia e dividiu um cigarro com os vendedores de mangas entorpecidos sob seus bonés. A temperatura subia à medida que se penetrava no deserto vermelho. As ovelhas tinham se refugiado sob as raras árvores, os caminhoneiros faziam a sesta debaixo dos eixos. Ligou para Neuman pela quinta vez naquela manhã: sem rede.

– Que porra cê tá fazendo, caralho...

Brian falava sozinho. “Homens sozinhos sempre falam demais, ou se calam como carpas...” Aquilo era o texto de um filme. Ou de um livro. Não sabia mais... Deixou os vendedores do vilarejo em blocos de pedra que

margeavam a estrada e seguiu caminho para Mariental, quatrocentos quilômetros de retas através dos platôs e das mesas escalpeladas pelo vento.

Pouca gente vivia no forno namíbio: descendentes de alemães, que tinham massacrado as tribos hereros no início do século XX, hoje metidos no comércio ou na hotelaria; algumas tribos nômades, os khoikhoi. O resto pertencia à natureza. O Mercedes atravessou a planície debaixo de um sol de fogo.

De acordo com as informações da ex-participante do Inkatha, Terreblanche estabelecera sua base numa reserva, perto das dunas de Sesriem: não chegaria lá antes do fim do dia... Uma velha locomotiva arrastando vagões desmantelados cuspiu sua fumaça preta na saída de Keepmanshoop, antes de desaparecer entre as pedras. Os quilômetros desfilavam, miragem permanente sob os vapores do asfalto. Brian tinha a garganta seca apesar dos litros de água ingurgitados, os olhos pareciam ter sido colocados numa secadora. A polícia da fronteira tinha sua descrição, Krugë podia recriminá-lo por ter agido sem autorização, mas estava pouco se fodendo. O Mercedes, andando no limite horas a fio, por enquanto estava aguentando. Depois de quilômetros e quilômetros de fornalha, Epkeen trocou a nacional destruída pela estrada de Sesriem.

Cruzou apenas com gazelas pouco ferozes à sombra das árvores mirradas, um grande-cudo que disparou ao vê-lo e um menino de bicicleta, passeando uma garrafa de água fervente na garupa. Alcançou o limiar do Namibe nas primeiras luminosidades do crepúsculo.

O posto de controle de Sesriem era fantasmagórico naquela estação. Esticou as pernas no pátio, pediu informações ao funcionário afável que distribuía os tickets de acesso à reserva, mas nenhum “Neuman” figurava em suas fichas.

– Só vi turistas isolados – disse, consultando seu registro. – Brancos, precisou.

Epkeen encheu de novo o tanque de água e de gasolina, antes de se enfiar no deserto. A fazenda de Terreblanche se situava a cerca de cinquenta quilômetros, em algum lugar no Namib Naukluft Park... Jogou o resto de sanduíche no tapete do carro e se reconciliou com um cigarro.

Uma pega acabava com os restos de um chacal esmagado quando o Mercedes deixou a estrada asfaltada. As dunas de Sossusvlei estavam entre as mais altas do mundo: vermelho, laranja, rosa ou malva, as nuances variavam de acordo com as perspectivas e a curva do solo. Uma paisagem

dantesca que ele mal olhava, com o nariz enfiado no mapa. Seguiu a pista principal por uma dúzia de quilômetros, virou para o oeste e logo reduziu a velocidade diante de uma cerca metálica.

Uma placa em várias línguas proibia o acesso ao local, visivelmente cercado por quilômetros: Epkeen arrombou o portão e seguiu pela pista esburacada.

Uma tempestade passou pelo céu como no mar, estriando as lonjuras com correntes elétricas. Ali tinha quase dois dias de avanço: o que teria feito nesse tempo?

Nuvens coléricas arrastavam véus de chuva sobre a planície sedenta; Brian finalmente percebeu uma construção à sombra das dunas, uma fazenda prolongada por casinhas pré-fabricadas.

O punhado de antílopes que preguiçava na planície se dispersou quando o homem parou seu veículo à beira da pista. A fazenda, ao longe, parecia deserta. Pegou o binóculo no porta-luvas e inspecionou o local. A fazenda balançou por um momento em sua linha de mira: o vento queimou seus olhos mas não discerniu nenhum movimento. Falcões rodavam no céu alaranjado... Viu então uma mancha no caminho. Um homem. Deitado. Um cadáver... Havia outros perto das casinhas pré-fabricadas, ao menos seis, que as pegas disputavam entre si: mais um, no pátio...

*

Neuman e Terreblanche tinham esperado à sombra das carcaças calcinadas, mas ninguém tinha vindo: a carnificina na fazenda, os tiros, a explosão dos tanques, os veículos em chamas, tudo passou despercebido. As dunas gigantes deviam ter escondido o braseiro, a noite, o cortejo de fumaça. O sol subiu, um sol que mordida a pele, cozinhava as chapas de metal e proibia qualquer estadia prolongada: continuavam esperando e nada acontecia. Nem avião de reconhecimento atravessando o azul, nem nuvem de poeira levantada por uma patrulha de Rangers... O horizonte permanecia de um azul cobalto, puro, desesperadoramente vazio.

Um lagarto amarelo se refugiou sob a areia ardente.

– Vamos torrar aqui – predisse Terreblanche, encostado no flanco enegrecido da Toyota.

O sangue não escorria mais de seu ferimento, mas longas ravinas tinham escavado seu rosto carmesim. O veneno da aranha se espalhou por seu

corpo, começando a paralisar seus membros. O calor não diminuía. Grãos de areia tinham se incrustado nas rachaduras de seus lábios e uma luminosidade doentia gravitava no fundo dos olhos – a sede.

– Economize saliva para seu processo – disse Neuman.

– Não haverá processo... Vocês não têm nenhuma prova...

– Exceto você... Agora cale a boca.

Terreblanche se calou. Seu antebraço quase dobrara de volume. O buraco necrosou, a pele amarelou em volta da picada antes de assumir uma coloração azulada. Neuman o algemou à carroceria, mas ele não estava em condições de fugir. A sombra das nuvens brincava sobre as cristas das dunas fabulosas.

Nada mais se ouvia, apenas o silêncio imortal sobre o deserto imóvel.

Continuaram esperando, sob seu abrigo improvisado, sem trocar palavra.

Estava cozinhando ao bafo.

Ninguém viria.

Até sua existência no coração da reserva era um segredo. Ninguém seria declarado desaparecido porque Joost Terreblanche não existia: ele se fundira ao caos do mundo. Estabeleceu sua base namíbia com a cumplicidade de pessoas que evitavam meter o nariz em seus negócios, um retiro onde se fingiria de morto, até que o caso fosse arquivado. Ninguém se preocupava com seus destinos. Tinham sido esquecidos no oco de um vale de areia, num oceano de fogo onde iam morrer de sede.

A noite caía.

Neuman tinha lâminas de barbear na garganta. Ergueu sua carcaça dolorida e deu alguns passos. Encostado à Toyota, o ex-militar mal reagia. Sua boca não era mais que uma batata enrugada, seus traços eram os de um jazente. Sangue demais perdido no caminho. Estoque de saliva esgotado. O braço disforme.

Neuman sacudiu-o com o pé.

– Levante-se.

Terreblanche abriu um olho, tão turvo quanto o outro. O sol desapareceu atrás do cume. Quis falar, mas emitiu apenas um sibilo quase imperceptível. Neuman soltou as algemas e o ajudou a levantar. Terreblanche mal conseguia ficar de pé. Olhava para ele, desvairado, como se não estivesse mais neste mundo... Neuman se virou para o leste.

– Vamos dar uma caminhadinha – anunciou.

Trinta quilômetros através das dunas: tinham uma chance de alcançar a fazenda antes do amanhecer – uma chance em mil.

*

Epkeen vasculhou os alojamentos e os cadáveres espalhados pelo chão. Nove em volta da fazenda, mais quatro no dormitório. Todos paramilitares, abatidos por balas de grosso calibre. 7,62, pelo que viu no pedaço de aço tirado de um ferimento. O de um fuzil Steyr. A pista estava certa, mas nem Terreblanche nem Mzala figuravam entre as vítimas. Teriam fugido? Inspeccionou os arredores, mas o vento e a tempestade tinham apagado todos os rastros.

O africânder abandonou as pesquisas ao crepúsculo.

Avisou as autoridades locais da carnificina perpetrada na fazenda e encontrou refúgio no Desert Camp, um *lodge* à beira da reserva.

Com a ajuda do verão, o hotel estava quase vazio; estacionou seu monte de poeira diante da planície imensa e negociou as chaves com a namíbia baixinha da recepção. Uma minúscula piscina de cerâmica dava para o deserto vermelho. As cabanas também eram de primeira, cabanas de madeira com materiais engenhosos, cozinha externa, banheiro marroquino e várias aberturas dando para a natureza circundante. Brian tomou um banho frio e bebeu uma cerveja observando a noite cair. A savana se estendia, fabulosa, até os montes talhados do Namibe... Ali estava lá, em algum lugar...

Brian deixou o terraço e deu alguns passos em direção ao deserto. Uma avestruz passou ao longe. Exausto, deitou-se ao pé de uma árvore morta. A areia era suave sob seus dedos, o silêncio tão absoluto que devorava a imensidão... Pensou em seu filho, David, farreando em Porto Elizabeth, depois em Ruby, que devia estar mofando em seu leito de hospital... Ainda não sabia se estavam salvos, se o vírus resistiria, se ela estava com raiva dele. O rosto de Ali ocupava todo o espaço... Por que não o avisara? Por que não lhe dissera nada?

Cem, mil estrelas apareceram no céu. Uma coruja pousou no galho da árvore morta sob a qual repousava, batendo muito suas asas: uma ave noturna de penas brancas cuidadosamente dobradas, que o fixava com seus olhos intermitentes... A noite já estava escura. Enxames de estrelas povoavam a Via Láctea, estrelas cadentes sulcando o céu.

Brian ficou deitado ali, de braços abertos sobre a areia laranja e morna, contando os mortos: um cortejo que, como ele, pairava na nebulosa...

– Onde você está?

De seu poleiro raquítico, a coruja não sabia. Observava o humano, estoica.

Breve momento de fraternidade: Epkeen adormeceu à luz de um baseado de Durban Poison, que, no extremo do desespero, o enviou para o fundo.

*

A lua os guiou rumo ao horizonte entorpecido, testemunha muda de seu calvário. Terreblanche divagava havia algum tempo num semicomá, a tez cada vez mais pálida sob o astro branco. Uma crosta amarela cobrira a ferida em seu braço. Caminhava como um fantoche capenga, os olhos perdidos no fundo do tempo. Finalmente, depois de quatro horas de caminhada forçada através das dunas, o antigo coronel desabou.

Não se levantaria mais. O sangue perdido, o veneno da aranha, o dia na estufa e a caminhada tinham acabado de desidratá-lo. Não tinham percorrido mais do que um punhado de quilômetros: a fazenda ainda estava longe, no outro extremo da noite. Neuman mal tentou falar com ele: sua garganta estava tão seca que um magro sibilo saiu de sua boca. Terreblanche, a seus pés, parecia agora um velhinho. Tentou reanimá-lo, em vão. O militar não reagia mais. Seus lábios se mexiam, no entanto, fendidos pelo calor.

Ali passou uma algema no pulso de Terreblanche, a outra no seu, e começou a puxá-lo sobre a areia.

Cada passo fazia dobrar sua costela ferida, cada passo lhe custava duas vidas, mas o zulu fazia questão de sua carniça: só fazia questão de sua carniça.

Cem, duzentos, quinhentos metros: falava com ele para se encorajar, falava com aquela coisa podre e inanimada para não pensar mais, nem em sua mãe nem em ninguém. Arrastou-se por duas horas, até onde suas pernas conseguiram levá-lo, sem se perguntar se Terreblanche ainda respirava. Ali andava sobre uma linha imaginária. Mas suas forças diminuía. Sua camisa, antes encharcada, estava agora tão seca quanto sua pele. Ali não tinha mais suor. Não se aguentava mais de pé. Curvado até o chão. O

esforço o consumira inteiro. Suas coxas pareciam de pedra. Sua garganta ardia atrozmente. Titubeava, puxando sua carniça, descia as ladeiras, subia até as cristas, caía do outro lado, delirante. Sua carniça estava morta. Já era. Arrastou-a ainda, mais alguns metros, mas suas forças tinham acabado de fugir: Ali via duplo, triplo, não via mais nada. A fazenda longe demais. Pensava aos cacos. Não havia mais saliva em seus pensamentos. Não havia mais óleo em sua bela mecânica.

Deixou-se cair nos flancos de uma duna.

Um silêncio ensurdecedor planou sobre o deserto. Ali mal distinguia os olhinhos de cromo que o observavam da abóbada celeste. Uma noite negra.

– *Está com medo, zuluzinho? Diga: está com medo?*

Ninguém sabia. Nem mesmo sua mãe: havia o cadáver de seu pai para despendurar, seus farrapos de pele que saíam com a água clara, Andy reduzido a uma coisa preta e retorcida, o enterro, os mortos a chorar, o sangoma ignaro que o auscultou, sua fuga a organizar... Ninguém sabia o que os *vigilantes* tinham feito com ele atrás da casa. O corpo lacerado de seu pai, as lágrimas pretas de Andy, seu calção todo mijado, o cheiro de borracha queimada, tudo ia muito rápido. Os *vigilantes* que o espartelam atrás da casa, seus gritos apavorados, os três homens encapuzados que massacram seus testículos, a pontapés, os cães de guerra que se encarniçam para deixá-lo impotente: o filme repassou uma última vez na tela negra do cosmos.

Ali reabriu os olhos. Suas pálpebras estavam pesadas, mas uma sensação de leveza desconhecida, lentamente, absorvia seu espírito... Fim da insônia? Ali pensou em sua mãe, que ele amava, uma imagem dela feliz, abrindo seu grande sorriso de cega, mas outro rosto logo invadiu todo o espaço. Zina, *Zaziwe*, aquele sonho mil vezes cometido quando, de noite, seu cheiro de mato vinha envolvê-lo e levá-lo para longe do mundo, com ela... Uma brisa morna veio alisar a areia no oco da duna.

Ali fechou os olhos para melhor acariciá-la. Feito.

– O senhor viu meu bebê? Diga, senhor... Viu meu bebê?

Uma velha em trapos se aproximou das bombas de gasolina. Epkeen, que assava sob a chapa metálica, mal lhe deu atenção. A *khoikhoi* vinha do

vilarejo vizinho, uma vintena de barracos miseráveis, sem água nem luz, ao lado do posto de gasolina. Ela falava com os “cliques” característicos de sua língua, uma mulher sem idade, o rosto coberto de areia.

– O senhor viu meu bebê? – repetiu ela.

Epkeen saiu de sua letargia. Ela segurava um pano velho e seboso contra seu peito e olhava para ele, suplicante... O frentista namíbio bem que tentou afastá-la, mas a aldeã voltava à carga, como se não o escutasse. Perambulava assim o dia inteiro. Acalantava seu pedaço de pano repetindo a mesma frase, sempre a mesma, havia anos, a cada automobilista que vinha abastecer:

– Senhor... Por favor... O senhor viu meu bebê?

Tinha ficado louca.

Diziam que seu neném dormia na cabana quando, voltando do poço, sua mãe tinha visto os babuínos levá-lo. Os macacos tinham raptado o bebê. Os homens do vilarejo imediatamente saíram atrás, procuraram por toda a parte no deserto, mas nunca tinham encontrado o neném, nada além de um pedaço de couro rasgado sobre os rochedos. Aquele pedaço de pano que levava com ela desde então, e que ela acalantava, para apaziguar sua desgraça...

Histórias do povo.

– O senhor viu meu bebê?

Epkeen teve um arrepio apesar do calor. A velha khoikhoi suplicava, com seus olhos de louca...

Recebeu então a ligação do posto de Sesriem: um ranger tinha encontrado as carcaças calcinadas de dois veículos no deserto, e um corpo humano, não identificado...

*

Dois 4x4.

Dois amontoados de lataria encaixados sobre a areia escaldante do Namib Naukluft Park. As carrocerias tinham se deteriorado sob as chamas, mas Epkeen contou diversos impactos – balas de grosso calibre, uma das quais perfurou o tanque da Toyota... O cadáver jazia a alguns metros dali, carbonizado. Um homem, pela corpulência. O tecido de suas roupas derretera sobre sua pele inchada que, estalando sob o efeito do calor, reavivava feridas que carniceiros e formigas disputavam entre si. Uma bala

perfurou seu peito. Um homem de estatura mediana. Foi preciso tirar suas botas para ver que se tratava de um negro... Mzala?

Epkeen se debruçou sobre o AK-47 jogado na areia, perto das placas metálicas. Verificou o carregador: vazio... Um assobio o fez levantar a cabeça: o ranger que o acompanhava dirigia-lhe sinais da crista da duna. Roy, um namíbio bem-falante de sorriso enigmático. Havia encontrado alguma coisa...

Era meio-dia, o sol esmagava tudo; Epkeen ajeitou seu boné encharcado de água e subiu a duna a pequenos passos metódicos. As náuseas se sucediam em seu corpo enfraquecido. Parou a meio caminho, as pernas bambas. O guarda do local o esperava mais em cima, agachado, impassível sob sua viseira. Brian finalmente o alcançou, os olhos cheios de estrelas depois da subida. Havia uma arma ali, meio recoberta pela areia, um fuzil Steyr com mira de precisão...

O namíbio não dizia nada, olhos semicerrados pela luz viva do deserto. Lá embaixo, as carcaças dos carros pareciam minúsculas. Epkeen observou a extensão vazia. Um vale de areia vermelha, incandescente... Pegos na armadilha, sem rede nem meio de locomoção, Neuman e Terreblanche deviam ter partido a pé, cortando pelas dunas para encontrar a estrada. O vento apagara seus rastros, mas deviam ter andado para o leste, em direção à fazenda...

Rodaram cerca de uma hora sob a fornalha sem cruzar sequer um bicho. O ranger pilotava com segurança, em silêncio. Epkeen tampouco tinha vontade de falar. Binóculo na mão, espreitava as cristas e as raras árvores perdidas no oceano de areia. Céu azul real, terra escarlate e nem sinal de viva alma naquelas terras desoladas. Quarenta e sete graus segundo o painel do Jeep. O calor engomava os relevos, dançava em volutas turvas na mira do binóculo. Miragens em suspensão...

– Estamos chegando à pista – anunciou Roy em voz neutra.

O Jeep balançava na areia mole. Epkeen percebeu então uma mancha preta, à sua direita; a cerca de duzentos metros, contra os flancos de uma duna. Alertado, o namíbio virou imediatamente. Os pneus resvalavam no desnível: arriscando atolar, o ranger parou ao pé da elevação.

Uma nuvem de poeira acre passou diante do para-brisa. Epkeen bateu a porta, os olhos fixos no alvo – uma forma, um pouco mais acima, meio recoberta pela areia... escalou a duna, protegeu-se do vento seco e quente

que mordida seu rosto, e parou de repente, sem fôlego. Não havia um homem deitado contra a duna, havia dois, lado a lado, de cara para o céu... Brian subiu os últimos metros como um autômato. Ali e Terreblanche repousavam na areia, as roupas rasgadas, irreconhecíveis. O sol reduzira seus cadáveres a dois cepos mirrados, dois esqueletos raquíticos devorados pelo deserto... O sol os bebera. Esvaziados. Brian engoliu a saliva que já não tinha. A morte remontava já há bastante tempo. Os ossos sobressaíam de seus rostos ressecados, o de Terreblanche se tornara negro, uma película de folha morta que estalava sob os dedos, e aquele sorriso hediondo sobre seus lábios enrugados... Tinham cozinhado. Até seus ossos pareciam ter diminuído.

Epkeen se debruçou sobre seu amigo, e vacilou por um instante na estufa. Ali ainda levava sua presa algemada, a nem dois quilômetros da estrada...

12

Não seriam muitos a acolher os despojos de Ali.

Brian não tinha o telefone de Maia – sequer sabia seu nome –, Zina saiu da cidade sem deixar endereço, e Ali não tinha mais família. Seu corpo estava chegando de Windhoek, num avião especial. Epkeen se encarregaria da transferência para a região zulu, perto de seus parentes e dos ancestrais que, quem sabe, o esperavam em algum lugar...

A caça ao homem em terras namíbias terminou num fracasso. Neuman deixou atrás de si apenas mortos, nenhuma prova de qualquer conivência entre a indústria farmacêutica e as máfias da região. Krugë evitou por pouco um incidente diplomático e ninguém desejava publicidade em torno daquele caso. Os corpos de Terreblanche e de seus homens continuavam à disposição das autoridades namíbias que, por interesses cruzados, não pretendiam abrir investigações... Culpa, desgosto, Epkeen entregou sua insígnia e tudo o que vinha junto. Passara sua vida procurando cadáveres, Ali fora aquele que fez transbordar o copo.

Não aguentava mais. Ia largar mão. Cuidaria agora dos vivos. A começar por David – de volta de Java, o filho pródigo abriu sua correspondência e telefonou na sequência...

Corrupção, cumplicidades, Terreblanche e seus financiadores contavam com proteções em todos os níveis, mesmo dentro da SAP: Epkeen pôs no

correio um dos dois *pen-drives* antes de ir até a casa de Rick, naquela madrugada, com seu nome atrás do envelope à guisa de explicação. Não falou daquilo ao ser torturado. Ninguém sabia da existência daqueles documentos. David teria tempo de rastrear a pista, blindar sua investigação e, sobretudo, escolher seus aliados. Um batismo de fogo, que talvez os reconciliasse...

Brian não precisou atravessar o jardim, Claire veio a seu encontro. Correu até ele e se jogou em seus braços.

– Lamento tanto... Lamento tanto...

Claire se agarrou nele como se fosse escapar. Queria lhe dizer que fora injusta com eles, que pensava naquilo havia dias, tinha que lhe falar, mas a morte de Dan a deixou sem voz, o coração costurado: agora era tarde demais... Tarde demais... Brian acariciou sua nuca enquanto ela soluçava. Sentiu a penugem loira que recomeçava a crescer sob a peruca e a apertou mais forte. Ele também tremia: só restavam eles agora...

Ele reergueu a cabeça da moça e, com o dedo, secou suas lágrimas.

– Vamos...

O sol caía suavemente sobre o Veld que ladeava a pista do pequeno aeródromo. Claire também não dizia nada. Esperava, como ele, sobre a pista, um sinal do céu. Nuances esmeralda deslizavam sobre a relva curvada pelo vento, algumas nuvens rosa se dilatavam no horizonte, mas nada vinha. Brian pensava na amizade deles, em seus silêncios, no pudor de Ali diante das mulheres, no olhar triste que tinha quando o surpreendiam sozinho... O que quer que tivesse acontecido, Ali morrera com seus segredos.

Epkeen aguçou o ouvido. As asas de um pequeno carregador apareceram, ponto prateado no crepúsculo. Claire afastou a mecha que viravolteava em sua face.

– Lá vem ele – disse baixinho.

O barulho das hélices se aproximou, mais surdo. Esperavam perto da pista quando uma voz ressoou:

– Brian...

Ele se virou e viu Ruby no asfalto. Ela usava uma calça jeans preta apertada, cabelos curtos e tinha um longo corte no antebraço. Não tinham se revisto desde o hospital... Ela cumprimentou Claire com a cabeça e avançou timidamente:

– Foi David que me disse... Quanto ao Ali...

Seus olhos tinham a cor do Veld, mas alguma coisa se quebrara ali dentro. Brian não perguntou o quê. Ergueram as cabeças para o céu que, como Ali, não acabava mais de desaparecer. O bimotor começou a descer e baixou o nariz para a aterrissagem. Ruby deslizou sua mão na de Brian e não a soltou mais. Os cabelos curtos lhe caíam bem. Sua calça preta também... Uma violenta golfada de ternura o assaltou e logo o submergiu. Ruby tremia em sua mão, mas o pesadelo havia terminado: ela não morreria. Não agora. Ele a protegeria dos vírus, dos outros, do tempo... Ele lhe contaria, sobre Maria... Ele lhe explicaria... Tudo... Ele...

– Me ajude, Brian...

⁴⁴ “Obrigado.”

⁴⁵ Neologismo que significa a idolatria de celebridades ligadas à televisão, à música, ao futebol e mesmo à política, termo cunhado a partir do nome da revista *People*. [N.R.]

⁴⁶ Música tradicional boer.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece calorosamente a seus “batedores”, Alice, Aurel e Zouf, assim como a Corinne, a *Noir'rôde*, pelos aspectos científicos evocados neste livro.

Obrigado também a Christiane, pela ginástica na África austral.

REFERÊNCIAS

FASSIN, Didier (Org.). *Afflictions: l'Afrique du Sud, de l'apartheid au sida*. Paris: Karthala, 2004.

HOUSSAY-HOLZSCHUCH, Myriam. *Le Cap, ville blanche, vies noires*. Paris: L'Harmattan, 1999.

MALAN, Rian. *Mon coeur de traître*. Paris: Plon, 1990.

MANDELA, Nelson. *Un long chemin vers la liberté*. Paris: Livre de poche, 1994.

MZALA. *Buthlezi et l'Inkatha, le double jeu*. Paris: L'Harmattan, 1993.

Copyright © 2008 Éditions Gallimard
Copyright da tradução © 2015 Editora Nemo/Vestígio

Título original: Zulu

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2013 Carlos Drummond de Andrade de la Médiathèque de la Maison de France, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Etrangères et Européennes.

Este livro, publicado no âmbito do programa de auxílio à publicação 2013 Carlos Drummond de Andrade da Mediateca da Maison de France, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e Europeias.



GERENTE EDITORIAL CAPA
Arnaud Vin © Europa Filmes

EDITOR ASSISTENTE DIAGRAMAÇÃO
Eduardo Soares Christiane Morais
 Guilherme Fagundes

PREPARAÇÃO
Cristina Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Férey, Caryl

Zulu / Caryl Férey ; tradução Fernando Scheibe. -- 1. ed. -- São Paulo : Vestígio, 2015.

Título original: Zulu

ISBN 978-85-8286-187-5

1. Ficção francesa I. Título.

15-04145 CDD-843

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura francesa 843

A VESTÍGIO É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA 

São Paulo
Av. Paulista, 2.073,
Conjunto Nacional, Horsa I
23º andar . Conj. 2301 . Cerqueira César . Tel.: (55 31) 3214 5700
01311-940 São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte
Rua Aimorés, 981, 8º andar Funcionários . 30140-
071 Belo Horizonte . MG

Rio de Janeiro
Rua Debret, 23,
sala 401
Centro . 20030-
080
Rio de Janeiro .
RJ
Tel.: (55 21)
3179 1975

Teleendas: 0800 283 13 22

www.editoravestigio.com.br